

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Fátima Marlise Marroni Rosa Lopes

**A TRAJETÓRIA DE MARIO OSORIO MARQUES NA CONSTRUÇÃO DO
DESENVOLVIMENTO REGIONAL:
Ijuí - RS Segunda Metade do Século XX**

São Leopoldo

2009

Fátima Marlise Marroni Rosa Lopes

**A TRAJETÓRIA DE MARIO OSORIO MARQUES NA CONSTRUÇÃO DO
DESENVOLVIMENTO REGIONAL:
Ijuí - RS Segunda Metade do Século XX**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos

São Leopoldo

2009

Catálogo na Publicação

L864t Lopes, Fátima Marlise Marroni Rosa.

A trajetória de Mario Osorio Marques na construção do desenvolvimento regional: Ijuí – RS segunda metade do século XX/Fátima Marlise Marroni Rosa Lopes. – São Leopoldo, 2008. -361 f.; 30 cm.

Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. História, 2008.

“Orientador: Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos”.

1. Biografia. 2. Mario Osorio Marques. 3. Trajetória. 4. Desenvolvimento regional. 5. Participação. I. Ramos, Eloísa Helena Capovilla da Luz. II. Título. III. Título: Ijuí – RS segunda metade do século XX.

CDU: 929

929MARQUES

Patrícia da Rosa Corrêa - CRB10/1652

Fátima Marlise Marroni Rosa Lopes

**A TRAJETÓRIA DE MARIO OSORIO MARQUES NA CONSTRUÇÃO DO
DESENVOLVIMENTO REGIONAL:
IJUÍ - RS SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos - UNISINOS

Avaliadora: Prof^a. Dr^a. Rosemary Fritsch Brum - UFRGS

Avaliadora: Prof^a. Dr^a. Maria Medianeira Padoin - UFSM

Avaliadora: Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Bohn Martins - UNISINOS

Avaliador: Prof. Dr. Aldino Segala - UNISINOS

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, durante sua elaboração, me impôs momentos de solidão e momentos muito ricos de convívio e intercâmbio de informações. De solidão quando me enfunava lendo livros, jornais e olhando fotos antigas, e que, debruçada sobre a pesquisa “esquecia do mundo”. Os momentos de interação muito agradáveis foram quando, por exemplo, desfrutei do convívio e do conhecimento de meus entrevistados, ou durante os encontros com minha orientadora.

O cansaço físico e mental sempre presente, potencializado pela condição de ser professora e aluna ao mesmo tempo, era combatido e afastado pelas meritorias conquistas de uma pesquisa acabada, de um capítulo pronto, de uma descoberta nova.

Na construção deste trabalho acadêmico fui protegida, auxiliada, incentivada, acompanhada por pessoas, instituições, pensamentos e orações que devo agradecer...

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora, Professora Dr^a. Eloisa Capovilla da Luz Ramos, pela atenção, pela orientação e pela amizade que construímos ao longo desta fértil convivência.

Aos demais, peço que não considerem a ordem de citação, pois sigo minha inspiração e não meu apreço. Portanto, agradeço...

A meus pais, Luiz e Nilza, os primeiros educadores.

Ao Telmo, meu esposo, com quem sempre comunguei minhas idéias, angústias e incertezas, pela leitura atenta deste trabalho de tese.

Aos meus filhos Diego e Rafael, razão maior de minha existência. Olhando nos seus olhos, ainda acredito que um mundo melhor é possível.

As minhas irmãs Sandra e Márcia e, especialmente, a Denize, pela ajuda nas revisões e pelas sugestões dadas.

Ao meu irmão Cláudio (Caco), pelo apoio constante.

A minha avó Plácida Zandavalli Marroni (centenária), e minhas tias Terezinha, Suely e Marlene pelas constantes orações.

As(os) amigas(os) Vera, Neuza, Andréia, Luciane, Ana e Jorge, pela força e pela socialização das utopias.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Históricos Latino-Americanos da UNISINOS, pelo conhecimento socializado.

Aos colegas de Doutorado, pela convivência e amizade.

À Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, pelo auxílio da bolsa de estudo.

Aos amigos e colegas do Departamento de Ciências Sociais, pela torcida constante.

Aos Professores: Argemiro J. Brum, Eronita Silva Barcelos, Dinarte Belato, Suimar Bressan, José Pedro Boufleuer e Telmo Rudi Frantz, meus (colaboradores) entrevistados.

Aos funcionários da Biblioteca Mario Osorio Marques e do Museu Antropológico Diretor Pestana - MADP, pela atenção e disponibilidade.

Agradeço também ao já falecido Mario Osorio Marques/Frei Matias, por ter migrado para a Colônia de Ijuhy e ajudado esta região a alcançar este grau de desenvolvimento.

A Deus, pelo dom da vida, pela proteção e pela esperança que se renova a cada dia.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão desta tese, meu muito obrigado!

Último adeus a Mario Osorio Marques

Partiu Frei Matias...

Partiu Mario Osorio Marques...

Militante social, intelectual, sociólogo inspirado em Lebret, educador compromissado com o desenvolvimento regional.

Sua obra, seu viver, seus relacionamentos e ensinamentos o imortalizam...

Quando o sol esparramou-se pelos telhados do Auditório da Sede Acadêmica da Unijuí naquela manhã de domingo do dia 15 de dezembro de 2002, já havia um intenso movimento de pessoas que ali vinham prestar suas últimas homenagens ao professor Mario Osorio Marques. Na medida em que o sol transbordava e escorria pelo asfalto, desnudando a pujança da cidade de Ijuí - RS, um cântico pungente ressoava no Auditório envolvendo uma multidão consternada pela perda do colega, do companheiro, do amigo, do mestre Mario Osorio Marques.

Representantes eminentes de todas as disciplinas das ciências humanas e sociais, grandes intelectuais, homens e mulheres, clérigos e laicos, numerosas personalidades que marcaram a atividade do pensamento nos âmbitos mais diversos, políticos, autoridades civis e eclesiásticas, representantes de instituições e entidades de classe, presidentes de cooperativas, de sindicatos, de associações, enfim, um enorme círculo de amigos e familiares, estavam ali reunidos para a derradeira despedida.

Quando o sol tangenciou a linha do horizonte tingindo as nuvens do poente com matizes avermelhados, o préstito fúnebre dirigiu-se ao cemitério municipal, acompanhado ao longe do badalar comovente do sino da catedral São Geraldo.

As inúmeras homenagens, que aconteceram nos dias subseqüentes, da imprensa, de universidades, de entidades de classe, de associações, de professores, de padres, de alunos e ex-alunos, de pesquisadores, da comunidade científica em geral, comprovam a qualidade excepcional e o resplendor intelectual de Mario Osorio Marques ao longo deste caminho interrompido na idade de 77 anos 10 meses e 22 dias.

É sobre a trajetória de vida de Mario Osorio Marques que foi construída esta Tese.

RESUMO

Este estudo qualitativo teve como objetivo conhecer a trajetória de Mario Osorio Marques na construção do desenvolvimento regional do Noroeste, do Rio Grande do Sul aqui compreendida (pelo município de Ijuí e pelos municípios do seu entorno). A hipótese principal é que as palavras, práticas e ações (participativas, associativas e de confiança) escritas, desenvolvidas e utilizadas por Frei Matias/Mario Osorio junto à comunidade local e regional contribuíram para o desenvolvimento dessa região. Compreende esta tese um estudo biográfico de Mario Osorio Marques, nascido no ano de 1925, no século XX. Para tanto analisei sua origem, formação religiosa, formação intelectual e militância social e a maneira como ele pensava a Universidade de Ijuí. Uma universidade inserida na comunidade promovendo o desenvolvimento local e regional desde a sua criação – FAFI/FIDENE/UNIJUÍ. No desenvolver da pesquisa procurei manter a idéia de que o estudo biográfico é inseparável do exame das “circunstâncias” e através da narrativa histórica pude ir construindo a trajetória do personagem biografado levando em conta nesta construção o contexto brasileiro e sul-rio-grandense no seu espaço e tempo concreto. Para tanto fiz visitas a pessoas, a instituições, pesquisei em arquivos, jornais, revistas e uma gama de obras que versavam sobre a temática da região. A documentação permitiu revelar o grande envolvimento do biografado no contexto regional. Para a construção do último capítulo o referencial teórico metodológico adotado foi o da história oral temática. A coleta dos dados foi realizada através de entrevista e apresentadas sob a forma de narrativas. Foram seis colaboradores que fizeram parte deste estudo. O tom vital de cada narrativa foi analisado a luz de vários teóricos e intelectuais que através das entrevistas, palestras assistidas e leituras realizadas permitiram aproximar-me do pensamento e conhecer as ações desenvolvidas por Frei Matias/Mario Osorio Marques, podendo assim comprovar a sua importância e contribuição na construção do desenvolvimento regional.

Palavras-chave: Trajetória. Participação. Desenvolvimento regional.

ABSTRACT

This qualitative study aimed to ascertain the trajectory of Mario Osorio Marques in the construction of the Northwest regional development – Rio Grande do Sul, here understood as the municipality of Ijuí and the municipalities of its surroundings. The hypothesis is that the words, actions and practices (participatory, associative and confidence) written, developed and used by Frei Matias/Mario Osorio at the regional and local community contributed to the development of the region. This thesis includes a biographical study of Mario Osorio Marques, born in the year of 1925, in the twentieth century. For in such a way, I analyzed his origin, religious formation, intellectual formation and social militancy and the way as it thought the University of Ijuí. The university inserted in the community by promoting local and regional development since its creation – FAFI/FIDENE/UNIJUÍ. In the development of the research I tried to keep the idea that the biographical study is inseparable from the examination of "circumstances" and through the historical narrative I could go constructing the trajectory of the biography character taking into account in this construction the Brazilian and South Rio-Grandense context in its specific space and time. I made visits to both the persons, institutions, research in archives, newspapers, magazines and a range of works that deal with the issues of the region. It allowed to reveal the great involvement of the biographed in the regional context. For the construction of the final chapter the theoretical framework methodology adopted was the subject of oral history. The data collection was conducted through interviews and presented in the form of narratives. There were six collaborators who participated in this study. The vital tone of each narrative was analyzed by the light of various theorists and intellectuals through interviews, lectures and readings performed assisted approach enabled me to know the thinking and actions developed by Frei Matias/Mario Osorio Marques and thus demonstrate its importance and assistance in the construction of regional development.

Keywords: Trajectory. Participation. Regional development.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mario Osorio Marques (em pé) com sua irmã.....	28
FIGURA 2 - Mario Osorio e seu amigo cambota.....	29
FIGURA 3 - A turma do Santo Retiro	36
FIGURA 4 - Mapa de Ijuí atual (2005).....	50
FIGURA 5 - Frei Matias de São Francisco de Paula	59
FIGURA 6 - Antonio Soares de Barros, o Coronel Dico, Intendente de Ijuí	61
FIGURA 7 - Escola Normal Sagrado Coração de Jesus - primeira sede da Faculdade de Filosofia de Ijuí, de 1957 a 1964.....	66
FIGURA 8 - Lema inscrito na FAFI e depois na FIDENE em seus símbolos ou logomarcas.....	67
FIGURA 9 - Mesa diretora da solenidade de instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí com Frei Matias de São Francisco de Paula fazendo o pronunciamento oficial em nome da sociedade literária São Boaventura.....	68
FIGURA 10- Organograma de abrangência do Movimento Comunitário de Base	93
FIGURA 11 - Padre Lebret na Colômbia - 1958.....	97
FIGURA 12 - Padre Lebret.....	99
FIGURA 13 - Assembléia Comunitária de Ijuí	101
FIGURA 14 - Primeiro Encontro de Líderes Rurais de Ijuí	108
FIGURA 15 - Deslocamento de agricultores de suas comunidades para os locais de fundação de seus sindicatos, em 24/06/1962.....	111
FIGURA 16 - Transporte do Centro de Cultura Popular.....	112
FIGURA 17 - Fundação do Sindicato dos Pequenos Produtores Rurais de Ijuí - Instituto Municipal de Educação Rural Assis Brasil, em 24/06/1962. Mais de 1.500 participantes.	113
FIGURA 18 - Fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí na Escola Assis Brasil – 1962	114
FIGURA 19 - Mutirão abrindo vala para rede de água década de 1960	115
FIGURA 20 - Instalação do Instituto Superior de Cultura de Santo Ângelo, em 07 de março de 1963	122
FIGURA 21 - Instalação do Instituto de Cultura de Cruz Alta, em 07 de março de 1964	122

FIGURA 22 - Apresentação do Centro Popular de Cultura de Ijuí	125
FIGURA 23 - Frei Matias no Centro de Cultura Popular (C. P. C.).....	126
FIGURA 24 - Coral dos Capuchinhos - década 60 - Bairro Assis Brasil	127
FIGURA 25 - Presídio em Santo Ângelo (CPC)	128
FIGURA 26 - Equipe participante do evento. Frei Matias em pé no centro	129
FIGURA 27 - Alojamento da FAFI (MCB).....	139
FIGURA 28 - Refeitório dos alojamentos	140
FIGURA 29 - Confraternização do Movimento Comunitário de Base - Ijuí/ RS.....	140
FIGURA 30 - Marcenaria do Alojamento.....	141
FIGURA 31 - Curso de Corte e Costura – 1965.....	142
FIGURA 32 - Formatura do Curso de Corte e Costura. Grupo de formandos juntamente com Argemiro Brum e Frei Matias	143
FIGURA 33 - Formatura do Curso de Arte Culinária – década 1960	143
FIGURA 34 - Lançamento da pedra fundamental de construção do prédio.....	145
FIGURA 35 - Nivelamento do terreno para a construção da FAFI	146
FIGURA 36 - Missa Cantada.....	147
FIGURA 37 - Frei Matias fazendo uso da palavra.....	148
FIGURA 38 - Assinatura da escritura Pública de dotação de bens para a constitui- ção da Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE, em 7 de julho de 1969	158
FIGURA 39 - Prédio da FIDENE e posteriormente UNIJUÍ.....	162
FIGURA 40 - Mario Osorio Marques em Roma.....	178
FIGURA 41 - Casamento com Anaíde Canal Marques – 1976	181
FIGURA 42 - Casamento com Anaíde Canal Marques e Padrinhos Antonia e Waldir Busmann - 31/07/1976	182
FIGURA 43 - Mario Osorio Marques	183
FIGURA 44 - Missa de Ação de Graças de 20 anos de Ensino Superior-1977	186
FIGURA 45 - Comemoração dos 25 anos de ensino superior na região -1982	187
FIGURA 46 - Entrega de Título de Professor Emérito pelo Reitor Telmo Rudi Frantz	193
FIGURA 47 - Mario Osorio recebendo o prêmio FAPERGS 2001	198
FIGURA 48 - Mario Osorio recebendo o prêmio FAPERGS-2001	199
FIGURA 49 - Mario Osorio Marques no Mestrado Educação nas Ciências - 2001 .	209

LISTA DE SIGLAS

ABESC - Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas.
ACNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
ACB - Ação Católica Brasileira.
ASSOCENE - Associação de Orientação das Cooperativas do Nordeste.
CEPAB - Centro de Estudos Pedagógicos Antonio Balbino de Ijuí.
CNEG - Campanha Nacional de Educandários Gratuitos.
CPCs- Centros Populares de Cultura.
COTRIJUÍ - Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda.
EMBRATER - Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural.
IEB - Instituto de Educação de Base.
IES - Instituição de Ensino Superior.
IICA - Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas.
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.
IEP - Instituto de Educação Permanente.
ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros das Nações Unidas.
FAG - Frente Agrária Gaúcha.
FAFI - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí.
FEE - Fundação de Economia e Estatística.
FE/ UNB - Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
FIDENE - Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do
Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.
JAC - Juventude das Zonas Rurais.
JUC - Juventude Universitária Católica.
MASPI - Movimento de Assistência Social ao Presídio de Ijuí.
MASTER - Movimento dos Agricultores Sem Terra.
MCB - Movimento Comunitário de Base.
MEB - Movimento de Educação de Base.
MEC - Ministério da Educação.
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.
PCB - Partido Comunista do Brasil.
PUC - Pontifícia Universidade Católica.
UEE - União Estadual dos Estudantes.

UNE - União Nacional dos Estudantes.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura.

UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

OEA - Organização dos Estados Americanos.

ONU - Organização das Nações Unidas.

SAGMACS - Sociedade para Análise Gráfica e Monografia Aplicada aos Complexos Sociais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FREI CAPUCHINHO E MILITANTE SOCIAL: A TRAJETÓRIA DE MARIO OSORIO MARQUES	25
2.1 AS ORIGENS - DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA AO SEMINÁRIO DOS CAPUCHINHOS.....	25
2.2 FORMAÇÃO RELIGIOSA E INFLUÊNCIAS INTELLECTUAIS.....	30
2.2.1 Os Frades Capuchinhos e sua História no Rio Grande do Sul.....	38
2.2.2 Mario Osorio Marques/Frei Matias - a Vida Capuchinha - Estudos, Reflexão, Criação e Ordenação.	42
2.2.3 IJUÍ - Sua História e seu Crescimento Econômico como Cenário das Atividades de Frei Matias/Mario Osorio Marques	49
2.3 A ATUAÇÃO DO FREI MATIAS DE SÃO FRANCISCO DE PAULA NA “GRANDE IJUÍ”	58
3 MILITÂNCIA SOCIAL E EDUCACIONAL: O HOMEM DE AÇÃO E O PESQUISADOR	80
3.1 A IGREJA CATÓLICA NO BRASIL - DÉCADAS DE 1950-1960.....	80
3.1.1 A Ação da Igreja.....	82
3.2 OS CENTROS DE ESTUDO E PESQUISAS NA FAFI.....	86
3.3 O MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE.....	87
3.3.1 A Origem	90
3.3.2 A Inspiração - Organização - Princípios do Movimento Comunitário de Base .	91
3.3.3 Técnicas.....	95
3.3.4 Diretrizes Fundamentais.....	95
3.3.5 O Influxo do Padre Lebret sobre Frei Matias e o Movimento Comunitário de Base	96
3.3.6 Trilhando Caminhos Próprios	99
3.3.7 Primeira Assembléia Comunitária de Ijuí e o Voluntariado Comunitário	101
3.3.8 A Frente Agrária Gaúcha - (FAG).....	103
3.4 A SINDICALIZAÇÃO	109
3.4.1 Preparação das Equipes	110
3.4.2 A Meta Atingida	112

3.5 A MANUTENÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO MCB	116
3.6 O BRAÇO CULTURAL DO MCB.....	121
3.7 O MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE PÓS 1964.....	133
3.7.1 Educação Popular	137
3.7.2 A Inauguração da FAFI	144
3.7.3 O Ano de 1967	151
3.7.4 O Ano de 1968	154
3.7.5 Frei Matias e a FIDENE.....	156
3.8 FREI MATIAS E A REGIONALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA - CONVÊNIO COTRIJUI/FIDENE.....	167
3.9 OS DEZ ANOS DO MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE - IJUÍ - RS	169
3.10 O OCASO DE UM ATIVISTA	176
3.11 A PAIXÃO, O ABANDONO DA BATINA E DO CELIBATO	179
3.12 MARIO OSORIO MARQUES E A COORDENADORIA DE SERVIÇOS À REGIÃO	183
3.13 MARIO OSORIO MARQUES - O PESQUISADOR	188
3.14 FIDENE/UNIJUI - ESPAÇO DA PESQUISA E REFLEXÃO	190
3.15 O PESQUISADOR E SUA OBRA	199
4 NARRATIVAS SOBRE MARIO OSORIO MARQUES.....	211
4.1 APRESENTAÇÃO DOS COLABORADORES.....	211
4.2 APRESENTANDO AS NARRATIVAS E ANALISANDO O TOM VITAL	221
4.2.1 Professor Argemiro Brum	221
4.2.2 Professor Dinarte Belato	237
4.2.3 Professora Eronita Silva Barcelos	249
4.2.4 Professor Suimar João Bressan.....	269
4.2.5 Professor José Pedro Boufleuer.....	281
4.2.6 Professor Telmo Rudi Frantz.....	296
CONSIDERAÇÕES FINAIS	310
REFERÊNCIAS.....	316
ANEXOS	329

1 INTRODUÇÃO

Ao focar a figura de Frei Matias de São Francisco de Paula, religioso da Ordem dos Capuchinhos que é também o cidadão Mario Osorio Marques¹, na tese intitulada *A Trajetória de Mario Osorio Marques na Construção do Desenvolvimento Regional: Ijuí, segunda metade do século XX* queremos, ao mesmo tempo em que construímos uma versão da sua biografia, traçar o perfil de um intelectual de ação cujo lema “ver, julgar e agir” o acompanhou ao longo de sua trajetória de vida. Para alcançar nosso objetivo, buscamos em primeiro lugar trabalhar o personagem a partir de uma biografia “contextualizada”, isto é, uma biografia inserida na vida da comunidade ijuicense e da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, mas sem perder de vista o contexto sul-rio-grandense e brasileiro do qual nosso personagem e sua comunidade fazem parte.

Segundo Schmidt (2000, p. 13),

a produção recente de biografias embora herdeira de uma longa tradição, coloca (ou recoloca) problemas que estão no centro do debate historiográfico contemporâneo: as relações entre indivíduo e sociedade, unidade e fragmentação, narração e explicação, público e privado, entre outras questões (grifo nosso).

É nesta perspectiva que queremos estudar o perfil de Frei Matias de São Francisco de Paula/Mario Osorio Marques. Ou seja, em suas relações com a sociedade de Ijuí e da região do noroeste do Rio Grande do Sul.

Levi (1989), dirá que a biografia constitui-se na passagem pela qual os questionamentos e as técnicas próprias à literatura se colocam para a historiografia. Caminhando nesta mesma direção está Le Goff (1989) quando afirma que a biografia histórica deve se fazer, em certo grau, relato, narração de uma vida, tendo em vista que se articula em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos. Em parte, é também o que pretendemos que seja esta pesquisa: a narração² de uma vida entrelaçada e inserida nas redes comunitárias. Aplicando a afirmação de Le

¹ Frei Matias de São Francisco de Paula é o nome religioso de Mario Osorio Marques. Quando este deixou a vida religiosa no ano de 1976, voltou a usar seu nome de batismo. Para uma melhor compreensão utilizaremos seu nome religioso somente durante seu pertencimento à ordem capuchinha.

² Narrativa na perspectiva de Burke (1992). O autor sugere uma forma de narrativa histórica que articule a esfera das estruturas com os acontecimentos ou seja uma narrativa histórica contextualizada.

Goff para o nosso objeto de pesquisa verificamos que a UNIJUI pode ser “lida” como um exemplo de construção coletiva dentro de um movimento maior que é o do ensino superior e do desenvolvimento regional no qual se sobressai a figura de Frei Matias/Mario Osorio Marques que juntamente com a UNIJUI serão eixos em torno dos quais se desenvolverá esta tese.

Gomes (2004, p. 7) em texto sobre a *Escrita de Si, Escrita da História* destaca que, se analisarmos as publicações dos últimos anos, vamos perceber que “o país vive uma espécie de *boom* de publicações de caráter biográfico e autobiográfico”. Ela aponta o grande interesse demonstrado pelos leitores por este gênero de escritos que compreende cartas, diários, relatórios, biografias e autobiografias, independente de serem memórias ou entrevistas de histórias de vida.

Estas práticas de produção de si podem ser compreendidas como um conjunto de ações diversificadas que vão desde aquelas mais ligadas diretamente à escrita de si propriamente dita - como é o caso das autobiografias e dos diários - até a constituição de uma memória de si que consiste no recolhimento de objetos e materiais não necessariamente com a intenção de formar coleções. É o caso do recolhimento de uma série de objetos que fizeram parte do cotidiano e se transformam em um “teatro da memória³”, passando a povoar o espaço privado da casa ou do ambiente de trabalho. Diante destes exemplos que podem ser considerados como atos biográficos,

os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de serem lembradas (GOMES, 2004, p. 11).

Para a autora estes tipos de práticas culturais, estão levando o homem moderno a construir uma identidade para si através de seus documentos de sentido mais alargado. Embora a prática de escrever sobre a própria vida e a vida dos outros já venha de muito tempo, ela ganha “contornos específicos com a constituição do individualismo moderno. A chave, portanto para a compreensão destas práticas

³ “A metáfora do teatro, de ‘teatro da memória’, evidencia-se na idéia do indivíduo como personagem de si mesmo, sendo recorrente nos estudos sobre a escrita de si. Tal idéia remete diretamente ao debate já mencionado sobre o texto como representação e/ou invenção de si, situando esse tipo de escrita como um palco onde a encenação dos múltiplos papéis sociais e das múltiplas temporalidades do indivíduo moderno encontraria espaço privilegiado” (GOMES, 2004, p. 17).

culturais é a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais” (GOMES, 2004, p. 11).

A idéia de indivíduo que Gomes (2004) deseja fixar no estudo realizado sobre a escrita de si, vincula-se à transformação das sociedades ocidentais chamadas de tradicionais por oposição às sociedades modernas. Nessa interpretação as sociedades modernas são individualistas porque consagram um contrato político-social que reconhece a liberdade e a igualdade para todos os indivíduos, buscando a sua autonomia e abrindo espaço para um novo tipo de interesse sobre esse “eu moderno”. Uma idéia até então desconhecida da importância da vida individual digna de ser narrada como uma história que pode sobreviver na memória de si e dos outros.

É este mesmo sentido que assinala Levillain (1996 apud GOMES, 2004, p. 12), quando diz “que, se o ato de escrever sobre vidas é muito antigo, a idéia de que a vida é uma história é bem mais recente. É esse o fundamento que está na base do que se considera a escrita biográfica e autobiográfica”.

Em segundo lugar buscamos outras fontes bibliográficas para a compreensão do todo estudado. Foram agregados ao estudo de nosso personagem os seus escritos, pois ele produziu uma quantidade muito grande de textos e obras. Outros textos-referência além de autores importantes na formação intelectual do biografado se fizeram presentes em nossa pesquisa. Estas fontes fundamentam a tese e foram sendo trabalhadas no decorrer do curso de doutorado desde o primeiro semestre, num demorado processo de busca sobre o tema e a metodologia. Assim sendo, o tema da tese e os recortes cronológicos que se fizeram necessários para a análise das obras que tratam das origens do pensamento de Mario Osorio Marques ao longo de sua formação religiosa de frade capuchinho, tiveram como fio condutor a escrita de si que o próprio biografado fez. Trata-se do *Memorial de Mario Osorio Marques* publicado em 2003, com o título “Imaginário e Memória” onde o autor faz um relato sucinto dos principais momentos de sua trajetória de vida.

A partir da leitura desta obra, fomos buscar outras fontes em arquivos históricos, museus, entidades e instituições onde juntamos recortes de jornais e fotografias. Agregamos à pesquisa pessoas-fonte através de entrevistas, quando construímos um importante arquivo de história oral. A par deste movimento continuamos a ler a bibliografia produzida pelo nosso personagem bem como obras de caráter geral que nos dessem suporte para este trabalho. Nessa trajetória

tomamos conhecimento da obra de Dosse (2003) *Michel de Certeau: el caminante herido*. Sua leitura permitiu-nos repensar o modelo organizacional do trabalho que nos propúnhamos fazer. Procuramos então analisar junto com as ações, com o fazer de Mario Osorio Marques, o seu mundo intelectual, pois ele viveu e dialogou com importantes correntes de pensamento de sua época e ao mesmo tempo desenvolveu projetos e ações focados no desenvolvimento regional. O mapeamento destas ações apoiou-se, ainda, nos trabalhos de Frantz (1982) (2001), Trindade (1971, 1979), Brum (1998, 1999, 2004), Marques (1984, 2002, 2003), Dallabrida (2000), Grzybowski (1973), Cremonese (2006), Lazzarotto (1981), entre muitos outros.

O método de entrevistas como recurso metodológico foi um terceiro movimento que fizemos no intuito de alargar nosso campo de ação para a escrita de nosso trabalho. Tal metodologia gerou um exaustivo trabalho para a construção de um arquivo de história oral, pois ao manejar com as fontes orais procuramos sempre as respostas acerca dos lugares e dos olhares de cada um dos entrevistados. Todos os entrevistados mantiveram algum “elo” com o biografado Frei Matias de São Francisco de Paula / Mario Osorio Marques.

Para atender o objetivo proposto neste estudo foi necessário ainda, adotarmos o paradigma qualitativo que possibilitou a compreensão a partir do processo histórico, das questões referentes à trajetória de Mario Osorio Marques na construção do desenvolvimento regional na área de abrangência do Município de Ijuí - RS.

Sears (1992, p. 31), desenvolvendo esta questão, coloca:

suspeito que cada um de nós constrói e re-constrói nossos passados a partir do ponto de vista do presente; a regra do pesquisador qualitativo é ver através dos olhos dos informantes, construindo com integridade o entendimento de seus muitos mundos.

A partir desta proposição é que escolhemos a metodologia da história oral como referencial específico para conduzir o último capítulo da tese. Acreditamos que esta seja a melhor forma para compreender quem foi Mario Osorio Marques tanto nas suas especificidades quanto na forma de vida que adotou.

Conforme Meihy (1998), a história oral como fenômeno renovado, a partir do uso de entrevistas tem aproximado pessoas e instituições preocupadas com

aspectos importantes da vida contemporânea, entre os quais: o registro, o arquivamento e a análise da documentação colhida; a inclusão de histórias e versões mantidas por segmentos populacionais antes silenciados, evitados, esquecidos; as interpretações próprias, variadas e não oficiais de acontecimentos que se manifestam na sociedade contemporânea.

Como pressuposto, a história oral implica a percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado, diz Meihy. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a seqüência histórica e sentir-se parte do contexto em que vivem (MEIHY, 2002, p. 15).

Pode-se fazer história oral a partir de uma pessoa, de algumas pessoas ou de um conjunto grande de entrevistados. Qualquer uma das três opções implica na consideração de fatores que justifiquem a escolha.

A base da existência da história oral é o depoimento gravado, tornando-se necessária a adoção de algumas medidas na condução das gravações (MEIHY, 1998).

Ao término da entrevista, por exemplo, deve-se dizer ao colaborador⁴ que a transcrição é um processo demorado, razão pela qual o retorno do material para conferência levará um tempo incerto, pois após a realização da entrevista há a necessidade da transformação do relato oral em texto escrito para torná-la disponível ao público. Para tanto se fazem necessárias as etapas de transcrição, textualização e transcrição, conforme foram descritas por Meihy (1991):

- **Transcrição:** é a passagem rigorosa da entrevista (após a escuta minuciosa de todo o conteúdo por algumas vezes) da fita para o papel. Com todos os seus lapsos, erros, vacilos, repetições e incompreensões incluindo as perguntas do entrevistador;
- **Textualização:** etapa na qual as perguntas são suprimidas e agregadas às respostas, passando a ser todo o texto de domínio exclusivo do colaborador, assumindo, como personagem único, a primeira pessoa. Durante

⁴ Ainda que o assunto comporte um índice de polêmica, eticamente prefere-se considerar o narrador como um colaborador e não como alguém que tire proveito material de sua história. Os fatores que motivam este debate se apóiam nas diferenças promovidas pelos resultados.

esta etapa, a narrativa recebe uma pequena reorganização para se tornar mais clara. Escolhe-se então o **Tom vital** que é uma frase a ser colocada na introdução da história de vida, por representar uma síntese moral da narrativa.

- **Transcrição:** é a etapa na qual se atua no depoimento de maneira mais ampla, invertendo-se a ordem de parágrafos, retirando-se ou acrescentando-se palavras e frases e, enfim, realizando-se o "teatro de linguagem". Para teatralizar, a própria língua dispõe de instrumentos, como a pontuação - particularmente as reticências e as interjeições - que se prestam para fantásticas mostras de onde o leitor deve respirar, quais as paradas estratégicas e quais as sinuosidades propostas. Recria-se, então, a atmosfera da entrevista, procurando trazer ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato, o que não ocorreria reproduzindo-se palavra por palavra. Há a inferência do autor no texto, que será refeita várias vezes, devendo obedecer a certos combinados com o colaborador. Neste procedimento, torna-se vital a legitimação por parte do colaborador.

Concluída a etapa de transcrição, atinge-se a finalização do texto, ou seja, a sua versão pronta. Considerando-se o texto final como uma obra realizada conjuntamente pelo autor e pelo depoente ficam validadas as reflexões sobre o esforço de maquiagem contido no procedimento escolhido (GATTAZ, 1995).

Cabe ainda ressaltar que "desde o ato da gravação dos depoimentos, a honestidade de propósitos deve-se impor, garantindo ao colaborador a certeza de que ele verá o texto final, autorizando ou não" (MEIHY, 1991, p. 38).

Utilizamos a história oral temática para conduzir uma parte deste estudo por considerarmos que esta forma de abordagem permite melhor compreensão das pessoas, seja de forma individual ou em sociedade, permitindo assim, valorizar suas experiências.

A constituição dos colaboradores, de acordo com Meihy (1998), em uma pesquisa utilizando a história oral, se dá através de alguns passos: primeiramente é necessário estabelecer a colônia. E esta se define "pelos padrões gerais da sua comunidade de destino, isto é, dados os traços preponderantes que ligam a trajetória de pessoas" (MEIHY, 1998, p. 39). Em um

segundo momento é necessário a formação da rede, que se dá a partir do estabelecimento da colônia. "Rede é uma subdivisão da colônia e que visa estabelecer parâmetros para decidir sobre quem deve ser entrevistado ou não", diz Meihy (1998 p. 40).

A colônia deste estudo foi composta pelos professores da UNIJUÍ - Campus Sede na cidade de Ijuí - RS. Em relação à formação da rede, e seleção dos colaboradores, busquei a ajuda do professor Argemiro J. Brum, pois o mesmo conhece praticamente toda a comunidade docente, solicitando assim as indicações. O ponto zero⁵ sugerido por Meihy (1998) foi a primeira entrevista do professor Argemiro, realizada alguns meses antes das demais. Com as sugestões do professor Argemiro os colaboradores foram selecionados. A coleta dos dados deu-se através da entrevista.

Adotamos a entrevista como meio de coletar os dados por entender que esta forma permite a compreensão e o entendimento sobre algo que se deseja conhecer.

Lüdke e André (1986, p. 46) dizem, a esse respeito que "a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos".

Os colaboradores escolhidos constituíram um grupo formado por cinco homens e uma mulher e suas idades variaram entre 40 e 78 anos. Seguindo os procedimentos metodológicos adotados, antes da realização das entrevistas informamos aos colaboradores sobre os propósitos do estudo, explicando que os depoimentos seriam gravados e a forma pela qual os dados obtidos seriam apresentados.

O agendamento foi feito depois de combinado o dia, a hora e o local da entrevista, conforme a preferência do colaborador. Quase a totalidade das entrevistas foram realizadas na própria Universidade e a maioria nos Departamentos dos professores com exceção de duas que foram realizadas respectivamente na sala da biblioteca da Universidade e na casa do colaborador.

⁵ Entende-se por ponto zero, o depoente que conhece a história do tema da pesquisa e que seja a referência para história de outros parceiros.

Antes de iniciar cada entrevista era realizado o pedido de consentimento livre e esclarecido. Todos foram informados previamente que caso não quisessem conceder a entrevista não sofreriam nenhum prejuízo. Nesta ocasião também informamos que os colaboradores só seriam identificados com seus próprios nomes, fotos ou filmagens após a permissão. Nenhum se opôs à identificação.

As entrevistas foram realizadas pela própria pesquisadora e a duração das entrevistas oscilou entre 1h30 minutos e 2h30min. Iniciamos as entrevistas sempre tomando cuidado para deixar o entrevistado à vontade.

Ao término de cada entrevista fazíamos anotações com o propósito de uma melhor compreensão dos relatos ali obtidos. Em seguida dávamos andamento às etapas propostas por Meihy (1998) e já descritas anteriormente: a transcrição, textualização e a transcriação. Nesse processo, todas as narrativas transcriadas foram aprovadas pelos colaboradores.

Em todos os momentos fomos, também, fiéis aos aspectos éticos e legais que nortearam esta pesquisa garantindo e assegurando desta forma todos os direitos aos colaboradores.

Dissecando arquivos, bibliografias e analisando o *Tom vital* das entrevistas completamos, finalmente, a biografia de Mario Osorio Marques tentando resgatar, os múltiplos papéis desempenhados ao longo de sua vida. Assim, ao caminhar com Mario Osorio Marques procuramos compreender a importância que suas ações e realizações tiveram no desenvolvimento de Ijuí e região, o que nos levou a analisar a sua formação religiosa e intelectual cujo cerne era a sua constante preocupação com as questões relacionadas com o social, a sua concepção de que o acesso ao conhecimento deveria estar ao alcance de todos e que as transformações na sociedade ocorreriam através de uma educação participativa e organizativa dos grupos sociais quando buscassem a sua emancipação e a resolução de seus problemas locais e regionais.

Baseados na perspectiva de que um indivíduo com uma gama de realizações e participações como as de Mario Osorio Marques, necessariamente interage com outros personagens sociais, é que procuramos conhecer a rede de relações nas quais ele se inseriu, com ênfase na participação associativa, nas realizações e na discussão intelectual. Estes elementos nos ajudaram a construir o texto levando em

consideração que a biografia não é somente a história de um indivíduo, mas sim um contexto, uma história social de um intelectual que, pelas leituras, documentos analisados e entrevistas realizadas, nos levaram à constatação que desde muito jovem Mario Osorio Marques manteve uma postura própria. Dessa forma iniciamos nossa pesquisa com algumas hipóteses, que foram submetidas a um conjunto de verificações ao longo do trabalho. A hipótese principal que levantamos é que as palavras, práticas e ações (participativas, associativas e de confiança) escritas, desenvolvidas e utilizadas por Frei Matias / Mario Osorio Marques junto à comunidade local e regional de Ijuí contribuíram para o desenvolvimento regional.

Para confirmar esta hipótese procuramos responder durante a pesquisa perguntas como: Quem foi Mario Osorio Marques? Como se deu o seu engajamento no processo de desenvolvimento regional do Noroeste do Estado do RS? Em que medida o pensador Mario Osorio Marques completou o homem de ação que ele foi? Para responder (ou não) a estas perguntas organizamos a tese em quatro capítulos, assim distribuídos:

O primeiro capítulo trata-se da **INTRODUÇÃO** da tese, e consiste basicamente na explanação da trajetória metodológica utilizada.

No segundo capítulo – **FREI CAPUCHINHO E MILITANTE SOCIAL: a trajetória de Mario Osorio Marques** - apresentamos uma breve narrativa da origem de Mario Osorio Marques analisando também o contexto histórico da sociedade brasileira e sul-rio-grandense à qual ele pertencia, estando aí incluídos o ingresso no Seminário Arquidiocesano, em São Leopoldo bem como uma breve narrativa sobre a Ordem dos Frades Capuchinhos e a sua história no Rio Grande do Sul, dada a opção de nosso personagem pela vida religiosa e a influência da escola franciscana em sua formação intelectual. No pano de fundo da vocação de Mario Osorio Marques está desenhado o cenário histórico e sócio-econômico de Ijuí, por ser o “seu” lugar de atuação, aonde chegou em 1952.

Inspirada em Dosse (2003), procuramos já no segundo capítulo da tese situar o biografado dentro de uma rede de instituições e relações que nos ajudaram a compreender a trajetória percorrida por Frei Matias / Mario Osorio Marques e seu protagonismo no desenvolvimento regional.

No terceiro capítulo - **MILITÂNCIA SOCIAL E EDUCACIONAL: O HOMEM DE AÇÃO E O PESQUISADOR** - nosso foco foi inicialmente historiar a ação da Igreja na década de 50 ligando as origens do capital social em Ijuí com as

experiências de participação político-social que Frei Matias/Mario Osorio Marques juntamente com a comunidade ijuiense empreenderam na estruturação do Movimento Comunitário de Base (MCB) no final da década de 50 e início dos anos 60 e que se consubstanciaram, entre outras ações na criação da COTRIJUÍ e da FAFI/FIDENE/UNIJUÍ.

As conjunturas política e econômica, da época exigiam transformações que, por sua vez, levaram a tomadas de decisões efetivas na solução dos problemas locais e regionais, das quais as instituições acima servem de exemplos.

Os problemas estavam diretamente ligados ao processo de modernização da agricultura, que a partir dos anos 50 gerou conseqüências negativas para uma expressiva parte da população gaúcha, e o município de Ijuí e a região foram amplamente atingidos, especialmente os pequenos agricultores. O crescente êxodo rural desencadeou um processo de urbanização desordenada. O meio ambiente foi seriamente atingido, houve a diminuição na produção de alimentos, o uso inadequado da tecnologia, provocou à erosão dos solos e a concentração da propriedade. Para Azambuja (1997), o processo de modernização criou mecanismos que provocou além da degradação do meio ambiente a exclusão social do homem do campo. “O espaço que lhe resta é a cidade”.

Este capítulo trata, portanto, das experiências de participação comunitária e a grande inserção de Frei Matias/Mario Osorio Marques como militante social na construção do desenvolvimento local e regional. O contexto foi dado pelos grupos aos quais Frei Matias/Mario Osorio Marques se inter-relacionou e no que consistiu essa militância. A documentação depositada junto ao Museu Antropológico Diretor Pestana foi fundamental para a escrita deste capítulo. Outro aspecto abordado no capítulo três é concernente ao Mario Osorio Marques “pesquisador”. Esta outra faceta destaca a presença e a ressonância das falas de Mario Osorio Marques e, dada a abundância de fontes, selecionamos para análise as suas principais obras, que são:

“Escrever é Preciso: O Princípio da Pesquisa”; *“A escola no Computador: Linguagens Rearticuladas, Educação Outra”;* *“A Formação do Profissional da Educação”;* *“Aprendizagem na Mediação Social do Aprendido e da Docência”;* *“Pedagogia a Ciência do Educador”;* *“Saberes e Valores em Interlocução na Educação”;* *“Caminhos da Formação do Educador”*, compondo uma coleção de 07

obras que consideramos estarem entre as mais significativas produções realizadas por Mario Osorio Marques.

As análises estão ancoradas nas palestras dos professores José Pedro Boufleuer, Eronita Silva Barcelos, Ernildo Stein, Argemiro Jacob Brum, Walter Frantz e Paulo Rudi Sheneider, por ocasião do lançamento da Coleção Mario Osorio Marques, em 2006, e publicadas pela Editora UNIJUÍ – INEP/MEC com o apoio da UNESCO e apóiam-se também no conteúdo desses escritos.

No quarto capítulo - **NARRATIVAS SOBRE MARIO OSORIO MARQUES** - fizemos uso da metodologia da história oral temática para compor os traços finais do perfil de nosso biografado. Nesta versão, o personagem aparece por inteiro, re (a) apresentado pelos seus pares, embora construído também pela nossa escrita, dada a metodologia usada. Início o capítulo fazendo a apresentação dos colaboradores. Em seguida apresento as narrativas e o “Tom Vital”. E no final de cada narrativa analiso o “Tom Vital”

Nas considerações finais retomamos as questões levantadas e mostramos, ou não, a importância de Frei Matias/Mario Osorio Marques na construção do desenvolvimento regional: Ijuí - RS a partir da segunda metade do século XX.

2 FREI CAPUCHINHO E MILITANTE SOCIAL: A TRAJETÓRIA DE MARIO OSORIO MARQUES

O fio condutor para construção deste segundo capítulo foi o Memorial de Mario Osorio Marques⁶, publicado em 2003 onde o autor faz um relato sucinto dos principais momentos de sua trajetória de vida. Além desta obra subsidiamo-nos também nos diários manuscritos pelo biografado, especialmente entre os anos de 1944 a 1947.

Em nossa cultura, a produção da escrita tem sido um ato de registrar a existência. Ao escrever manifestamos nossos pensamentos, sentimentos e também nossas experiências. O ato de escrever se faz presente na história da humanidade como forma de manifestação dos modos de existir. Este registro que fazemos se produz dentro de um determinado contexto social, histórico, cultural e politicamente constituído com características específicas e institui modos de produção e reprodução, que estão diretamente imbricados no ato de escrever. “Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via, de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida” (DELEUZE, 1974, p. 11).

2.1 AS ORIGENS - DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA AO SEMINÁRIO DOS CAPUCHINHOS

Mario Osorio Marques era o segundo filho do casal Francisco Osorio Marques e Maria Ignácia Rodrigues Marques. Nasceu no dia 22 de janeiro de 1925 no município de São Francisco de Paula no Rio Grande do Sul localizado na região dos Campos de Cima da Serra.

O nascimento de Mario Osorio Marques ocorre num Brasil de estruturas herdadas do passado colonial que no início dos anos 20, já demonstravam um completo esgotamento. Diversos fatores e circunstâncias contribuíram para tornar esse período uma importante fase de transição da evolução histórica brasileira. “Em conseqüência, na década de 20, a nação viveu sua primeira grande crise global

⁶ Apresenta a visão do autor a respeito da sua própria trajetória de vida. Uma síntese de sua caminhada histórica. Resgata a infância em sua terra natal no contexto da família, sua opção pela vida religiosa e a formação no Seminário da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos no Rio Grande do Sul e sua atuação em Ijuí a partir de 1952.

aguda” (BRUM, 1999, p. 169). A sociedade brasileira passava a buscar novas alternativas para a superação da crise.

A Primeira Guerra Mundial serviu para despertar a consciência nacional. O Brasil passou a perceber-se como país periférico, dependente. Condição esta não mais aceita pela sociedade brasileira, que clamava por sua independência econômica e cultural.

Importantes transformações ocorriam em diversos níveis: o processo de industrialização da economia ganhava impulso: novas classes sociais - burguesia e proletariado - emergiam no cenário social e político; a legitimidade do sistema político, dominado pela aristocracia agrária exportadora, passava a ser questionada; mudanças ideológicas operavam-se entre as elites intelectuais, elevando o calor dos debates em torno dos problemas nacionais e da busca de novos rumos para o país (BRUM, 1999).

Alicerçada nas raízes da nacionalidade surgia uma nova concepção literária e artística comprometida com o destino do país. Nesse contexto, o ano de 1922 pode ser considerado como uma importante fase no processo de transição histórica da sociedade brasileira. Assinalamos alguns acontecimentos que marcaram simbolicamente essa fase e que vão ter repercussões no futuro do país. Iniciamos pela Semana da Arte Moderna, que desencadeou a revolução estética, a qual podemos considerar como um grito de independência cultural do país; a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB); a criação do Centro Dom Vital, com sua revista *A Ordem*, de orientação católica, assinalando o início de uma renovação espiritual; a revolta do Forte de Copacabana que desencadeou o Movimento Tenentista, a partir do qual os militares passaram a ter uma participação mais efetiva na vida política e administrativa do país (TRINDADE, 1979a).

Um acontecimento externo que teve repercussão mundial e atingiu a economia brasileira com um forte impacto, foi a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929. O mundo praticamente ruiu. O café, nosso principal produto de exportação, foi duramente castigado, pois as exportações diminuíram muito e os preços despencaram.

A crise do café suscitou a procura de novas fontes de riqueza. E a indústria era o setor preferido por aqueles que desejavam a modernização do país. Como podemos constatar através das pesquisas realizadas, o número de indústrias no país no final do Império era em torno de 600, e no ano de 1920 o recenseamento

apontava para a existência de 13.336 indústrias no país. A passagem do artesanato e da pequena fábrica para a média e grande indústria no pós-guerra impulsionou a formação do operariado urbano. O número de operários nos centros maiores em 1889 era de 54.164 e passou para 275.512, em 1920 (TRINDADE, 1979a).

Em relação às mudanças sociais, estas começam a ocorrer a partir da segunda e terceira década do século XX de forma mais significativa. No cenário nacional aparecem novas classes sociais – “burguesia e proletariado; a ascensão das camadas médias; o início das reivindicações operárias e da luta social; o processo de urbanização; e a emancipação feminina” (BRUM, 1999, p. 176). No campo espiritual houve uma tomada de consciência provocando um profundo movimento de renovação espiritual nos meios intelectuais da sociedade brasileira. É neste contexto histórico, portanto numa fase de transição da sociedade brasileira, que nasce Mario Osorio. Corria o ano de 1925.

Mario Osorio era o segundo filho do casal, de uma família de cinco irmãos, que após o falecimento de seu irmão mais velho aos onze meses de idade torna-se o primogênito, se responsabilizando pelos irmãos mais novos.

De acordo com Brum (2003a, p. 31-32), Mario Osorio foi;

Menino sério, compenetrado, aplicado aos estudos e deveres, bondoso e tolerante, exigente nas responsabilidades assumidas e rígido nos princípios que abraçava. Diziam os homens do lugar, na época que era um guri de opinião. Preferia os livros às brincadeiras e esportes.

Ao recordar-se de sua infância, Mario Osorio faz referencia a uma tia que perguntava o que ele desejava ser na vida, sua resposta era a de que “Queria ser um sábio”.



FIGURA 1 - Mario Osorio Marques (em pé) com sua irmã

Fonte: Biblioteca Mario Osorio Marques – Ijuí / RS.

Em relação ao patriarca da família Mario Osorio lembra com carinho da figura de seu pai como um símbolo de autoridade e exigência em todas as atividades desenvolvidas. Para ele a figura do pai permaneceu em sua memória como sendo um homem de princípios e uma pessoa que lhe dava muita segurança. A ternura que lhe devotava é ressaltada em suas comovidas palavras ao lembrar a morte do pai.

Anos mais tarde, após minha juventude, acordaria freqüentemente, em meio a terríveis pesadelos, sobressaltado pela sensação da morte do pai: uma angustiada sensação de abandono e desamparo. Isso até depois de meus cinquenta anos de idade, quando, por outra parte, já (já!) me achava casado e pai de dois filhos (MARQUES, 2003a, p. 19).

Da imagem de sua mãe guardava uma recordação: “afetuosa de leveza e delicadeza de gestos e atitudes, um carinho vigilante e atento um pouco a distância ditada pelo respeito; essa, aliás, a atitude encarecidamente exigida para com as pessoas mais velhas” (MARQUES, 2003a, p. 19). Sua mãe por motivos de saúde não pode amamentá-lo, tendo ele que ser amamentado por uma ama - de - leite, negra descendente de escravos.

Com exceção da perda significativa da mãe aos onze anos de idade tudo indica que os primeiros anos de Mario Osorio transcorreram com normalidade, com as infantis traquinagens junto com seus irmãos menores e seu fiel amigo chamado Cambota, afro-descendente.



FIGURA 2 - Mario Osorio Marques e seu amigo cambota
Fonte: Sala Mario Osorio Marques – Ijuí / RS.

2.2 FORMAÇÃO RELIGIOSA E INFLUÊNCIAS INTELECTUAIS

Em relação as suas primeiras aprendizagens escolares Mario Osorio Marques em seu livro “Imaginário e Memória” publicado no ano de 2003 após sua morte, lembra de uma cartilha, um dicionário e um livro de francês. Mais tarde segundo ele aparecem os livros de escrita caligráfica, de Guerreiro de Lima, que aparecia como autor também de alguns livros de história e geografia. Recorda-se de que a sua grande paixão era pelos livros manuais de aritmética em especial os de Souza Lobo.

Ainda recordando livros, o biografado ressalta a grande influência em suas aprendizagens de linguagem dadas pela “Seleta em Prosa e Verso” de Clemente Pereira e também pelas gramáticas de Eduardo Carlos Pereira e de José de Sá Nunes. Relata também que na escola primária não aprendeu a escrever por conta própria e o ditado era a maneira predominante de aprendizagem.

No ano de 1934 Mario Osorio então com nove anos de idade vai morar em outra localidade, na Vila do Salto, próximo a cidade de Canela - RS. Dois anos depois falecia sua mãe. A perda da matriarca gerou uma grande dor para ele e para seus irmãos. Permanecem em sua memória também, as imagens de seu pai muito abalado e deprimido com a morte da esposa. Recorda ele ainda, que seu pai passava horas escrevendo intensamente como uma forma talvez de afugentar seu sofrimento.

No início do ano letivo de 1937, Mario Osorio já com 12 anos de idade vai estudar num Seminário em São Leopoldo.

O Seminário Arquidiocesano estava instalado no prédio do antigo Colégio Conceição, dos padres jesuítas, que haviam passado a administrá-lo, transferido a São Leopoldo o Seminário da Mãe de Deus até então confiado aos Capuchinhos de origem francesa (MARQUES, 2003a, p. 27).

Neste novo ambiente, relata Marques (2003a) que sentia muitas saudades de seus familiares, escrevendo-lhes semanalmente uma carta⁷.

Esta saudade provavelmente estava diretamente ligada a rígida disciplina jesuítica que passou a fazer parte do seu cotidiano nesta nova etapa de sua vida. Lembra Marques (2003a) que o cenário que se apresentava era o de um reitor que

⁷ Não conseguimos identificar se essas cartas foram destruídas, se permanecem guardadas em algum lugar, ou se estão na posse de algum familiar.

aparecia uma vez por semana para aplicar as sanções mais severas. Havia também um prefeito de disciplina. A presença dos professores era somente na sala de aula. Tudo acontecia numa relação de ordem e obediência.

Mario ao retornar para casa nas férias de final de ano em 1937 encontrou seu pai casado novamente, fato este que muito o surpreendeu, pois até aquele momento não tivera conhecimento algum em relação a esta união⁸, da qual nasceram mais seis irmãos. Mario Osorio relata que não manteve uma convivência efetiva com seus irmãos com exceção de uma irmã que é professora universitária no Rio de Janeiro.

Ainda no ano de 1937 extinguiu-se o Seminário Arquidiocesano em São Leopoldo. Cada diocese gaúcha passou a ter seu seminário próprio. Os seminaristas que pertenciam à diocese de Caxias do Sul, dentre os quais se incluía Mario Osorio, foram transferidos para um velho prédio nos fundos da catedral diocesana. Nesse momento passam a assumir a responsabilidade na formação dos seminaristas os frades capuchinhos franceses estabelecendo uma relação mais cordial com os alunos.

Neste período que se prolonga por seis anos (1937 a 1943) Mario Osorio vivencia a disciplina, a erudição, o relacionamento, a religiosidade dos frades capuchinhos franceses e é capturado pelo fascínio desta Ordem Franciscana.

Em relação ao cenário nacional no ano de 1937, o Brasil mergulhava numa ditadura imposta por Getúlio Vargas com apoio dos militares, que durou até 1945. Este período da História, conhecido como Estado-Novo, levou o Brasil a uma profunda repressão em relação aos direitos políticos (CARVALHO, 2002).

No ano de 1938, conforme relata Marques (2003a), eram menos de trinta seminaristas que conviviam num espaço físico reduzido. No ano seguinte estes seminaristas mudam-se para um novo prédio. A partir daí o tempo era dividido entre os estudos e atividades agrícolas.

Recorda-se que nesse novo ambiente aumentou o número de colegas e professores. Em relação os estudos o clima era fraterno e cordial, as aprendizagens mais significativas aconteciam nas línguas e na história. Os estudos se intensificavam em relação ao português e ao latim, preparando-os para os estudos superiores que se realizariam neste idioma. Assim o latim se tornou a primeira língua

⁸ Estas atitudes são traços que permaneceram ainda da família patriarcal, onde tudo era decidido pela figura do pai cabendo aos filhos somente a comunicação do que se havia decidido ou já acontecido.

intelectual de Mario Osorio, seguido do francês. O italiano além da cotidianidade se tornou a língua da família espiritual na qual começava nesta época a aperfeiçoar-se.

Segundo o relato de Mario Osorio Marques os estudos no seminário muito se exercitava a redação e também as aulas de literatura. Merecem citação dois autores que, além dos clássicos da língua, moldaram o seu jeito de escrever. Foram eles: Alceu Amoroso Lima, ou Tristão de Ataíde, pseudônimo adotado ao se tornar crítico (1919) em “O Jornal” e o padre português Sena Freitas. O primeiro foi um crítico literário, professor de literatura, escritor de diversas temáticas e líder católico brasileiro que sempre se envolveu com a política e as questões sociais⁹.

O segundo, o padre Sena Freitas uma das figuras notáveis do catolicismo português do período do liberalismo, era escritor e militante pela salvaguarda dos ideais do catolicismo¹⁰.

Analisando a trajetória de Mario Osorio no seminário, nesta primeira fase de sua formação, e pelos intelectuais que o influenciaram, inferimos que rumo tomava a sua formação humanista e religiosa. Também merecem destaque as atividades que os jovens seminaristas realizavam em atividades extraclases como: peças teatrais (sob a liderança de Mario Osorio) e a elaboração de um jornalzinho “A União”, onde eram impressos os ensaios literários dos seminaristas (MARQUES, 2003a).

Após completar o curso ginasial (1943) nosso biografado então com dezoito anos resolve, após muita reflexão, ingressar na Ordem dos Capuchinhos.

Portanto o ano de 1944 configurou-se como um período de muita fé, oração e afirmação dos valores religiosos que já vinham pautando sua trajetória de vida. Também neste período é que acontece sua transição do clero diocesano para a ordem religiosa dos capuchinhos, e ao ingressar nesta ordem Mario Osorio Marques adota o nome religioso de Frei Matias de São Francisco de Paula.

⁹ Alceu Amoroso Lima manteve com Jackson de Figueiredo um famoso e fértil debate, resultando na sua conversão ao catolicismo em 1928. Inicialmente adotou uma posição conservadora, mas no final de sua vida era conhecido como um intelectual progressista na luta contra as imposições e a censura que o regime militar de 1964 impôs ao Brasil, denunciando pela imprensa a repressão que se abatia sobre a liberdade de pensamento através do Jornal do Brasil e da Folha de São Paulo, dos quais foi colaborador regular. Desta forma destacou-se como defensor dos ideais liberais e dos direitos humanos. Após a morte de Jackson de Figueiredo, o substituiu na direção do Centro Don Vital e da revista “A Ordem”. Foi presidente da Ação Católica Brasileira (1932-1945). No exterior, em Montevideu também participou da fundação do Movimento Democrata Cristão na América Latina em 1957 (MALUFE, 2006).

¹⁰ Teve diversas publicações na revista católica “Estudos Sociais” (Coimbra 1905-1911) em seus artigos destacaram-se os debates e as críticas a historiadores que confundem a doutrina e a hierarquia da Igreja com os católicos.

“Frei Matias” foi como Mario Osorio Marques ficou conhecido não só pelos confrades, mas por todos aqueles que conviveram com ele nesta nova etapa de sua vida, enquanto fez parte da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos.

Uma das várias razões que o levaram a optar pelo ingresso na vida religiosa capuchinha foi o encantamento pelo modo de vida que levavam os mestres capuchinhos, dedicados à vida contemplativa.

No dia 17 de janeiro de 1944 Frei Matias recebeu o santo hábito da Ordem Capuchinha e assim registrou este momento, em seu diário, conforme transcrição:

“Memorial de Nosso Senhor”.

Ano de 1944

Mês de Janeiro “

_____ Dia 17 _____

Eis um dos grandes dias de minha vida! O dia tão esperado! Deus N. Senhor não se contentou de me haver tirado do nada e remido com seu sangue, de me haver feito nascer em uma nação católica, filhos de pais católicos, não, quis ainda me distinguir com a vocação sacerdotal e religiosa, quis abrir-me as portas da ordem capuchinha... Eis que hoje recebi o santo hábito desta ordem, hoje despedi para sempre o “homem velho” revestindo-me do “homem novo” *qui secundum Deum creatus est in sanetitate et justitia*. Tôda a minha vida seria pouca para agradecer a Deus N. Senhor tão grande graça. Que seja tôda ela dedicado somente ao santo serviço de Deus. E hoje repito as palavras que, ao entrar no convento do noviciado, disse a N. Senhor: “*Veni ut faciam voluntatem tuam*”. Esta será a razão de toda a minha vida religiosa. *Doce me, Domine, facere voluntatem tuam!* (COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES – MADP, UNIJIÚ).

Nesta exultação, por ter conseguido realizar sua aspiração Frei Matias manifesta sua fé e sua gratidão, e promete dedicação total e seguimento dos preceitos da ordem religiosa que de ora em diante pertence.

Os fragmentos que seguem são partes desse diário ao longo do primeiro semestre do ano de 1944, enquanto durou o retiro espiritual de nosso biografado.

Assim, em 22 de janeiro de 1944, portanto no dia de seu aniversário, Frei Matias expressa em seu diário a percepção de suas imperfeições e renova em uma súplica a sua doação.

Dia 22/01/1944

Mais um ano dos que N. Senhor, em sua Bondade, concedeu-me escoouse. Completo hoje 19 anos de vida. E, ai, quão poucos progressos fiz até presente no caminho da perfeição! Quantos vícios ainda a extirpar! Quantas virtudes a adquirir! ... Quão longe ainda estou de, nitidamente reproduzir em mim a imagem de Jesús!... Mas, de hoje em diante, proponho trabalhar somente para conseguir o “*unum necessarium*”. Oh Jesús, viestes á terra para abrasá-la no fogo de vosso amor, abrasai com este fogo o meu

coração, fazei que eu viva só por Vós e para Vós (COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES - MADP, UNIJUÍ).

Após dez dias, Frei Matias manifesta em seu diário a revelação de seu propósito de atingir a perfeição dentro dos ensinamentos eclesiais para servir a Deus.

Dia 27/01/1944

Coelum e set in coelum íbis. (Origem)... Sou um Céu feito para o Céu!... Sou um Céu porque pela graça santificante, a Santíssima Trindade habita em mim. Sou um céu porque possuo a Deus em mim... *Templum Dei estis...* – E sou feito para o Céu. Deus N. Senhor me tirou do nada para em mim manifestar sua Misericórdia e seu Poder; escolheu-me para que eu seja santo, servindo assim ao louvor e glória de sua graça. Devo, pois, tornar-me perfeito em primeiro lugar para servir de manifestação glória e Poder de Deus e das maravilhas de sua graça e, em segundo lugar, para minha eterna felicidade (COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES - MADP, UNIJUÍ).

No primeiro dia do mês de fevereiro de 1944, Frei Matias em seu diário faz uma consagração deste período ao seu patrono o apóstolo São Matias e demais santos.

Mês de fevereiro

Dia 1º

Inicia-se hoje um novo mês que consagro ao apóstolo S. Matias, meu glorioso patrono. Hoje também ocupei uma cela em o noviciado, por isto aproveito a ocasião para dedicá-la ao Sacratíssimo Coração de Jesús, a Maria Imaculada, ao Seráfico Pai S. Francisco, ao meu Santo Anjo da Guarda e a S. Luiz de Gonzaga. Este ano todo está consagrado ao Sacratíssimo Coração de Jesús, a Maria Imaculada e ao Seráfico Pai S. Francisco (COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES - MADP, UNIJUÍ).

Os registros feitos por Frei Matias nos dias 4, 14, e 19 de fevereiro, e nos dias 16 e 30 de junho de 1944, nos dá a impressão de que sejam a reafirmação de suas convicções e reconhecimento de suas imperfeições.

Dia 4/02/1944 - 1ª Sexta - feira do mês

Al oecultis meis munda me Domine!... Oh! Jesús, tornai-me humilde, pequeno. A Vós importa crescer, ser conhecido, amado; a mim diminuir, sofrer, desaparecer. Dai-me, pois, a humildade, a mortificação. (COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES - MADP, UNIJUÍ).

Dia 14/02/1944

Oh! Jesús todos os decretos da Providência a meu respeito são assinados pelo Vosso Coração: devem sê-lo também pelo meu.... Por isto hoje protesto que, custe o que custar, quero o que Vós quiserdes. E Maria, Vossa e minha Mãe será de hoje em diante, minha procuradora que porá a assinatura do meu coração, da minha completa submissão á Vossa Santíssima e adorável Vontade. (COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES - MADP, UNIJIÚ).

Dia 19/02/1944

Olhando para dentro de mim mesmo reconheço que sou barro,... lama e nada mais. Porém Vós ó bom Jesús costumais da lama tirar grandes Santos. Mais uma razão para que manifesteis em mim Vossa Onipotência e Vossa Bondade. (COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES - MADP, UNIJIÚ).

Percebe-se nos manuscritos do jovem Frei Matias a consciência de suas fraquezas e suas súplicas de humildade na esperança de se tornar uma pessoa melhor com a ajuda divina.

**Mês de Junho
Dia 16/06/1944**

Jesús tendes sêde de amor, tendes sêde de almas e eu não quero ficar indiferente a êste brado angustioso de Vosso Coração. Eis aqui um coração que Vos quer amar e fazer amado. Pelo sacrifício Vos quero dar almas. Quero estar sempre em contínuo estado de sacrifício. Nunca tomar a posição mais cômoda, reter uma palavra, refrear um olhar, truncar um pensamento agradável... eis pequenos sacrifícios que poderei muitas vezes ao dia Vos oferecer. Que o sacrifício seja para mim como o ar que respiro! Nenhum instante sem êle! Fazei ó bom Jesús que eu aproveite todas as ocasiões, dae-me forças, dae-me generosidade. Morrer constantemente é difícil; mas eu bem sei que isto de dificuldades não compete a mim resolver pois que de mim mesmo nada posso esperar, por isto deixo todo o cuidado a Vós e em Vós ponho tôda a minha confiança. Por mim mesmo nada posso; mas convosco posso tudo e a Vós me entrego inteiramente para que manifesteis em mim vossas misericórdias Jaeta curam tuam super Dominum et ipse te enutriet. – Qual, ó bom Jesús, o meu alimento?- Seja tão somente cumprir vossa divina Vontade e sofrer; sofrer em satisfação de meus pecados e das culpas de meus irmãos como vítima, em união convosco. Assim seja. (COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES - MADP, UNIJIÚ).

Dia 30/06/1944

Meu Jesús misericórdia! Já metade dêste ano bendito de 1944 escoou-se e eu tão pouco Vos amei tanto pequei. Misericórdia! Pequei Senhor, mas confio em Vós. A Vós entrego meus pecados... consumí-os, deles deixai em mim somente a consciência de minha miséria, de minha fraqueza. Não sou nada Senhor, fazei que eu conheça êste meu nada, esta minha fraqueza; que eu ame esta minha abjeção, esta minha miséria para que Vós sejais meu Tudo, o Amparo de minha miséria, a força de minha fraqueza. – Sim, meu Jesús a experiência me diz que nada posso sem Vós, por isto me atiro em Vossos braços e Vos peço: Senhor, Bom Pastor, salvai esta ovelhinha louca, não permitais que ela se afaste de vós , guardai-a no aprisco seguro de Vosso Coração... Jesús sede para mim Jesús..i é meu Salvador!

(COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES - MADP, UNIJUÍ).

O jovem frei Matias já no final do retiro espiritual chega a conclusão que mais pecou do que amou a Deus e pede misericórdia, proteção e salvação. Infere-se de seus diários manuscritos, pelos constantes pedidos de humildade e a repetição de que “nada sou”, que a soberba era o pecado que mais o acometia. Debatia-se interiormente o jovem frei para dominar este sentimento que o angustiava.

Dia 15/07/1944 – “Encerramento do Santo Retiro”



FIGURA 3 - A turma do Santo Retiro

Fonte: Biblioteca Mario Osorio Marques - UNIJUÍ - Ijuí/RS.

Os registros do dia 15 de julho de 1944 foram feitos após o encerramento do “Santo Retiro Espiritual” e referem-se às resoluções tomadas por Frei Matias em relação a sua conduta futura.

Quero começar deveras a praticar a santa humildade e para isto tomo as resoluções de:

1) Meditar frequentemente sobre as grandezas de Deus e as humilhações a que Jesus se submeteu por meu amor, pedindo depois a

graça de ser humilde e repetindo muitas vezes ao dia a jaculatória: Jesu mitis et humilis corde faccos nostrum secundem cor tuum!

II) Fazer o exame particular do meio dia sobre a humildade tomando um ponto particular por vez e nele me exercitando por vários dias, nesta ordem:- a) Nada dizer que possa redundar em meu louvor; - b) Não comprazer-me nos louvores, mas antes os aborrecer; - c) Nada fazer para ser estimado (reta intenção, portanto); - d) Não desculpar-me; - e) Cortar logo os pensamentos de soberba, os desejos altaneiros de ser isto, ser aquilo; - f) considerar-me como o último de todos e o maior dos pecadores estando certo de que enquanto não o conseguir sem nenhuma repugnância ainda serei muitíssimo soberbo visto ser esta uma verdade tão grande; - g) Suportar com paciência e alegria as humilhações e desprezos e humilhar-me interiormente considerando-me merecedor de muito mais; - h) Dar em tudo e sempre glória a Deus e a Ele, só a Ele atribuir todo o bem. Assim seja (COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES - MADP, UNIJIÚ).

Dominar a soberba/praticar a humildade. Esta equação que preocupava o jovem Frei então com dezenove anos foi uma constante em sua vida.

Esses fragmentos nos revelam ainda o que Ângela de Castro Gomes refere quando fala sobre a “escrita de si”. Que os diários são importantes formas de também se conhecer um personagem.

A produção do “eu”, através de cartas, diários e autobiografias e a conservação de um arquivo pessoal são atitudes típicas do fragmentado indivíduo moderno. Visa-se com isso, construir para si mesmo uma identidade dotada de continuidade e estabilidade através do tempo (GOMES, 2004, p.17). Isso podemos ler nas suas próprias palavras com as quais encerra o seu memorial.

Malditas exigências legais, e benditas por me exigirem repensar meus empenhos e meus escritos! No intuito de mapear o percurso de minha formação intelectual, não pude isolá-la nem do e inteiro sistema de minhas aprendizagens implicadas na própria vida, nem do contexto social intelectual de minha atuação como um todo [...]. Quanto a mim sou grato pela oportunidade de expor a mim mesmo. Nessa autoreferencialidade do olhar para o próprio umbigo, se são grandes as tentações do narcisismo, existe também um chamamento de volta ao elo primeiro que nos prende à condição humana inscrita em a mesma natureza comum na unidade profunda de uma ordem simbólica, caos donde emerge a personalidade sempre em reconstrução transtemporal. Quem recorda reconstrói suas lembranças, nas quais é inevitável por-se nu e, nesse processo, sou também o que penso ser. Em todo o caso, essa minha versão sobre mim: *ecce homo!* (MARQUES, 2003a, p. 86).

Mario Osorio talvez por força da formação religiosa ou da fina percepção de um sujeito no seu tempo “fazendo história”, nas circunstâncias determinadas pela sociedade mais ampla, houve a sua deliberada intenção de formação de um “arquivo”. Poderia ser um “mal de arquivo” na expressão de Derrida (2001). Esse

“mal” perpassa a pergunta sobre a produção da história e do legado de arquivo produzido pela ação. A pulsão da morte que ameaça o arquivo: o que preservar? Qual a história que será escrita sobre os arquivos legados? Ao escrever seu Memorial de vida (autobiografia) acredito que tenha sido uma preocupação de Mario Osorio.

Com exceção das cartas que não consegui localizar Frei Matias / Mario Osorio construiu parcialmente esta “produção do eu” que dentro do possível procurei respeitar, pois entendi que queria ser visto desta forma. Só que avancei na pesquisa e fui vasculhar outras importantes fontes, como diários manuscritos do biografado, jornais, revistas, atas de entidades e associações, relatórios do Movimento Comunitário Base, fotos ilustrativas e para um maior rigor metodológico a adoção da história oral temática já descritas conforme Meihy (1998). As entrevistas foram realizadas com pessoas (intelectuais) que conviveram efetivamente com biografado. Era também importante ter entrevistado os contemporâneos dos movimentos sociais, o que não foi possível. Foi uma perda significativa.

2.2.1 Os Frades Capuchinhos e sua História no Rio Grande do Sul

Fundada no século XIII por São Francisco de Assis a Ordem dos Frades Menores ao longo de sua história desdobrou-se em três ramos com características e constituições próprias, mas com a mesma Regra adotada por São Francisco seu fundador. *Assim pertencem à Ordem Franciscana os Frades Menores Conventuais, os Frades Menores Franciscanos e os Frades Menores Capuchinhos* (STAWINSKI, 1977, grifos nossos). O trabalho missionário é uma das características da Ordem Franciscana.

Francisco de Assis se dirigia mais pelo espírito e conversão do que pela lei, por isto surgiram conflitos na história de sua Ordem.

Em 29 de maio de 1517, Leão X, com a bula *Ite vos*, separou a Ordem Franciscana em Frades Menores Conventuais e Observantes. Mas esta união foi apenas jurídica. Surgiram os reformistas, divididos pelo dilema - viver a experiência fundante de Francisco ou - adequar a Ordem aos tempos.

São Francisco de Assis, o fundador da Ordem dos Frades Menores, um dos mais autênticos e representativos movimentos do século XIII, buscava conciliar a vida ativa com a vida contemplativa. E o ramo dos Capuchinhos,

surgido no contexto da contra - reforma no século XVI para sublinhar a dimensão contemplativa e eremítica dos franciscanos, se havia difundido entre as camadas mais humildes da população e a serviço delas (MARQUES, 2003a, p. 38).

A Reforma Capuchinha foi uma reivindicação dos Frades Observantes que tinham como aspiração o seguimento radical da filosofia de São Francisco de Assis e só foi possível com a bula *Religionis Zelus* aprovada por Clemente VII a 3-7-1528. A bula era dirigida aos frades Ludovico e Rafael de Fossombrone e continha os seguintes pontos: faculdade para levar vida eremítica, seguindo a Regra de São Francisco, para usar barba e o hábito com capuz piramidal e para pregar ao povo; os reformados ficavam sob a proteção dos superiores conventuais, porém sob o governo direto de um superior próprio com autoridade semelhante aos dos provinciais; estavam autorizados a receber noviços, tanto clérigos como leigos. Os pioneiros foram os freis Mateus de Bascio, Frei Ludovico de Fossombrone e seu irmão, Frei Rafael de Fossombrone. Esses frades, foram denominados Frades Menores de Vida Eremítica , devido ao uso do capuz, e a partir do ano de 1531, chamados de Frades Capuchinhos (COSTA, 2006).

A reforma dos Frades Menores Capuchinhos, primeiramente difundiu-se pela Itália. Posteriormente foi penetrando nos países europeus. Finalmente, atingiu todos os continentes, com 63 províncias e 32.820 religiosos, no final do século XIII (STAWINSKI, 1977).

No início do ano de 1619, o papa Paulo V, com o breve *Alias felicis recordationis* outorga plenos poderes episcopais a ordem franciscana, nos lugares onde não existiam padres, e conseqüentemente aos capuchinhos como membros da Ordem dos Frades Menores, criada por São Francisco de Assis.

A presença de capuchinhos no Brasil aconteceu inicialmente através dos invasores franceses que em 1612 aportaram em São Luis do Maranhão, mas sua permanência no país foi de curta duração, pois já em 1614 foram expulsos juntamente com os franceses.

No Rio Grande do Sul, os primeiros capuchinhos italianos chegaram em 1737 ao Forte de Jesus, Maria e José, atual cidade de Rio Grande, acompanhando a expedição do brigadeiro Silva Paes provindos do Rio de Janeiro. Eram os freis Anselmo de Castelvetro e Antônio de Perugia (COSTA; DE BONI, 1996) aos quais se juntaram, em 1738, os freis João Francisco de Gubbio, Jeronymo de Monte Real,

Sebastião de Pallanza e Mariano de Piano, que construíram o Convento e a Igreja N. Sr^a do Rosário. Tempos depois esses religiosos voltaram ao Rio de Janeiro, só regressando ao Rio Grande do Sul no século XIX.

A atuação dos capuchinhos no Brasil aconteceu através do trabalho missionário com os índios que desenvolveram através das “Santas Missões” um caráter penitencial. O trabalho missionário nos primeiros cinquenta anos foi realizado pelos frades franceses sendo posteriormente desenvolvido quase que exclusivamente pelos italianos.

A partir de 1824 os Capuchinhos de Sabóia - França - fundaram o Seminário Episcopal de São Paulo. Neste Seminário estudou Dom Vital de Oliveira, primeiro capuchinho brasileiro o qual travou forte oposição à Maçonaria. Procedentes da mesma província chegam os capuchinhos no Rio Grande do Sul, a fim de construir a primeira Circunscrição independente da Ordem na América do Sul,

a província de Caxias do Sul, mais tarde a Província dos Frades Menores Capuchinhos do Rio Grande do Sul, com personalidade jurídica e civil, desde 1909, sob a denominação de Sociedade Literária São Boaventura (MARQUES, 2003a, p. 16).

Já os frades italianos que durante o Império foram inúmeras vezes solicitados a atuarem junto aos índios, catequizando e organizando aldeamentos, a pregarem missões populares e servirem como capelães no exército inclusive na guerra do Paraguai quando lhes coube a direção da Capelania Militar, celebrizaram-se como missionários populares. Eram tempos difíceis para os religiosos porque o poder civil interferia na organização das comunidades religiosas dificultando ou mesmo impedindo a abertura de noviciados. Então a reposição dos religiosos dependia da chegada de novos frades enviados da Itália.

A partir de 1875 imigrantes italianos chegam ao Rio Grande do Sul para ocupar pequenas propriedades e desenvolver a agricultura. As dificuldades iniciais e a situação de abandono em que viviam tais imigrantes italianos chegaram ao conhecimento do Papa Leão XIII que solicitou ao superior geral dos capuchinhos que designasse missionários para esta região, para dar acompanhamento religioso aos mesmos. De acordo com Zagonel (1975) por solicitação do bispo Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão¹¹ diante da perseguição religiosa na França, em

¹¹ Esse religioso foi de grande influência nas diretrizes doutrinárias e na ação dessa ordem religiosa, no período de sua instalação.

dezembro de 1895 embarcaram em Bordeaux com destino ao Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul os dois missionários da província da Sabóia frei Bruno de Gillonnay e Leão de Montsapey que no dia 16 de janeiro de 1896 partiram de Porto Alegre, com destino a Conde d'Eu atual Garibaldi. Frei Bruno Gillonnay (1976 apud ZAGONEL, 1996, p. 20) é quem registra este momento:

No dia de nossa chegada a São João do Montenegro, pretendendo seguir viagem não encontramos outro meio de transporte se não uma destas espantosas carroças. Instalamos nossas bagagens que nos serviam, inclusive, de assento; para nos preservar dos ardores do sol, cada um comprou um enorme chapéu de palha pelo preço de 8 vinténs e nos pusemos a caminho, por dois dias, com este pitoresco ornamento. Neste estado, chegamos a Conde d'Eu, onde ninguém nos aguardava, no dia 18-1-1896. Não foi uma entrada triunfal. Os habitantes embasbacados vinham as janelas para nos verem passar e se perguntavam quem seriam estes exóticos imigrantes. Eis aí a narração de nossa chegada a terra onde deveríamos, sem demora, recolher profundas, duráveis e apostólicas consolações.

O sucesso da missão em Conde D'Eu foi alcançado graças à dedicação à capacidade de trabalho coletivo e a liderança do Frei Bruno de Gillonnay que abandonou os esquemas europeus em favor da realidade local. Seu projeto baseou-se em missões populares, paróquias, escola vocacional, jornal e educação. As missões populares popularizaram os capuchinhos, mas a grande intuição de Frei Bruno foi a abertura da Escola Seráfica (1898), em Garibaldi, para receber os estudantes da Missão do Líbano e acolher vocações nativas.

Referindo-se aos filhos dos colonos que poderiam ingressar na escola seráfica escrevia Frei Bruno Gillonnay (1976 apud ZAGONEL, 1996, p. 24): “Eu creio que poderemos fazer deles excelentes religiosos e a colônia italiana seria conquistada com missionários nascidos em seu próprio meio, pois não se pode pensar em progresso para a Missão e desenvolvimento da Igreja sem um clero nativo”.

E continua Frei Bruno Gillonnay (1976 apud ZAGONEL, 1996, p. 24) dizendo que era preciso criar um ambiente que acolhesse os jovens com vocação religiosa e os preparasse para o noviciado:

É uma obra indispensável, uma vez que a Província, sobrecarregada com outras missões, não poderá enviar pessoal em número suficiente para nosso futuro. É necessário recrutá-los por aqui. Penso que seja fácil. As famílias são numerosas e sentir-se-ão honradas em dar um dos seus filhos a Deus. São fortes, vigorosos, inteligentes. Crescidos na liberdade da

floresta, eles tem o amor da independência; mas tomando-os jovens e submetendo-os a uma forte disciplina creio que conseguiremos suavizá-los.

A intenção de Frei Bruno logrou êxito, pois no ano de 1924, quando regressou à França, o novo superior da Missão era um gaúcho, descendente de italianos - Frei José Cherubini.

Os Capuchinhos franceses que vieram ao Rio Grande do Sul eram detentores de uma sólida cultura filosófico-teológica e formação científica acadêmica, tendo muitos deles marcado presença no Ensino Superior.

O Seminário Diocesano de Caxias do Sul, como já dissemos anteriormente, era dirigido por uma equipe de padres capuchinhos franceses. Faziam parte desta equipe os padres: Frei Pacífico de Bellevaux, Frei Modesto de Naves, Frei Germano de Saint-Sixt, e o renomado músico Frei Exupério de La Campôte, pioneiros da Província dos Capuchinhos no Rio Grande do Sul. Destes destaco os dois primeiros pela sua importância no seminário e na formação de Mario Osorio¹².

2.2.2 Mario Osorio Marques/Frei Matias – a Vida Capuchinha – Estudos, Reflexão, Criação e Ordenação

A vida religiosa de Mario Osorio Marques na Ordem dos Capuchinhos inicia com a sua formação nos cursos de filosofia e teologia. Esta fase de sua vida vai girar entre a Mística, a Metafísica e a Modernidade (MARQUES, 2003a).

Mario Osorio Marques tinha orgulho em ser capuchinho e de ter nascido nos campos altos de São Francisco de Paula, tanto que, ao escolher o nome capuchinho

¹² Frei Pacífico de Bellevaux, por ocasião da celebração do sétimo centenário da morte de São Francisco de Assis, em 1926, funda o Instituto Católico de Ciências e Letras, agrupando intelectuais católicos que, em 1940, fundam as Faculdades Católicas de Porto Alegre. Estas em 1947 são aglutinadas pela PUC-RS. Como fundador de IES Frei Pacífico mostrava sua visão de futuro pela via da educação. Após sua passagem pelo Seminário de Caxias, este religioso se dedicou a prestar assistência aos leprosos na colônia de Itapuã. Frei Modesto de Naves era um estudioso e pesquisador, grande conhecedor da história universal e das obras do filósofo franciscano João Duns Scot. Este filósofo escocês diverge das doutrinas platônica e aristotélica quanto a valorização do indivíduo. Sua posição é a de que o indivíduo é inteligível em virtude do caráter formal do princípio de individuação. Sua noção de Deus é original; onde os atributos divinos priorizam o amor e a vontade em detrimento da inteligência, com o que retoma a tradição franciscana de São Boaventura. João Duns Scot considerado o maior expoente da escolástica pós-tomista também pertenceu a ordem dos franciscanos e foi professor nas Universidades de Oxford, Paris e Cambridge. Para maior conhecimento de seu pensamento (ou sua obra) sugere-se para leituras CHÂTELET, François. **História da filosofia** – a filosofia medieval. Tradução de Carlos Arthur Nascimento e Raimundo Vier. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. (Coleção Os Pensadores, v. VIII); JOLIVET, Jean. **História de la filosofia**: la filosofia medieval en occidente. Tradução de Lourdes Ortiz. México: Siglo Veintiuno, 1990. v. IV.

prestou uma homenagem a sua cidade natal e preferia ser chamado de Frei Matias de São Francisco de Paula, o que de ora em diante também o faço durante toda fase capuchinha do biografado.

O início da formação religiosa de Frei Matias especificamente o ano do noviciado fora dedicado ao estudo e ao conhecimento da doutrina capuchinha, seguida de muitos exercícios penitenciais. Ele registrou este momento assim: “levantávamos, às cinco horas da manhã para meditação, o ofício divino coral e a missa. O restante do dia decorreria entre o recolhimento à cela individual, a oração e meditação, e as palestras do mestre de noviços, os estudos e os trabalhos manuais” (MARQUES, 2003a, p. 38).

O dia-a-dia dos seminaristas, portanto, iniciava muito cedo. Após os exercícios espirituais dirigiam-se ao trabalho de capina nas lavouras. O trajeto até as lavouras mesmo que estas fossem distantes era feito a pé. A ceifa do trigo, a dobragem e a colheita do milho eram feitas manualmente, com um pequeno intervalo para a hora do almoço. Era uma vida de muitos sacrifícios, mas tudo ocorria num clima de grande espiritualidade e aceitação prazerosa pelos seminaristas, relatou Frei Matias (MARQUES, 2003a).

O ano do noviciado serviu-lhe para refletir e meditar sobre os caminhos que iria trilhar. Nessa época a vida capuchinha contemplativa muito lhe empolgava, a tal ponto que pensou em renunciar ao estado clerical para abraçar a condição de irmão leigo e dedicar-se exclusivamente a oração e ao trabalho seguindo o ideal de São Francisco de Assis e assim continuar com maior facilidade sua peregrinação dirigida aos humildes. Seus superiores alegando suas aptidões intelectuais dissuadiram-lhe desse sonho (MARQUES, 2003a).

Optando pela profissão religiosa, em 1945, aos vinte anos de idade, Frei Matias seguiu para a cidade de Marau no Convento São Boaventura onde se dedicou por três anos ao estudo da Filosofia. Este “novo campo de estudo se dava pela Lógica e pela Introdução a Filosofia centrada na silogística de Aristóteles, e essa na base das distinções entre o saber vulgar e o conhecimento filosófico” (MARQUES, 2003a p.40). Aplicava, desta forma, o clássico método da Escolástica, forma acabada do pensamento dedutivo constituído pelas seguintes etapas: a leitura, o comentário, as questões, e a discussão (ARANHA, 2002).

Nesta época no Convento de São Boaventura realizavam-se também os retiros espirituais, e nos diários manuscritos de Frei Matias encontramos também

registros referentes aos anos de 1945 e 1947 (COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES - MADP, UNIUIJÚ). São registros em que ele reafirma mais uma vez suas convicções religiosas e o desejo de esforçar-se cada vez mais para conhecer-se a si mesmo.

No convento a partir de 1947 as turmas de estudantes se alternavam sobre as orientações de Frei Odorico Dal Molin, Frei Libório Veronese e Frei Jaime Biazus. O guardião do convento era frei Nicolau Lucian.

Em 29 de dezembro de 1947¹³, frei Libório Veronese despede-se de Marau para assumir como guardião no convento São Geraldo de Ijuí para onde seguiu também frei Exupério de La Compôte e mais tarde, no ano de 1952 vai juntar-se a eles Frei Matias de São Francisco de Paula.

O convento de São Boaventura foi um espaço de estudo de filosofia por um período de dezenove anos, até 1956. Em 1957, o 1º ano de filosofia muda-se para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí e, com os filósofos, se transferem para Ijuí os professores de filosofia, freis Jaime Biazus e Nicolau Lucian (COSTA; DE BONI; 1996). Esta faculdade teve como principal mentor e organizador Frei Matias de São Francisco de Paula.

No convento São Boaventura que ainda era um centro de formação dos Capuchinhos, as disciplinas estritamente filosóficas eram ministradas em latim. Em relação à teologia os conteúdos e métodos eram os da Escolástica.

De acordo com Marques (2003a, p. 41) o grande debate intelectual do período acontecia em torno das Teses Franciscanas: “De São Boaventura e Duns Scot, em especial, na contra corrente que vinha de Platão, tendo passado por Santo Agostinho”.

Na formação intelectual de Frei Matias teve grande influência a escola franciscana¹⁴.

¹³ Ainda no ano de 1947, no dia treze de julho, foi ordenado o primeiro sacerdote de Marau, Frei Valentim Rodegheri.

¹⁴ Chama-se Escola Franciscana aquele complexo doutrinal sistematizado no século XIII pelos Mestres eminentes da Ordem franciscana. Essa elaboração intelectual surgiu por força das circunstâncias que condicionara e motivara a construção de escolas próprias a partir de 1219, onde os minoritas (Ordem dos Frades Menores Conventuais - numericamente, esta Ordem é a menor das três que são: Ordem dos Frades Menores, Ordem dos Frades Menores Conventuais e Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Ordens estas que reconhecem Francisco de Assis como seu fundador, obedecendo a sua Regra de 1223) pudessem dedicar-se sistematicamente ao estudo. A organização jurídica da ordem, que se tornou definitiva com a Regra de 1223, a extensão efectiva da mesma (mormente o facto de os minoritas habitarem nas grandes cidades e em regiões infestadas de heresia, o que impunha a necessidade dum estudo mais profundo) e a influência por parte da Igreja,

[...] em especial a defesa da primazia da vontade sobre a inteligência. Vendo na vontade o impulso que determina e comanda a razão, e que essa se ampliava em muitas vozes, as do coração em primeiro lugar e as da simpatia em segundo, como qualidade da inteligência voltada ao encontro fraternal com os homens e seus mundos. Na História da Filosofia, por exemplo, era adotado o manual de Leonel Franca, cujo exclusivismo não aceitávamos: como se toda a verdade estivesse em Aristóteles e Tomas de Aquino, os demais filósofos só eram aceitos naquilo em que com eles concordavam. Para nós, a verdade tem muitas faces; e nenhum homem deixa de ter suas razões. Assim São Francisco tratara até mesmo os ladrões dos arredores de Gúbio (MARQUES, 2003a, p. 42).

No cotidiano o aprofundamento dos temas filosófico - religiosos se dava através do método escolástico de ensino e investigação cujos passos principais eram os da exposição de Proposições ou Teses que depois de discutidas se submetiam ao confronto da autoridade e argumentação dos pensadores que se posicionavam a favor ou contra.

Tanto no período do noviciado como nos quatros anos dedicados a teologia Frei Matias habituara-se às leituras e aos estudos. Sendo que nos dois anos últimos anos se dedicara a escrita de um “*Lexicon Philosophicum*”, uma obra composta de três volumes desenvolvido em latim. Era um completo tratado de filosofia dando “ênfase à abordagem das questões sob a ótica do pensamento franciscano”. Este trabalho é um dicionário em latim, uma obra inédita que não foi publicada, mas aqueles que tiveram contato com esta obra a consideraram um dos trabalhos mais completos sobre esse tema. Os originais escritos a punho formam três volumes e encontram-se no Museu Antropológico Diretor Pestana em Ijuí.¹⁵

Nos anos de 1948 a 1950, Frei Matias estudou no Convento de São Francisco em Garibaldi. Para ingressar no seminário era necessário:

1. Ter vontade sincera de tornar-se missionário - capuchinho.
2. Saber ler e ser filho de pais católicos e honrados.
3. Gozar de boa saúde física e mental.
4. Trazer um modesto enxoval e pagar a mensalidade de 10\$000.
5. Sujeitar-se a matrícula provisória de dois meses, após os quais seria realizado exame de seleção (VERNAZ 1920 apud ZAGONEL, 1996, p. 25).

As condições de ingresso somente vão sofrer alterações a partir do Concílio do Vaticano II. “O Convento de São Francisco de Assis, em Garibaldi além de abrigar o curso de Teologia, foi, também sede dos superiores maiores da Ordem no

que apela para as novas Ordens (dominicana e franciscana), inculcando-lhes o estudo e por isso chamada “Ordines studentes” - tais foram as circunstancias determinantes (LUCERNE, 1908).

¹⁵ Esta obra, a partir de janeiro de 2007, encontra-se no Museu Antropológico Diretor Pestana da UNIJUÍ, Arquivo: Coleção Manuscritos Mario Osorio Marques.

Rio Grande do Sul desde o ano de 1940” (ZAGONEL, 1996, p. 25). Nesse período em Garibaldi Frei Matias deu continuidade especialmente aos estudos da teologia.

Seu entusiasmo pelos estudos nesta época era tão evidente que seus superiores propuseram enviá-lo a Roma para aprofundar seus conhecimentos na Universidade Gregoriana administrada pelos jesuítas. Frei Matias conseguiu dissuadi-los de tais pensamentos. Outras tentativas de enviá-lo ao exterior para estudar também não surtiram efeito (MARQUES, 2003a).

Nesse período seus estudos baseavam-se na Teologia Dogmática, a Teologia Moral, o Direito Canônico, a Sagrada Escritura e a Patrística que fora iniciada com Clemente de Alechandria, escritor do primeiro tratado cristão sobre a ação educativa. Esse tratado propunha que o pedagogo deveria conciliar aos estudos humanísticos, a fé. Por isso, os pedagogos eram educados na filosofia grega. Santo Agostinho que também fora ligado à Patrística, acentuava o valor à formação humanística e na consciência a profundidade espiritual que alimenta e ilumina a inteligência fazendo reconhecer a lei divina eterna, o que geraria a percepção no educando que o fim último seria sempre Deus, enquanto os demais caminhos deveriam ser formas para alcançar a Deus (LUZURIAGA, 1990). De sua parte Frei Matias dava prioridade aos estudos da Patrística que, como já dissemos teve Santo Agostinho como seu maior expoente e também das Sagradas Escrituras, buscando nelas firmar seus pensamentos e argumentos aprofundando suas leituras para a interpretação dessas bases hermenêuticas.

Incluía-se ainda na base curricular de seus estudos as aulas de Eloquência Sagrada que eram complementadas com iniciativas próprias buscando a ampliação do conhecimento e da arte da retórica. Nessas buscas e construções foi publicada a revista “Lampejos Seráficos”. Conforme o diário manuscrito de Frei Matias, no dia 21/03/1949, ele registra: “Corrigi artigos para os ‘Lampejos Seráficos’ - hoje começou a impressão” (COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES - MADP, UNIJUÍ). No dia 09/04/1949 no mesmo diário ele registra: “Saíram impressos ‘Lampejos Seráficos’”¹⁶.

Nas conferências semanais com o diretor de estudos, os estudiosos aprofundavam os entendimentos em relação à espiritualidade franciscana:

¹⁶ LAMPEJOS SERÁFICOS, revista publicada em Garibaldi, depois em Porto Alegre, pelo Teólogo dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul.

[...] da vida humilde, do senso do real e do concreto na peculiaridade do louvor a bondade de todas as coisas e da simpatia inclusive como forma de inteligência aliada à intuição, preocupada em não perder o contato com a vida, onde quer que se manifeste ela. Na ação intelectual, na pregação religiosa e nas atividades pastorais educativas não se buscava o combate aos adversários, mas a descoberta e o cultivo de toda a semente de verdade e de sinceridade de propósitos (MARQUES, 2003b, p.45-46).

Nesta época Frei Matias, além de todas as disciplinas exigidas pelo currículo também se dedicava a leituras individuais sobre uma pedagogia da autoformação.

No período de 1948-1950 quando Frei Matias realizava seus estudos de Teologia no Seminário de Garibaldi, entre os 23 e 25 anos de idade, para melhor utilizar seu tempo, pôs-se a escrever o livro “Nossas Forças” que foi sua primeira obra de expressão.

A importância desse livro está em que “Nossas Forças”¹⁷ é uma obra de reflexão que retrata a autoformação e a vivência como religioso de Frei Matias enquanto seminarista engajado no modo de vida do franciscanismo capuchinho. O livro era dedicado aos futuros sacerdotes. Hoje podemos entender a obra como uma diretriz de vida do próprio autor, pois o livro destaca valores e ideais que fundamentaram a formação de sua personalidade. Nesta obra ele testemunha o presente e projeta o futuro. Ensina a conhecer o homem e a formar o jovem, assim como empregar nossas forças na conquista de um ideal. Para o autor, o conhecimento próprio é a condição primeira de todo o progresso.

Esta obra orienta para vencer os obstáculos da insinceridade, indolência e a desconfiança de nós mesmos. Destaca também como um importante valor a humildade. Para Frei Matias a humildade é a verdade. Segundo ele:

Aqui temos a pedagogia do franciscanismo: inspirar a cada um uma idéia central, capaz de transformar-lhe a vida e de orientá-la para Deus, aproveitando as características individuais como forças concretas e únicas de que se pode dispor (MARQUES, 2003b, p. 34).

A pedagogia franciscana consiste em cada um conhecer suas próprias forças. A espiritualidade franciscana é simples e concreta, respeitando as características individuais de seus seguidores. O espírito franciscano é, pois, um instrumento de formação individual.

¹⁷“Nossas Forças” foi escrito no período de 1948-1950. Permaneceu datilografado e somente foi publicado pela editora Unijuí após a morte de Mario Osorio no ano de 2007.

O autor evidencia que a ciência franciscana leva à santidade, pois seu estudo é a oração, é um contato com Deus e exige vida pura. A ciência franciscana leva à ação e ao amor e faz com que o franciscano ame o objeto de seus estudos, pois se desapega do prazer e dos privilégios da cultura; levando-o ao desejo de ter uma alma simples.

Segundo Marques (2003b) a ciência de São Francisco é uma ciência que compreende tudo, que todos compreendem, na qual os mais distantes podem se reunir: o amor.

A liberdade franciscana significa desapego e se realiza na verdade, na sinceridade consigo mesmo, na simplicidade no trato com os homens, no dever que é a expressão da vontade de Deus; na pobreza renunciando às coisas materiais, a “propriedade” e a renúncia de si mesmo. O primeiro leva ao segundo, a pobreza à humildade, o desprezo do “meu” ao desprezo do “eu”. “A humildade nos liberta do orgulho e põe a nossa vida a serviço de Deus”.(Marques 2003 b, p.18).

A alegria franciscana consiste na contemplação da beleza criada, na humildade, na ação desinteressada e no amor a Deus. Ela persiste na dor como meio de purificação imunizando a alma contra os sofrimentos provindos das paixões.

Os ideais de Frei Matias eram a vida religiosa e a vida sacerdotal, espírito capuchinho (que está no amor apaixonado à humanidade) e espírito apostólico. Destaca que “Deus é o ideal absoluto, pois ele é a causa de nossa existência e sua continuação”.

Estes princípios religiosos e a paixão do autor pelo modo de vida do Franciscanismo, que é baseado no amor e no desapego às coisas materiais permearam o cotidiano do autor durante toda a sua existência mesmo após ter abandonado a vida sacerdotal.

Em 25 de março de 1949 Frei Matias registra em seu diário:

Hoje entreguei ao R^{do} Fr. Getúlio o primeiro capítulo do livro sobre “Nossas Forças” a fim de que seja iniciado o trabalho de datilografia do mesmo sob a proteção de tão augusto mistério. Que seja este meu livro totalmente um hino de louvor e agradecimento ao Cristo – Primor, Rei e centro da Criação! Que seja realmente útil e sirva para a formação dos futuros Arautos do Grande Rei! (COLEÇÃO MANUSCRITOS MARIO OSORIO MARQUES - MADP, UNIJIÚ).

Frei Matias se contagiou com o exemplo de vida, de cultura, de trabalho, de educação desses frades capuchinhos franceses e os levou muito a sério. Podemos

afirmar que ele foi um estudante diferenciado no sentido de que era inteligente culto e também sonhador.

Ao cumprir os estudos teológicos em Garibaldi, Frei Matias contava vinte e seis anos de idade. No dia dezoito de fevereiro de 1951 foi ordenado sacerdote e num clima de muita espiritualidade, iniciaram-se as celebrações de suas primeiras missas.

Pouco tempo após sua ordenação Frei Matias segue para Porto Alegre onde deu continuidade aos estudos agora entremeados com celebração de missas e batizados nas igrejas de Porto Alegre, em especial na igreja de Santa Cecília, no conhecido bairro Petrópolis.

De acordo com seu relato ao final de 1951 submeteu-se aos exames de jurisdição facultando-lhe o direito para ministrar o “sacramento da confissão e livre pregação da palavra de Deus” (MARQUES, 2003a, p.47). A partir daí passou a aguardar designação para sua atuação sacerdotal. Foi designado para a nova comunidade de São Geraldo, no município de Ijuí.

A 29-1-1952 chegava a Ijuí a segunda turma de estudantes, em número de 13. Com eles vinha Frei Matias de São Francisco de Paula (Frei Matias Marques), que iria ter destacada atuação em Ijuí. Substituiu o Frei Damião, designado Vigário da Paróquia de Santo Antonio do Partenon, em Porto Alegre (LAZZAROTTO, 1981, p. 46).

Começava uma nova etapa na vida de Frei Matias / Mario Osorio Marques que o ligaria, definitivamente à comunidade de Ijuí nela permanecendo até a sua morte no ano de 2002. Acredito ter sido um caso único na ordem religiosa.

2.2.3 IJUÍ - Sua História e seu Crescimento Econômico como Cenário das Atividades de Frei Matias/Mario Osorio Marques

O município de Ijuí insere-se na Microrregião

Geográfica de Ijuí, compondo,conjuntamente com outras microrregiões,a Mesorregião Geográfica do Noroeste riograndense[...].Ijuí integra o Conselho Regional de Desenvolvimento do Noroeste Colonial[...]. Também integra a (AMUPLAM) [...] Associação dos Municípios do Planalto Médio. O território do município situa-se entre as coordenadas geográficas 28° 03' 27.658" Sul e 28° 32' 17..26" Sul de latitude; e 53° 45' 41.74" Oeste e 54° 08' 43.85" Oeste de longitude, estando, a sede , a uma altitude de 328 metros acima do nível do mar (CREMONESE, 2006, p.107-108).

Ijuí dista aproximadamente a 400 km da capital do estado do RS. Limita-se ao norte com os municípios de Ajuricaba, Nova Ramada, Chiapeta, ao sul com os municípios de Augusto Pestana e Boa Vista do Cadeado, a leste com Bozano e Ajuricaba; e a oeste com Catuípe e Coronel Barros. Como podemos observar no mapa Ijuí faz divisa com oito municípios que na sua grande maioria são todos municípios desmembrados de Ijuí.

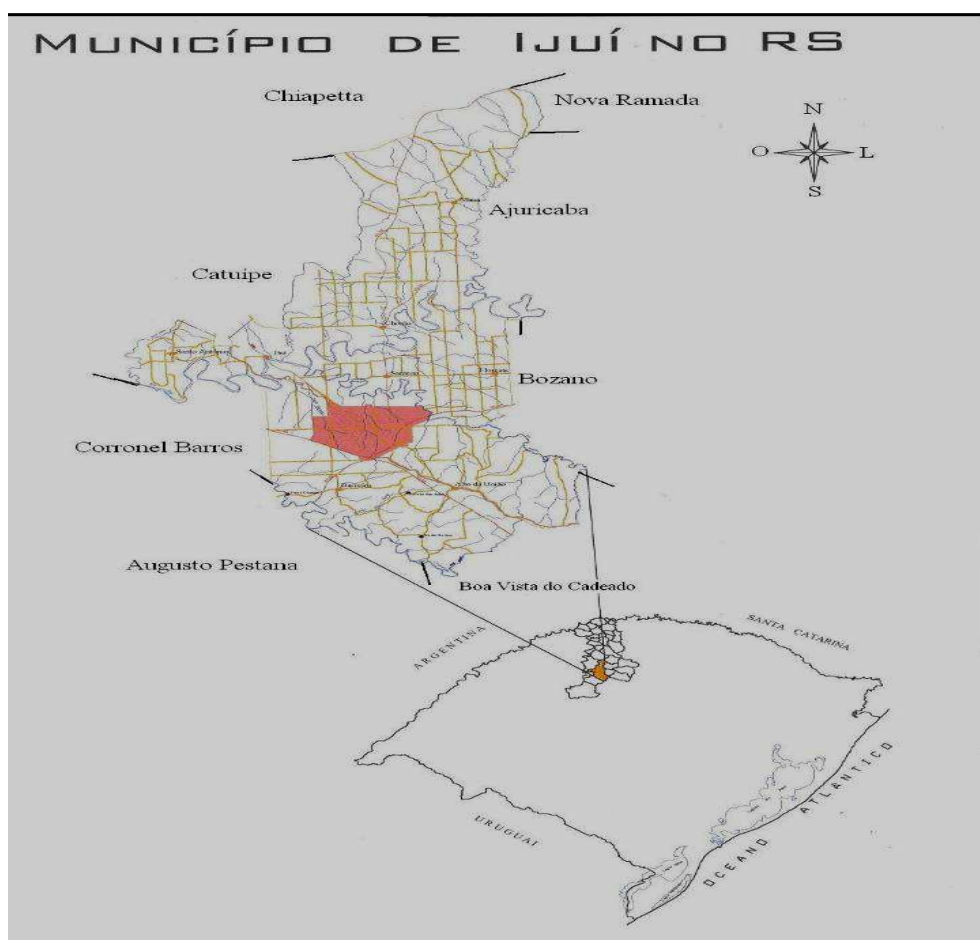


FIGURA 4 - Mapa de Ijuí atual (2005)

Fonte: Geoprocessamento e Análise Territorial – Unijuí - Ijuí/RS (apud CREMONESE, 2006, p.108).

A história oficial da colonização da vasta região do vale do rio Ijuí e seus afluentes e, mais amplamente de uma parte do noroeste do Rio Grande do Sul que hoje compreende os municípios de Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana, Panambi, Catuípe, Santo Ângelo, Cerro Largo, Guarani das Missões e Santa Rosa com os municípios depois desmembrados, começa no dia 30 de maio de 1890 com a

fundação oficial da “Colônia Ijuhy” pelo Serviço de Terras e Colonização, órgão do novo estado do Rio Grande do Sul criado para incrementar a colonização (MARQUES, 2002).

Ijuí nasceu de um núcleo de assentamentos de colonos abrigando desde o seu início, uma grande diversidade étnica e cultural. Segundo Weber (2002) os primeiros moradores de Ijuí foram os “caboclos”, luso-brasileiros ou mestiços que viviam da coleta de erva-mate e do cultivo de pequenas lavouras, posteriormente trabalharam também como peões na abertura e conservação de pequenas estradas (picadas). “Essa população, que via de regra não se tornou proprietária das terras que ocupava e tão pouco as conservou, vendendo-as aos adventícios, passou a ser denominada de ‘nacional’ por oposição aos colonos estrangeiros, ou mesmo, quando viviam em situação muito precária, “bugres”¹⁸ (WEBER, 2002, p. 170). A colônia de Ijuhy recebeu imigrantes de várias nacionalidades.

A iniciativa do governo estadual marcava o início de uma nova política de colonização que passou pela tutela do governo central e agora, sob a égide dos governos estaduais, deixavam de ser, sob o ponto de vista étnico, centros homogêneos para passarem a colônias mistas.

A Colônia de Ijuhy situada na orla inferior da floresta subtropical do planalto, entre os campos de Cruz Alta, Santo Ângelo, Tupanciretã e Palmeira das Missões foi uma das últimas áreas para onde os imigrantes vindos diretamente da Europa foram enviados. Poloneses, alemães, teuto-russos, austríacos, italianos, letos, franceses, húngaros, suecos e espanhóis foram as etnias que formaram o mosaico racial da colônia que nascia.

O termo “colônia” designa tanto uma região colonizada ou área colonial demarcada pelo governo em terras devolutas, como é sinônimo de rural. Ou seja, a área rural de um município é chamada, hoje, de colônia, e seus habitantes são colonos-uma categoria que sobreviveu ao longo do tempo e que designa o camponês. O termo “colônia” também é usado para designar a propriedade agrícola do colono (SEYFERTH, 1990, p. 25).

A partir de 1898 começa a aparecer uma geração moça excedente das “Colônias Velhas” oriundas de São Leopoldo e Caxias do Sul. Estas áreas haviam sido ocupadas por alemães e italianos. A escassez de terras e, conseqüentemente o encarecimento dos lotes coloniais naquelas regiões desencadearam séria crise. Como solução buscou-se a migração das gerações mais jovens para as regiões

¹⁸ Conferir Lazzarotto (1977, p. 14), Callai (1987, p. 9).

Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul, cuja colonização começa com a fundação da colônia de Ijuhy entre os campos de Cruz Alta, Santo Ângelo, Tupanciretã e Palmeira das Missões. Estas foram as últimas áreas de ocupação do Estado .

A relação dos imigrantes com o meio ocorre através da apropriação de lotes de terra de 25 hectares demarcados pelo governo ou por empresas privadas de colonização. Esses chamados núcleos coloniais eram formados de pequenos proprietários e constituíram uma sociedade camponesa com características distintas das áreas de ocupação tradicional. Com o passar do tempo, muitos destes núcleos originaram pequenas e médias cidades (WEBER, 2002,).

Com a chegada dos imigrantes inicia-se o desmatamento com a queima da madeira para uma produção agrícola diversificada seja de transformação artesanal dos produtos agropecuários e de produção dos instrumentos de trabalho, nas relações de trocas de mercadorias. Diante desta base econômica os colonizadores se diferenciam socialmente e vão moldando a realidade de acordo com suas novas necessidades culturais, suas tradições e costumes.

Suas formas organizativas bem como suas manifestações sócio-culturais, é

fruto de um complexo de fatores onde as relações e contradições, próprias de uma economia mercantil baseada na pequena produção agrícola e no trabalho em regime familiar, estão associadas a um esforço de preservação da identidade étnica e religiosa, com base de sustentação ideológica dos grupos dispersos pelas linhas coloniais e sob a forma de tradições culturais próprias: língua, religião e organização sócio-cultural (capelas, escolas, associações étnico-culturais, clubes de lazer e esporte) (MARQUES, 1984, p. 22).

Com a chegada da geração moça em 1898 como nos referimos anteriormente, incrementou-se a agricultura comercial. O crescimento da população e das áreas cultivadas cresce muito até o ano de 1924, permanecendo estável por mais alguns anos para depois declinar.

Ao analisarmos as etapas da colonização de Ijuí consideramos importante destacar um processo de aceleração da comercialização agrícola a partir da construção da estrada de ferro de Cruz Alta a Ijuí e Santo Ângelo.

Nas primeiras décadas do século XX o país vivia uma fase de grande entusiasmo pelas vias férreas. Nosso Estado acompanhava também o ritmo do Brasil. Havia sido construídas as estradas de ferro Porto Alegre - Uruguaiana, Santa Maria - Passo Fundo, Rio Grande - Bagé.

Chegou a vez de iniciar a construção da ferrovia entre Cruz Alta e Santo Ângelo, passando pela Colônia de Ijuhy a qual sediaria uma estação. Os serviços de engenharia e construção foram confiados ao 3º Batalhão de Engenharia posteriormente Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo. A construção fora iniciada em 1906, em Cruz Alta. Sendo concluído o trecho até Ijuhy somente no ano de 1911. Foram cinco anos de esperas e expectativas.

Segundo Marques (2004) no 21º aniversário da Fundação da Colônia de Ijuhy no dia 19 de outubro de 1911 às 8 horas partiu de Cruz Alta o trem trazendo como passageiros cerca de 500 pessoas. Incluídas neste número vinham convidados especiais entre os quais o General Firmino de Paula representante do governo do Estado e autoridades civis e militares do município de Cruz Alta.

A entrada do primeiro trem na estação de Ijuí foi saudada com as notas festivas do Hino Nacional e o tenente Mário Velloso, do 3º Batalhão de Engenharia, procedeu à leitura da Ordem do Dia de sua corporação, alusiva à data. A então incipiente Vila Ijuí estava festivamente ornamentada com grinaldas verdes e bandeiras. Todas as sociedades, inclusive do interior, compareceram incorporadas com seus respectivos estandartes e vistosos uniformes, emprestando imponente solenidade à chegada do primeiro “cavalo de fogo”, o primeiro trem à nova Colônia (MARQUES, 2004, p. 213).

De acordo com o autor as festividades e solenidades de inauguração do ramal da via férrea foram permeadas por um banquete no hotel Scholz e um baile de encerramento no Clube Ijuí. Esta inauguração representou uma contribuição substancial para a região e em especial para Ijuhy, acelerando o processo de desenvolvimento da “colônia”. Em fevereiro do ano seguinte, instalou-se o município de Ijuhy. Assumiu como Intendente provisório o engenheiro Augusto Pestana.

Pela estrada de ferro os colonos transportavam os excedentes agrícolas que eram comercializados em Cruz Alta. Em troca adquiriam sal, açúcar, querosene e tecido que eram produtos considerados de primeira necessidade.

A elevação de Ijuhy à categoria de município autônomo ocorreu um ano depois, pelo Decreto Nº 1814, de 31 de janeiro de 1912 assinado pelo doutor Carlos Barbosa Gonçalves, então presidente do estado do Rio Grande do Sul (COSTA, 1922).

A partir dos anos 30 consolida-se o cenário multi-étnico no município de Ijuí. Um artigo do jornal Correio Serrano de 6 de setembro de 1933 descreve o cenário da época:

Indivíduos de todas as raças vivem em Ijuí, uma salada de nacionalidades [...]. Sem dúvida, um dos traços mais característicos do município de Ijuí é a variedade de tipos raciais que se encontram nas estradas de rodagem e se cruzam pelas ruas de nossa pequenina urbe. Dir-se-ia que a nossa comuna é um resumo do mundo étnico; um crisol em que se fundem indivíduos das mais variadas procedências para formar uma raça única que há de surgir dentro de poucas gerações (CORREIO SERRANO, edição de 06 de setembro de 1933, Ijuí – RS).

Diferente do que propagava o jornal a convivência entre as diversas etnias nem sempre foi pacífica na colônia. Há estudos que comprovam divergências em alguns grupos principalmente entre poloneses e alemães.

A economia de Ijuí pode ser classificada em quatro fases distintas:

Os responsáveis pela primeira fase da economia de Ijuí anterior a 1890 conhecida também como economia de subsistência foram os primeiros habitantes da região que eram chamados de caboclos ou nacionais (luso - brasileiros, mestiços).

Estes caboclos na grande maioria eram posseiros que moravam em áreas consideradas devolutas, pertencentes ao governo e viviam da coleta da erva-mate e do cultivo de pequenas lavouras de milho, mandioca e feijão. Segundo pesquisas realizadas em 1896 a Colônia de Ijuhy, possuía 5.228 habitantes e já nessa época conseguiam produzir sobras excedentes.

Nesta primeira fase da agricultura os “colonos” vendiam os excedentes de seus produtos agrícolas nas casas comerciais das cidades mais próximas como Santo Ângelo e Cruz Alta e adquiriam outros bens necessários.

A segunda fase da economia de Ijuí está contida no período de 1900 a 1949 e pode ser identificada como a fase de diversificação da agricultura e do início da industrialização. Para o município de Ijuí foi uma fase de grande desenvolvimento industrial, que juntamente com a adoção da prática da policultura na agricultura, é considerado um período de muito crescimento.

A diversificação da produção acontecia através da produção de laticínios, de suínos, da banha, da erva-mate e da aguardente, com uma atenção diferenciada para o cultivo do milho da alfafa e da mandioca. Conforme Cremonese (2006) este modelo de diversificação pode ser chamado de agricultura tradicional ou agricultura colonial diversificada.

Para Weber (1987, p.167) “os imigrantes que se estabeleceram em Ijuí não foram unânimes em relação a prática da agricultura. Muitos dos que possuíam

recursos materiais ou intelectuais se dedicaram a aproveitar o potencial fabril do município” .

Diante deste contexto histórico foi na década de 30 e 40 que Ijuí despontou com um pequeno, mas dinâmico parque industrial. Ainda segundo Weber (2002) nos anos 30 o ramo de maior expressão foi o da suinocultura voltado para a produção da banha, principal produto de exportação, aqui entendido como comercialização fora do município de Ijuí. Já em 1941 o promissor município de Ijuí mantinha a primeira posição estadual na produção de manteiga¹⁹ (CORREIO SERRANO, 1941, n.23 apud WEBER, 1987, p. 131).

Outro grande empreendimento na área industrial foi a fundação do Frigorífico Serrano que chegou a ocupar uma posição de destaque no Estado e que durante anos foi o propulsor do desenvolvimento de Ijuí, pois em determinadas épocas, especialmente nos períodos de safra chegou a ter 500 empregados. A falência do Frigorífico Serrano foi decretada na década de 80(CREMONESE, 2006).

Foram inúmeros os setores industriais que se destacaram principalmente nos anos 40. Conforme os dados do censo de 1940 existiam nos municípios da região 632 empresas da indústria de transformação. Nesse período foi evidente o crescimento e o fortalecimento da economia do município de Ijuí. Com a diversificação da produção agrícola, um número expressivo de indústrias começou a surgir e também as associações recreativas. Segundo Canabarro (1999), em 1931, na região havia 130 sociedades recreativas.

O sentimento comunitário sempre esteve presente na comunidade de Ijuí, isso pode ser comprovado pelas inúmeras associações existentes tanto de caráter comunitário quanto social, artístico e cultural. Mas a fase áurea da pujante economia de Ijuí e da região começa a declinar no final dos anos 40 e a região começa a enfrentar uma certa estagnação em relação ao crescimento econômico tanto no setor industrial como no setor agrícola.

A partir dos anos 50 a região começa a estruturar-se novamente para superar esse período de crise, e foi justamente nessa época que nosso biografado Frei Matias aportou em Ijuí. Esses anos como veremos adiante, são muito importantes para a história de Ijuí e da região.

¹⁹ Ijuí, nesta época, exportava manteiga para a Inglaterra (CORREIO SERRANO,1941,n.23 apud WEBER,1987,p.128).

A terceira fase econômica de Ijuí (1950 – 1979) compreende um período de aproximadamente 29 anos, onde o processo de modernização da agricultura foi muito intenso e transformador.

A modernização na agricultura “compreende mudanças nos métodos e técnicas de produção na utilização de máquinas, equipamentos e insumos químicos, e nas relações de produção” (BRUM; TRENNEPOHL, 2004, p. 27). Nesse período os avanços atingiram o campo, com crescimento nos anos subseqüentes.

As transformações ocorridas nos anos 50 puseram fim ao modelo agrícola da policultura. Na região de Ijuí a banha suína foi substituída pela soja. Verificamos, portanto que tanto em escala local como nacional as mudanças na agricultura se fizeram dentro de um mesmo modelo, pois a modernização da agricultura brasileira ocorreu em sintonia com a expansão do capitalismo mundial e com o “modelo econômico brasileiro”, associado e dependente (BRUM; TRENNEPHOL, 2004). Esse processo foi induzido pelos grandes grupos econômicos mundiais, especialmente pelos norte-americanos, através da “Revolução Verde”, consolidando uma nova fase do sistema capitalista a partir da Segunda Guerra Mundial, dado o deslocamento do eixo econômico da Inglaterra para os Estados Unidos. Deixamos de gravitar em torno da Inglaterra e passamos a gravitar em torno dos Estados Unidos em relação a nossa dependência econômica. Inicialmente a Revolução Verde surgiu aparentemente com um caráter humanitário com objetivo de aumentar a produção agrícola do mundo, com aperfeiçoamento e desenvolvimento de pesquisas no campo da genética vegetal, bem como a descoberta de técnicas agrícolas mais eficazes e modernas.

De acordo com Brum (1998, p. 44), “Através dessa imagem humanitária, ocultavam-se, no entanto, poderosos interesses econômicos e políticos ligados à expansão e fortalecimento das grandes corporações a caminho da transnacionalização”.

Ampliaram-se as vendas de insumos e equipamentos agrícolas modernos em escala mundial.

Em Ijuí e região a partir do processo de modernização da agricultura inicia-se, o binômio trigo - soja, através da produção em larga escala, contrastando com o modelo agrícola anterior que era policultura do minifúndio agrário. Esse binômio agrícola vai se consolidar a partir da década de 60.

A produção de soja brasileira era destinada, em sua maior parte, à exportação. A valorização dos preços do trigo e da soja atingiu patamares mais elevados no início dos anos 70 e a mecanização cresceu num ritmo acelerado provocado pela facilidade de créditos e subsídios oportunizados pelo governo (BRUM, 1998). O país e a região foram contemplados com pacotes tecnológicos desenvolvido em importantes centros de pesquisa do mundo e contrapondo-se ao que vinha sendo desenvolvido até então.

A quarta e última fase da economia de Ijuí inicia-se na década de 80 até os dias de hoje, e caracterizou-se pelo incremento no setor de prestação de serviços e a continuidade do binômio trigo-soja, aliada a uma maior diversificação agrícola (pecuária de gado leiteiro, piscicultura e apicultura).

De acordo com Valdés (2000 p. 22):

Desde fines de la década del 30 y sobre todo en los años 40 y 50 se acentúa nuevamente lo modernizador en la línea de la CEPAL (Comisión Económica para América Latina), cuando se propone con fuerza el proyecto de industrialización. Raúl Prebisch, inspirando a toda una generación de científicos sociales e ingenieros, va a sintetizar la necesidad de modernizar la producción, las estructuras, la educación.

Na obra *“El pensamiento latinoamericano en el siglo XX”* Eduardo Devés Valdés, argumenta que ondas sucessivas de modernidade e de identidade se alternam e que o projeto modernizador valoriza o tecnológico, o financeiro, o mecânico em detrimento do cultural, do humano e do social e os períodos de identidade que sucedem o projeto modernizador, reivindicam a defesa do americano do indígena, do próprio e priorizam o social, o humano, a igualdade, e a justiça.

Dentre as diversas ondas de alternância entre estes dois projetos antagônicos, o fim da década de trinta até a década de 50 inclusive, foi habitat do projeto modernizador.

Conforme Brum (1999, p. 227), no Brasil “Empresas multinacionais foram ocupando espaço nos setores mais dinâmicos e lucrativos, sobretudo na indústria de bens duráveis”.

O processo de modernização do país passou também a exigir reformas no campo educacional, já sinalizadas a partir de 1930 com a criação do Ministério de Educação e Saúde. No ano seguinte foi criado o estatuto das universidades brasileiras e em 1934 criou-se a Universidade de São Paulo.

A partir da segunda metade da década de 50 iniciou-se o processo de interiorização do ensino superior, cuja expansão, promovida pelo Estado, não conseguiu atender a crescente demanda. A partir de então, as instituições confessionais, comunitárias e iniciativas privadas passaram a fazer parte deste processo, interiorizando o ensino superior no Brasil.

Em Ijuí a partir de 1957 é criada pelos frades Capuchinhos a primeira Instituição de ensino superior. Entre os fundadores e organizadores merece destaque Frei Matias de São Francisco de Paula, que havia chegado a Ijuí em janeiro de 1952.

É nesse cenário multicultural e multiétnico em crescimento que Frei Matias vai atuar tanto nas atividades religiosas como educacionais e comunitárias, conforme veremos no próximo seguimento.

2.3 A ATUAÇÃO DO FREI MATIAS DE SÃO FRANCISCO DE PAULA NA “GRANDE IJUÍ”

O novo lugar social ocupado por Frei Matias em Ijuí era no âmbito de sua atuação religiosa e educativa “especialmente o convento, a Paróquia de São Geraldo e a Escola Normal Sagrado Coração de Jesus” (MARQUES, 2003, p.49). Somadas a essas atividades assumiu também o cargo de diretor dos estudantes no convento e no Seminário. Isto significava que desde o início de sua chegada em Ijuí Frei Matias despontava como uma liderança e já assumia diversas funções educativas e religiosas em Ijuí.

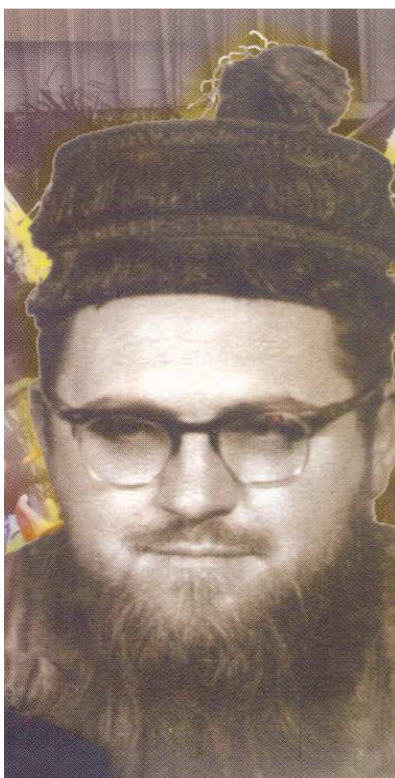


FIGURA 5 - Frei Matias de São Francisco de Paula

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

Na Escola Normal Sagrado Coração de Jesus lecionava as disciplinas de filosofia, história da educação e religião. Para os Capuchinhos:

Em Ijuí, os primeiros tempos foram difíceis. Tudo estava para começar, e a Fraternidade era grande. Para solucionar o problema, os padres assumiram, além das Capelarias do colégio das irmãs, e do hospital, aulas no Colégio das Irmãs, e não demoraram, como veremos, a cooperar na fundação de outros colégios, dos quais vão assumir a direção. É bom lembrar que o estipêndio das missas e sacramentos de cada padre era a principal fonte de sustentação econômica da Fraternidade (LAZZAROTTO, 1981, p. 48).

Com a profissão o religioso emite o voto de pobreza e tudo o que for adquirido por ele deve ser colocado à disposição do superior administrador para uso comum.

“Ademais com o caridoso intento de auxiliar os padres da matriz de Nossa Senhora da Natividade de Ijuí os Capuchinhos aceitaram, a pedido deles, celebrar na dita matriz, a última missa nos domingos e dias santos de guarda”(LAZZAROTO, 1981, p. 47).

Assim, Frei Matias além das funções de capelão da paróquia São Geraldo também ajudava o pároco da igreja da Natividade.

Sua jornada de trabalho se dividia entre orações, e as funções do seu ofício relacionadas ao ensino , pastoral paroquial, coral e missas. Aos sábados, dava aulas de catequese e fazia um programa na rádio local que versava sobre temas culturais religiosos além de visitas nos bairros especialmente os da periferia onde se concentravam as famílias mais pobres.

Posteriormente trabalhou com a Juventude Católica de Ijuí e com a organização e à implantação de Grêmios Estudantis.

Somando-se a isso desenvolvia também atividades como professor no Liceu Seminarístico que correspondia ao ensino médio (2º grau), e na Escola Normal Sagrado Coração de Jesus. Um dos instrumentos utilizados em seu trabalho eram os textos por ele produzidos, pois acreditava que o “escrever disciplina e aprofunda o pensamento”.

Em 1953, portanto um ano após ter chegado em Ijuí Frei Matias assume a direção do Ginásio Noturno “Soares de Barros”, mantido pela Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG), onde permaneceu por longos doze anos na direção da escola e esporadicamente assumia alguma disciplina como o latim. (MARQUES, 2003a).

Sobre Soares Barros, Frei Matias (apud LAZZAROTTO, 1981, p. 68), primeiro diretor do estabelecimento de ensino, comenta:

o elemento aglutinador aqui foi o prefeito Rubem Kessler da Silva. O qual achava que os Capuchinhos deviam assumir a coordenação dos dois estabelecimentos de ensino que estava criando, o Assis Brasil e o Soares de Barros. Falou com frei Libório, este me indicou para o Soares Barros. O Prefeito, de início, ficou meio assim... pois eu era muito novinho, mas afinal topou. Fiquei encarregado de organizar o Soares de Barros, como diretor e o Capitão Heitor Soares assumia a presidência do setor local da campanha.

Antônio Soares de Barros foi o primeiro comerciante e o primeiro prefeito eleito de Ijuí. Governou o município por um longo período, aproximadamente 18 anos. O nome do educandário era uma homenagem da comunidade local.



FIGURA 6: Antônio Soares de Barros, o Coronel Dico, Intendente de Ijuí.

Fonte: Acervo MADP, arquivo Família Beck.

Em relação ao educandário assim se pronunciou o Capitão Heitor Soares:

“Era um colégio para gente pobre e pensávamos num ensino gratuito para quem não tivesse nada. Enfim que se abrisse um canal até para um elemento marginal, que não tivesse recursos, mas que tivesse inteligência e vontade de aprender” (SOARES apud LAZZAROTO, 1981, p. 68).

Ainda no ano de 1953 os capuchinhos sensibilizados com a falta de lideranças e professores na comunidade local decidem assumir o ensino fora das próprias casas, em outras escolas, mesmo sobrecarregando suas jornadas de trabalho, pois não abandonam o colégio Sagrado Coração de Jesus e a Escola Normal. Estas atitudes, juntamente com a cordialidade e uma relação igualitária, sem distinção de credo ou raça, só aumentavam a popularidade dos capuchinhos, e as pessoas até diziam, “onde estivesse um capuchinho qualquer obra se desenvolveria” (LAZZAROTTO, 1981, p. 69).

Entremeadas às atividades de direção, Frei Matias participou do Grêmio Ijuicense de Letras (GIL) que congregava diversos intelectuais da cidade. Mais tarde

assumiu também a presidência dessa entidade. Nessa mesma época participou também como presidente da Sociedade Ijuicense de Amparo aos Necessitados (Siam) cujo objetivo era eliminar a mendicância e a presença de menores abandonados nas ruas da cidade, efetivar cadastros de indigentes e posteriormente atender-lhes as necessidades. Nesta mesma direção foi fundado pelos Capuchinhos o Instituto de Menores de Ijuí.

“Em artigo no Correio Serrano de Ijuí, de 23/06/1965:”

O Sr. Emíldio Arão Puccini conta que a idéia em criar o Instituto de Menores em Ijuí surgiu de uma crônica que ele havia publicado neste mesmo jornal, comunicando a respeito de um roubo de pão que teria sofrido numa fria manhã de inverno e que, pelos rastros dos pés descalços, revelava ter sido cometido por uma criança (LAZZAROTTO, 1981, p. 71).

Após a publicação da crônica o jornalista e diretor do jornal começou mobilizar e sensibilizar a comunidade para a necessidade em se criar uma Instituição que atendesse as crianças menores abandonadas de Ijuí. Para tanto foi criada uma comissão no sentido de criar e levantar fundos para a Instituição.

Sobre esta mobilização o professor Frei Matias (apud LAZZAROTTO, 1981, p. 72) recorda os primeiros tempos:

Começou com um movimento para a criação. Aí, se colocou a maçonaria no meio, Foi uma confusão, uma briga desgraçada. Isto foi uma das coisas agitadas em Ijuí daquela época. Havia um grupo que queria o patronato entregue á orientação da maçonaria e outro grupo que queria os Capuchinhos. Houve escaramuças para se eleger a primeira diretoria, como se esconder no Clube Ijuí e na hora “H” aparecer no salão da prefeitura (onde se processava a eleição) com o maior número e ganhar. Afinal venceu a facção dos que queriam os Capuchinhos, sendo eleito o Sr. Pedro Sanfelice.

Em carta, Frei Matias comunicava ao Frei Libório esta eleição: “os irmãos apareceram em peso [...] foi eleita a nova diretoria por unanimidade [...]. Tudo num silêncio sepulcral” (apud LAZZAROTTO, 1981, p.72).

Conforme Lazzarotto (1981), o início dos trabalhos para a fundação do Patronato dos menores aconteceu no ano de 1952, mas antes mesmo de iniciar o seu funcionamento, passou a denominar-se Instituto de Menores de Ijuí.

Em abril de 1955, foi firmado um convênio entre o presidente da entidade e os capuchinhos. Estes trabalharam junto ao Instituto por um período de onze anos.

Em relação à “Assis Brasil”, também dirigida pelos capuchinhos era uma escola normal rural com objetivo de formar profissionais da educação para atuarem na zona rural, e também difundir junto aos jovens do meio rural, as novas técnicas adotadas na agricultura somadas com conhecimentos de cultura geral. Esta escola mantinha um convênio com a Secretaria Estadual de Educação e Cultura que garantia auxílio aos professores e bolsas de estudo. Funcionava em regime de internato misto (FRANÇOIS; PINTO, 1971). Até hoje embora com outro nome (IMEAB) Instituto Municipal de Educação Assis Brasil mantém suas instalações em um dos acessos a cidade de Ijuí.

Ainda no ano de 1953 é fundado o Centro de Estudos Pedagógicos “Antonio Balbino” com o Frei Libório Veronese assumindo a presidência. Já no ano seguinte (1954) assume a presidência o Frei Matias. Deste Centro Educacional podemos afirmar, que foi o embrião da faculdade que seria implantada em 1957 a FAFI, pois ela surgiria agregada ao Centro de Estudos Pedagógicos “Antonio Balbino”. Este centro tinha por objetivo aproximar os professores e autoridades responsáveis pela educação, promovendo o debate através da cultura geral e das novas metodologias pedagógicas, estabelecendo intercâmbios na defesa dos interesses educacionais. De acordo com o livro de atas do CEPAB (Centro de Estudos Pedagógicos Antonio Balbino de Ijuí) o Frei Matias ministrava a maioria dos cursos.

No início de sua atuação o Centro se preocupou em trabalhar a responsabilidade dos pais na educação de seus filhos. Realizava também campanhas para uma boa relação entre pais e mestres. Com a nova direção que assume o Centro em 1955 iniciam-se os cursos especializados de Filosofia, Religião, Preparação ao Casamento e novas metodologias do ensino primário e secundário, além de treinamento para os pais dos alunos e campanhas comunitárias. Desenvolveu o Centro também, um Ciclo de Conferências sobre os problemas da infância e sobre literatura infantil a cargo do diretor do Instituto de Psicologia da PUC do Rio Grande do Sul. Em 1956 além de outras atividades o centro promoveu a feira do livro infantil.

De acordo com De Boni (1980) a posição da Igreja em relação ao ensino secundário no Rio Grande do Sul era de catolizar as elites gaúchas e prepará-las para a implantação e consolidação da ordem e progresso capitalistas. Na mesma direção encontram-se os capuchinhos. No início trabalhavam eles em função dos

imigrantes italianos “abandonados”, mas à medida, que alguns ascendiam socialmente e economicamente tornando-se comerciantes ou pequenos industriais ,

a ação dos capuchinhos, atingindo ainda a maioria, não deixava de se condicionar pelos interesses da minoria ascendente no comando dos negócios e do processo ideológico e político. Em Ijuí, os Capuchinhos, sobretudo em sua ação ideológico-cultural, na realidade eram atingidos pelas camadas médias da população. O engajamento no processo social só se tornava viável ao poder contar com os grupos que estavam sendo deslocados pelas transformações sociais em processo na economia regional e que deveriam buscar de outra forma novo lugar no contexto social (MARQUES, 2003c, p. 23).

A ascensão das elites locais aumentava a expectativa de novas oportunidades que seriam efetivadas através da educação. Era preciso implantar o ensino superior na região a fim de que pudesse atender às demandas do ensino médio e que norteasse a região na construção de um plano de desenvolvimento autêntico e fecundo.

Neste contexto Frei Matias foi incumbido de dar encaminhamento aos trâmites necessários para implantação do ensino superior em Ijuí.

O Professor Danilo Lazzarotto ao escrever o livro “Os Capuchinhos na História e no desenvolvimento de Ijuí” (1981), relata que em 1956, Frei Matias liderou a criação da sociedade Ijuicense Pró-Ensino Superior, articulando autoridades e forças comunitárias. Nesse mesmo ano foi designado pelos Superiores da Província, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, através da Sociedade Literária São Boaventura (entidade civil representativa da ordem no Rio Grande do Sul) para coordenar os trabalhos para criação e aprovação junto aos órgãos competentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI). Elaborou o processo para aprovação da FAFI e este mesmo processo foi protocolado por ele junto ao Conselho Nacional de Educação, no Rio de Janeiro. Nesta ocasião Frei Matias esperou por vinte dias até que o Presidente da República assinasse a autorização de funcionamento da FAFI, que ocorreu pelo:

DECRETO Nº 40.936 – DE 14 DE FEVEREIRO DE 1957.

Concede autorização para o funcionamento dos cursos de Filosofia e de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição, e nos termos do artigo 23 do Decreto-lei número 421, de 11 de maio de 1938, decreta:

Artigo único. É concedida autorização para o funcionamento dos cursos de Filosofia e de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, mantida pela Sociedade Literária São Boaventura e situada em Ijuí, no Estado do Rio Grande do Sul.

Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1957; 136.º da Independência e 69.º da República.

Juscelino Kubitschek
Clovis Salgado.

Diário Oficial (Seção I), fevereiro de 1957, 3727 (MUSEU ANTROPOLÓGICO DIRETOR PESTANA - UNIJUÍ, grifo do autor).

A notícia da autorização de funcionamento da Faculdade foi recebida com muita e emoção por parte da comunidade de Ijuí. Isso podemos comprovar conforme Editorial do Jornal Correio Serrano de 16/02/1957:

Da nossa parte cumprimentamos efusivamente os Padres Capuchinhos. Esses abnegados continuadores da obra do “Povorello de Assis” que tantos e assinalados serviços vêm prestando a Ijuí, terão agora, no campo de ensino, ampliada sua ação fecunda e benéfica.

Autorizada pelo Ministério de Educação (MEC), a Faculdade foi instalada oficialmente em 16/03/1957, e tornou-se a primeira Instituição de ensino superior na Região Noroeste do Estado. Concretizava-se assim, o sonho da comunidade local e regional de ter uma instituição de ensino superior, e concomitantemente supria a necessidade premente da Ordem dos Capuchinhos de ministrar aos seus quadros e aos jovens uma formação mais qualificada e um contato mais direto com as vivências do mundo moderno em constante transformação. “Assim, a FAFI já nasceu com a marca da participação comunitária, que a acompanhou nos seus desdobramentos e integrou seu projeto de Universidade” (BRUM, 1994, p. 40).

Como já dissemos em 16 de março de 1957 é implantado o Ensino Superior na Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul com o nome de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI). Era a aspiração dos Capuchinhos gaúchos e das camadas médias da população local que se deslocavam à procura de escolaridade. O vestibular para o ingresso na Faculdade foi realizado em março do ano de 1957.

Em relação a este evento realizado pela Faculdade, o Jornal Correio Serrano, de 09/03/1957, publica:

Ijuí está vivendo dias inesquecíveis, dias que passarão para o rol dos grandes acontecimentos locais como mensagens de estímulo às gerações vindouras. A nossa cidade está hospedando a maioria dos vultos de talento

da região. São mestras, professores, advogados e outros que aqui se encontram fazendo os exames vestibulares de pedagogia e filosofia para ingressarem na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí. (p. 6).

O Redator da matéria destaca a visita realizada na Faculdade de Ijuí:

Ontem pela manhã estivemos no amplo e moderno edifício da Escola Normal Sagrado Coração de Jesus, onde está funcionando provisoriamente a Faculdade de Ijuí e onde estão se realizando os exames, que terminarão hoje. [...] Precisamente 80 alunos estão fazendo exames, 47 estão fazendo exames para o curso de Pedagogia (cadeira de Psicologia e Lógica) e 33 para o curso de Filosofia (CORREIO SERRANO, 09/03/1957, p. 6).

Tratando-se do primeiro vestibular, realizado numa Faculdade no interior do estado, houve um expressivo número de candidatos que realizaram a prova de seleção no ano de 1957.



FIGURA 7 - Escola Normal Sagrado Coração de Jesus - primeira sede da Faculdade de Filosofia de Ijuí, de 1957 a 1964.

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

O Correio Serrano, de 09/03/1957, também publica a manifestação do Diretor da Faculdade Frei Dr. Armindo em relação aos candidatos do primeiro vestibular - 1957:

Estou admirado e alegremente surpreendido com os resultados dos exames. Os alunos em sua quase totalidade, são elementos de sólido lastro cultural, pessoas experientes nas lides do magistério e outras. Além disso, observa-se que estudaram com afinco, estando em condições de enfrentar com segurança qualquer banca examinadora. (p. 8).

Depreendemos da entrevista do diretor da Faculdade que a grande maioria dos candidatos no vestibular eram professores que buscavam uma maior qualificação através dos cursos de licenciatura dirigidos à formação de professores de nível superior. Estes cursos também eram uma aspiração dos capuchinhos e vieram ao encontro dos anseios da região. A FAFI, portanto, nasceu com o espírito do associativismo e da participação comunitária.

De uma dimensão individual e individualizante evolui-se para uma dimensão marcada pela preocupação com o social e voltada para a grupalização e o associativismo. Cada pessoa é um ser único, tem na comunidade um lugar e um papel seu, intransferível. É nos grupos e associações, no encontro e confronto com os outros - no espelho do outro - que as pessoas, ao descobrirem os outros se encontram e descobrem a si próprios como sujeitos participantes e criativos- construtores solidários da história, criando clima e gerando condições para a efetiva convivência democrática (BRUM, 1994, p. 19).

Mantida por uma ordem religiosa a nova Faculdade seria fiel à doutrina e ao método educativo da filosofia franciscana. O espírito franciscano, e o audacioso empreendimento que ocorreu em circunstâncias históricas e socioculturais específicas, se expressaram através do Lema da Faculdade:

COR ad COR - coração a coração ou COR ad COR LOQUITUR -O Coração fala ao coração - lema inscrito na FAFI e depois na FIDENE (em seus símbolos ou logomarcas) é a expressão do espírito de educador apaixonado pela causa dos homens em todos os lugares em que estivessem e nos diversos tempos de suas vidas (BARCELOS, 2003, p. 86).



FIGURA 8 - Lema inscrito na FAFI e depois na FIDENE em seus símbolos ou logomarcas
Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

O discurso de Frei Matias no ato de inauguração da FAFI completa o panorama de análise da fundação da primeira instituição universitária de Ijuí e realça a prática educativa que seria doravante a marca da FAFI: uma faculdade a serviço da região e um pólo de irradiação da cultura humanística.

Tal discurso foi proferido, em nome da Entidade Mantenedora²⁰, definindo os propósitos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, na solenidade de sua Instalação, em 16 de março de 1957.



FIGURA 9 - Mesa diretora da solenidade de instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí com Frei Matias de São Francisco de Paula fazendo o pronunciamento oficial em nome da sociedade literária São Boaventura

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

²⁰ A Sociedade Literária São Boaventura, Entidade Civil representativa da Província dos Frades Menores Capuchinhos no Rio Grande do Sul.

Frei Matias assim se pronunciou:

Esta solene assembléia, em que se instala oficialmente a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, marca o encontro feliz de duas aspirações.

De uma parte, toda a região do Noroeste do Estado, num afã de progresso e renovação, faz-se à necessidade de imprimir a seu espantoso desenvolvimento um rumo definitivo, sentindo a urgência de um centro de cultura superior que viesse dar alma à civilização que aqui se constrói econômica e industrialmente - esta imensa região semeada de estabelecimentos de ensino de grau médio a reclamarem professores idôneos e capazes, em número cada vez maior.

De outro lado, a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos no Rio Grande do Sul, sequiosa de ministrar a seus membros jovens, uma formação sempre mais aprimorada e um contato mais íntimo e cordial com as multiformes vivências do homem moderno (BRUM, 2003b, p. 13-14).

Frei Matias evidencia as duas principais aspirações e / ou necessidades que foram propulsoras do projeto de criação de uma faculdade na região.

Do encontro dessas aspirações nasceu a realidade de hoje, ou melhor: o começo a que assistimos, pois nossa Faculdade ensaia hoje seus primeiros passos. Inicia apenas. Mas como uma idéia que já é vencedora, como uma idéia que se antecipa aos fatos e onde importa lermos os rumos que ela deve seguir para se manter fiel a si mesma, fiel aos sonhos que a acalentaram e aos propósitos que lhe deram vida. É uma Faculdade para servir a esta região. Deverá, portanto, responder aos apelos da realidade local (BRUM, 2003b, p. 14).

Aqui Frei Matias nos coloca a par de um dos principais objetivos da nova faculdade que se instala.

Não conhecemos aqui os problemas agudos e pertinazes dos grandes centros. Não sofremos ainda a angústia das ruas trepidantes de surpresas, onde o homem vive a tensão nervosa de solicitações sem número, atropelado a cada passo pela coletiva loucura de correr, de chegar a tempo, de chegar antes, de salvar-se pela fuga, de vencer pelo calculismo, de superar pela máquina. Não conhecemos a sufocação dos aranha-céus, onde o homem se estandardiza, perde o saneador contato com a natureza, fecha-se as expansões espontâneas da solidariedade humana, isola-se dos outros, isola-se de si mesmo, desumaniza-se na angústia, na luta inglória pelo não sucumbir esmagado, pelo sobrar, pelo viver apenas. Não sofremos ainda o exarcebo da desumanização de nossa época. Temos, no entanto, nossos problemas próprios, problemas que talvez apenas se esboçam, que mal se anunciam, mas que importa prevenir antes que seja tarde para remediar. A angústia dos grandes centros sopra diariamente para o interior sua mentalidade demolidora, grita por todos os meios o anúncio sedutor de suas inúmeras condições de vida, contagia pelo multiforme contato de suas chagas, alicia pela despudorada fuga às responsabilidades definidas. E mais do que isso. O próprio progresso do interior, o acelerado desenvolvimento comercial e industrial de nossas comunas, as máquinas que devoram distâncias ou rasgam o seio da terra ante o olhar atônito e humilhado do homem pequenino e fraco, conspiram contra o equilíbrio, a

paz, a harmonia do viver, ameaçam-nos com a insatisfação e a angústia, preparam a capitulação do espírito esmagado pelas forças brutas que ele mesmo, com tanto afã e tão altas provas de sua superioridade, vem libertando da estupidez da matéria. Civilização significa domínio do homem sobre a natureza. Mas este domínio requer como base e garantia de estabilidade e equilíbrio, requer cultura, vale dizer autodomínio, autodisciplina, posse perfeita e pacífica de uma personalidade ricamente estruturada, fortemente integrada e sabiamente adaptada à realidade (BRUM, 2003b, p. 14-15).

Frei Matias apreensivo com a desumanização do homem nos grandes centros, e com a ameaça da disseminação para as comunidades do interior, salienta a doutrina filosófica da faculdade que se instala para prevenir o agravamento destes problemas.

Há sempre o perigo do desenvolvimento técnico, o acúmulo de riquezas, criarem uma civilização desumana, sem alma, onde o espírito se aniquila pelas forças que ele desencadeou, surdo às responsabilidades que implicitamente assumiu, incapaz de solucionar os problemas que sua inconsideração suscitou, vencido pela consciência de que deveria assumir uma posição, onde sua cobardia enxerga agora de: ou ser livre ou sucumbir. A Faculdade de Filosofia, Ciências e letras de Ijuí deverá ser, para toda a região missioneira, um centro de irradiação de cultura, de humanização do homem, de libertação do espírito para o domínio de si e da natureza. Construiremos- mestres e alunos- através de um jornada amigo e mutuamente encorajador, construiremos um saber consciente de suas responsabilidades, antes orgânico e disciplinado do que vasto, voltado para a vida e seus problemas, para a nossa vida e nossos problemas, para a vida e problema dos homens, cujo convívio diariamente procuraremos no afã de receber e de dar (BRUM, 2003b, p. 15-16).

O artífice da faculdade que ora se instala manifestou as expectativas e a filosofia de trabalho que nortearão esta escola de nível superior.

É necessária, sem dúvida, a especialização, é imprescindível uma formação especulativa que desenvolva e robusteça as inteligências aguçando-as para a luta das altas esferas do pensamento, tornando-as refratárias à dúvida, amantes da justeza e da claridade, fortalecidas ao contato dos inderrocáveis princípios do ser. Mas essa mesma inteligência há de descer, depois da especulação, ao convívio das realidades que a circundam, há de aquiescer-prazenteira e amiga- ao diálogo da fraternidade. Professores e alunos, alunos - professores, não de deixar nossas salas de aula com a ânsia do semeador que vai confiar à terra amiga o melhor que guardou – não de voltar para a sua vida diária com o alvoroço do amigo que viajou longes terras e nos traz no coração e nos lábios mensagens de mundos novos. Não de semear nos estabelecimentos de ensino desta região, já tão numerosos e tão ricos de esperanças. Não de semear através de todas as suas atitudes, no lar e na escola, nas oficinas e nas praças, no contatear humano de cada instante (BRUM, 2003b, p. 16).

Frei Matias transmite suas expectativas em relação à construção, a inserção e a difusão do conhecimento. A faculdade não deverá apenas elaborar e transmitir

conhecimento, mas despertar nos partícipes alunos / professores uma visão global e uma vontade pertinente de imiscuir-se e intervir no real.

E nossa faculdade há de abrir as portas para todos. Há de falar ao povo a linguagem do povo. Há de ministrar cursos de extensão universitária para difundir a cultura, há de incrementar cursos populares, como preparação ao casamento, de psicologia prática, de pedagogia para pais e educadores, há de penetrar todos os lares através da imprensa escrita e falada. Tudo isso para edificar, para construir, para salvar o nosso homem do interior. Numa palavra: a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí pertence a esta região: para resolver problemas específicos, para conjurar perigos, para influenciar atitudes, para conservar e estruturar definitivamente essa mentalidade sadia de amor ao trabalho, amor ao progresso controlado pelo espírito, amor à responsabilidade na educação de nossos filhos, sentido de alta dignidade humana de filhos de Deus (BRUM, 2003b, p. 16-17).

O representante da Mantenedora, Frei Matias, assinala os compromissos comunitários da FAFI idealizado como um pólo de irradiação de cultura, de humanização, de difusão de cursos populares não esquecendo o homem do interior excluído da jornada do conhecimento e da cidadania.

Além de pertencer a esta região e dever-se, portanto, situar dentro desta ambiência, a Faculdade que ora se instala, será mantida e orientada pela Sociedade Literária São Boaventura, vale dizer pela Província dos Frades Menores Capuchinhos no Rio Grande do Sul. Ora, a Entidade Mantenedora possui um espírito próprio, possui uma tradição a conservar e transmitir. Esta uma das vantagens das ordens religiosas no terreno educacional. Vivem elas uma tradição de ensino. Suas experiências não duram o curto lapso de tempo da vida de um homem, mas vêm de séculos, alicerçam-se na paciência de gerações que timbraram em transmitir, na seqüência dos séculos, o facho de uma mesma luz e a renovação sempre vivida de um mesmo espírito (BRUM, 2003b, p. 17).

Como foi a primeira mantenedora da FAFI, a Sociedade Literária São Boaventura dirigida pelos frades capuchinhos, portadora de uma experiência secular no campo educacional, imprimiu na faculdade que nascia o espírito capuchinho da pedagogia franciscana.

Em nosso caso, possuímos uma doutrina e um método educativo, enriquecidos por sete séculos de experiências vividas. No terreno doutrinário, dentro da filosofia perene, essa colaboração universal dos pensadores todos através dos tempos, dentro da Filosofia Escolástica, isto é, da fidelidade ao roteiro seguro e ensolarado que nos traçaram os grandes mestres do pensamento antigo e medieval, a Ordem Franciscana tem uma Escola própria. Possui ela nomes que pontilham o firmamento da história de Filosofia como estrelas de primeira grandeza. Alexandre de Hales, São Boaventura e João Duns Scot, para só citarmos os maiores, não esqueciam, em meio às altas especulações, o seu coração de filhos de São Francisco de Assis. E ouviam a cada instante a voz do seráfico Pai que os convidava aos espetáculos da criação, que os incitava ao diálogo fraternal com os seres, ao debruçar-se amoroso sobre as irmãs criaturas. E eles, os grandes

e, juntamente com eles, todos os pensadores franciscanos vieram construindo através dos séculos uma Filosofia norteada por alto senso de realidade, preocupada em não perder jamais o contato com a vida, incapaz de esquecer, por um instante sequer, o homem concreto, o homem angular, com seus problemas concretos e únicos. A Ordem Franciscana possui também um método: método de pesquisa, de procura da verdade e método de ensino, de comunicação do saber adquirido (BRUM, 2003b, p. 17-18).

Frei Matias discorre sobre a doutrina e o método educativo ambos alicerçados em séculos de experiências vivenciadas. Os grandes nomes da história da filosofia, pertencentes à Ordem Franciscana junto com os demais produziram uma doutrina filosófica humanística e real.

São Francisco legou a seus filhos o amor a todas as coisas, o desejo de descer ao nível delas para compreendê-las e, como qualidade de inteligência, a intuição, esse olhar simples e direto à realidade presente. Simpatizar com os seres para compreendê-los, acercar-se deles com amor e respeito, cultivar esse sentido fecundo de admiração que se esquece para assemelhar-se e entender. Peço licença para citar um grande franciscano, o Padre Agostinho Gemelli, fundador e Reitor da Universidade de Milão, presidente perpétuo da Academia Pontifícia de Ciências: “A qualidade da inteligência que mais sobressai é a simpatia. Pela simpatia nada lhe é estranho: tudo lhe interessa em a natureza e nos homens. Como vai à verdade com toda alma assim vai às criaturas com uma atenção afetuosa, disposta muito mais a admirar do que a criticar, porque sabe que uma centelha de bem se encontra mesmo nos seres mais abjetos. Por simpatia a inteligência franciscana sabe transfundir-se nos outros até sofrer com eles de suas dores íntimas; por simpatia sabe estudar as doutrinas dos adversários segundo o seu espírito e a sua lógica interna, e sabe apanhar aquele raio de verdade que se oculta nos erros mais tenazes. Mais dificuldade acha em compreender, e mais se atira a amar, até que o escuro objeto abandone seus véus aos amor que os torna transparentes”. Para transmitir a verdade, amar o discípulo. Identificar-se com ele nesta simpatia franciscana que procura, esquecendo-se a si mesma, compreender a alma do discípulo penetrar-lhe e viver com ele o momento psicológico dele. Simpatia que “não é, no fundo, senão o máximo realismo unido à mais espiritual pobreza, aquela que se despoja do próprio eu, e até dos mais caros sentimentos, para identificar-se com os sentimentos dos outros”, a fim de conduzi-los à verdade (BRUM, 2003b, p. 18-19).

O desprendimento absoluto, a solicitude fraternal isenta de qualquer interesse exceto o de auxiliar, a simpatia cativante que permite garimpar nos recônditos da alma a pepita do bem e da verdade existente em cada outrem. Virtudes essas tão cultivadas, que se tornaram uma marca emblemática da filosofia franciscana.

Isso, senhores, toda essa filosofia de amorosa aproximação dos seres, todo esse método de simplicidade e de simpatia, de colóquio amigo e fraternal entre os mestres e discípulos, nós desejamos seja o escopo e os caminhos de nossa Faculdade de Filosofia. Isso nós quisemos significar com o lema que escolhemos: “*Cor ad cor loquitor*”. O coração fala ao coração. A alma toda, desprevenida e singela, confiante e alegre simples daquela

simplicidade que o Evangelho pede para nossos olhos, extasiada como a criança que se esquece a contemplar os seres, a alma toda que vai ao coração da verdade, ao âmago das coisas, insensível às aparências que enganam, insatisfeitas das palavras que deturpam, sequiosas da bondade que se oculta, sagaz para as belezas mais escondidas, fremente de júbilo ao conúbio com a verdade e o bem. O coração do mestre ao coração do discípulo, pois ensinar é dar de si, é permitir que sua alma transborde para a alma de outrem. Os lábios pronunciam palavras, o corpo todo executa mímicas, mas são as almas que devem falar, elas que se devem comunicar, encontra-se no terreno comum do mútuo amor e do interesse recíproco. O mestre retirando do seu coração para o coração do discípulo os tesouros que o homem bom guardou com a paciência das coisas antigas e com o alvoroço das novas (BRUM, 2003b, p. 19-20).

O lema adotado pela FAFI “*Cor ad cor loquitur*” foi criado pelo bispo anglicano inglês John Henry Newman (1801-1890) que ao tornar-se cardeal, tinha como mote episcopal esta expressão latina. O coração fala ao coração como método de comunicação entre mestres e discípulos em uma interação fraterna e verdadeira que traduzia a metodologia franciscana adotada na faculdade que nascia.

E agora, senhores, permiti que, finalizando, eu preste aqui uma homenagem póstuma e um mestre capuchinho, semeador de sabedoria e de bondade que deverá estar aqui neste instante, para assistir ao alvorecer da obra de que foi pioneiro e que ele preparou em mais de meio século de cotidiano labor: O Padre Frei Pacífico de Bellevaux. Há vinte dias apenas, veio buscá-lo, a irmã morte, deixando consternados seus confrades, mas resolutos a levar adiante a obra que ele encetou. Quando no Rio Grande do Sul pontificavam os enfatuados positivistas da primeira república, ao tempo em que, nos meios intelectuais do Estado, era audácia suma e quase escândalo falar alguém em Metafísica e Filosofia, Frei Pacífico, a fim de perenizar o entusiasmo suscitado pelas celebrações do 7º centenário da morte de São Francisco de Assis, em 1926 fundava o “Instituto Católico de Ciências e Letras” onde pronunciaria suas apreciadíssimas conferências filosóficas e sustentaria acirradas polêmicas com os defensores do materialismo. Do “Instituto Católico de Ciências e Letras” saíram os mais expressivos nomes que hoje honram as letras e as cátedras de Filosofia na Capital do Estado. Preparou ele o terreno para a vitoriosa Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, aqui tão bem representada por seu magnífico Reitor, e que já fez sentir sua benéfica influência em todo o Estado. Por isso, a 14 de março de 1951 a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul concedida a Frei Pacífico o título de “*Doctor honoris causa*”, saudando-o pela voz comovida de Armando Câmara como o “mestre da intelectualidade gaúcha”. Nessa mesma ocasião S. Excia. Revma., o Senhor Arcebispo Metropolitano, Dom Vicente Scherer, afirmava de público ser Frei Pacífico o “doutor da caridade” dentro daquela universidade do sofrimento, a colônia de Itapuã, que ele escolhera para viver seus últimos anos, como autêntico filho de São Francisco, entre os irmãos leprosos, repetindo a frase que Ihe era familiar: “a caridade fala a linguagem universal, que todos compreendem”. Que sobre nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí paire sempre o espírito franciscano de Frei Pacífico de Bellevaux, na exaltação e na vivência do amor como sabedoria e como método de ensino, realizando as esperanças que nela depositamos, na fidelidade ao lema: “*Cor ad cor loquitur*” (BRUM, 2003b, p. 20-21).

Foi um discurso dirigido a população regional. Expressa uma profunda preocupação com o desenvolvimento econômico, social e cultural da região.

Segundo Frantz (2001, p. 23) o discurso pode ser lido,

como o anúncio da construção de um novo espaço de poder, a confrontar-se com outros espaços de poder existentes, a partir do núcleo acadêmico a ser estruturado. Foi um anúncio da construção de um espaço de poder, na região, embasado no conhecimento, ao lado dos espaços de poder, embasados na economia e política regional, na tradição ou em outras práticas sociais. É um discurso de afirmação e não deixa dúvida sobre o esforço a ser feito para inserir-se, de todas as formas possíveis, no contexto de desenvolvimento regional. Contém uma percepção ampla de desenvolvimento, que vai do espírito à matéria, da realidade a metafísica, da mudança a conservação. [...] revela a vontade política por uma aliança com os diferentes grupos sociais da região, em direção a um projeto comum (grifo nosso).

Podemos perceber ainda no seu discurso o espírito que sempre foi característico dos Capuchinhos, o “servir”.

Neste pronunciamento, evidencia-se o espírito franciscano da filosofia construída através dos séculos, dentro de um método de pesquisa de procura da verdade e método de ensino de comunicação do saber adquirido a partir do diálogo fraternal com os seres humanos.

Ainda expressa o pensamento de Frei Matias que tem a predominância da Escolástica que era a formação que os seminaristas recebiam no mundo inteiro, mas Frei Matias também se aprofundou na Teologia, no pensamento da linha franciscana. Então ele alia à Escolástica, o pensamento franciscano e a sensibilidade para o social. O que fica evidenciado claramente ao longo de seu pronunciamento.

De acordo com Frantz (2003, p.83), “o texto de seu discurso revela também a preocupação com os mais fracos, os pequenos. Revela as bases as para a construção de alianças sociais”. O texto evidencia ainda princípios de sua militância social que já neste momento se aflora e vai se concretizar mais tarde no trabalho desenvolvido junto ao Movimento Comunitário de Base.

Algumas considerações sobre a inauguração da Faculdade de Filosofia de Ijuí foram feitas pelo escritor Dr. Martin Fischer²¹ no programa Hora Alemã da Rádio Repórter de Ijuí.

²¹ Dr. Martin Fischer foi um dos fundadores e primeiro diretor do Museu Antropológico “Diretor Pestana”. Localizado na cidade de Ijuí, o Museu foi criado e mantido pela hoje Fidene/Unijuí.

Permitam-me hoje falar-lhes sobre o evento que no sábado e domingo passado chamou a atenção dos pensamentos e sentimentos não só de todos os habitantes de Ijuí, mas que refletiu para muito além da cidade e do município, em todo o Estado do Rio Grande do Sul: a abertura da nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Ijuí. [...]. No convite oficial da inauguração constava no cabeçalho o verbo latino: “Cor ad cor loquitur” – O coração fala ao coração. O coração estava ostentado em grandes letras também no salão de festas da Sociedade Ginástica, na comemorativa inauguração da Faculdade. De certa forma, foi o lema de toda comemoração. [...]. Pode parecer estranha, talvez segredos a grande confiança e simpatia que a Ordem dos Capuchinhos em relativamente curto período conquistou aqui em toda a Ijuí, também entre a população não católica. O que a Ordem realizou aqui nos poucos anos de sua atuação – e isso não foi nada pouco! -, por si, já bastaria para lhe assegurar respeito, reconhecimento e gratidão. [...]. Se bem que Ijuí deve aos Capuchinhos, genericamente, muita gratidão por terem seus esforços alcançado a realização do sonho de uma Faculdade de Ensino Superior em tão pouco tempo. *Justiça seja feita ao ressaltar que, em primeira linha, deve-se ao incansável trabalho de Frei Matias poderem dentro de prazo curto ser superados completamente todos os obstáculos e dificuldades. Frei Matias, o guardião do Seminário São Geraldo e dirigente do Centro de Estudos Pedagógicos “Antonio Balbino” que, pelas suas atividades profissionais efetivamente já sobrecarregado, com sua atuação incansável e carinhosa em prol da idéia da Faculdade de Filosofia para a região da Serra e das Missões, deu a todos um exemplo resplandecente de como se pode resolver todas as dificuldades através de trabalho planejado, objetivo, e impávido diante de quaisquer dificuldades. Estar a Faculdade de Filosofia em Ijuí, de certa forma, “resolvida”, [...] é primeiramente o mérito do Frei Matias. E valham primeiramente, a este padre incansavelmente ativo, sempre prestativo e não obstante feliz em seu íntimo, gratidão e parabéns*²² (grifo nosso).

Em relação ao discurso proferido por Frei Matias apresentado anteriormente, Martin Fischer assim se pronunciou na Hora Alemã:

O Frei Matias havia colocado no centro das atenções de sua comvente fala, no ato da inauguração, o verbo já citado: “Cor ad cor loquitur” – o coração fala ao coração. Nós dizemos: “comvente”; pois, efetivamente, dessa fala resplandecia o espírito de São Francisco de Assis, falava o coração humano do padre, e o que dizia não invadia apenas os ouvidos, invadia os corações dos ouvintes. Cor ad cor loquitur! Essa palavra, enquanto símbolo e enquanto estrela-guia para o trabalho na nova Faculdade, decerto conscientizou todos os ouvintes de que o jovem lócus do cultivo da vida intelectual pretende transmitir mais do que meros conhecimentos acadêmicos. Cor ad cor locutum est – o coração falou aos corações, os corações o assimilaram e anseiam cheios de confiança pelo futuro da Faculdade (JORNAL SERRA-POST, 1957, p. 62).

Martin Fischer explicita muito bem o reconhecimento pelo trabalho realizado com muita dedicação pelo Frei Matias. Não foi um trabalho comum. Foi um trabalho

²² Tradução: Ulrich Dressel, Assessoria de Assuntos Internacionais em 25-04-2005. Notícia na capa do Jornal Serra-Post em 23 de março de 1957. *Cor ad cor loquitur*. Considerações sobre a inauguração da Faculdade de Filosofia de Ijuí. O escritor Dr. Martin Fischer falou extensamente na Hora Alemã da Rádio, na Rádio Repórter de Ijuí, no dia 18 de março de 1957 (MADP - Museu Antropológico Diretor Pestana - UNIJUÍ).

incansável realizado com muita competência e objetividade tendo em vista as conquistas obtidas num curto espaço de tempo.

Martin Fischer comenta também na Hora Alemã a respeito da aula inaugural da FAFI:

A aula inaugural foi proferida pelo magnífico Reitor da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, o irmão marista José Otão. [...]. O Reitor magnífico falou sobre a essência da cultura elucidava quão importante é fundamentar intelectualmente a cultura, apontou que um futuro é dado a um povo que assume como tarefa o cultivo da cultura (JORNAL SERRA-POST, 1957, p. 62).

Sobre o encerramento da cerimônia de inauguração da Faculdade de Filosofia de Ijuí, Martin Fischer comenta: “Na conclusão da cerimônia o diretor da Faculdade, Frei Dr. Armindo, ao discursar, sua fala soava como que num sigiloso rumor: *cor ad cor loquitur – o coração fala ao coração*” (JORNAL SERRA-POST, 1957, p. 62, grifo do autor).

Podemos depreender dos discursos proferidos pelas autoridades durante a inauguração da FAFI um profundo sentimento de reconhecimento e respeito pelo trabalho que os Capuchinhos desenvolveram na região e particularmente em Ijuí em tão pouco tempo. Isso evidencia a capacidade de trabalho dos frades capuchinhos liderados por Frei Matias, sua tenacidade e habilidade de aglutinação.

De acordo com Marques (2003a) após a instalação da FAFI em 1957 não estava prevista a permanência de Frei Matias em Ijuí. Na formação do corpo docente da FAFI, entretanto, estava faltando professor para disciplina de Sociologia. Por determinação do Ministro Provincial a disciplina foi assumida por ele. A partir daí redigia seus próprios textos sob forma de apostilas²³.

Ainda sobre o ensino da sociologia Frei Matias declara:

A partir dos inícios dos anos 60, mercê das mudanças por que passava a Faculdade e, com ela eu, no bojo da agitação política e nacional [...], as disciplinas da área da sociologia [...], passavam a liderar os rumos da faculdade [...] e, de outra parte assumiam elas mesmas novo caráter, menos enciclopédico [...]. Os roteiros de estudo se encaminhavam em uma direção mais crítica, de uma sociologia da sociologia, dos processos da interação social alternativa, da morfologênese de papéis e instituições, das formas do controle social, da semântica da ação social (MARQUES, 2003a, p. 60).

²³ As apostilas foram escritas entre 1957 e 1977, no total de trinta e uma, e encontram-se no arquivo do Museu Antropológico Diretor Pestana - UNIJUÍ.

Relata Marques (2003a) que, por um bom tempo durante as aulas de sociologia trabalhou com a proposição de análises dos processos sociais através das obras de Érico Veríssimo, Graciliano Ramos e Viana Moog.

Além das atividades docentes que Frei Matias desenvolvia na FAFI, participava também das “semanas pedagógicas” semelhantes às missões populares onde os Capuchinhos eram os mestres.

Sobre este assunto, Marques (2003a, p. 62) comenta:

la-se às cidades da região para palestras dirigidas ao povo em geral e seguidas de prolongados debates. A ampla participação e o caráter aberto das discussões transmudavam aos poucos o projeto elitista - missionário de levar cultura ao povo, em projeto de educação popular, na forma que assumia ela naquele contexto de grande efervescência política do final da década de 50, onde se rompia o pacto policlassista do populismo.

Sobre estas palestras e cursos, o Diário Serrano de Cruz Alta, do dia 30/09/1959, traz a seguinte matéria: “Impressões sobre o curso de relações familiares”.

O curso de relações familiares, ministrado pelos professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí representou um teste para os cruz-altenses. Os participantes do curso foram assíduos em relação às aulas, nada aconteceu que desviasse o cidadão dessas palestras.

Isto prova que não estamos dormindo, que nos interessamos por um mundo onde a caridade, o amor ao próximo e porque não também o amor a nós mesmos, sejam forças atuantes. A arrumação do mundo deve começar pela nossa casa. Tenhamos a nossa casa bem arrumada, [...] e o mundo poderá ser uma pálida mostra do paraíso que aguarda os bem - aventurados de espírito. [...] Tudo isso e muito mais aprendemos com estes perigosos Capuchinhos. [...] Devemos é acusar Frei Libório, Frei Matias, de haverem deflagrado a revolução em nossos lares. Não se pode mais falar à esposa em tom menos amigável, não se pode mais exercer a descongestionante arte da ranzinza, sem que a nossa cara metade nos fulmine com argumentos defensivos bebidos das aulas desses terríveis Frei Libório, e Frei Matias. Não se pode mais levantar a mão para gostosa palmada em nossos pirralhos, que logo surge o anjo da guarda de nossos filhos na figura amável de Frei Matias. Para ele, uma a duas surras bastam por toda a vida [...] Que diria Frei Matias se nos visse encolerizados por um motivo tão fútil? (DAVID, 1959, p. 6).

E continua a reportagem:

Esses senhores Capuchinhos vieram instalar o pânico em nossas almas. Tenhamos, contudo a sinceridade de admitir que passamos a sofrer uma

salutar inquietação. O cotidiano assume agora aspectos encantadores. Operam esse milagre Frei Libório, e Frei Matias. [...] Quanta gente, ao sair das conferências desses mestres de almas, deve ter murmurado para si próprio os versos de Valéry: BELO CÉU, VERO CÉU, VÊ COMO EU MUDO! (DAVID, 1959, p. 6).

O autor da matéria, Carlos David evidencia que as falas de Frei Matias e Frei Libório tocaram profundamente o coração das pessoas que estavam participando das palestras. Pelo modo de escrever do autor podemos concluir que isto foi exteriorizado através das manifestações ocorridas durante as palestras e também pela imprensa local e regional.

Em fins de 1959, Frei Matias fora nomeado diretor da FAFI, tendo permanecido no cargo por um período de 10 anos²⁴.

Diante do exposto até o momento sobre a trajetória de Frei Matias/Mario Osorio²⁵, podemos concluir que durante sua formação seminarística e desde a sua chegada em Ijuí, em 1952, nosso biografado desenvolveu com dinamismo, competência e comprometimento o seu trabalho nos diversos lugares onde passou e nos espaços em que atuou como profissional e líder espiritual. Podemos também perceber sua inserção na comunidade local e regional angariando o reconhecimento e o respeito da comunidade de Ijuí e da região.

Frei Matias, pelo expressivo número de ações empreendidas durante seu percurso, em muitas situações encontrou resistências. Destaco a posição do Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul quando da implantação da FAFI, o professor Luiz Pilla, fez declarações a imprensa condenando a criação de novas Faculdades especialmente de Filosofia dizendo que “estes atos não passavam de vaidades locais ou interesses políticos” (LAZZAROTTO, 1981, p.85). Isso tudo é compreensível, pois com a criação da FAFI inaugura-se um novo espaço de poder, local e regional, alicerçado agora na construção do conhecimento, o que é muito mais consistente.

Frei Matias com a perspectiva utópica, de vislumbrar os desdobramentos do mundo, inclusive a construção de um mundo melhor, vai passando então da Escolástica para a Neo-escolástica.

²⁴ Sobre o trabalho desenvolvido na direção da FAFI trataremos nos próximos capítulos. Estes anos foram muito importantes na trajetória da Militância Social e na inserção regional de Frei Matias/Mario Osório.

²⁵ Nesse período até o presente momento trabalhado, Mário Osorio era Frade Capuchinho, Frei Matias/Mario Osorio.

De acordo com Belato (2003), Frei Matias nesse movimento de mudança foi influenciado pelo movimento neo-escolástico tal como formulado por Etienne Gilson, Regis Jolivet, e, sobretudo, por Jacques Maritain²⁶.

Mario Osorio se inscreve nesse movimento geral e renovador da igreja. “É isto que explica porque em certos momentos, estava à testa de meia dúzia de entidades, boa parte delas criadas sob sua liderança” (BELATO, 2003, p. 71).

²⁶ Jacques Maritain, leigo, judeu converso, cujos livros se tornaram os manuais de cabeceira de jovens padres e estudantes cansados das diatribes jesuíticas contra os protestantes. Esses escolásticos, por sua vez, influenciaram intelectuais brasileiros, que os adaptaram à nossa realidade, em particular Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção. O primeiro, forçando os termos, à esquerda, e o segundo, à direita (BELATO, 2003).

3 MILITÂNCIA SOCIAL E EDUCACIONAL: O HOMEM DE AÇÃO E O PESQUISADOR

3.1 A IGREJA CATÓLICA NO BRASIL - DÉCADAS DE 1950 -1960

Para darmos continuidade à trajetória de nosso personagem necessário se faz num primeiro momento dirigirmos um olhar sobre a Igreja no Brasil nas décadas de 1950 e 1960. Para este estudo utilizaremos principalmente os trabalhos realizados por Lazzarotto (1981); Bruneau (1974); Marques e Brum (2002); Grzybowski (1973).

Neste terceiro capítulo trabalharemos também com o Movimento Comunitário de Base (MCB). Para este estudo utilizaremos entre outros os autores Brum (1998); Marques e Brum (2002); Brum e Marques (2004); Brum (2002); Marques (2003); (1984); Frantz (2001); (1982); Cremonese (2006); Lazzarotto (1981); Grzybowski (1973); somando-se a esses referenciais sublinhamos as pesquisas realizadas junto aos arquivos do Museu Antropológico Diretor Pestana de Ijuí. Por último faremos uma análise das obras produzidas por Mario Osorio que compõem a coleção do INEP / MEC.

Segundo Lazzarotto (1981), a Igreja Católica no Brasil se estabeleceu numa relação com o Estado. O Estado durante as fases de Colônia e Império manteve um papel preponderante pelo privilégio do Padroado Régio. Mas era a religião que fornecia as bases ideológicas tanto para as conquistas, como para manter a obediência dos homens perante um rei de “direito divino”.

Devido a esta parceria entre Igreja e Estado pouco foram os conflitos entre estes poderes de forma que a Igreja não teve grandes dificuldades em manter seus fiéis.

Criou-se então uma Igreja a qual todos faziam parte, e uma idéia que, para ser católico bastava ser batizado, casar na Igreja e ter um enterro religioso.

Diante desse quadro de referências a hierarquia da Igreja aparentemente se acomodou passando a aliar-se com grupos políticos locais que mantinham o poder.

Ao fim da II Segunda Guerra Mundial, vários fatores influenciaram para que houvesse um deslocamento da população para as áreas urbanas. Entre os principais fatores podemos elencar a industrialização, centralização política, inflação e as secas no nordeste. Esses fatores influíram diretamente na Igreja que era aliada

aos grupos locais. Ao migrarem, as pessoas, para outros locais automaticamente deixavam seus grupos e também a sua Igreja (BRUNEAU, 1974).

Esse quadro vai se agravar a partir de 1950 onde dados estatísticos comprovam um grande crescimento das Igrejas Pentecostais no Brasil bem como da Umbanda e Candomblés (religiões afro).

Era vertiginosa a queda da influência da Igreja Católica sobre as massas. Isso serviu para sacudir a Igreja para uma nova percepção em que o povo, principalmente o do campo se encontrava abandonado, carente, portanto propenso a novas pregações agitacionistas ou de cunho religioso.

As ligas camponesas de Francisco Julião, o Movimento dos Agricultores sem Terra (MASTER) coordenado por Leonel de Moura Brizola no RS, e por Miguel Arraes em Pernambuco eram considerados movimentos perigosos pela Igreja mais conservadora, ou por setores da Igreja.

Diante desse panorama a Igreja sentiu-se ameaçada e começou então a modificar a sua ideologia e a sua ação. Tornou-se mais atuante nas zonas rurais e no setor da educação, onde as ameaças eram maiores. Houve á partir daí um verdadeiro deslocamento de seu eixo de atuação, onde a Igreja deixa de defender os interesses das classes dominantes e volta agora o seu olhar para atender as classes menos favorecidas que passam miséria e sofrem as injustiças da exclusão social. A partir desse novo olhar a Igreja passa a reivindicar e exigir mudanças e reformas na sua estrutura social.

O contexto histórico que produziu uma Igreja Católica mais progressista em alguns setores foi marcado por questões de fundo que podem ser buscadas tanto no cenário mundial quanto no nacional. No primeiro temos desde o séc. XIX uma postura mais alinhada com a questão social com a Encíclica *Rerum Novarum*.

A primeira reação aconteceu no Nordeste Brasileiro. No Rio Grande do Sul acontece exatamente no momento em que os grupos de Leonel Brizola representavam um perigo às áreas de influências da Igreja, então os bispos gaúchos lançam uma campanha de sindicalização dos agricultores rurais, criando a Frente Agrária Gaúcha (FAG). Desde o início:

A linha progressista da Igreja foi orientada desde o início pela CNBB (Conferência Nacional de Bispos Brasileiros) que foi fundada, em 1952, por D. Helder Câmara em 1952[...], com apoio do Núncio Apostólico Dom Armando Lombardi e com a aprovação do Mons. Giovanni Montini, então secretário de Estado do Vaticano. Por sua vez, D. Helder vivenciara os

problemas sociais com grupos de Ação Católica, de que foi assistente nacional até 1947. ACNBB deu caráter nacional a Ação Católica Brasileira (ACB) e ambas se alinharam ao lado progressista da Igreja (BRUNEAU, 1974 apud LAZZAROTO, 1981, p. 91).

A CNBB rompeu com grupos políticos tradicionais e passou a apoiar os políticos que tinham pensamentos similares aos seus.

No Rio Grande do Sul especialmente em Ijuí em 1960, “os minifúndios abrangiam 55% das propriedades, mas cobriam apenas 2% das terras, enquanto que os latifúndios perfaziam 2% das propriedades com 47% das terras” (BRUNEAU, 1974, p.167). Um contingente enorme de camponeses trabalhavam nas áreas de latifúndios. Diante de tais circunstâncias por toda parte surgiam movimentos exigindo mudanças estruturais urgentes entre elas a Reforma Agrária. Dentre as classes conservadoras o medo do comunismo, aumentou em 1959, reflexo da revolução cubana que havia implantado o regime comunista na ilha de Cuba (LAZZAROTTO, 1981).

3.1.1 A Ação da Igreja

A partir de agora nosso olhar estará voltado para algumas realizações e atuações da linha progressista da Igreja neste contexto histórico.

A Ação Católica incentivou e apoiou todos os movimentos que pudessem provocar mudanças sociais no país (Movimentos Estudantis, Ligas Camponesas, Movimento de Educação de Base. Aqui no Brasil ela foi introduzida pelo cardeal Leme, seguindo o “modelo italiano”. Foi reorganizada em 1950 por Dom Helder Câmara seguindo o “modelo francês”, “e foi dividida em JEC, dos jovens secundaristas; JUC, do meio universitário; JAC, das áreas rurais; JOC, da juventude operária católica classes operárias e JIC” das demais classes (BRUNEAU, 1974, p.181).

Estas entidades gozaram de uma considerável autonomia na década de 1950. Através do método de trabalho que todo militante destes anos conhece (Ver, Julgar e Agir), estes jovens tomaram consciência dos problemas que existiam na sociedade e passaram a sentir um grande desejo de mudança em relação as suas estruturas sociais.

Frei Matias na condição de assistente local em Ijuí esteve muito ligado ao movimento nacional da Juventude Universitária Católica (JUC) no qual se incorporava a UNE e a UEE. Numa participação atuante viajava pelo estado e pelo país num clima de intenso debate onde se polarizavam duas posições. A posição defendida pelo Partido Comunista e a posição defendida pela JUC. A discussão das grandes questões nacionais entre outras se acentuavam em torno das Reformas de Base. Entre elas como primeiro debate se encontrava a reforma universitária. A defesa era a busca de uma linha de ação a fim de se projetar um “Ideal Histórico” para o povo brasileiro.

O “Ideal Histórico”[...] em relação ao aspecto religioso apontava para a encarnação das exigências evangélicas nas realidades terrenas [...] No que diz respeito ao plano econômico, optava pelo desenvolvimento, com uma exigência pouco explícita embora, de uma superação do capitalismo.[...] Na seara política enfatizava para a importância dos partidos políticos, ligados aos interesses das classes[...] menos favorecidas e exploradas [...] postularem no plano internacional, uma posição brasileira de independência de face aos dois blocos hegemônicos, numa espécie de “terceira força” (MARQUES, 1984, p. 48).

O documento lançado pela JUC em 1960 intitulado “Bases Mínimas para o Ideal Histórico do Povo Brasileiro” questionava a ordem social vigente e o sistema tradicional adotado pela igreja em relação à evangelização e se engajavam no movimento intitulado “Revolução Brasileira”. Com isso a JUC e a JEC tornaram a vanguarda da Igreja Católica na busca ativa da promoção da mudança sociais e política” no país (BRUNEAU, 1974 apud LAZZAROTTO, 1981, p.92).

O Ideal Histórico foi o tema amplamente debatido em 1959 no Conselho de Belo Horizonte e em 1960 no Conselho do Rio de Janeiro. Ambos os eventos tiveram a participação ativa de Frei Matias juntamente com uma gama de intelectuais do Rio Grande do Sul. Este contato, tanto em nível local, com articulações regionais e a participação nos encontros em âmbito nacional, vão marcando uma presença forte de Frei Matias na luta em prol das mudanças sociais no país.

O convívio que Frei Matias mantinha com a juventude da JEC e JUC, nas reuniões e encontros que realizavam, fez dele uma figura de vanguarda reconhecida, principalmente pela bagagem cultural, da qual era portador em vários campos; da filosofia, da teologia, da sociologia, e da pedagogia.

Frei Matias acompanhou com muita atenção o desenrolar do Conselho Vaticano II, dos questionamentos da atualização da Igreja e os esforços de renovação e esse acompanhamento significa que ele não só tomou consciência de longe, mas leu e estudou todos os documentos que iam sendo produzidos e aprovados pelo Conselho e isto lhe deu uma grande compreensão e profundo conhecimento dentro da linha religiosa da Teologia.

Num clima de amplo debate nacional, Frei Matias, nessa época frente à direção da FAFI, foi incumbido de articular às novas decisões políticas necessárias para uma readequação mais favorável diante do quadro político que se apresentava, onde o pacto populista agonizava e acentuavam-se as contradições do desenvolvimentismo. O governo JK (1956-1961) conseguiu que o país desse um salto na economia, mas por outro lado aumentou a desigualdade na distribuição da renda, com um conseqüente acréscimo nas diferenças econômicas regionais, e um nocivo incremento na dependência externa do país. Não realizou as reformas estruturais, como a reforma agrária, para conter o êxodo rural; as reformas fiscais e tributárias, a reforma cambial e administrativa comprometendo dessa forma a imagem do presidente (BRUM, 2002).

Com a adoção do capital estrangeiro e grandes emissões inflacionárias como fonte de financiamento, o presidente Juscelino projetou talvez sem perceber grandes problemas para o futuro do país. No final do seu governo percebia-se, já naquele momento, uma aceleração da inflação e uma grande crise cambial.

A aceleração do crescimento econômico, baseado nas duas fontes referidas, tornou-se fator da crise do país no período seguinte, pois não havia condições de sustentar por longo tempo o ritmo expansionista. Em conseqüência, a estabilidade política, apoiada nos êxitos econômicos, tornou-se fonte da instabilidade futura (BRUM, 2002, p. 254).

Para o autor transitoriedade da administração paralela implantada durante o governo JK extinguiu-se junto com o seu mandato de presidente. Devido ao avanço econômico, social e político aprofundaram-se as contradições e fragilizaram-se as instituições contribuindo dessa forma para o desencadeamento da “crise brasileira no período imediato” (p. 254).

Durante o governo do presidente JK houve crescimento do operariado no cenário político nacional, com a transformação do seu perfil e a afirmação dos sindicatos. Com o crescimento da classe operária radicalizou-se o debate ideológico,

que tivera seu início no movimento estudantil e que agora já repercutia entre os agentes sociais presentes junto a FAFI, em Ijuí prenunciando os novos rumos que tomaria o ensino superior na região a partir de 1961.

Em tramitação na Câmara dos Deputados e logo depois no Senado Federal, o projeto de lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional se constituía em campo de luta entre os propugnadores da escola pública universal e gratuita e os defensores da escola privada subsidiada (MARQUES, 1984, p. 54).

Os debates que se travavam no interior da FAFI era por um ensino mais livre das normas legais, mais inclusivo em termos de acesso ao nível superior, um ensino mais criativo e com uma maior inserção na comunidade regional. Tanto Frei Matias como Argemiro Brum e outros intelectuais em Ijuí eram árdios defensores dessas bandeiras. As expectativas que a mudança na lei facultaria, exigia projetos mais arrojados com propostas inovadoras para o Ensino Superior. Para tanto se fazia necessário uma nova reestruturação na FAFI e um novo direcionamento nos rumos a serem percorridos, a partir dos anos 60.

No dia 11-03-1961 a aula inaugural da FAFI foi proferida pelo professor Álvaro Magalhães. Nesta ocasião Frei Matias diretor da Faculdade aproveitou a oportunidade para anunciar publicamente que “neste ano a Faculdade iria voltar-se para dentro de si a fim de atender satisfatoriamente aos anseios da população da região a que serve” (LAZZAROTTO, 1981, p, 87, grifo nosso).

Esta perspectiva contemplaria a divisão da Faculdade em Centros cada um com características e fins específicos. Em 15 de março, portanto três dias após o anúncio feito por Frei Matias os professores da FAFI aderiram a idéia e aprovaram a criação de quatro Centros de estudos e pesquisas nas áreas da filosofia, da psicologia, da pedagogia e da sociologia. Esses Centros foram as bases para a futura departamentalização. Também neste mesmo ano se organizavam o Movimento Comunitário de Base e o Museu Antropológico Diretor Pestana, a Colméia Infantil, o Instituto Psicopedagógico Infantil. Todas essas criações tiveram o acompanhamento e a orientação de Frei Matias. Nesta ação já se percebe a preocupação fundamental do Frei Matias com o desenvolvimento regional.

3.2 OS CENTROS DE ESTUDO E PESQUISAS NA FAFI

A congregação da FAFI criou os Centros de Estudos e Pesquisas oportunizando na instituição uma estrutura mais diversificada, ágil e operante com uma maior inserção comunitária. Foram criados os Centros de Estudos e Pesquisas Sociais, Centro de Estudos e Pesquisas de Psicologia, Centro de Estudos e Pesquisas Pedagógicas, Centro de Estudos e Pesquisas Filosóficas. Esses Centros integrados se articulavam para que a pesquisa ocorresse juntamente com o trabalho de extensão.

Cada Centro tinha seu programa radiofônico que versava sobre variadas temáticas entre as quais se destacavam: Relações familiares, orientação profissional, preparação para o casamento, educação de pais e filhos, psicologia do homem e da mulher. Esses temas eram trabalhados em palestras nos cursos populares promovidos pela FAFI na região. A grande maioria das palestras nesses eventos eram proferidas pelo diretor da faculdade Frei Matias e por seu companheiro de militância social professor Argemiro Jacob Brum. Focalizando os temas trabalhados podemos perceber que existia uma grande preocupação com a estrutura familiar e com a pedagogia da autoformação.

Entre os centros já referenciados merece destaque o trabalho desenvolvido pelo Centro de Estudos e Pesquisas Sociais, que entre outras atividades, atuava no campo da extensão universitária que se desenvolvia em três dimensões interligadas: o Movimento Comunitário de Base, o Museu Antropológico Diretor Pestana e o programa radiofônico “Nossas Coisas Nossa Gente” que divulgava as pesquisas realizadas pelos professores e alunos da FAFI.

“Nossas Coisas Nossa Gente” era um programa semanal, levado ao ar às quintas feiras à noite, em horário nobre, com duração de 45 minutos, através da Rádio Repórter, [...]. Era elaborado e apresentado pelos professores Mario Osorio Marques e Argemiro Jacob Brum, respectivamente presidente e secretário do Centro de Estudos e Pesquisas Sociais. Além de breves notícias ou comentários sobre as principais atividades do centro, o programa constituía-se de duas partes principais: na primeira, o professor Mario abordava aspectos relevantes da formação do Rio Grande do Sul, traçando o pano de fundo que iria desembocar na fundação da “Colônia de Ijuhy”, enquanto, na segunda, o professor Argemiro resgatava a trajetória da formação de Ijuí, através de fatos ocorridos, empreendimentos realizados, usos e costumes de sua gente, sua história, cultura, organizações sociais, etc. (BRUM; MARQUES, 2004, p. 10).

Este programa radiofônico trouxe valiosos resultados no sentido de despertar o sentimento organizativo da população, resgatar a sua história e ampliar o acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana. O programa se desenvolveu nos anos de 1961 a 1963 e contou na sua fase final com a participação também de outros professores da FAFI.

A preocupação da universidade, entre tantas outras, centrou-se durante estes anos nos grupos sociais quer formalmente organizados ou informais.

Para Brum (1998, p. 42),

Cada pessoa é um ser único; tem na comunidade um lugar e um papel que é seu intransferível. É nos grupos e associações, no encontro e confronto com os outros - no espelho do outro - que as pessoas, ao descobrirem os outros, se encontram e descobrem a si próprias como sujeitos participantes e criativos - construtores e solidários da sociedade e da história, criando o clima e gerando as condições para a efetiva convivência democrática.

Com este espírito e com esta visão em relação ao ser humano e a comunidade é que a partir de 1961, Argemiro Brum e Mario Osorio vão se dedicar a organização do Movimento Comunitário de Base (MCB) em Ijuí.

3.3 O MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE

Para Cremonese (2006) o binômio trigo e soja desencadearam um processo de produção em grande escala no município, empresários urbanos passaram a investir em antigas áreas de campo, utilizando-se de financiamentos públicos com juros subsidiados para a aquisição de maquinários e equipamentos agrícolas.

Muitos dos pequenos agricultores, já iniciados no processo de diversificação da sua atividade agrícola, não resistiram ao fascínio da nova conjuntura que se descortinava no cenário rural. A propaganda maciça vendia a idéia de que, a soja como cultura de verão e o trigo cultivado nos meses de inverno era a solução das propriedades agrícolas (pequenas, médias ou grandes), isso aliado uma enorme facilidade de crédito fez com que estes pequenas agricultores retrocedessem no processo de diversificação agrícola,

para aderir a lavoura em grande escala. A antiga geração de lideranças empresariais (comercial atacadista e industrial), tão promissora em outros tempos, aos poucos, dava sinais de envelhecimento e cansaço, bem como os aspectos de solidariedade, participação, iniciativa e empreendedorismo declinavam rapidamente (CREMONESE, 2006, p. 168).

Essas mudanças produziram em Ijuí um processo de desorganização em relação à urbanização. A população urbana aumentou no período de dez anos - 1950 a 1960 - um percentual de 14% passando de 20% para 34%, a residirem na área urbana.

As contradições da política econômica adotada pelo governo ao tentar conciliar o padrão agrário-exportador, a política nacionalista de desenvolvimento e a associação cada vez maior com empresas e associações estrangeiras, levavam ao esgotamento do modelo populista (IANI, 1975), onde a burguesia nacional cooptara um proletariado formalmente representado à mesa das negociações pelas organizações sindicais e por camadas médias urbanas. O populismo de Jânio Quadros não conseguia conciliar as demandas de crescimento distributivo das camadas populares e as exigências de expansão do bloco econômico multinacional aliado ao capital nacional.

A polêmica posse de João Goulart significava um acordo estratégico dos interesses das multinacionais e associados com as forças populares emergentes. Nessa efervescência político-ideológico as idéias nacionalistas passavam a exigir as reformas de base e o bloco multinacional-associado exigia segurança política e estabilidade da economia com diretrizes favoráveis ao mercado de capitais e à concentração de renda (DREIFFUS, 1981).

A política - ideológica da época se polarizava por um lado em torno do complexo IPES/IBAD ativado em defesa das multinacionais e associados. Por outro lado, se as esquerdas internamente divididas não formulavam um discurso ideológico consistente, “este começava a ser implantado pela *práxis* política da classe subordinada” (DREIFFUS, 1981, p.141). O populismo manipulador cedia lugar ao populismo indutivista, de participação do povo como sujeito histórico. Nesta nova face do populismo que assinalava a passagem dos isebianos históricos para o nacionalismo da esquerda²⁷ se arraigavam “os elementos ideológicos fundamentais do movimento estudantil do pensamento radical católico: a valorização do povo e da cultura e a recusa a manipulação do povo” (PAIVA, 1980; WANDERLEY, 1984 apud MARQUES, 1984, p.75).

²⁷ “Fundado no MEC, em 1955, o ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, elaborou uma ideologia de desenvolvimento brasileiro de caráter iluminista e elitista, diretivista, que desembocava no final daquela década, no nacional desenvolvimentismo” (MARQUES, 1984, p.75).

No povo estava a verdade da Nação, estava a pureza e a autenticidade (em contraposição a corrupção e a alienação das elites). O povo comum deveria, portanto, dizer qual era esta verdade, dele deveria ser esta verdade "induzida". Soluções para os seus problemas deveriam ser encontradas no próprio povo, nascendo dele como algo seu, verdadeiro, autêntico, ligado ao 'país real' e não aos devaneios das elites. Se buscasse conhecer o povo brasileiro, encontraríamos uma riqueza desconhecida. Uma nova linguagem, uma nova cultura (popular), formas de solidariedade próprias (como o 'mutirão' do interior). [e] regras ético-morais também próprias (PAIVA, 1980; WANDERLEI, 1984 apud MARQUES, 1984, p. 75).

No olhar do autor o povo estava amadurecido para as mudanças, e a solução de seus problemas estava na análise e na elaboração de medidas reais, possíveis e executáveis, concebidas por eles próprios.

Em relação a educação nacional além das questões discutidas pela LDB surgiram desde o II Congresso Nacional de Educação de Adultos realizado em 1958, no Rio de Janeiro a recomendação para que se buscassem descobrir "centros de solidariedade" e, a partir deles estabelecer novos centros de interesses com o objetivo de atrair a comunidade. Com a década de 60 inaugura-se no estado um grande programa de mobilização das comunidades, que "além de ser um processo técnico, era também em Ijuí um todo político-ideológico a reunir as idéias populistas de Brizola, as idéias socialistas de Pasqualini e as posições mais avançadas da Igreja" (KRUG, 1982, p.33).

Segundo Marques (1984, p. 75),

Na FAFI a abertura para o social se dava nos quadros dos temas dominantes nos meios católicos modernizados: as idéias de Maritain sobre uma democracia orgânica, comunitário-personalista, calcada sobre a dignidade da pessoa humana; o distributivismo de Chesterton; o personalismo anti-capitalista de Mounier; sobretudo o solidarismo de Lebreton em suas perspectivas terceiro-mundistas, em suas denúncias dos erros do capitalismo e nas pesquisas sócio - econômicas realizadas pelo Movimento de Economia e Humanismo. Dentro destas coordenadas ideológicas bastante confusas, se estruturava, em 1961, o Centro de estudos e Pesquisas Sociais e nascia o Movimento Comunitário de Base em Ijuí. Um movimento de âmbito local restrito que, embora autônomo e sem ligações com outros movimentos de mais ampla repercussão que à mesma época se estruturavam no país (como o Movimento de cultura Popular de Pernambuco onde se enraizava o sistema Paulo Freire e o Movimento de Educação de Base (MEB) promovido pela Igreja), participava com eles da mesma base: o novo pensamento social cristão engajado na "promoção do homem", através da conscientização.

Neste contexto histórico é que surge em Ijuí o Movimento Comunitário de Base (MCB) liderado por Frei Matias e Argemiro Brum, tentando buscar soluções para amenizar a crise pela qual passava o município, ocasionada pelo processo de

modernização da agricultura. As categorias mais atingidas pela modernização da agricultura em Ijuí eram os pequenos e médios proprietários rurais expulsos da agricultura e aglomerados nas periferias da cidade, que passavam a se organizar através das associações de bairros para reivindicarem soluções para seus problemas mais urgentes.

3.3.1 A Origem

O Movimento Comunitário de Base²⁸ de Ijuí teve início na década de 1960, sob a coordenação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí - FAFI e sob a intervenção pedagógica dos professores e alunos e com a participação efetiva e atuante de Frei Matias e Argemiro Brum.

De acordo com Frantz (2001, p. 22),

A base para a sua motivação e fundamentação, para a explicação do surgimento do MCB, pode ser encontrada tanto no cenário nacional quanto nos problemas sociais locais. Em sua essência, constitui-se o MCB em uma reação pela organização, transformando-se em uma experiência histórica importante de educação não formal, na região.

Segundo o autor o movimento nasceu com um forte conteúdo político e foi desenvolvido pelo canal da extensão da Faculdade, prioritariamente junto aos trabalhadores do meio rural (agricultura familiar) e os trabalhadores urbanos. Somando-se a esses atores encontramos professores, estudantes, líderes religiosos, comunitários e leigos.

Para Brum (1998, p. 43), podemos definir o Movimento Comunitário de Base de Ijuí (MCB) como:

Um modelo de trabalho de comunidade construído na experiência e centrado na idéia da dignidade e valor da pessoa humana e na pedagogia do pequeno grupo e da participação. Nos grupos e associações e nos demais momentos da vida as pessoas são estimuladas a reconhecerem-se e confrontarem-se como iguais. Ao despirem-se dos atributos exteriores, que são secundários, os indivíduos encontram-se com sua essencialidade, assumem-se como pessoas e reconhecem no outro o mesmo valor e a mesma dignidade.

²⁸ Sobre o Movimento Comunitário de Base, são inúmeros os trabalhos produzidos. Para esse estudo utilizaremos como principal referência os estudos desenvolvidos por Frantz (2001); Brum (1994) (1998); (2004); Marques (1984) Lazarotto (1981); Grzybowski (1973) e principalmente os relatórios do Movimento Comunitário de Base disponibilizados nos arquivos do Museu Antropológico Diretor Pestana em Ijuí.

Nesta direção podemos concluir que é no trabalho em grupo, nos questionamentos, nas trocas de idéias que as pessoas se constroem e desenvolvem um sentimento de solidariedade em relação ao outro. E que o reconhecimento do outro é a passagem do individualismo para o coletivismo.

3.3.2 A Inspiração - Organização - Princípios do Movimento Comunitário de Base

O trabalho desenvolvido pelo Movimento Comunitário de Base, segundo Brum (1998) tinha como inspiração principal:

a) o testemunho de São Francisco de Assis e o espírito e a experiência da Ordem dos Frades Menores Franciscanos;

b) de pensadores e educadores pertencentes a vanguarda renovadora católica da época (Mauritain, Mounier, Lebret);

c) do contexto brasileiro da época fervilhante de idéias e na busca de soluções para uma crise profunda, da nossa afirmação como povo e preparação para o exercício da cidadania e de uma definição do futuro do país como nação;

d) da formação histórico - cultural da região em especial o município de Ijuí, com uma forte tradição comunitária alicerçada na valorização do ser humano, espírito de iniciativa e capacidade para o empreendedorismo.

De acordo com Brum (1998), as palavras-chave do movimento eram a *Participação* e a *Organização*. O trabalho estava voltado às camadas sociais mais necessitadas, priorizando os moradores que haviam chegado recentemente a cidade expropriados de suas terras pelo processo da modernização da agricultura que o município de Ijuí e a região passaram anteriormente. Com uma gama enorme de dificuldades e carência, desenraizados, estas pessoas eram de certa forma mais propensas à participação nos grupos sociais e ao aspecto comunitário.

Para Brum (1998, p. 44-45),

Todo o trabalho e organização colocavam-se na perspectiva de um processo educacional e cultural de libertação e promoção humana a partir dos próprios indivíduos - sujeitos. A organização de base era tida como a forma mais consistente e eficaz de construção do poder do povo e de sua expressão como ator político e sujeito histórico.

Alicerçados nessa concepção da busca da promoção humana corporificava-se o Movimento Comunitário de Base nos mais diversos espaços de organizações e atividades. Inicialmente o movimento se constituiu numa convocação dirigida a todos os segmentos da comunidade, mas a resposta positiva, veio dos setores da população mais atingidos pelo processo de modernização da agricultura regional: os pequenos e médios agricultores, os moradores das periferias urbanas. Com esses segmentos se solidarizavam os operários da indústria, somado com os professores e estudantes. Surgiam então, nos bairros as associações de amigos, na área rural os núcleos de base dos agricultores, nas escolas as associações de pais e mestres e grêmios estudantis (BRUM,1998) conforme mostra o organograma aqui inserido .

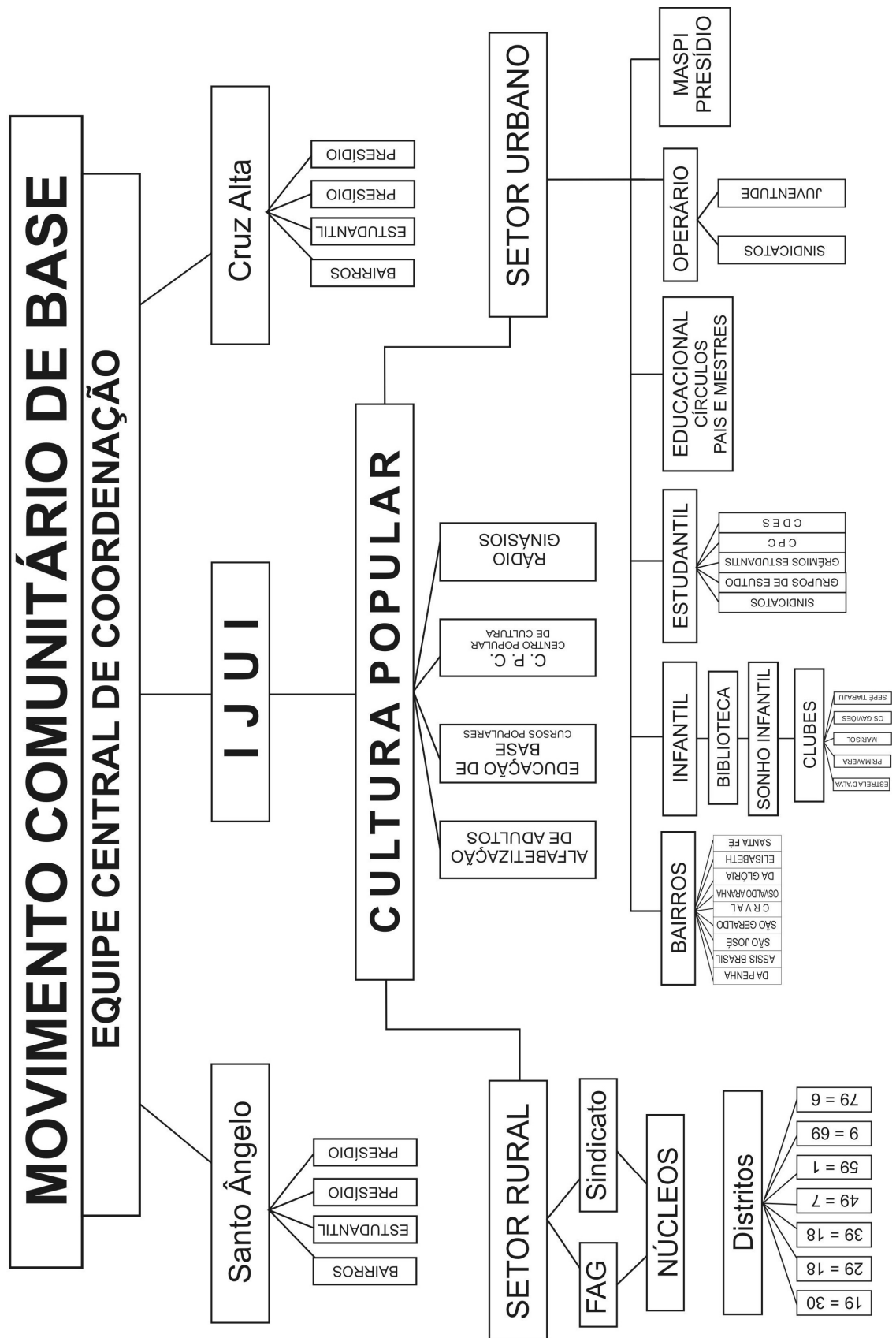


FIGURA 10 - Organograma de abrangência do Movimento Comunitário de Base

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

Pelo organograma, percebe-se a abrangência e o equilíbrio do Movimento nas áreas rurais e urbanas dos três grandes municípios em que atuava e conseguiu, graças a esta dinâmica, uma funcionalidade rápida e articulada. O Movimento atingia praticamente todas as sociedades, entidades, clubes, associações, desde colégios infantis até presídios.

Percebe-se, pela própria natureza do Movimento e pelos seus objetivos, que o público-alvo era sempre a fatia da população mais desorganizada e conseqüentemente a mais desassistida.

O tripé ensino/pesquisa/extensão expresso no organograma que em Ijuí se esboçava a partir dos anos 60, significava um esforço para a integração comunitária da FAFI que, sensibilizada, pretendia por meio da extensão universitária, auxiliar e instrumentalizar a Comunidade Regional para enfrentar os desafios que se apresentavam frente às mudanças ocorridas pela modernização da agricultura.

Para uma melhor compreensão da experiência educativa de Ijuí, são transcritas as conceituações e a ordenação dos diferentes aspectos do que na época se definiu como a pedagogia do Movimento Comunitário de Base.

Seus princípios eram:

- A pessoa humana: como valor, com dignidade, como excelência. Todo homem por si mesmo, possui finalidades próprias, distintas, separadas, autônomas. Não o homem em geral. Mas o homem em concreto: o Paulo, o João, a Maria. Cada qual vale, sozinho, o mundo inteiro.
- A pessoa humana: como capacidade de ação própria, inteligente e livre. Capacidade de iniciativa. O homem não é um ser em série. Cada qual necessita viver a sua vida. Sem repetir. Sem Copiar. Faz parte do homem criar coisas novas, idear, planejar, empenhar a própria responsabilidade, aperfeiçoar-se aperfeiçoando o mundo.
- A pessoa humana: como ser-que-se-relaciona; ser que se afirma com inteligência e liberdade frente ao outro ser igualmente inteligente e livre. O CONVÍVIO É O CLIMA DO HOMEM. Isolado pereceria. Pela solidariedade, pelo respeito ao outro, pela co - responsabilidade nas tarefas comuns, o homem se humaniza, faz a história, cria a cultura, constrói as civilizações.
- A obra, porém, não pode ser mais do que o autor. A civilização não pode sobrepujar o homem, ou reduzi-lo à categoria de instrumento. Todo homem necessita ter sempre viva a consciência de pertencer a uma comunidade, de estar entre os outros, como parte viva, atuante, significativa: a) consciência de uma missão própria, inconfundível, intransferível; b) consciência de estar construindo a si mesmo ao construir o mundo. (MARQUES; BRUM, 2002, p. 34-35; GRZYBOWSKI, 1973, p. 82-85; CORREIO SERRANO, último exemplar do ano de 1962).

3.3.3 Técnicas

O Movimento Comunitário de Base atuava da seguinte forma:

1 - Formação de grupos: “A constituição de pequenos grupos, em que cada um tenha oportunidade de debater problemas e tomar iniciativas é o caminho” (MARQUES; BRUM, 2002, p.35). Participando o indivíduo se encontra a si mesmo, valoriza-se, supera-se, encontra apoio e a sua ação “torna-se mais eficaz” (GRZYBOWSKI, 1973, p. 83).

Nesta direção o MCB procura incentivar a organização de grupos e entidades que atendam as necessidades mais prementes da vida da comunidade.

2 - Ação dos grupos: “Buscando superar o individualismo e procurando levar todo membro a participar e pensar a sua realidade”, o MCB por ocasião das reuniões e debates tem a sua dinâmica própria. Promove também palestras encontros cursos intensivos, boletins, jornal, rádio e o cinema (GRZYBOWSKI, 1973, p. 84).

3 - Equipe Central: “Equipe de comunicação entre os grupos, com a tarefa de repensar continuamente o movimento” (GRZYBOWSKI, 1973, p. 84). As ações que serão desenvolvidas por esta equipe são proposições geradas pela necessidade sentida no seio do movimento.

3.3.4 Diretrizes Fundamentais

O MCB tinha como norte as diretrizes:

1- Conscientização: “Uma consciência esclarecida da situação [...] colocar-se dentro da realidade [...] e refletir sobre ela [...] ser presença ativa” (MARQUES; BRUM, 2002, p. 36:37).

2- Clima: “Os grupos necessitam criar sua própria integração. Os contatos pessoais oportunizam conhecimento [...] despertam simpatia e solidariedade [...] estabelece-se o diálogo [...] floresce o entusiasmo e desperta a consciência para melhor compreender o mundo e a vida” (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 19/12/1962, p. 2) ;(MARQUES; BRUM,2002,p.37).

3- Liderança: “Não há grupo sem líder: nem líder sem grupo [...] o grupo é a grande, a única escola da liderança. São duas realidades interagentes”. (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 19/12/1962, p.2 e MARQUES; BRUM, 2002, p.37).

4- Eficácia: “Os grupos necessitam realizar coisas positivas. Pequenas coisas, mas que exija a cooperação de todos e resultados práticos [...]. É necessário desde o início que haja um planejamento das atividades [...] politizar uma classe. De organizar-se em âmbito universal” (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 19/12/1962, p. 2 e MARQUES; BRUM, 2002p38).

Esta generalidade em relação a definição de uma pedagogia própria imprimiu no Movimento Comunitário de Base (MCB) um caráter próprio que podemos classificá-lo como espontaneísmo.

3.3.5 O Influxo do Padre Lebret Sobre Frei Matias e o Movimento Comunitário de Base

Louis-Joseph Lebret, conhecido como Padre Lebret, era natural da França nascido no ano de 1897 e era descendente de uma família marítima. Morreu aos 69 anos de idade em 20 de julho de 1966. Quando jovem Lebret ingressou na Marinha e suas viagens pelo mundo e reflexões posteriores lhe proporcionaram uma olhar diferente, do processo social. Segundo Lebret (1942 apud BELATO, 2003), os sujeitos sociais não estão nas elites, e sim nas bases. A partir daí desenvolveu um método de análise que consiste em Ver, Julgar e Agir que é o método de mobilização e ação social das massas, ou seja, dos Movimentos Comunitários de Base.

Lebret teve em sua trajetória intelectual conhecimentos técnicos e conhecimentos teológicos, sociológicos e econômicos. Publicou o *Manifesto de Economia e Humanismo*, juntamente com outros intelectuais, isto no ano de 1942, e nesta obra estabeleceu as concepções teórico-metodológicas daquilo que se converterá, através das Encíclicas dos papas João XXIII e Paulo VI, na nova doutrina social da Igreja e guia de ação de suas organizações e entidades religiosas e leigas (BELATO, 2003). Sobre o compromisso e a missão pessoal de cada indivíduo, assim se expressou Lebret (1942 apud BELATO, 2003, p. 73):

Nós estamos [...] preocupados ao mesmo tempo com a economia e com o homem. Cada um de nós considera que seu mestre é o fato, cada um de nós tem o cuidado da vida humana das massas, cada um de nós é impulsionado por suas pesquisas e por suas experiências voltadas às perspectivas da vida comunitária.

Ao fim da II Guerra Mundial, Lebret circulou pelo mundo mantendo contatos e formando equipes de trabalho “orientadas pelo método da pesquisa-reflexão-ação” (BELATO, 2003, p. 74). Segundo o autor Lebret teve uma preocupação especial em relação à América do Sul, e ao Brasil em particular, permanecendo no país de 1952 a 1958, quando teve sua atenção voltada aos problemas do Nordeste, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Ainda na América Lebret organizou equipes de estudos no Uruguai, Colômbia e Chile. Prestou assessoria aos bispos e padres na criação de pastorais sociais.



FIGURA 11 - Padre Lebret na Colômbia - 1958

Fonte: WIKIPÉDIA²⁹, 2008.

Lebret fundou o movimento *Economia e Humanismo* e dedicou toda a sua vida a promover em muitas nações, sobretudo no Terceiro Mundo, a civilização do progresso humano. No Concílio Vaticano II, foi conselheiro privilegiado do Papa Paulo VI, e quem declarou o progresso como o novo nome da paz. Este era o lema do padre Lebret que participou também da elaboração da Encíclica *Mater et Magistra* e da *Populorum Progressio*. Suas idéias também podem ser encontradas no documento *Gaudium et Spes* (CREMONESE, 2006).

Durante sua existência presenciou grandes mudanças e transformações ocorridas na Igreja e também na história da humanidade. Dentre estas

²⁹ Site utilizado somente para a pesquisa da ilustração.

transformações sublinhamos o Concílio Vaticano II, duas guerras mundiais, grandes inovações e descobrimentos, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a concentração de riqueza e poder nos países do Norte, o sonho de descolonização e desenvolvimento para todos os países, a divisão do mundo em dois blocos ideológicos e políticos antagônicos e a marcha do neoliberalismo, com a mundialização e a globalização.

O padre Lebret fundou em 1936 o Centro de Estudos Sociais e Econômicos “*Economia e Humanismo*” ou civilização solidária cujo objetivo foi o de pensar a economia em função dos homens.

Diz Lebret (1942 apud BELATO, 2003, p. 73) “que para fazer parte do movimento de *Economia e Humanismo* é suficiente ser um homem ou uma mulher de boa vontade e adotar o método de observação da realidade”:

A observação da realidade, com o cuidado do bem comum é que nos dará a verdadeira cultura. Não importa que nossos colaboradores saibam escrever bem, importa que saibam ver e seu julgamento seja correto. Eles podem até mesmo não saber escrever [...] importa que nossos pesquisadores, tendo-os encontrado e tendo descoberto sua riqueza profunda, os faça falar o que sabem [...] seu testemunho de humildes e, freqüentemente, de lutadores, tem mais valor para nós que as teses brilhantes dos ensaístas e as divagações fáceis de muitos mestres [...]. Nenhum de nós se satisfaz simplesmente em olhar e tomar notas. Nós analisamos e reconstruímos: condenamos e aprovamos: auscultamos e diagnosticamos. Somos filósofos do real. Nossas pesquisas setoriais não nos limitam: põem-nos em comunhão com o universo porque temos o cuidado do homem e da humanidade [...]. Todo o dia produzimos novas luzes. Homens de ciência que somos, procuramos o contato com os homens de ação. Criamos laboratórios ao ar livre, a campo, para que não percamos nossas vidas na tentativa de resolver falsos problemas ou atrás de abstrações quiméricas (p.73).

A concepção de sociedade, segundo Lebret, se fundamenta na recriação da idéia de comunidade, de comunhão entre iguais. A comunidade para ele é o lugar onde as pessoas se relacionam por muitos vínculos e formam um todo orgânico do qual se constrói a consciência do nós que busca solucionar as necessidades essenciais da comunidade. Foram essas idéias que influenciaram fortemente Frei Matias, Argemiro Brum e outros intelectuais em Ijuí. Essa teoria foi colocada em prática através do trabalho desenvolvido especialmente junto ao Movimento Comunitário de Base (MCB) de Ijuí.

Lebret ao viajar pelo Brasil e América Latina constatou o alto grau de pobreza da maioria da população. Para amenizar esta situação utilizou seu método usual que consistia na observação, na análise dos dados, na investigação das causas, no

assessoramento das necessidades, elaborando programas e projetos e treinando pessoas comprometidas e capacitadas para a mobilização dos lugares de poder e decisões. Por muito tempo, ocupou-se destes afazeres, tendo atuado ainda em outros lugares do mundo, como no Vietnã, Senegal, Ruanda e Líbano. A importância de seu trabalho ganhou reconhecimento de instituições internacionais vindo, inclusive, a trabalhar diretamente com a ONU e com a Igreja.

No Brasil, o padre dirigiu a Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais (SAGMACS). Segundo Dennison de Oliveira (apud CREMONENSE, 2006), o grupo se destinava a forjar uma mentalidade de planejamento na periferia do capitalismo capaz de erradicar os excessos do populismo e do capitalismo, contribuindo assim para afastar o perigo do comunismo, onde a atuação era maior em áreas empobrecidas.



FIGURA 12 - Padre Lebet

Fonte: PADRE Lebet, 2008.

3.3.6 Trilhando Caminhos Próprios

O ano de 1961 foi significativo, com o apoio da FAFI, a faculdade de Filosofia se torna então um centro de referência geral. Dentro dela a equipe central do Movimento Comunitário, que era o Centro de Estudos e Pesquisas Sociais do qual Mario Osorio era seu presidente, promoveram cursos em Ijuí com o objetivo de capacitação e preparação de pessoal para organizarem suas comunidades.

De acordo com Marques e Brum (2002) o Centro de Estudos e Pesquisas Sociais promoveu em Ijuí um curso sobre a “Integração na Comunidade e a Marginalidade Cultural”. As temáticas das palestras e os debates versavam sobre; Processos Sociais, O sentido Comunitário, Formas de Marginalidade e Demora Cultural, Desenvolvimento e Organização Comunitária e Planejamento Comunitário.

Houve um grande envolvimento dos participantes no decorrer da realização do curso e ao término, todos se perguntavam: como colocar as teorias e os debates em prática? Mas o grupo participante também entendeu que não poderiam ser aplicados modelos já institucionalizados em outros contextos culturais. Necessário se fazia criar e organizar grupos de pessoas com problemas semelhantes e que buscassem nas bases suas soluções. Fortaleceu-se a partir daí a idéia da ação comunitária. Essa idéia, convertida em vivência pelo esforço de superação, levou os membros da equipe a atuarem com os grupos de influência direta. E o movimento comunitário foi se solidificando nas reuniões dos pequenos grupos. O clima de motivação se espalhou, oportunizando a organização e ação de grupos com características mais reais e dinâmicas, tais como os Núcleos de Base (dos agricultores), Associações de Amigos (de moradores de bairro), e os Clubes Infantis, etc.

A partir de então surgiram diversos grupos de trabalho:

Pessoas envolvidas em obras de assistência social, que sentiram a necessidade de coordenar as obras existentes através de um órgão central, com um envolvimento maior de pessoas dispostas a buscar soluções mais consistentes que o simples assistencialismo.

Operários, tomaram consciência da necessidade de se formar líderes para atuação em sindicatos e em futuras comunidades de trabalho.

Estudantes passaram a ativar os grêmios estudantis, nas escolas professores e pais sentiram a necessidade de criarem e vitalizarem os círculos de pais e mestres transformando as escolas também em centros da comunidade.

Os grupos de trabalho reuniam-se semanalmente e através dos debates e diálogos, perceberam-se como sujeitos históricos e entenderam que a solução dos problemas dependia de reformas profundas nas estruturas sociais, e para que tais reformas acontecessem necessário se fazia ter a opinião pública favorável a tais organizações comunitárias. Para construir essa aproximação organizaram a “Primeira Assembléia Comunitária de Ijuí” no salão de atos da Prefeitura Municipal.

3.3.7 Primeira Assembléia Comunitária de Ijuí e o Voluntariado Comunitário



FIGURA 13: Assembléia Comunitária de Ijuí

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

Em 22 de agosto de 1961 após vários meses de reuniões semanais realizou-se a “Primeira Assembléia Comunitária de Ijuí” com ampla participação popular. A partir dessa assembléia criou-se uma frente com o nome de “Voluntariado Comunitário”. A Frente desse Movimento se destacavam Frei Matias e o professor Argemiro Brum que convidaram a todos que se dispusessem, voluntariamente, a dedicarem a Comunidade algumas horas por semana de seu tempo, para estudarem, analisarem, discutirem e buscarem soluções para seus problemas e os problemas da Comunidade. Era um chamamento ao trabalho comunitário e solidário, pensando o município de Ijuí em termos de unidade, cada um fazendo a sua parte, e unindo esforços para a resolução dos problemas locais.

A assembléia de 22 de agosto de 1961 pode ser considerada como o marco inicial do Movimento Comunitário de Base.

Segundo Marques e Brum (2002, p. 18-20) e Lazzarotto (1981, p. 97) os temas frisados por Frei Matias na “Primeira Assembléia” se fixaram nas afirmações que passo a transcrever:

-“Somos uma Comunidade”. *“Todos precisamos de todos”, isso significa que deveria haver unidade entre os membros da Comunidade. Cada um tem uma missão a cumprir. Todos precisamos de todos. Necessitamos pensar o município como um todo único.*

-“Perdemos facilmente o senso de nossas responsabilidades”. *Os problemas por serem comuns a todos acabam não sendo assumidos por ninguém. Necessário se faz assumi-los conjuntamente.*

-“Ijuí se caracteriza por seu espírito comunitário”. *Um povo que sempre soube buscar soluções para seus problemas, pois sempre soube o que queria, mas agora este espírito esta arrefecendo. Necessário se faz reagir.*

-“Esta Assembléia não é sonho de uma cabeça, nem brotou planejada das páginas dos livros”. *Ela é o resultado de uma obra comunitária que após muitos meses de estudos, reflexões e debates, com reuniões semanais para pensar junto os nossos problemas comuns. Esta assembléia tem como objetivo principal criar novos grupos de estudos e de trabalho nos bairros, na indústria, no comércio, na educação, no operariado, estudantes, nos mais variados segmentos buscando sempre uma maior integração com comunidade.*

-“Uma organização que não pode nascer feita, mas deve crescer dentro de Ijuí, com as feições de Ijuí”. *Buscando soluções para os problemas locais.*

Nessas afirmações percebe-se além da visão idealista uma proposta para o desenvolvimento do espírito comunitário, solidário com responsabilidade social. Buscou-se construir uma identidade cultural própria para a comunidade de Ijuí e região.

Momentos antes de Frei Matias finalizar a sua fala, ele faz um chamamento conclamando a todos os presentes e a população de Ijuí para a necessidade de se criar a primeira frente do Voluntariado Comunitário³⁰.

Com a calorosa receptividade e aceitação da opinião pública em relação ao movimento e pretendendo atingir todas as categorias sociais e profissionais, os grupos entusiasmados decidiram reunirem-se semanalmente. Tinham a certeza que estavam no caminho certo e que era necessário aprofundar essa consciência comunitária em todas as camadas sociais. Com esse sentimento chega-se ao final do ano de 1961 com a plena convicção da necessidade de dar continuidade ao Movimento. Cada grupo nutria o desejo de realizar alguma coisa em benefício da comunidade. Surgiram então diversos grupos de trabalho: pessoas que se envolveram em obras de cunho social, professores, estudantes, operários, pais e mães de famílias. Todos os grupos imbuídos a criarem uma percepção aguda dentro de si mesmos e buscarem ações eficazes para a resolução dos problemas detectados. Reativaram-se os círculos de pais e mestres, com um foco mais objetivo e uma participação mais efetiva das pessoas que se faziam presentes nas reuniões. Os grupos dos operários e dos estudantes procuraram desenvolver ações no sentido de criar bases sólidas para o fortalecimento do Movimento e despertar a consciência de classe. Urgia a necessidade de se propagar a mensagem comunitária também ao meio rural. Este era um dos objetivos para o ano de 1962 (MARQUES; BRUM, 2002).

3.3.8 A Frente Agrária Gaúcha (FAG)

Por iniciativa do episcopado católico gaúcho criou-se, em 1962, a Frente Agrária Gaúcha (FAG), uma frente de orientação para levar os cristãos a participarem efetivamente da vida sindical rural e na promoção dos homens do campo, difundindo e concretizando a doutrina social cristã. A FAG era formada por um grupo de pessoas ligada a Igreja Católica, majoritariamente intelectuais e agricultores, que organizaram um movimento que de certa forma foi visto como uma

³⁰Para maior conhecimento a respeito do tema, ver MARQUES, Mario Osorio; BRUM, Argemiro Jacob. **Uma comunidade em busca de seu caminho**. Ijuí: UNIJUI, 2002. p.18-22.

reação a outros movimentos já existentes, e que, segundo os integrantes eram contrários aos interesses da sociedade riograndense³¹.

Essa frente foi criada também com o objetivo de combater as propostas de reforma agrária que contrariavam a orientação da Igreja, era uma oposição ao Movimento (MASTER) Movimento de Agricultores Sem Terra tendo como principal articulador e defensor do movimento o então governador do Estado Leonel de Moura Brizola. O MASTER surge vinculado à política populista utilizada pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Uma das principais bandeiras do Movimento era reforma agrária e a sindicalização. O desmantelamento do movimento ocorre pelo golpe militar exatamente porque defendia os interesses dos pequenos produtores e dos “Sem-Terra” (CREMONESE, 2006).

Segundo Frantz (1982), em Ijuí o MCB estava próximo às posições da FAG, e tinha uma proposta político-ideológica influenciada pela Doutrina Social da Igreja Católica e pela Encíclica *Mater et Magistra*, do Papa João XXIII. “O MCB pregava o comunitarismo³² como sendo a solução política entre o socialismo e neocapitalismo”.

Frei Matias participou em 1962 de um encontro da JUC em Santa Maria ocasião em que o episcopado gaúcho estava criando a FAG e a orientação era de que cada paróquia deveria iniciar o movimento para sua criação. “Em toda a parte os próprios vigários eram encarregados para este trabalho, *mas eu consegui um documento do bispo Dom Vitor Sartori para que deixasse a cargo da Faculdade a criação da FAG em Ijuí*” (LAZZAROTTO, 1981, p. 99, grifo nosso).

Frei Matias conseguiu mais, pois além da criação da FAG a Faculdade de Filosofia foi incumbida pelo bispo de realizar cursos para os produtores rurais. Então quando o episcopado lança a “Federação Agrária Gaúcha” (FAG), em 1962, a Faculdade de Ijuí assume a liderança, promovendo a organização de mais de setenta núcleos de base, que primeiramente dirigem grandes campanhas como; combate à formiga, métodos de conservação do solo e formas de associativismo.

O primeiro curso realizado para líderes da FAG ocorreu nos dias 26 e 27 de fevereiro de 1962, conforme publicação do Jornal Comunitário.

³¹ Frente Agrária Gaúcha - Normas e Passos para a Fundação (MADP - UNIJUÍ).

³² O “comunitarismo” seria uma forma de solidariedade tendo como objetivo principal disciplinar e institucionalizar o exercício da iniciativa privada, submetendo-a à comunidade de trabalho (FRANTZ, 1982).

Agricultores, representado a quase totalidade dos povos do interior do município, escolhidos por seus companheiros de atividade, estiveram reunidos na escola “Assis Brasil”, participando desse curso de motivação e preparação de colonos para o trabalho de arregimentação da FAG. O curso teve plena receptividade entre os participantes e libertou muitas energias adormecidas. Os colonos, bem motivados e orientados compreenderam a oportunidade e o alcance do movimento que se estava iniciando e assumiram a responsabilidade de levá-lo para a frente (p. 9).

De acordo com o Jornal Comunitário, o curso obedeceu ao seguinte temário:

Dia 26, foi feita à abertura por Dom Walmor, Bispo Auxiliar de Santa Maria, com o tema: Doutrinação do homem agrícola para a sua realização. O Professor Argemiro Brum apresentou o tema: Problema Agrário no Brasil e Frei Leonardo de Casca: Problema Agrário no Rio Grande do Sul. Logo após foram feitos círculos de Estudo e Plenária.

À tarde, Frei Matias expôs os “Sistemas Sócio-econômicos: Socialismo - Comunitarismo – Neo-capitalismo”, iniciando sua fala assim:

O povo brasileiro toma consciência de seus problemas e busca soluções, são três as alternativas que se apresentam: Socialismo-/Comunitarismo-/Neo-capitalismo.

O CAPITALISMO não admite interferências no campo econômico, lei da oferta e da procura, livre concorrência, lei do mais forte.

O NEO-CAPITALISMO comporta várias formas renovadas, que aceitam as exigências do trabalho como condição de sua própria sobrevivência. Atribue vantagens crescentes ao trabalho, mas a decisão pertence ao capital.

O SOCIALISMO compreende todos os sistemas econômicos que atribuem a propriedade e as decisões ao Estado (governo). A pessoa mesma - tudo e todos - pertencem ao Estado, O socialismo assume formas mais ou menos atenuadas na medida em que deixa maior ou menor margem à propriedade privada de bens não produtivos, e à iniciativa privada. Sua forma extrema é o comunismo coletivista.

O COMUNITARISMO (solidarismo-democracia / econômico-social) atribue propriedade e as decisões à comunidade de trabalho. Institucionaliza e disciplina democraticamente o exercício da iniciativa privada dos indivíduos e dos grupos profissionais. [...] O Comunitarismo é a única solução realista. Baseia-se no valor e dignidade-iniciativa e responsabilidade da pessoa humana.

Comporta uma pluralidade de associações, movimentos, ligas, cooperativas, sindicatos etc. A organização classista, de caráter horizontal, completada pela organização profissional, de caráter vertical: o diálogo entre as classes, os contratos coletivos, etc.

À comunidade do trabalho e da produção integrados na comunidade total, estreitamente ligados, interdependentes, harmoniosamente equilibrados todos os valores da vida humana.

A comunidade rural e a comunidade urbana completando-se mutuamente, solidárias da obra comum da civilização [...]. Comunidades locais, regionais, nacionais e a comunidade internacional em círculos concêntricos para defesa e promoção do homem. Nunca existiram tempo nem lugar mais propício para se tentar esta solução [...]. Está na hora exata [...]. O essencial é criar no povo a consciência de suas responsabilidades: os problemas são graves, mas existem soluções, que são possíveis e dependem de todos e

de cada um (RELATÓRIO DOS CURSOS PARA LÍDERES. In: MADP - UNIJUÍ).

Percebemos na exposição por parte de Frei Matias um chamamento e uma convocação dos presentes para o comunitarismo / associativismo, considerando-se também que este era um curso promovido para os líderes da FAG que na sua grande maioria eram agricultores.

Podemos perceber também que a fala proferida por Frei Matias estava impregnada das palavras de João XXIII:

[...] que os ditos corpos se apresentem sob a forma de verdadeiras comunidades; isto é que os seus membros sejam considerados e tratados como pessoas, e estimulados a participarem ativamente na via associativa (*Mater et Magistra*) (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 26, 27/02/962, p. 5).

Em nossa análise detectamos que o espírito religioso aliado ao espírito de solidariedade, trabalho voluntário conclamando a união de todos na comunidade na busca de soluções dos problemas sempre estiveram muito presentes na maioria das ações desenvolvidas por Frei Matias.

O curso para os líderes da FAG teve continuidade ainda no dia 27. O tema Cooperativismo: foi trabalhado por Frei Leonardo de Casca e o Dr. Nilo Bonfanti, diretor da Cotrijuí, complementou as explicações sobre cooperativismo (RELATÓRIO DOS CURSOS PARA LÍDERES. In: MADP - UNIJUÍ).

Já pela parte da tarde, Frei Matias palestrou sobre as várias funções da FAG, focalizando e centrando a análise sobre seus estatutos e principalmente sobre as finalidades específicas da Frente Agrária Gaúcha que, dentre outras se destacam:

- a) Promoção de investigações e estudos acerca da questão agrária no Estado e no País;
- b) A fundação e manutenção de escolas e cursos, permanentes ou periódicos, e a realização de congressos, seminários e conferências, para a formação de líderes rurais e para a educação de base do agricultor e do trabalhador rural;
- c) O amparo e estímulos aos sindicatos de agricultores, aos detentores de pequenas propriedades, aos trabalhadores rurais e às iniciativas econômicas, entre elas as de natureza cooperativa, e as suas promoções de ordem assistencial e cultural.

O encerramento do curso, com um plenário bastante movimentado foi executado por Frei Matias que na sua fala enfatizou a necessidade de se desenvolver uma consciência nacional; suas palavras foram registradas e disseminadas através de um veículo de comunicação.

Para que o povo participe efetivamente da luta pela construção e emancipação do país, com as reformas de base imediatamente aplicadas, e, por essa forma, possa resistir às pressões internas e externas dos que procuram impedi-las ou o transfigurá-las através da influência que exercem na opinião pública pelos meios de comunicações. A Reforma da Consciência Nacional é Básica e é Fundamental. As transformações sociais só se tornarão efetivas e serão profundas e duradouras se contarem com a participação concreta e consciente do povo organizado em bases comunitárias. O povo precisa ser esclarecido. Tomar consciência da realidade nacional. Assumir a responsabilidade de sua miséria e do seu subdesenvolvimento. Acreditar no seu próprio valor, na sua capacidade. Não se deixar passivamente arrastar na correnteza dos acontecimentos; mas participar, influir nos fatos e construir a sua história. Frei Matias finaliza a sua fala com a seguinte pergunta. O que cada um de nós pode fazer? (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 27/02/1962, p. 7).

Diante da pergunta lançada um agricultor que se fazia presente emocionado tomou a palavra e conclamou a todos os agricultores para que se unissem em defesa dos interesses da classe. Os frutos desse trabalho e deste apelo não tardaram a aparecer, pois,

Os colonos que participaram do curso tornaram-se arautos da nova cruzada. Cada um voltou para casa sentindo que o êxito do movimento da FAG dependia dele. Da sua atuação. Da sua capacidade e entusiasmo em transmitir a mensagem e o espírito do movimento. Tinha um papel e uma missão a cumprir. A agricultura estava disponível. Desamparada e quase sem esperanças, reagiu satisfatoriamente. Compreendeu que o isolacionismo desestimula e mata. Só a união, solidariedade e organização vivificam e fortalecem. Somente unida à agricultura poderia ser forte. A terra era fértil e estava preparada para receber a *boa semente* (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 27/02/1962, p. 4, grifo nosso).

Logo após o término do curso, os líderes participantes arregimentaram suas forças e foram promovendo reuniões pelo interior do município com ótimos resultados de aceitação por parte dos agricultores. Ainda no mês de fevereiro de 1962, realizou-se o Primeiro Encontro de Líderes Rurais de Ijuí, nas dependências do Instituto Municipal de Educação Assis Brasil.



FIGURA 14 - Primeiro Encontro de Líderes Rurais de Ijuí

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) – UNIJUÍ.

Argemiro Brum (apud LAZZAROTTO, 1981, p. 99) relata que:

Os bispos queriam que sob a influência do vigário, fossem filiados na FAG, imediatamente o maior número de agricultores possível, a fim de comprometê-los e assim não se inscrevessem no MASTER, de Brizola [...]. Aqui, nós não nos preocupamos com fichas, mas com que o agricultor se conscientizasse do que era o Sindicato e depois assinasse se quisesse. Não queríamos um movimento imposto de cima, mas um movimento aceito pelos agricultores.

Isto tudo poderia resultar em oposições e / ou conflitos,

logo de início o Pe. Pio Busanello, vigário da Igreja Nossa Senhora da Natividade, melindrado por ser preterido no trabalho da FAG, em Ijuí, e pelo modo como era conduzido pelo Centro, escreveu ao Bispo D. Luiz Vitor Sartori. Este também por carta impõe ao Frei Matias “que abandone esse trabalho ou se retire de Ijuí num prazo de trinta dias”. O Frei Matias limitou-se a remeter uma fotocópia da autorização recebida e não se falou mais no assunto. Mesmo para a equipe central a FAG em Ijuí era vista como ovelha negra, mas quando precisavam mostrar realizações, mostravam a de Ijuí (LAZZAROTTO, 1981, p. 100).

Aqui aparece claramente o conflito:

Mesmo contrariando a vontade do vigário e de mais algumas pessoas, Frei Matias continuou em Ijuí mobilizando cada vez mais os agricultores.

Segundo Marques e Brum (2002a) e Lazzaroto (1981), em Ijuí a reação no meio rural aconteceu de forma dinâmica. Intensificaram-se as reuniões em todo o município e criaram-se os núcleos locais. Num curto espaço de tempo foram criados mais de 76 núcleos de agricultores que se reuniam mensalmente com a participação de lideranças do setor. Nesses encontros os agricultores eram preparados para o associativismo. Nove equipes de agricultores líderes percorriam o município fazendo reuniões³³ expondo a doutrina e as bases do associativismo e do sindicalismo.

Devido a estes posicionamentos, a defesa e implementação destas idéias por Frei Matias é que muitas pessoas o rotulavam de comunista, mas a impressão que nos é passada pelas pessoas que conviveram com ele e pela análise de sua trajetória é a de que ele sempre foi meio avesso a esta forma de ver e organizar a sociedade. Portanto ele não se preocupava em seguir a linha ideológica de um partido político, mas acredito que suas idéias eram mais de esquerda, até por influência de alguns pensadores que ele estudava e o influenciavam, mas como um bom capuchinho ele via todos como irmãos e os procurava ajudar da melhor forma possível. Aliado a isso ele possuía uma percepção aguçada sobre as dinâmicas de poder, o que lhe permitia transitar nos dois lados e ter consciência de até onde poderia ir.

3.4 A SINDICALIZAÇÃO

A sindicalização surgiu em Ijuí como um movimento de conscientização e promoção dos agricultores, através da Educação de Base e do associativismo, em especialmente a sindicalização no meio rural. Era necessário,

assumir este novo Movimento impregnando-o do espírito comunitário, segundo a lição de João XXIII na *Mater et Magistra*: "os protagonistas do progresso econômico e social e da elevação cultural nos meios rurais devem ser os mesmos interessados, quer dizer, os lavradores [...]. Os trabalhadores da terra devem sentir-se solidários uns aos outros, e colaborar na criação de iniciativas cooperativistas e associações profissionais ou sindicais" (MARQUES; BRUM, 2002, p. 23).

Segundo os autores referenciados esta era a mensagem que deveria ser levada ao meio rural procurando atingir o maior número possível de agricultores. Para alcançar esse objetivo uma equipe percorreu o interior do município, solicitando

³³ Lazzarotto (1981) afirma que estas reuniões geralmente aconteciam aos sábados e domingos.

as comunidades que indicassem um ou dois representantes para participarem do primeiro encontro de líderes rurais na sede do município de Ijuí (MARQUES; BRUM, 2002).

O direito de reunir-se para planejar e debater é fundamental para um governo democrático. Planejamentos comuns em torno de interesses comuns geram a organização, cooperativa ou sindical, com os objetivos de mútuo auxílio, para possuir mais poder de barganha por ocasião da comercialização dos produtos produzidos e também ter mais força na defesa de seus interesses. Foi assumindo a responsabilidade desses direitos que os agricultores de Ijuí se reuniram por centenas de vezes e organizaram os seus sindicatos rurais livres e independentes de quaisquer ingerências públicas e oficiais.

Matéria publicada no editorial³⁴ do Jornal Correio Serrano de Ijuí, em 27 de abril de 1963, traduz o pensamento dos agricultores em relação à sindicalização:

Os agricultores têm capacidade suficiente para conduzirem os seus sindicatos a bom termo, sem necessidade dos pelegos oficiais ou de classes interessadas em abafar os movimentos lícitos de reivindicações dos trabalhadores do campo. Organizados em Sindicatos, os agricultores poderão dialogar e manter relações com quantos quiserem a eles se dirigir, mas nunca através de acordos ou pactos humilhantes. De cabeça erguida, mantendo a dignidade de homens livres e responsáveis. (p. 8).

3.4.1 Preparação das Equipes

Conforme relata o Jornal “O Comunitário” - Suplemento do Correio Serrano, o encontro de Líderes teve a participação de 98 agricultores que voltaram para seus núcleos decididos a um trabalho organizado e fecundo.

Durante dois meses quase todos os núcleos fizeram reuniões e foram visitados pela equipe de colaboração a fim de preparar as equipes que deveriam percorrer o interior do município promovendo a campanha de sindicalização.

A frente agrária havia organizado em torno de 80 Núcleos de Base no interior e cada um deles deveria ser visitado pelas equipes. Depois de prolongados estudos e muitos debates se chegou à conclusão de que seriam necessárias umas 30 equipes para percorrer o município. Finalmente, os agricultores formaram 28 equipes

³⁴ Esta não é só uma notícia de jornal, mas sim a posição que por ora assume a direção do Correio Serrano (grupo dirigente).

que se prontificaram a visitar os seus companheiros dos Núcleos e levar até eles a mensagem da sindicalização. Essas equipes dentre as quais Mario Osorio era um dos líderes³⁵, percorreram as localidades do interior do município levando as primeiras noções sobre sindicato.

Nesta época foi escrito e distribuído aos agricultores um opúsculo - ABC DO SINDICATO RURAL³⁶ – para prestar informações e esclarecimentos aos colonos.

Após todo esse trabalho de mobilização, informações, esclarecimentos e conscientização, com a presença de mais de mil agricultores autônomos e perto de trezentos trabalhadores rurais fazia-se à fundação dos Sindicatos Rurais de Ijuí (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 19/12/1962 p.3).



FIGURA 15 - Deslocamento de agricultores de suas comunidades para os locais de fundação de seus sindicatos, em 24/06/1962

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

A grande mobilização por parte dos agricultores foi emblemática como sendo o despertar da classe trabalhadora rural que readquiriria a confiança e a esperança perdidas durante o processo de modernização da agricultura.

³⁵ A equipe liderada por Frei Matias juntamente com Tarcísio Brendler e Fiorelo Filipi eram os encarregados da visitação a localidade sede de Ajuricaba (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 1962, p. 3).

³⁶O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, p. 3. ABC do Sindicato Rural, de autoria do professor Argemiro J. Brum. Ijuí, Michaelssen e Cia Ltda. 1962.18p.



FIGURA 16 - Transporte do Centro de Cultura Popular

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ

3.4.2 A Meta Atingida

A concretização do objetivo tão arduamente perseguido aconteceu no dia 3 de junho de 1962, onde foram fundados os Sindicatos Rurais, - o dos Trabalhadores Assalariados e o dos Pequenos Proprietários; que funcionavam em caráter provisório, pois era necessário aguardar os desdobramentos burocráticos para a obtenção da carta sindical. Enquanto aguardavam, os agricultores prosseguiram com reuniões a fim de levantar os principais problemas vivenciados pelo meio rural no município de Ijuí. Estes encaminhamentos seriam levados ao I Congresso Estadual da Frente Agrária Gaúcha que seria realizado na capital do Estado nos dias 24 e 25 de julho do corrente ano.



FIGURA 17 - Fundação do Sindicato dos Pequenos Produtores Rurais de Ijuí – Instituto Municipal de Educação Rural Assis Brasil, em 24/06/1962. Mais de 1.500 participantes

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

Para participarem do evento,

Mais de uma dezena de colonos, em julho, seguiram a Porto Alegre, como delegados dos agricultores ijuienses, para com centenas de outros, debaterem e estudarem os principais problemas da agricultura rio-grandense. Foi algo de muito significativo. Pela primeira vez, colonos de todos os quadrantes do Estado reuniram-se na capital, para debater problemas e reivindicar medidas visando à promoção da sua classe. (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 18/12/1962, p. 5).

Frei Matias como um dos principais organizadores da FAG em Ijuí se fez presente no evento incentivando e acompanhando os agricultores nas suas reivindicações e encaminhamentos. Ao regressarem do congresso estadual da FAG os agricultores traziam consigo uma carta de reivindicações que sinalizava para uma tomada de consciência da classe em âmbito estadual e que o movimento deveria penetrar e trabalhar mais junto as bases, desvencilhando-se dos protecionismos e das orientações distanciadas (MARQUES; BRUM, 2002).



FIGURA 18 - Fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí na Escola Assis Brasil - 1962

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

O Movimento Comunitário de Base foi inicialmente uma mobilização intensa, mas restrita ao meio rural, e à medida que foi penetrando e se alastrando em outras áreas, até com certa facilidade pelo fascínio que as idéias despertavam no seio de uma população desassistida e desorganizada, acenando que, com participação e união organizadas essas comunidades teriam muita força reivindicatória, suscitou animosidade e desconfiança em diversos setores da sociedade.

À medida que o movimento comunitário se expandia, ganhava também inimigos ferrenhos em toda a parte, que viam na mobilização popular, comunitária, estudantil o dedo do comunismo internacional. Para esses setores conservadores, tanto da Igreja, quanto das organizações empresarias ou de partidos tradicionais, Mario Osorio / Frei Matias frente a direção da FAFI e do Movimento Comunitário não passava de um agitador comunista, disfarçado de Frade Capuchinho - um "cripto" comunista como se dizia - capaz, com um estalar de dedos de levantar multidões (BELATO, 2003, p. 76).



FIGURA 19 - Mutirão abrindo vala para rede de água década de 1960

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

Essa questão anticomunista já existia, mas passa a ter uma ascendência maior posterior ao golpe militar. Todo o movimento que envolvesse pessoas era considerado subversivo. Mesmo assim as comunidades se organizavam com características próprias em face da intervenção pedagógica do Movimento Comunitário de Base (MCB), que num apelo dirigido a toda população se transformava num divisor de águas entre os que assumiam o movimento como um instrumento de busca de melhores condições de vida para a população necessitada, e aqueles que se opunham ao movimento enxergando-o como uma ameaça a posições estabelecidas.

A realização do I Festival Gaúcho de Cultura Popular em Ijuí desencadeou o acirramento dos debates, onde se radicalizaram as posições. De um lado o setor estudantil e contrapondo-se a ele, uma elite local que se declarava contra o trabalho desenvolvido junto às camadas populares, que viam nesse trabalho a penetração de idéias e de ativistas comunistas. Integravam essa elite local ex-alunos da FAFI alguns professores e outros setores da sociedade que eram resistentes a mudanças e aos novos rumos que a faculdade ora assumia (MARQUES; BRUM, 2002).

3.5 A MANUTENÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO MCB

Para manter vivo o movimento havia a necessidade de um aprofundamento dentro de cada ser humano e de uma difusão no meio. Para que tal ocorresse era necessário uma equipe de comunicação, com a tarefa de difundir-lo através da imprensa falada e escrita. A FAG e os Sindicatos Rurais criaram dois programas radiofônicos semanais, um em cada emissora local e sempre que possível, o programa era apresentado por agricultores. Criaram-se também outros mecanismos de diálogo com os diversos setores da comunidade. Foi elaborado um suplemento quinzenal do jornal *Correio Serrano*, o boletim *O Comunitário*. Frei Matias como integrante da equipe de comunicação escreveu diversos textos. O texto que segue foi escrito por Frei Matias e versa sobre a importância da imprensa na comunidade:

A IMPRENSA DA COMUNIDADE

A comunidade, como convívio, se realiza graças à comunicação. O diálogo está na base de toda consciência social, de todo consenso. Não haverá comunidade, por isso, onde não existam os instrumentos adequados para a comunicação. À medida que as comunidades crescem e se fazem complexas, a comunicação direta se torna insuficiente e se devem criar os instrumentos culturais eficazes para a elaboração da opinião pública. Surge então a imprensa, como imperativo de uma correta organização funcional da consciência social. A grande imprensa, veículo que deveria ser de parcelas significativas e mesmo da totalidade da opinião pública nacional, mercê das condições em que opera ignorando os limites étnicos, religiosos, econômicos, de classe, sexo, idade ou educação, oferecendo a um público indiferenciado informações despidas das concomitâncias pessoais e superabundantes, freqüentemente colocada a serviço de grupos de pressão, - a grande imprensa facilmente se dissocia da realidade social, alienada da sua função de espelhar a consciência popular. Os pequenos órgãos de imprensa, enraizados profundamente nas comunidades locais, atentos aos mínimos detalhes da vida diária, trazendo a marca das pessoas e a cor local dos acontecimentos, constituem uma base de objetividade e realismo capazes de propiciar a precipitação da consciência popular, suporte necessário de uma opinião pública autêntica e válida. As pessoas e os acontecimentos diários de suas vidas necessitam perceber-se integradas numa unidade funcional, com uma missão própria a cumprir, com um lugar que é seu, de cada uma delas, e com a satisfação profunda de seus anseios de segurança e aperfeiçoamento. Cada qual tem o dever de cultivar a consciência comunitária, vale dizer a percepção de que somos solidários uns dos outros, co-responsáveis do todo social. É conhecendo o que se passa ao seu redor, é inserindo-se nos fatos pelo calor de sua adesão ao que julgar correto e pela veemência com que souber condenar o errado, que cada um cumprirá esse dever. Instrumento dessa integração na comunidade é a imprensa local. Jornal e rádio sensíveis à consciência popular, capaz de percebê-la e expressá-la na sua totalidade, amadurecendo-a paulatinamente. O Movimento Comunitário de Ijuí tem agora um instrumento adequado de definição, disciplina interna e expansão. Trata-se de elaborar uma ideologia autêntica e eficaz: tarefa concreta de conscientização, como capacidade de interpretar a realidade e encontrar as

dimensões de uma ação superadora e construtiva. Isto significa colocar cada individuo na comunidade como uma presença de transformação ativa. Cada qual com uma missão concreta a cumprir dentro do todo comunitário. Missão que só se especifica e esclarece, só se determina à medida em que, pela comunicação, se relaciona com a missão de cada um dos companheiros de jornada. Ninguém valerá entender o próprio papel, sem a compreensão das posições que assumem os outros. Só num relacionamento adequado, não de dominação de uns sobre os outros, mas de reconhecimento mútuo, de respeito à dignidade essencial de cada um e da singularidade, e de sua missão, poderá o indivíduo ocupar o seu lugar intransferível dentro da comunidade em que vive e em que se realiza. O diálogo constitui-se, assim, necessidade inadiável do Movimento como afirmação dentro de si mesmo e como presença junto à comunidade local e junto aos movimentos similares em outras comunidades

Frei Matias (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 01/09/1962, grifo do autor).

Na análise do texto Frei Matias deixa clara a idéia de que o diálogo constitui-se em uma necessidade primeira do Movimento, como afirmação de si mesmo e como presença em outras comunidades que apresentam movimentos similares. A palavra Comunidade exprime a participação de um grupo de pessoas de uma vida em comum. Sendo a pessoa humana social, por sua própria natureza, não podendo isolar-se, torna-se elementar que cada um se integre completamente no meio em que vive, através de sua participação direta. “PARTICIPAR” era a palavra de ordem dentro do Movimento Comunitário de Base (MCB) e com ela exprime-se um sentido muito profundo de mudança de mentalidade e de reforma no nosso Brasil.

Frei Matias nessa época lutava também por uma democracia autêntica e eficaz, conforme matéria publicada de sua autoria

“ POR UMA DEMOCRACIA AUTÊNTICA E EFICAZ “

O Brasil vivia os dias decisivos de nossa história, mercê de uma missão. Crescente autoconsciência nacional. Em nossa crise de crescimento, atingimos a hora das definições claras, na angústia de rumos novos, ante a brusca passagem de uma configuração histórica para outra que mal se delinea. Essa defasagem de estrutura, essa tensão entre uma ordem social envelhecida e uma nova-ordem-que-se-procura, propicia ao país uma introspecção, dando-se ele conta da própria e inconfundível missão. Ficáramos presos às matrizes culturais européias. Impõe-se-nos agora uma conversão radical de nossas atitudes compensatórias de saudosismo - pessimista ou de ufanismo ingênuo. Como sinal inequívoco de vitalidade social. Já nos capacitamos de que podemos construir nossa própria história. Da auto-consciência nacional resultam planos diversos de construção da própria história. São as várias ideologias, instrumentos para ação dos grupos diferenciados que se anunciam na antevéspera de uma definida estratificação social. Aos imperativos do momento nacional: - o desenvolvimento e a integração das massas na participação dos bens da civilização - não poderão responder ideologias como a de um remanescente patriarcalismo rural, conservadora, que só aceita o desenvolvimento com a manutenção de estruturas definitivamente superadas; ou como a de uma nascente burguesia industrial progressista, desenvolvimentista, pragmática

que defende os próprios interesses, emprestando aos valores caráter meramente instrumental, revelando-se ora nacionalista, ora estatizante, ora liberal. Nem será eficaz uma ideologia ético-político-reformista, moralizante, que pretende reformar apenas os costumes políticos, ignorando-os condicionamentos concretos em que se situa o exercício da liberdade e da virtude. Ideologias populistas e nacionalistas, negativas, alheias à originalidade do espírito criador sem trazer a elas remédio eficaz. A ideologia instrumental para uma ação eficaz no momento brasileiro, baseando-se no valor essencial da pessoa humana, deverá obter uma precipitação da consciência popular. Não poderá ignorar a emergência do povo como categoria política, com poder de decisão. O Brasil está em condições de realizar uma experiência original de desenvolvimento: a experiência da comunidade. Para isso é necessário que cada brasileiro tenha a humildade de se colocar dentro da realidade para encontrar o caminho. Colocar-se como uma presença de transformação ativa. A consciência nacional não poderá apenas refletir a realidade; ela é ativa, criadora de significações, transcendente aos conteúdos materiais do processo de desenvolvimento, capaz de imprimir a ele uma direção. *Frei Matias.* (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 15/09/1962, p. 5, grifo nosso).

Analisando o texto escrito por Frei Matias percebemos os pilares da “concepção Lebreteana de sociedade que se funda na recriação da idéia de comunidade de *ecclesia*, de comunhão entre iguais” (LEBRET, 1942 apud BELATO, 2003, p.74), na comunidade as pessoas se relacionam por vários vínculos compondo um todo orgânico do qual nasce a consciência da coletividade, e esta “consciência está aquém, tanto da economia como da política visando apenas satisfazer as necessidades primárias, materiais, sociais e espirituais” (p.74).

A comunidade é a verdadeira célula social, pois aí os homens se conhecem, se respaldam mutuamente, se controlam uns aos outros e, sobretudo, ligam-se entre si por uma comunidade de destino que tem na base a comunidade familiar e, no topo, a comunidade nacional (LEBRET, 1942 apud BELATO, 2003, p. 74).

Diz Frei Matias:

Restituamos ao povo brasileiro - a cada cidadão - de suas responsabilidades concretas, diretas, imediatas. Não o iludamos com promessas, ou com providências paternalísticas. Demos a ele apenas, oportunidades reais de se unir, de constituir pequenos grupos, de dialogar e de trabalhar. Que exerça, efetivamente, sua liberdade de expressão, de associação e de ação. E o povo encontrará seu caminho (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 15/09/1962, p. 5).

O texto revela o verdadeiro sentido do Movimento Comunitário de Base (MCB). E revela também o pensamento de Frei Matias em relação a prática paternalista e demagógica de nossos governantes que para ele já se tornou uma

herança histórica cultural. De acordo com o que escreve Frei Matias basta dar ao povo a liberdade de se organizar, a oportunidade de participar, de dialogar e de trabalhar que ele (o povo) encontrará a forma de se desenvolver e crescer como sujeito social.

Merece destaque também outro texto que tem por título: *O Homem na Comunidade*, escrito por Frei Matias e publicado no mesmo jornal local:

O HOMEM NA COMUNIDADE

Os objetivos da sociedade não se podem desencarnar, separam-se dos indivíduos-em-concreto, sob pena de se constituir em centro de rodopio absolutizante, que irá inexoravelmente reduzindo as pessoas à categoria de números substituíveis entre si, de instrumentos a serviço do conjunto.

As bases para as sociedades não poderão ser, portanto, uma identidade de fins-em-sí-mesmos; mas uma identidade de vidas vividas junto, o convívio, a solidariedade, a comunidade.

Visões truncadas do homem, sistemas sócio-econômicos, como o capitalismo liberal ou o socialismo marxista, que pretendam submeter o homem concreto a engrenagens pré-fabricadas, a formas externas determinantes, não poderão por muito tempo resistir às pressões internas da vida real e irão semeando ao longo do caminho seus próprios destroços, como tentativas superadas de explicar e reger a trajetória do homem sobre a terra.

Apenas uma doutrina solidamente alicerçada em a natureza humana total e atenta a tudo o que se passe no homem e em cada homem será capaz de acompanhá-lo, não só na realização de seu destino eterno, mas no seu itinerário de cada dia, com vigilante sensibilidade do concreto.

A doutrina da dignidade da pessoa humana concreta, realizando-se nas situações históricas através de ideologias eficazes, é rica de soluções adequadas para todos humanos. Disto nos dá testemunho magnífico a encíclica "MATER ET MAGISTRA", cujas lições sobre as condições reais da construção do homem em nossos dias procuraremos agrupar em 5 itens:

1- A vida moderna é CRESCENTEMENTE VIDA ASSOCIADA: "a socialização é um dos aspectos característicos da nossa época. Consistem na multiplicação progressiva das relações dentro da convivência social, e comportar a associação de várias formas de vida e de atividade, e a criação de instituições jurídicas".

2- A importância crescente dos pequenos grupos sociais é PERFEITAMENTE SÁDIA: a socialização é um bem: "É claro que a socialização assim entendida tem numerosas vantagens: torna possível satisfazer muitos direitos da pessoa humana, especialmente os chamados econômicos e sociais, por exemplo, o direito aos meios indispensáveis ao sustento, há um tratamento médico, a uma educação de base mais completa, a uma formação profissional mais adequada; direito à habitação e, ao trabalho, há um repouso conveniente e ao descanso. Além disso, através da organização cada vez mais perfeita todos meios modernos da difusão do pensamento – imprensa, cinemas, rádio e televisão – torna-se fácil participar nos acontecimentos de caráter mundial".

3- Existe o perigo de os grupos substituírem-se às pessoas, abdicando estas de suas responsabilidades concretas e organizando-se aqueles em estruturas opressoras: "Mas, por outro lado, a socialização multiplica os organismos e torna sempre mais minuciosa a regulamentação jurídica

das relações entre os homens, em todos os domínios. Deste modo, restringe o campo da liberdade de ação dos indivíduos. Utiliza meios, segue métodos e cria círculos fechados, que tornam difícil a cada um pensar independentemente dos influxos externos, agir por iniciativa própria, exercer a própria responsabilidade, afirmar e enriquecer a própria pessoa. “

4– O processo de socialização não é, no entanto, por si mesmo, opressor, senão na medida em que os indivíduos se eximem de suas responsabilidades concretas: “Não deve considerar-se a socialização como o resultado de forças naturais impelidas pelo determinismo; ao contrário, como já observamos, é obra dos homens, seres conscientes e livres, levados por natureza a agir como responsáveis, ainda que em suas ações sejam obrigados a reconhecer e respeitar as leis do progresso econômico e social, e não possam subtrair-se de toda a pressão do ambiente. Por isso, concluímos que a socialização pode e deve realizar-se de maneira que se obtenham as vantagens que ela traz consigo e se evitem ou reprimam conseqüências negativas”.

5– Para que o processo de socialização seja de fato sadio e proveitoso, é necessário que obedeça a três exigências fundamentais:

a) O Estado deve pôr-se eficazmente a serviço do' bem comum: "Para o conseguir, requer-se, porém, que as autoridades públicas se tenham formado, e realizem praticamente, uma concepção exata do bem comum. Este compreende o conjunto das condições sociais que permitem e favorecem nos homens o desenvolvimento integral da personalidade".

b) Devem-se multiplicar os grupos parciais, autônomos, eficientes e solidários entre si: "E cremos necessário, além disso, que os corpos intermediários e as diversas iniciativas sociais, em que, sobretudo procura exprimir-se e realizar-se a socialização, gozem de uma autonomia efetiva relativamente aos poderes públicos, e vão no sentido de seus interesses específicos, com espírito de leal colaboração mútua e de subordinação às exigências do bem comum".

c) Mas, para isso, é mister que as pessoas membros dos grupos sejam autônomas e participem ativamente na promoção da comunidade em que se integram: "Nem é menos necessário que os ditos corpos se apresentem sob a forma de verdadeiras comunidades; isto é, que os seus membros sejam considerados e tratados como pessoas, e estimulados a participar ativamente na vida associativa".

Esta corajosa afirmação do homem-indivíduo como centro dinamizador da vida associativa e de toda a cultura, dando a cada homem-em-concreto um sentido de valor substancial e de uma missão a cumprir, coloca em termos de realidade a doutrina da dignidade da pessoa humana. Não se trata apenas de defendê-la ou tecer a respeito dela altas considerações; é chegada a hora de lhe oferecer condições concretas e eficazes de realização.

Os pequenos grupos, não presos a formalidades, a mandonismos ou a paternalismos, mas vitalizados de contínuo pela presença ativa e de cada um de seus membros igualmente responsáveis pelo bem comum, os pequenos grupos abertos ao diálogo e à livre e corajosa atuação, como comunidades, constituem a grande escola em que deve o homem moderno ingressar, para a reconstrução de si e do mundo. *Frei Matias.* (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 15/09/1962, p. 5, grifo do autor).

Percebe-se neste texto elaborado por Frei Matias o espírito Comunitário segundo a lição de João XXIII, na encíclica *Mater et Magistra* redigida em 1958 por Lebet e sua equipe, onde o foco principal dessa encíclica é à vida associada, e a participação ativa das pessoas na promoção da comunidade que integram. Muitos

textos com esta mesma visão são encontrados nos periódicos locais escritos pelo grupo de intelectuais que acompanhava e comungava do mesmo pensamento do Frei Matias. Entre eles podemos destacar os textos escritos por Argemiro J. Brum, Frei Nicomedes, Frei Eugênio, Fernando Craidy, Frei Romeu, Nilo Bonfanti, Ludwig Reichard Filho. Todos eles entendiam a mobilização social, o associativismo e o sindicalismo como forma de participação e organização coletiva na dinâmica da construção do desenvolvimento local e regional.

A partir dessa visão surgem então as organizações dos trabalhadores rurais, dos trabalhadores urbanos, dos operários, dos agricultores e dos estudantes na busca de um caminho próprio, autônomo, construído pelas suas próprias mãos a partir de seus problemas reais (BELATO, 2003).

De acordo com Brum (1998) reuniões, assembléias, palestras, encontros, seminários, cursos, jornais, programas radiofônicos, campanhas e solução dos problemas concretos foram os principais meios e ações utilizadas e desenvolvidas para a consolidação do Movimento Comunitário de Base (MCB). A Faculdade de Filosofia da qual Frei Matias era o diretor era a matriz e o vórtice irradiador, mais especificamente o Centro de Estudos e Pesquisas Sociais que no ano de 1963 foi transformado em Departamento de Ciências Sociais. A equipe de comunicação que assumira a tarefa de repensar, mobilizar e difundir continuamente o Movimento passou a chamar-se agora, Equipe Central de Coordenação da qual novamente Frei Matias e Argemiro Brum eram os dirigentes. Somavam-se a eles, professores estudantes, empresários, operários e profissionais liberais. Esta equipe reunia-se uma vez por semana para avaliar, planejar e programar os próximos passos do Movimento. Com o passar do tempo os Núcleos de Base e as Associações se fortaleceram e passaram a exigir com menos assiduidade as suas presenças.

3.6 O BRAÇO CULTURAL DO MCB

Segundo Marques e Brum (2002), os anos de 1963 e 1964 foram marcados pela presença enraizada da FAFI na região, pela implantação do Instituto Superior de Cultura de Santo Ângelo e do Instituto Superior de Cultura de Cruz Alta. A criação desses Institutos tinha como objetivo a descentralização das atividades de extensão e pesquisa e também oportunizar aos estudantes locais e os oriundos dos municípios mais distantes a oportunidade de freqüentar um curso superior. Tratava-

se de uma experiência inovadora no sentido da regionalização do Ensino Superior realizado fora da sede oficial da instituição.



FIGURA 20 - Instalação do Instituto Superior de Cultura de Santo Ângelo, em 07 de março de 1963

Fonte: (BRUM, 1998, p. 51).



FIGURA 21 - Instalação do Instituto Superior de Cultura de Cruz Alta, em 07 de março de 1964.

Fonte: BRUM, 1998, p. 52.

Nestes anos também teve início a aplicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e a FAFI procurou adequar-se aos padrões estabelecidos pelo novo Estatuto e também pela mensagem transmitida pelos bispos brasileiros em relação à cultura:

Ninguém pode pensar que a ordem em que vivemos seja aquela anunciada pela nova Encíclica com fundamento inabalável da paz. Nossa ordem é, ainda, viciada pela pesada carga de uma tradição capitalista, que dominou o Ocidente nos séculos passados. É uma ordem de coisas na qual o poder econômico, o dinheiro, ainda detém a última instância das decisões econômicas, políticas e sociais. É uma ordem de coisas na qual a minoria, que tem recursos, tem abertas todas as portas de acesso à cultura, altos padrões de vida, de saúde, de conforto e de luxo, e a maioria que não tem recursos é, por isso mesmo privada do exercício de muitos dos direitos fundamentais e naturais enunciados na "*Pacem in Terris*", direito a participar dos benefícios da cultura, enfim relativos à vida do homem em sociedade (O COMUNITÁRIO, SUPLEMENTO DO CORREIO SERRANO, 25/05/1963, p. 3).

De acordo com a mensagem do Episcopado Nacional, fazer cultura popular no Brasil é alertar o povo para a realidade nacional e para a participação plena no processo brasileiro.

Entre os anos de 1960 a 1964, o movimento estudantil se engaja nas campanhas de alfabetização de adultos e de cultura popular, especialmente nos Centros Populares de Cultura (CPCs), no Movimento de Educação de Base (MEB) e nos Movimentos de Cultura Popular (MCPs). As participações de estudantes militantes e professores universitários nesses movimentos caracterizam uma nova proposta de extensão universitária.

Segundo Fleuri (2002), os movimentos que surgiram na primeira metade da década de 60 correspondem às exigências colocadas pelo avanço da organização das classes populares, como consequência da política populista do governo. Sensibilizados pelas lutas camponesas e operárias, intelectuais, políticos e estudantes passam a apoiar essa mobilização, engajando-se em movimentos de educação e cultura popular.

De acordo com Paiva (1985, p. 230),

Deles participam os liberais, as esquerdas marxistas e os católicos influídos pelos novos rumos abertos pela reflexão de filósofos cristãos europeus e pelas transformações que se anunciavam-na doutrina social da Igreja; o número de católicos interessados em tais problemas multiplica-se, principalmente a partir do momento em que os membros da JUC (Juventude Universitária Católica) começam a buscar um "ideal histórico", em função do qual pudessem orientar a sua ação no mundo. Os diversos grupos lançam-se ao campo da atuação educativa com objetivos políticos claros e mesmo

convergentes, embora cada um deles enfocasse o problema á sua maneira e mesmo lutassem entre si. Pretendiam todos a transformação das estruturas sociais, econômicas e políticas do país, sua recomposição fora dos supostos da ordem vigente; buscavam criar a oportunidade de construção de uma sociedade mais justa e mais humana. Além disso, fortemente influídos pelo nacionalismo, pretendiam o rompimento dos laços de dependência do país com o exterior e a valorização da cultura autenticamente nacional, a cultura do povo. Para tanto, a educação parecia um instrumento de fundamental importância (grifo nosso).

Frei Matias, juntamente com os militantes universitários da FAFI se engajou neste amplo movimento e fundaram o Centro Popular de Cultura³⁷ em Ijuí e, juntamente com outros intelectuais também fundaram o Instituto de Cultura Popular no Rio Grande do Sul em 1963. O Centro de Cultura Popular em Ijuí foi criado com o objetivo de buscar uma maior inserção na comunidade e na região.

No entendimento de que fazer cultura é levar o povo a pensar e refletir sobre a realidade social é que o Movimento desenvolveu diversas atividades envolvendo principalmente os estudantes de Ijuí. Sob o imperativo de atualização de suas atividades, o Centro Acadêmico Jackson de Figueiredo, através do Departamento Cultural, criou um Centro Popular de Cultura (CPC). Tendo como principal finalidade à difusão da cultura nos seus vários domínios. Através de sessões artísticas, teatros, palestras, reuniões e debates, visavam elevar o nível cultural do povo mais humilde dos bairros da periferia.

³⁷Os Centros Populares de Cultura (CPCs) surgem a partir da iniciativa de um grupo de intelectuais e artistas que, pretendiam difundir o teatro e o cinema destinados às classes populares, alia-se à União Nacional dos Estudantes (UNE) com a finalidade de criar uma empresa da cultura nacional. O CPC da UNE surge em 1961 e multiplica a criação de centros semelhantes em todo o país, através da primeira e da segunda UNE volante, respectivamente em 1962 e 1963, quando a direção da instituição percorre muitos estados promovendo mobilização social. A base de atuação do CPC da UNE é o teatro de rua, além de criação de filmes e a promoção de músicas populares, através de festivais e gravações. Chega-se a construir um teatro na sede da UNE e já se pensa em cuidar da alfabetização e em criar uma Universidade de Cultura Popular, quando o golpe militar de 1964 vem reprimir com violência essas iniciativas (FLEURI, 2002; PAIVA, 1985; POERNER, 1979; GÓES, 1980).



FIGURA 22 - Apresentação do Centro Popular de Cultura de Ijuí
Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

O centro era também uma escola de civismo e conscientização, do povo despertando nele as esperanças e apontando os graves problemas que afligiam a Pátria. E, sobretudo era um veículo da ideologia da Faculdade: agir, construir por um imperativo próprio, pela necessidade de irradiar a mensagem da solidariedade e fraternidade dentro da linha de humanismo integral que a faculdade sempre esboçou e que era uma diretriz de vida de seu diretor Frei Matias de São Francisco de Paula.



FIGURA 23 - Frei Matias no Centro Popular de Cultura (C.P.C.)

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

O Movimento Comunitário foi, em última análise, o móvel, o estímulo do C.P.C. que se converteu, assim, em meio de integração dos estudantes da comunidade regional e um meio de atrair o povo para o Movimento Comunitário de Base (MCB).

Matéria divulgada pelo O Comunitário - Suplemento do Jornal Correio Serrano, 01/09/1962, expressa o verdadeiro propósito do C.P.C.

Se, pois, professores e alunos da Faculdade de Ijuí vão ao povo, vão convencidos de estar cumprindo um dever, uma obrigação de justiça para com a comunidade - única razão de ser a própria Faculdade. Não se trata de passatempo ou aventura. Trata-se da necessidade de atingir as raízes, a alma do povo para sentir e sofrer com ele os problemas comuns e, com ele e por ele, buscar-lhes a solução. Os propósitos não ficaram no papel, mas tornaram-se realidade. À noite do dia 24 de agosto, vésperas do Dia do Soldado, o C.P.C. estreou em recinto posto à disposição pelo comando do 7.º G. CAN, sediado no bairro da Penha. A honra da primeira apresentação coube ao bairro N.Sra. da Penha, por ser o pioneiro na fundação da sociedade "Amigos do Bairro", a qual já tem ótima organização. A sessão foi também uma homenagem ao soldado brasileiro. Estiveram presentes o

comando da guarnição e numerosos praças. O programa foi modesto e deficiente, mas obteve êxito alentador. Primeiro encontro, primeira experiência. Está agora o C.P.C. em condições de se exhibir com maior segurança e proveito nos outros bairros e, futuramente, na colônia (p. 3).

Congregando, unindo e estreitando laços entre o povo estudantes e professores em torno de uma idéia promissora, o C.P.C. tornou-se realidade em Ijuí e ampliou-se por outras cidades.



FIGURA 24 - Coral dos Capuchinhos - década 60 - Bairro Assis Brasil
Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

Em Santo Ângelo a FAFI havia criado o Instituto Superior de Cultura e o Movimento Comunitário prestava assistência aos presidiários e em mais duas vilas pobres do município.



FIGURA 25 - Presídio em Santo Ângelo (C.P.C.)

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

Em relação à Equipe Central do Movimento esta realizou durante todo o ano de 1963, palestras nas cidades de Palmeira das Missões, Santo Ângelo, Passo Fundo, Santa Rosa, Cruz Alta, além de ter participado na capital do estado juntamente com os agricultores da região do I Encontro de Desenvolvimento da Comunidade e do I Encontro de Líderes Rurais de Base (MARQUES; BRUM, 2002). Era a construção do desenvolvimento regional que se manifestava mais uma vez, através da Extensão da FAFI.



FIGURA 26 - Equipe participante do evento. Frei Matias em pé no centro
 Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

Percebemos que Frei Matias, extrapolando a área acadêmica e institucional, engajou-se nos movimentos de educação popular no início dos anos 60. Nesta época a liderança no Rio Grande do Sul era desempenhada pelo professor Ernani Maria Fiori que, juntamente com Frei Matias e outros intelectuais gaúchos fundaram em 14 de dezembro de 1963 em Porto Alegre, o Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul. Frei Matias trabalhou ao lado de outros intelectuais e do povo, pela valorização da Cultura Popular no Estado. Lamentavelmente o Instituto teve pouco tempo de existência, pois foi extinto pela ditadura militar imposta ao país.

Registramos a Ata de Fundação do Instituto.

INSTITUTO DE CULTURA POPULAR DO RIO GRANDE DO SUL

ATA DE FUNDAÇÃO

Aos quatorze dias do mês de dezembro de mil novecentos e sessenta e três, nesta cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, na Biblioteca Pública, à rua Riachuelo Esquina General Câmara, reuniram-se: Sérvulo Luiz Zardin, solteiro, economista; Ana Maria Chaves Franco, solteira, professora; Hélgio Henrique C. Trindade, solteiro, estudante; Tranquilo Moterle, solteiro, estudante; Icléa F. Soares, solteira, assistente social; Lucia Gavello Castillo, solteira, assistente social; Walter Galvani casado, jornalista; Alsina A. de Lima, solteira, professora; Mana José Simões Salengu, solteira, prodante; Demetre Anagnostopoulos Sigalinos,

casado, do comércio; Eva Teresinha Silveira, solteira, estudante; Lucy Maria Merlotti, solteira, professora; Mercedes Marchant, solteira, professora; Mathias Schaff Filho, solteiro, estudante; Luiz Alfredo Morozi Sanhotene, solteiro, estudante; Maria Josefma Becker, solteira, assistente social; Jesus Baltazar Gallego Iglesias, solteiro, estudante; Maria de Lourdes de Castro Anagnostopoulos, casada, professora; Flávio Barreto Leite, solteiro, estudante; *Francisco Machado Carrion Junior*, solteiro, estudante; Paulo Renato Crochemore, solteiro, estudante, *Ernildo Jacob Stein*, casado, professor; Suzana A. Stein, casada, professora; Dídimo Valença, casado, assistente social; Maria Luiza de Carvalho Armando, solteira, professora; Rubens Silva, casado. Funcionário público; *Esther Pillar Grossi*, casada, professora; *Ernani Maria Fiori*, casado, professor; *Paulo Odone Araujo Ribeiro*, solteiro, estudante; Padre *Hugo Assmann*, clérigo; Ana Aracy Terra do Nascimento, solteira, estudante; Branca Cecy Prolla Cigana, solteira professora; Geraldo Meyer Fagundes, casado, professor; José Luís Fiori, solteiro, estudante; José Eliseu Verzoni, solteiro, estudante; Sérgio, Pillar Grossi, casado, médico; Ana Iris do Amaral, solteira, professora; Albino de Bem Veiga, casado, professor; Paulo Tomás da Costa Fiori, solteiro, estudante; Ida Raichtaler, solteira, estudante; Enio Coimbra de Carvalho, solteiro, funcionário público; *Carlos Jorge Appel*, casado, professor; Nára da Costa Rodrigues, solteira, assistente social; Luiz Carlos Lopes Madeira, solteiro, advogado; Helio Gama F^o, solteiro, estudante; Seno Cornelly, casado, assistente social; Hélio Corbellini, solteiro, estudante; *José Carlos R. Laitano*, solteiro, estudante; *pp Frei Mathias de São Francisco de Paula*, clérigo; *pp Carmem Craidy*, solteira, estudante; *pp Maria Helena Craidy*, solteira, estudanté, *pp Argemiro Jacob Rrum*, casado, professor; *pp Wanyr Burtet Brum*,

casada, professora; *pp Lenir Maria Perondi*, solteira, professora, Branca Cecy Prolla Cigana; Terezinha de Andrade Würth, viúva, Professora; Leo Guerreiro, casado. Funcionário público; Fernando Craidy, casado, engenheiro; Wirtter Faria, casado, advogado; *Wladimir Giacomuzzi*, solteiro, advogado; Hélivia Leonora Bergamini Miotto, solteira, professora; Aurea de Bragança Fagundes, casada, dona de casa; Neuza Carmem Timm, solteira, estudante; Aluizio Püraguassu Ferreira, solteiro, estudante; Alice Xavier Pillar, solteira, odontóloga; Antônio Rath de Queiroz, casado. Estudante; *Antônio Loureiro*, solteiro, estudante;

Filiciano Flores, solteiro, estudante; Adonis Mudsti, Solteiro, estudante. Francisco Ferraz, solteiro, estudante. Todos brasileiros, residentes e domiciliados neste Estado, a fim de fundarem uma Sociedade Civil dominada INSTITUTO DE CULTURA POPULAR DO RIO GRANDE DO SUL, cuja denominação, objeto, sede e demais condições se acham explicitados nos Estatutos Sociais. Foi aclamada Presidente da Assembléia de Fundação a professora e assistente social Lucia Gavello Castillo que, aceitando, convidou a mim, Geraldo Meyer

Fagundes, função que aceitei e assumi. Iniciados os trabalhos li, por solicitação da senhora Presidente, o projeto de estatutos, que depois de amplamente debatido e estudado foi aprovado pela totalidade dos presentes, conforme o projeto, que fica autenticado pela Presidente e Secretário desta Assembléia. Disse a seguir a senhora Presidente que se fazia necessário preencher os cargos da Diretoria **Conselho Deliberativo e Conselho Fiscal**, tudo de acordo com o previsto nos Estatutos. Foram suspensos os trabalhos por 30 minutos para elaboração e apresentação das chapas aos cargos diretivos. Reiniciados os trabalhos tomou à palavra a assistente social Icléa F. Soares que propôs ficasse assim constituída a **Diretoria: Presidente** - Ernani Maria Fiori, casado, professor; **Vice-Presidente** - Eva Teresinha Silveira, solteira professora; **1º Secretário** – Geraldo, Meyer Fagundes, casado, professor; **2º Secretário** – Maria Luiza de Carvalho Armando, solteira professora; **1º Tesoureiro** - Sérvulo Luiz Zardin, solteiro, economista; **2º Tesoureiro** - Mercedes Marchant, solteira, professora, todos brasileiros, residentes e domiciliados nesta capital. Os

nomes propostos foram aprovados para aclamação, pela totalidade dos presentes. A seguir tomou a palavra a assistente social Nára da Costa Rodrigues, que sugeriu, fossem eleitos para o **conselho Deliberativo**, de acordo com o que determina o artigo nº 48 título VIII dos Estatutos Sociais, os seguintes: Membros efetivos - Ana Iris do Amaral, Hélio Gama Filho. Maria de Lourdes de Castro Anagnostopoulos, Antônio Rath de Queiroz, Francisco Machado Carrion Junior, Icléa F. Soares, Paulo Odore de Araujo Ribeiro, Feliciano Flores *Frei Mathias_de São Fracisco de Paula*, José Carlos R Laitano, Jesus Baltazar Gallego Iglesias, Carmem Craidy, Walter Galvani, Alice Xavier Pillar e Seno Cornelly, Suplentes: Paulo Tomás da Costa Fiori Antonio Loureiro, Ida Raichtaler, Maria Josefina Becker, Mathias Schaff Filho, Ana Maria Chaves Franco, Luiz Alfredo Morozi Sanchotene, Demetrc Anagnostopoulos Sigalinos, Padre Hugo Assmann, Ana Aracy Terra do Nascimento, Alsina A. de Lima, Adonis Mundstk, Maria José Simões Salengue, Branca Cecy Prolla Cigana e Maria Helena Craidy, todos brasileiros, residentes e domiciliados neste Estado, proposição que foi aprovada pela totalidade dos presentes. Tomou a palavra o estudante José Luís Fiori o qual propôs fosse assim constituído o **Conselho Fiscal: Membros efetivos** - Werter Faria, Lucy Maria Merlotti, Hélijo Henrique C. Trindade, Wladimir Giacomuzzi, Francisco Fêraz. Suplentes - Nára da Costa Rodrigues, Ernildo Jacob Stein e Paulo Renato Crochemore, todos brasileiros, residentes e dociliados neste Estado; também, por aclamação, foi aprovada a proposição. A seguir a senhora presidente, convidou a Diretoria eleita a tomar posse apresentando votos de processo à nova entidade, logo a seguir passou a presidência ao Prof. Ernani Maria Fiori, que ao assumir agradeceu em seu nome da Diretoria a confiança depositada, discorrendo sobre o tema Cultural Popular e convidando todos a participarem do trabalho. Nada mais tendo a tratar, às 18 horas e trinta minutos encerrou-se a presente Assembléia cuja ata vai por todos assinada. Porto Alegre, 14 de dezembro de 1963.
Lucia Carvallo Castillo Presidente da Assembléia
Geraldo Meyer Fagundcs
Secretário da Assembléia³⁸ (grifo nosso).

Analisando a ata de fundação do Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul em 14 de dezembro de 1963, destacamos o nome de Frei Matias de São Francisco de Paula, Argemiro Brum, Hugo Hassmann, Enildo Stein, Ernani Maria Fiori - presidente. Frei Matias aparece como membro do Conselho Deliberativo juntamente com Jose Carlos Laytano, Francisco Machado Carrion Junior, Ecléa Soares Ester Pillar Grossi reconhecidos educadores, intelectuais e políticos gaúchos entre outros.

Diante destas referencias podemos afirmar que o grupo do relacionamento de Frei Matias não era somente os intelectuais da região, mas sim um grande número de intelectuais do estado do Rio Grande do Sul. Posteriormente esses intelectuais se fixaram e se projetaram profissionalmente em outros estados brasileiros, mas continuaram mantendo contatos e fazendo interlocuções.

³⁸ A cópia deste documento foi cedida pelo professor Aldino Segala por ocasião da qualificação da tese.

Este Movimento de Cultura Popular marcou profundamente a formação profissional, do educador Frei Matias.

É neste contexto do Movimento de Cultura Popular que se desenvolve o método Paulo Freire, sobre o qual Frei Matias desenvolveu um importante trabalho em Ijuí. Entretanto, estas experiências assim como a concretização do Plano Nacional de Alfabetização criado em 21 de janeiro de 1964 com base nelas, são truncadas em 14 de abril do mesmo ano logo após o golpe militar (FLEURI, 2002).

No ano de 1964 o Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí esteve sob a coordenação do Professor Argemiro Jacob Brum, tendo como secretário o Padre Frei Matias de São Francisco de Paula.

De acordo com o relatório do Departamento em relação ao Movimento Comunitário de Base (MCB) cada acadêmico, ao fazer sua matrícula na FAFI, deveria inscrever-se num dos Departamentos, pela sua livre escolha para realizar um trabalho de pesquisa. Aos acadêmicos inscritos no Departamento de Ciências Sociais no ano de 1964, foi exigido como trabalho de pesquisa o seu engajamento num dos setores do Movimento Comunitário Base, ou numa instituição ou entidade social, a fim de que através da observação participativa pudessem realizar posteriormente um relatório da pesquisa elencando aspectos positivos e pontos a potencializar em relação ao seu objeto de estudo.

Essa exigência visava oportunizar aos alunos a sua integração efetiva na vida concreta da comunidade despertando a consciência da co-responsabilidade social e ao mesmo tempo lhes proporcionar um campo para a observação. Os acadêmicos de acordo com o relatório realizaram atividades em diversos setores da comunidade.

Um grupo composto por 12 acadêmicos desenvolveu atividades junto ao MASPI (Movimento de Assistência Social ao Presidiário de Ijuí). Um grupo de três acadêmicos atuou junto ao programa radiofônico da FAG. Outros grupos atuaram junto a Colméia Infantil, junto a Rua do Aperto (a Rua do Aperto era um bairro paupérrimo de Ijuí, com relativa concentração de marginais), atuaram também junto ao Programa Radiofônico dos Bairros, junto ao Museu Antropológico Diretor Pestana, na Cultura Popular e junto a Associações de Pais e Mestres.

Além das equipes que trabalhavam em Ijuí, outras equipes de acadêmicos da FAFI que residiam em outros municípios passaram a desenvolver seus trabalhos de pesquisas e a realizarem campanhas solidárias (agasalho, remédios, pinturas de prédios) nas suas próprias localidades. Destacam-se os trabalhos realizados pelos

acadêmicos de Santo Ângelo, Cruz Alta e Frederico Westphalen junto aos Asilos, Clubes de Donas de Casa, Clubes Infante-Juvenis, Clube de Engraxates e Associações de Jornaleiros. Entre as diversas atividades desenvolvidas pelos acadêmicos ressaltamos as relacionadas ao esporte, artes plásticas, arte culinária, campanhas de agasalho, aquisição de uniformes para engraxates, oficinas de educação e higiene, concerto e pinturas em salas de aula, horas de arte, realização de festas sociais, para angariar fundos para campanhas assistenciais, e aulas de alfabetização (RELATÓRIO DO MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE DE 1964 In: MADP)

Através deste breve registro das atividades dos acadêmicos inscritos no Departamento de Ciências Sociais, pode-se constatar o esforço da FAFI de Ijuí para inserir-se na realidade concreta da comunidade e, a partir dela influir positivamente, pela ação dos acadêmicos, na superação das dificuldades e na busca de soluções para os problemas. Assim vão sendo construídos os alicerces de uma consciência comunitária e solidária.

3.7 O MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE PÓS 1964

De acordo com Belato (2003) nos anos que antecederam o golpe militar a questão anticomunista já se fazia presente e acentuou-se mais depois do golpe militar de 64. Mas necessário se faz esclarecer que Mario Osorio / Frei Matias “em nenhum momento de sua trajetória de vida aderiu, nem teórica nem metodologicamente, aos princípios do Marxismo ou de outras tendências socialistas” (p.76) embora as visse com simpatia. Até o fim de sua vida se manteve irreduzivelmente católico e fiel aos princípios do franciscanismo e ao ideário do Padre Lebret do grupo *Economie et Humanisme*. “Era, no entanto, um homem tolerante, capaz de conviver com outros que não compartilhassem de suas idéias, mas fossem capazes de, por outros caminhos, buscar o desenvolvimento humano e social” (BELATO, 2003, p.76).

Como já dissemos o Movimento Comunitário de Base era visto por muitos como um movimento comunista, isto ainda, antes do golpe de 1964. Com a implantação do regime ditatorial o Movimento esmoreceu naturalmente, pois os olhos dos militares estavam atentos a toda e qualquer articulação. A vigilância era

severa e constante para todos os organizadores do Movimento, mas o trabalho continuava...

Encontramos o seguinte registro no relatório do Movimento Comunitário de Base de 1964:

O Padre Frei Matias de São Francisco de Paula proferiu na cidade de Cruz Alta uma conferência sobre o tema "Educação e Vida": o Professor Argemiro Jacob Brum e o Dr. Fernando Craidy estiveram na cidade de Tenente Portela, onde participaram de um Encontro de Líderes Rurais daquele município, durante dois dias, ocasião em que proferiram várias conferências e lançaram as bases da organização da Frente Agrária Gaúcha naquele município, nota-se já um trabalho promissor neste sentido (p. 4).

Por iniciativa de Frei Matias também foi criada neste ano de 1964 a Colméia Infantil.

Com a presença de autoridades, diretores e estabelecimentos de ensino, professores, representantes de entidades, e outras pessoas, realizou-se, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal, uma reunião promovida pela Direção da Faculdade de Filosofia local, para tratar da construção da Colméia Infantil. Os trabalhos foram conduzidos por Frei Matias, Diretor da Faculdade, que fez aos presentes uma exposição sobre o que será a Colméia Infantil, como será organizada e descreveu o esboço da Sede própria, a ser construída no local da antiga pedreira. Em seguida usou a palavra o Prof. Argemiro J. Brum, que apresentou aos presentes sugestões para a organização dos Grêmios Infantis visando dar ao maior número de crianças responsabilidades definidas e funções específicas na vida do Grêmio. Finalmente, foram ouvidas diversas sugestões dos presentes, interessados todos em contribuir para a concretização da importante iniciativa, ao mesmo tempo em que foram esclarecidos diversos aspectos das obras e de sua organização, bem como das campanhas visando conseguir fundos. A reunião foi muito proveitosa e despertou o entusiasmo de todos, Frei Matias, entregou a concretização da Colméia Infantil à comunidade de Ijuí, para que seja de fato obra de todos destinada a servir a todos (CORREIO SERRANO, 29/08/1964, p. 3).

A Colméia Infantil foi estruturada com uma comissão para coordenar e administrar os grêmios infantis. Esta comissão era formada por cinco professores da FAFI designados por Frei Matias e por um conselho administrativo, formado pelos membros da comissão executiva e mais dois representantes dos alunos (MARQUES; BRUM, 2002). Estava vinculada ao (MCB) comportando diversos departamentos relacionados à área social, cultural e esportiva.

De acordo com o relatório do Movimento Comunitário de Base no ano de 1964, chama-nos também a atenção a prática do Orçamento Participativo³⁹ (grifo

³⁹ Em Ijuí já no ano de 1964, aplicava-se à prática do Orçamento Participativo. Isto demonstra o alto grau de participação e envolvimento da comunidade. Sendo um dos reflexos do trabalho realizado

nosso) em que, especialmente a população dos bairros e núcleos rurais discutiam e elencavam as prioridades que posteriormente eram encaminhadas aos sindicatos, cooperativas e prefeituras da região, e por fim os problemas que eram da competência do Estado resolver, eram encaminhados pelos agricultores e representantes de bairros mediante agendamento de audiências. Prossegue o relatório dizendo que o Movimento Comunitário de Base termina o ano de 1964 enriquecido pela experiência e com um saldo positivo de atividades desenvolvidas em vários setores da vida da comunidade ijuicense e também regional. Em que pese o agravamento da crise nacional e o golpe militar de 31 de março e suas conseqüências posteriores, o Movimento Comunitário de Base não parou. Em Ijuí a Equipe Central de Coordenação funcionou composta dos seguintes membros: Frei Matias de São Francisco de Paula, Professor Argemiro Jacob Brum, Dr. Fernando Crady, Dr. Lorenço Schorr e Frei Nicomedes (RELATÓRIO DO MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE ANO DE 1964-MDP).

Segundo Marques (1984) apesar desta aparente tranqüilidade na realização das ações do MCB, o período pós-revolução trouxe também dificuldades. Como no que diz respeito ao setor estudantil da FAFI este foi atingido pela Lei Suplicy de Lacerda (Lei 4.464), de forma a ser posta sob suspeição a própria condição de estudante. A partir daí firma-se numa linha de oposição aos Diretórios Estadual e Nacional de Estudantes, os órgãos tutelados pela política oficial.

Em relação aos Frades ligados a FAFI estes atravessavam um período de tenso relacionamento dentro da organização religiosa a que pertenciam:

Agravavam-se, pela decidida opção de engajamento social na linha da teologia de libertação e da inserção nas periferias, as tensões que vinham desde os primeiros tempos da instalação da fraternidade capuchinha em Ijuí, por ela se distinguir na adesão ao “aggiornamento” do testemunho religioso e da educação, a um ecumenismo prático e á secularização com dessacralização do mundo (MARQUES, 1984, p. 105).

O concílio Vaticano II criara um impasse entre os capuchinhos gaúchos. Divididos internamente entre as posições conservadoras e numa linha contestatória de renovação. Os frades de Ijuí eram vistos como mentores da ala mais avançada,

pelo Movimento Comunitário de Base iniciado no ano de 1961, coordenado pela Fafi, tendo como timoneiros Frei Matias e Argemiro Brum juntamente com outros. O Orçamento Participativo foi uma prática utilizada pós – ditadura pelo governo do PT. Que é a mesma Consulta Popular desenvolvida hoje, através dos COMUDES - Conselho de Desenvolvimento Municipais e COREDES - Conselho de Desenvolvimento Regional.

que vislumbrou algumas conquistas com base em estruturas de participação e de adaptação prudente aos novos tempos (ZAGONEL, 1977).

Frei Matias era visto como um dos líderes da ala mais avançada dos capuchinhos gaúchos por sua opção pela linha contestatória de renovação, e pelo seu engajamento social na linha da teologia de libertação⁴⁰. Nessa época como ativista social ele participava de tudo o que estava ocorrendo. E sobre esse período de sua vida assim se manifestou:

Nesse campo que considero o mais vital de minhas aprendizagens, porque no enfrentamento direto com os problemas da população mais sofrida das distorções do sistema social e mais aberta a uma pedagogia da emancipação, nesse campo passava a enfrentar o tempo todo a reciprocidade dialética da vida cotidiana dos sistemas de que depende ela. Descobria que a tentação de se fugir aos amarramentos de ordem institucional é sempre tão grande quanto a angústia de não poder dispensá-los (MARQUES, 2003a, p. 67).

Segundo Marques (2003a), o ano de 1965 foi para o Movimento Comunitário de Base, a busca de um maior aprofundamento. A partir de 1964, o Movimento aos poucos perdeu seu caráter de mobilização ampla em torno da idéia de comunidade, para se converter em Movimento de Educação Popular. Esse Movimento vai se intensificar junto às camadas populares, junto aos pequenos proprietários rurais e junto aos moradores das periferias urbanas. Esses agentes sociais passaram a ter um peso e uma presença forte dentro da instituição, mas isto não quer dizer que estas camadas sociais possuíssem um poder formal dentro da instituição ou sobre ela, mas o certo é que influenciaram decididamente no caráter de ação política da

⁴⁰ A Teologia da Libertação na América Latina e no Caribe se deve a três fatores básicos: Situação política, econômica e social do continente: A Teologia da Libertação foi gerada durante os regimes militares que governavam países do continente, em que os problemas sociais se agravavam. Do ponto de vista católico, algumas mudanças na Igreja possibilitaram o surgimento da Teologia da Libertação: A experiência da Ação Católica e seu método VER-JULGAR-AGIR. Esta pedagogia ajudou na busca de uma compreensão crítica da realidade e impulsionou uma ação transformadora. A realização do Concílio do Vaticano II, entre 1962-1965 e a busca de diálogo da Igreja com o mundo moderno. A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, em Medellín, Colômbia, ocorrida na vigência dos regimes militares. O florescimento das Comunidades Eclesiais de Base, que impulsionadas pela Conferência de Medellín e pela pedagogia da Ação Católica através do método VER-JULGAR-AGIR, lutavam pela transformação social. O enfrentamento dos regimes militares por parte dos bispos, quer através das Conferências Episcopais nacionais, quer por bispos isolados, como Dom Helder Câmara, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Oscar Romero, entre outros. Foi a partir do engajamento de grupos e dos cristãos na luta pela transformação social que surgiu a Teologia da Libertação, como uma reflexão teórica destas experiências, retro alimentando este movimento de busca da mudança para uma sociedade mais igualitária. Muitos teólogos da libertação foram acusados de comunistas dentro da Igreja através das Comunidades Eclesiais de Base. Mario Osorio também sofreu por muitas vezes esse tipo de acusação enquanto militava e liderava o Movimento Comunitário de Base em Ijuí.

faculdade, especialmente no que diz respeito a sua metodologia do ensino superior e na sua estrutura organizacional.

3.7.1 Educação Popular

Aqui a história de Frei Matias / Mario Osorio Marques se confunde ainda mais com a história da Universidade, pois uma das características marcantes na história da FAFI/FIDENE/UNIJUÍ nos seus cinquenta anos de ensino superior na região é o trabalho desenvolvido na dimensão da Educação Popular. É uma Universidade comunitária regional e desde o seu início sempre manteve um compromisso com as comunidades de sua área de abrangência. Através da extensão universitária mantém canais de interlocução com os mais diversos atores sociais na busca de soluções de suas demandas. Nessa abertura ao mundo da realidade busca capacitar-se a compartilhar respostas e soluções adequadas.

Inicialmente quando de sua fundação no ano de 1957, a prática da extensão universitária era desenvolvida pelos professores padres capuchinhos, através das “missões pedagógicas” e dos “cursos para as comunidades” dos municípios de abrangência da Faculdade. Eram práticas de inspiração pastoral-religiosa, dirigidas as comunidades rurais e suburbanas.

De acordo com Brum (In: MARQUES, 2003c, p. 8).

Nas primeiras décadas todo o trabalho de extensão universitária, extramuros, articulava-se através do Movimento Comunitário de Base e do Instituto de Educação de Base, este, a partir de 1969⁴¹, reformulado, passou a chamar-se Instituto de Educação Permanente, sempre com ampla autonomia das bases. Ao longo do processo, o trabalho foi se especializando e passando a atender as demandas mais específicas, ao mesmo tempo em que se qualificava tecnicamente, cujas respostas se operacionalizam e expressam através dos departamentos ou das unidades voltadas à prestação de serviço (grifo nosso).

Sobre a educação popular na UNIJUÍ, sob orientação intelectual de Frei Matias verificamos que ele busca fazer uma ponte entre a educação popular em Francisco de Assis que foi a fonte inspiradora de todo o trabalho e o Movimento Comunitário de Base. Isto é mostrado por Brum (2004, p. 9) quando diz:

⁴¹ Percebe-se o dedo do regime militar na mudança de nome. De Movimento Comunitário de Base para Instituto de Educação de Base e Instituto de Educação Permanente em 1969 (anos de chumbo).

Corroboram e reforçam essa origem o Franciscanismo de orientação capuchinha; o Papa Leão XIII, com a encíclica *Rerum Novarum*; o extraordinário trabalho de pensadores e educadores da vanguarda renovadora do pensamento católico (Lebret, Maritain, Monier e outros), cujas idéias e propostas encontravam crescente ressonância no mundo, e as encíclicas *Mater et Magistra*, de João XXIII, e *Populorum Progressio*, de Paulo VI.

O espírito franciscano voltado aos mais humildes, levava a FAFI através de seu diretor Frei Matias, a desenvolver prioritariamente a Educação Popular principalmente a partir de 1964 quando enfraquece o Movimento Comunitário de Base.

Durante o processo de organização e discussão do MCB ocorreu uma politização maior desenvolvendo a consciência de classe com posturas ideológicas mais críticas, provocando certas dificuldades e algumas restrições em relação ao movimento especialmente a partir de 1964, após implantação dos governos militares (FRANTZ, 2001; BRUM, 1998). Eram exigidos pelos órgãos de segurança constantes relatórios que acabavam intimidando o Movimento, pois se sentiam de certa forma controlados. Cópias destes relatórios se encontram nos arquivos do Museu Antropológico Diretor Pestana em Ijuí. De acordo com Frantz (2001) houve certo exagero por parte dos órgãos de segurança em relação ao temor que o Movimento despertava, pois as atividades e os trabalhos realizados,

pelos grupos tinha muito mais um sentido prático para o cooperativismo e o sindicalismo e mesmo para a Universidade em construção, voltada para as questões do desenvolvimento regional. As pessoas estavam muito mais preocupadas com as questões e as dificuldades práticas da vida. O grande mérito e significado do movimento comunitário foi o de ter despertado a inquietude frente às mudanças, motivando as pessoas para o debate, para a criticidade e a abertura para a adoção de novas práticas de produção, para a organização e novas atitudes frente a um mundo que se transformava (FRANTZ, 2001, p. 71, grifo nosso).

Inicialmente a Educação Popular na FAFI acontecia na forma de cursos intensivos destinados à transmissão de um saber instrumental, útil para condução das lutas. Descentralização, autonomia dos setores e amadurecimento são as expressões mais repetidas nos relatórios desse período. As reuniões dos pequenos grupos nos locais de convivências: os núcleos rurais e as associações de amigos de bairros constituíam-se no motor do Movimento (MARQUES, 2003c).

Os encontros aconteciam mensalmente e anualmente se realizavam encontros de três dias consecutivos onde os agricultores permaneciam em Ijuí em

alojamentos da FAFI. Reuniam-se representantes de núcleos rurais, para continuarem a debater sobre assuntos referentes a realidade brasileira, ao cooperativismo, sindicalismo, previdência, crédito rural e contabilidade rural. Também eram debatidas as temáticas relacionadas à conservação do solo, rotação de culturas, legislação e o Estatuto do Trabalhador Rural. Acrescia-se a estas temáticas as questões relacionadas à saúde e à higiene, as escolas e professores.

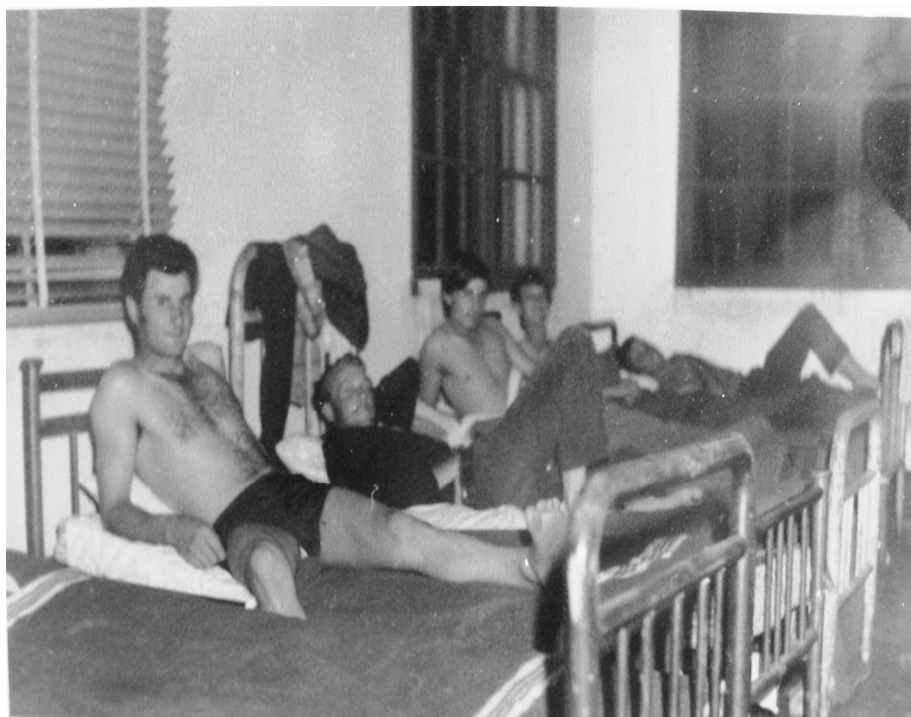


FIGURA 27 - Alojamento da FAFI (MCB)

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.



FIGURA 28 - Refeitório dos alojamentos

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.



FIGURA 29 - Confraternização do Movimento Comunitário de Base-Ijuí/ RS

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.



FIGURA 30 - Marcenaria do Alojamento

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

Segundo Marques (2003a) a participação dos professores da FAFI também se exigia mais orgânica e sistemática no pós 64. Necessitou-se, em razão disso, já em 1965, criar um setor especial, que foi o Instituto de Educação de Base (IEB), mais tarde convertido no Instituto de Educação Permanente (IEP).

O Instituto de Educação de Base foi criado por Frei Matias e seu grupo com o objetivo de organizar e sistematizar o instrumental pedagógico do Movimento e ministrar cursos intensivos de conscientização e politização, de cultura geral especializada, seminários, debates, palestras e encontros. Para a realização desses eventos Frei Matias cedia as dependências da FAFI.

Como balanço do ano de 1965, após minucioso levantamento junto ao Museu Antropológico Diretor Pestana encontramos nos relatórios de atividades do Movimento Comunitário de Base os seguintes registros:

Foram realizados 18 cursos⁴². Dirigidos especialmente para agricultores, estudantes secundaristas, operários e donas de casa. As temáticas dos cursos variaram entre a teoria e a prática o pensar e o agir. Assim temos cursos de Introdução ao Mundo de Hoje, Conservação dos Recursos Naturais Renováveis e Combate as Pragas da Lavoura, Desenvolvimento Rural, Corte e Costura de Calçados e Modelagem de Calçados, Orientação Vocacional e Profissional, Corte Costura e Estamparia. O número de participantes nestes cursos atingiu em torno de 510 pessoas.



FIGURA 31 - Curso de Corte e Costura - 1965.

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

⁴² Era amplo o quadro (campo) onde atuavam atingindo através dos cursos diversas categorias e um expressivo número de participantes. Se dividirmos o número dos cursos oferecidos pelo número dos participantes (de acordo com os Relatórios do MCB) teremos em média entorno de 28 pessoas por curso. Obviamente que esta não é a regra, pois de acordo com as temáticas houve cursos que tiveram uma participação maior.



FIGURA 32 - Formatura do curso de Corte e Costura. Grupo de Formandos juntamente com Argemiro Brum e Frei Matias.

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.



FIGURA 33 - Formatura do Curso de Arte Culinária - década 1960.

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

No Setor Rural aconteceram debates, palestras e encontros de agricultores, entre os quais destacamos o IV Encontro de Líderes Rurais de Ijuí.

Ainda no ano de 1965 foi expedida pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social, a Carta Sindical ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí.

No setor urbano destacam-se as atividades desenvolvidas na organização das Associações de Bairros de Ijuí. Reativaram-se as Associações Benéficas e foram lançadas campanhas visando a realização de registro civil de pessoas (crianças e adultos) ao todo foram efetivadas mais de 300 certidões de nascimento.

Neste ano foram realizadas também diversas atividades esportivas e culturais. O Movimento prosseguiu nos municípios de Santo Ângelo, Santa Rosa e avançou até Restinga Seca.

3.7.2 A Inauguração da FAFI

O ano de 1966 caracterizou-se como um ano “dentro do esperado” com relação as atividades desenvolvidas pelo Movimento. Pregou-se uma maior descentralização e autonomia dos diversos setores do Movimento. A Comissão Central do Movimento a qual Frei Matias conduzia centrou-se na reflexão e aprofundamento da experiência e no assessoramento as equipes dos respectivos setores passando, a partir daí, a se ocupar mais na preparação e promoção dos cursos ministrados através do Instituto de Educação de Base.

O Instituto de Educação de Base promoveu no ano de 1966, 17 cursos, atingindo 1315 participantes. As temáticas dos cursos variaram entre Introdução ao Mundo Moderno, Relações Familiares e Profissionais e Cultura Cinematográfica (MARQUES; BRUM, 2002).

De acordo com os autores e conforme o relatório do Movimento no Setor Rural foram realizadas reuniões envolvendo agricultores, representantes de Núcleos de Base, autoridades sindicais e de cooperativas.

Realizou-se também uma viagem de observação e estudos na Universidade Rural de Pelotas, e desenvolveram-se campanhas para filiação de novos associados para o sindicato e a cooperativa.

Destacamos a ativa participação do setor rural para a superação da crise enfrentada pela Cooperativa Triticola Serrana Ltda., e a realização de um minucioso

levantamento dos problemas da zona rural para o seu conseqüente encaminhamentos aos setores competentes, para a solução dos mesmos.

No setor urbano merece destaque a criação do Conselho de Bairros de Ijuí.

Foram projetados pelo Centro Popular de Cultura (CPC) diversos filmes nos Bairros da cidade e continuaram as campanhas de cunho social.

Foi intenso o trabalho realizado pela Colméia Infantil que contou com ampla participação dos grêmios infantis. Inaugurou-se nesse ano a praça de esportes da Colméia Infantil, podendo assim ser intensificada a prática do esporte.

Dentre outras inúmeras atividades realizadas sublinhamos a participação de dois agricultores no III Seminário Gaúcho de Desenvolvimento realizado na capital do Estado e a visita da pesquisadora Amália Martinelli, que realizou estudos em Ijuí o qual resultou a publicação: “Uma Experiência Comunitária – Ijuí - R. G. do Sul - Brasil, pelo Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais – CBISS” (MARQUES; BRUM, 2002, p.95).

Cabe salientar que, o ponto alto das realizações deste ano em Ijuí foi a inauguração do prédio da FAFI – Faculdade de Filosofia e Letras de Ijuí. Frei Matias envolveu-se neste empreendimento desde o início do projeto.



FIGURA 34 - Lançamento da pedra fundamental de construção do prédio da FAFI.

Fonte: Sala Mario Osorio Marques. Campus Ijuí.



FIGURA 35 - Nivelamento do terreno para a construção da FAFI

Fonte: Sala Mario Osorio Marques. Campus Ijuí.

Frei Matias como Diretor da FAFI coordenou a execução das obras do novo prédio da Faculdade. Foram anos de intenso trabalho e de dedicação a comunidade de Ijuí, e a comunidade regional.

A análise destas atividades nos permite inferir que a par do desenvolvimento e conscientização da cidadania vemos também uma outra marca forte de atuação de Frei Matias: a do desenvolvimento regional, expresso nas suas ações até aqui desenvolvidas e que ainda vão aparecer no decorrer desta pesquisa.

Precedida por solene missa cantada e celebrada, na Matriz de São Geraldo, desdobrou-se domingo, às 10 horas do dia 22 de maio de 1966, a inauguração do novo prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí - a FAFI.



FIGURA 36 - Missa Cantada

Fonte: Sala Mario Osorio Marques. Campus Ijuí.

O ato, que teve lugar junto ao prédio da FAFI, contou com a presença do bispo Dom Luiz Victor Sartori, de Santa Maria, do bispo auxiliar Dom Walmor Wichrowski; Frei Matias de São Francisco de Paula; deputado federal Clóvis Pestana; Dr. Sólton Gonçalves da Silva, representando o governador Ildo Meneghetti; Lothar Friedrich, representando a Justiça local; prefeitos Walter Mueller e Siegfried Ritter de Ijuí e Santo Ângelo; Sr. Francisco Assis Costa, presidente da Câmara Municipal; Cel. Constantino de Souza, comandante da D-6 de Cruz Alta; Ten. Cel. José Carlos Pinto Neto, comandante da guarnição federal de Ijuí, Major Vilhena de Moraes, comandante do 6º RO-105 de Cruz Alta, além de outras autoridades de Ijuí e da região (CORREIO SERRANO, 25/05/1966, capa).

Na oportunidade fez uso da palavra Frei Matias de São Francisco de Paula, diretor da FAFI, dizendo de sua satisfação em poder entregar à comunidade regional aquela casa de ensino superior. Agradeceu a colaboração de todos quantos cooperaram para que a obra que custou aproximadamente 90 milhões de cruzeiros pudesse chegar ao seu término.

Após os alunos da FAFI, de Ijuí, Santo Ângelo e Cruz Alta, apresentaram um jogral alusivo ao acontecimento (CORREIO SERRANO, 25/05/1966, capa).



FIGURA 37: Frei Matias fazendo uso da palavra

Fonte: Sala Osorio Marques - Campus Ijuí.

A FAFI, antes restringida em suas atividades devido ao cruciante problema de espaço físico, a partir de então, com a utilização destas novas instalações se instrumentaliza e se equipa como ventre gerador de ações, projetos e programas importantes no desenvolvimento qualitativo e quantitativo da região.

Em relação ao trabalho desempenhado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, sob a coordenação de Frei Matias, encontramos matéria publicada no Jornal Correio Serrano, de 21/09/66, com o título: *Uma instituição que vem prestando os melhores serviços à cultura da nossa pátria.*

Ocupando a tribuna na Câmara Federal, o parlamentar Antônio Bresolin, destacou o trabalho que vem sendo desenvolvido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí. Em sua intervenção, afirmou:

Sr. Presidente, Srs. Deputados, dirigida por Frei Matias, dinâmico, culto e inteligente Padre Capuchinho, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí atende toda a região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, num total de 36 municípios, 23 dos quais foram criados depois da instalação da Faculdade, o que demonstra ser esta região a que mais se desenvolve no

Estado. [...]. Desde a fundação até hoje a Faculdade de filosofia, para a melhor formação de seus alunos e professores e da sociedade em que está inserida, cuja cultura crítica e aperfeiçoamento contínuo, promoveu 67 cursos de Extensão Universitária. O número de matrículas e de diplomados nesses cursos extraordinários sobe a 7.397. Os assuntos vão desde o aprofundamento de Cursos ordinários da Faculdade até cursos de Corte e Costura, Arte Culinária, Cinema, Conservação de Solo, Preparação ao Casamento, Introdução ao Mundo Moderno e Integração na Comunidade.

O Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia mantém o Movimento Comunitário nas três cidades em que funciona essa instituição de ensino superior.[Ijuí, Cruz Alta e Santo Ângelo].

Em Ijuí, o Movimento Comunitário através do Instituto de Educação de Base, mantém e promove cursos intensivos e encontros de agricultores, operários, líderes sindicais, cursos populares, palestras, debates, rádio, cinema e teatro.

Coordena no setor urbano o trabalho de 17 Associações de Bairro; 3 Clubes do Lar; 23 Grêmios infanto-juvenis que constituem a Colméia Infantil; Diretório Acadêmico, Teatro, Grupos de Estudo e Cineclubes estudantis; Juventude e Sindicatos Operários, Círculos de Pais e Mestres, MASPI (Movimento de Assistência Social ao Presidiário de Ijuí) e o setor econômico.

No setor Rural coordena o trabalho dos Sindicatos e da FAG em 84 núcleos de base.

Estas são as principais atividades do Departamento de Ciências Sociais através do Movimento Comunitário e do Instituto de Educação de Base. O objetivo desse Movimento é fazer com que cada pessoa descubra o seu valor, a importância do seu pensar e do seu agir no desenvolvimento da comunidade e na solução dos problemas pessoais e comunitários.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí possui, além disso, outros departamentos, como os de Filosofia, Psicologia, Educação e Cultura Religiosa, cada qual com diversas atividades.

Pretende assim a Faculdade de Filosofia realizar a sua função numa sociedade em vias de desenvolvimento e numa região pioneira no Rio Grande do Sul.

Com a inauguração do prédio próprio da Faculdade – magnífico edifício de quatro pisos, o Museu Antropológico Diretor Pestana, da mesma instituição, passou a funcionar no aludido prédio.

O Museu é um dos mais bem organizados do Brasil, conforme pronunciamentos feitos por altas autoridades, imprensa, e pelo próprio sociólogo Dante de Laitano. Está na direção do Museu o Dr. Martin Fischer, intelectual de altos méritos, jornalista de renome internacional. [...] Faço este registro, Sr. Presidente e Srs. Deputados, com o objetivo de que o Governo Federal, conhecendo melhor a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí se faça presente com verbas substanciais, amparando e estimulando uma instituição que vem prestando os melhores serviços à cultura da nossa pátria (CORREIO SERRANO, 21/09/66, p. 4, grifo nosso).

O discurso proferido na Câmara dos Deputados pelo deputado Ijuicense Antônio Bresolin do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB nos dá o panorama completo das atividades desenvolvidas pelo Movimento Comunitário de Base até o ano de 1966 em Ijuí.

Neste ano a aula inaugural do semestre foi proferida por Dante de Laytano que fez referência ao trabalho de Frei Matias frente à direção da FAFI:

FREI MATIAS

DANTE DE LAYTANO⁴³

Frei Matias de São Francisco de Paula foi eminente pela sua inteligência e ação dinâmica e extraordinária. Aliando sua modéstia de religioso ilustre, discípulo do «poverelo» de Assis, na verde Umbria da Itália magnífica coroada de rosas na poesia da fé inabalável, São Francisco de Assis no diálogo filosófico com as aves na eterna lição de humildade, a fala com peixes ágeis na luta com as águas e a mensagem aos burros, pobrezinhos insultados numa ignorância que não a têm de jeito algum. Pois, Frei Mathias nascido, no município de São Francisco de Paula, do nosso Rio Grande, é o Diretor, animador e a alma da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, centro intelectual de um valor fabuloso, que exerce uma função de célula civilizadora de uma rica e importante região e constitui uma manifestação da cultura que está sendo semeada com amor, sonho, desvelo, entusiasmo pelos frades modernos no seu trabalho de classe, de espírito prático, formação intelectual. Frei Matias é uma autoridade em sociologia, cadeira que ele leciona com sapiência, grande dose de conhecimentos profundos e carinho envolvido de cuidados pra lá de atentos para com os fatos. Seu campo predileto é exame sereno da comunidade. Uma comunidade em busca de seu caminho, como ele definiu sua posição de vanguarda, guardando as proporções do papel seguro da Igreja, da Santa Madre Igreja Católica, na sua força institucionalizadora na herança magnífica de 2.000 anos de poder espiritual. Frei Matias estabelecendo os caminhos próprios da comunidade, organizou com êxito de repercussão em todo o Rio Grande uma primeira Assembléia Comunitária que atingiu aos objetivos numerosos, necessários e realmente de quebra de padrões antiquados na solução da angústia das populações em face do problema capital de viver apenas e estabeleceu uma frente histórica e única no Rio Grande que ele denominou Voluntariado Comunitário e marchou para uma Frente Agrária de natureza nitidamente católica, Tendo a força do cristianismo a defendê-la e impor uma arregimentação eficaz para o rendimento dos resultados obrigatórios e procurados na consulta a terra. Chegando a uma Segunda Assembléia Comunitária, Frei Matias deu a Ijuí uma destacada posição na evolução urgente, mas adiada da luta entre capital e o trabalho, a mão de obra e a oficina, o campo e a lavoura, a conquista do mínimo em dignidade. Por uma ideologia eficaz, publicou-se um jornal, realizaram-se aulas, conferências e debates promoveram-se análises de experiências no laboratório de agricultura e da pecuária, da indústria e do comércio. Sem trégua. Com esforço e disciplina prestante. Encarou a situação presente dentro duma feliz lição de uma experiência. Atingindo assim a princípios filosóficos sobre a conduta da pessoa humana. Como valor, como dignidade, como excelência, como capacidade de ação própria, inteligente e livre, como ser que se relaciona ser que se afirma com inteligência e liberdade frente a outro ser inteligente e livre. Prevendo métodos normais, mas preciosos. Até as Diretrizes Fundamentais da questão. Conscientização, clima, liderança e eficácia, como resultados objetivos. Posição da personalidade. Para então ir certo ao planejamento. Esta é a orientação religiosa que ele dá ao problema social. Frei Matias de S. Francisco de Paula é um dirigente nato. Que se abebera nas fontes eternas do pensamento e da religião. Coube-me a honra de dar a aula inaugural na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí. É um título (CORREIO SERRANO, 16/04/1966, p. 8).

O discurso de Laytano reafirma o que vimos afirmando - a presença marcante de Frei Matias no desenvolvimento da comunidade local e regional.

⁴³ Professor da PUC e da UFRGS.

3.7.3 O Ano de 1967

Durante todo o ano de 1967 intensificaram-se as ações desenvolvidas pelo Movimento Comunitário de Base sob a intervenção da FAFI. O Instituto de Educação de Base (IEB), juntamente com o Diretório Acadêmico Jackson de Figueiredo e as Associações de Amigos dos Bairros organizaram três centros de alfabetização de adultos. Muitos cursos foram realizados atingindo diversos setores da sociedade, tanto no setor rural quanto no urbano. Era intensa a mobilização social nestes anos todos e Frei Matias juntamente com Argemiro Brum sempre esteve à frente do Movimento Comunitário seja na condição de Diretor da FAFI ou como integrante ou presidente da Comissão Central do Movimento. Na condição de Diretor da Instituição sempre procurou colocá-la NA VANGUARDA DO ENSINO REGIONAL (grifo nosso). E o que distingue a FAFI dentro do contexto universitário brasileiro é sua tentativa de romper com as amarras estruturais que mantém a universidade brasileira, afastada da vida real e dos problemas existenciais do povo, a serviço de pretensas elites.

Frei Matias enquanto Diretor da FAFI no intuito de fazer com que a Faculdade saísse de si em busca da coletividade regional criou juntamente com outros o Instituto Superior de Cultura de Santo Ângelo, o Instituto Superior de Cultura de Cruz Alta, o Museu Antropológico “Diretor Pestana”, o Instituto de Educação de Base, instrumentalizando o Movimento Comunitário de Base, que deu projeção internacional à Faculdade.

Um balanço das influências exercidas pela Faculdade de Filosofia em relação ao desenvolvimento nesta região e dos influxos sobre outras regiões e outros institutos de ensino superior certamente será tarefa de outros pesquisadores. Mas hoje estas influências já são plenamente perceptíveis e palpáveis em resultados concretos e na consciência dos educadores e do povo desta região.

Frei Matias, no ano de 1967, já planejava a transformação da FAFI na futura Fundação Universidade de Educação, com vistas à convocação da comunidade regional para sua integração no sentido de consciência ativa do processo de desenvolvimento. A futura Fundação Universidade de Educação seria o órgão conscientizador e planejador do processo de educação permanente do homem da região.

Manchete publicada no jornal Correio Serrano, no mês de novembro de 1967, comprova que o trabalho desenvolvido por Frei Matias no município de Ijuí e região

foi reconhecido pela comunidade e pelos poderes constituídos mediante a concessão do título de Cidadão Ijuicense:

Mario Osorio Marques, Frei Matias de São Francisco de Paula diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, por decreto do prefeito interino, Emídio Odósio Perondi, vem a ser declarado cidadão de Ijuí, pelos relevantes serviços prestados à comunidade local e regional como educador e sacerdote (p. 4).

O decreto executivo que declara o Sr. Mario O. Marques como cidadão ijuiense recebeu o número 130 e possui a seguinte íntegra:

Declara cidadão de Ijuí, o senhor MARIO OSORIO MARQUES.

O PREFEITO MUNICIPAL DE IJUÍ, usando de suas atribuições legais e, CONSIDERANDO os relevantes serviços prestados ao Município através do ensino superior;

CONSIDERANDO ser o sacerdote Frei Mathias de São Francisco de Paula o idealizador e fundador da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ijuí;

CONSIDERANDO a sua contribuição para diversas entidades sócio-culturais de Ijuí tais como: Seminário São Geraldo, Ginásio Soares de Barros, Grêmio Ijuicense de Letras, SIAN, Movimento Comunitário, etc.

DECRETA:

ARTIGO 1.º - É outorgado o título de CIDADÃO DE IJUÍ ao senhor MÁRIO OSÓRIO MARQUES – Frei Mathias de São Francisco de Paula.

ARTIGO 2.º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE IJUÍ seis de outubro de 1967.
EMÍDIO ODÓSIO PERONDI Presidente da Câmara Municipal de Vereadores no exercício do cargo de Prefeito Municipal
Ruy Michel – Secretário (CORREIO SERRANO, 07/10/1967, capa, grifo nosso).

No editorial do jornal local encontramos uma reportagem bem humorada a respeito da habilidade de Frei Matias no volante, por ocasião da outorga do Título de Cidadão Ijuicense. A matéria divulgada demonstra de certo modo a afetividade da comunidade para com a sua pessoa. O editorial tem por título:

PORQUE FREI MATIAS PASSA [A] SER IJUINENSE

Cá para mim, o Frei Matias não recebe o título de cidadão ijuiense honorário simplesmente porque seja diretor da Faculdade de Filosofia, professor de sociologia nas secções de Cruz Alta, Ijuí e Santo Ângelo, orientador do Movimento Comunitário de Base, conselheiro técnico da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros, presidente da Comissão de Bolsas da FAFI, membro do Conselho do Folclore do Rio Grande do Sul. Nem mesmo porque esteja hoje debatendo a *Populorum Progressio*, no Palácio Farroupilha, com Cirne Lima.

Nada disso, Frei Matias é ijuiense com muita honra porque consegue manter intacta a sua carteira de motorista. Carteira que tirou aqui. Na delegacia local.

Quando Frei Matias está no volante, tudo pode acontecer. Pois não é que o nosso diretor estava dirigindo no centro de Santo Ângelo, uma mão no volante, outra na pasta de papéis, sobre o assento lateral. Os olhos fora da rua... De repente, a topada estrondosa. Frei Matias não encontrou o papel que desejava, mas topou com o cinamomo que não procurava [...].

Outra.

Frei Matias voltava das aulas de Santo Ângelo, tarde da noite. Muito a gosto, braços esticados segurando firme o volante, pois que sua obesidade abdominal só lhe permitia esta posição. O pé no fundo. Mas sem saber como, sem menos esperar, num átimo, deu-se que Frei Matias estava voltando para Santo Ângelo. É que, na curva da estrada patrolada, foi ultrapassar na toda um caminhão, quando deu com outro caminhão carregado, vindo-lhe pela frente. Diante do imprevisto, sem outra saída, tentou atirar-se no assento de traz, firmando-se nos freios com todo peso e esforço. O carro de arrasto derrapou com violência e pulou e foi cair adiante de pé, com a frente para a cidade dos cinamomos [...]. E Frei Matias? – Não quebrou osso algum. Em compensação foi obrigado a refazer-no no leito por uma semana. A vemaquete saiu da oficina um mês depois [...].

É por estas e outras que Frei Matias recebe o título de cidadão honorário de Ijuí antes de começar a ensinar sociologia (CORREIO SERRANO, 25/10/1967, p. 11, grifo nosso).

Além das incumbências institucionais e do seu envolvimento junto ao Movimento Comunitário de Base, Frei Matias participava intensamente nos Ciclos de Estudos, Conferências, Simpósios e Seminários quer como debatedor, painalista, palestrante ou simplesmente como assistente. Neste ano de 1967, além de assistir aos trabalhos, Frei Matias tomou parte ativa dentro do programa do Ciclo de Estudos Econômicos realizado no mês de outubro na capital do Estado, quando participou de um painel sobre o tema *A Encíclica Populorum Progressio e a Reforma Agrária*, conjuntamente com o Professor Ruy Cirne Lima, Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, e o Pe. Tarcísio Scherer, da Faculdade de Viamão (CORREIO SERRANO, 18/10/1967, p. 3).

Sem dúvida, o convite formulado a Frei Matias, Diretor da Faculdade, honrou sobremodo Ijuí, uma vez que participaram do debate as mais expressivas figuras de estudiosos e especialistas do Brasil, da Venezuela, Colômbia, Peru, Chile e Paraguai. O Ciclo de Estudos Sócio-Econômicos fora promovido pela Assembléia Legislativa do Estado, em cooperação com o Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas (IICA), da Organização dos Estados Americanos (OEA).

3.7.4 O Ano de 1968

De acordo com Marques e Brum (2002) e conforme os relatórios do (MCB) a partir de 1968 o Movimento Comunitário de Base (MCB) foi atingido por duas importantes modificações. A primeira diz respeito à descentralização e a autonomia dos diversos setores e o Instituto de Educação de Base é quem vai assumir a coordenação de todos os mecanismos de comunicação da FAFI com a comunidade regional.

A segunda é a regionalização, pois neste ano detectou-se no município de Ijuí um certo grau de saturação do Movimento, surgindo então a necessidade de se intensificar a regionalização do Movimento buscando para isso a construção de projetos de extensão que atingissem os municípios da região (MARQUES; BRUM, 2002).

Além dos cursos, encontros, círculos de cultura e palestras desenvolvidas no município de Ijuí, o Instituto de Educação de Base sob a coordenação de Frei Matias iniciou neste ano as atividades de organização e desenvolvimento das Comunidades Eclesiais de Base⁴⁴ nos municípios da região de abrangência da FAFI. Este projeto

⁴⁴ Como já vimos as CEBs surgiram no início dos anos 60. Na época, havia bispos incomodados com a Ação Católica, porque esta era um movimento supradiocesano, com sede no Rio de Janeiro e diretamente ligado à direção da CNBB. Esses bispos resolveram barrar a intromissão da Ação Católica em suas dioceses. Por outro lado, devido à falta de padres no Brasil, a idéia era promover novos tipos de ministérios, onde os leigos pudessem atuar mais, sobretudo na preparação aos sacramentos.

Criaram então as Comunidades Eclesiais de Base. Adotou-se a metodologia do ver, julgar e agir utilizada antes pela Ação Católica. A iniciativa partiu de dois bispos: Agnello Rossi, em Volta Redonda / RJ, e Eugênio Sales, em Natal / RN. No início, as comunidades constituíam uma extensão do trabalho do vigário. Tinham, portanto um caráter muito clerical. A mudança ocorreu com o golpe militar de 1964, as comunidades cresceram. Primeiro porque a Ação Católica foi reprimida pela ditadura e extinta por parte do Episcopado. Segundo, porque muitos setores de esquerda sem espaço de atuação acabaram se voltando para essas comunidades. Terceiro, porque a repressão desmontou todas as organizações populares, menos as CEBs. É que na cabeça dos militares, comunidade de base era coisa de oração, não representando, portanto nenhuma ameaça. Outro aspecto que levou ao crescimento as CEBs foi a nova maneira de ler a bíblia, essa comparação entre a fé e vida. E da preocupação com o que significa ser cristão nessa conjuntura, na virada dos anos 60 para os 70, as CEBs se tornam embriões dos movimentos populares.

Esse foi um período de muita produtividade, porque acompanhou o processo de migração, a explosão urbana. Fora das CEBs, a Igreja católica não tinha como continuar não tendo, nenhum outro modelo de evangelização que agregue os migrantes em estruturas comunitárias.

A falta de outros instrumentos sociais fez com que muita gente com competência, inclusive Frei Matias e seu grupo em Ijuí através da FAFI se dedicasse às comunidades, levando para dentro delas o método Paulo Freire e fazendo a ligação com os movimentos populares. Isso se deu, sobretudo nos anos 70, tanto que é difícil encontrar uma liderança popular de hoje que não tenha passado pelas CEBs: Vicentinho, Luiza Erundina, José Rainha, João Pedro Stédile e tantos outros. Podemos explicar a CEB como um grupo de dez, quinze ou mais pessoas na cidade, ou de trinta até oitenta no campo. Essas pessoas se reúnem periodicamente, com ou sem sacerdote, para refletir, aprofundar e celebrar a sua fé em vista de um engajamento social e político frente aos desafios que a realidade

foi desenvolvido com recursos doados pela Fundação Ford - Escritório do Brasil, que implantou o “Projeto de Organização e Desenvolvimento de Comunidades de Base” (MARQUES; BRUM, 2002).

Este projeto iniciado no ano de 1968 procurou estender o MCB e atingiu em torno de 30 municípios da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. A regionalização do MCB foi desenvolvida com o mesmo espírito e foram adotadas as mesmas técnicas e diretrizes gerais semelhantes ao trabalho desenvolvido no município de Ijuí.

Juntamente com a regionalização do MCB ocorre uma redefinição e ampliação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, seus departamentos e o Instituto de Educação de Base.

Diante dos desafios da expansão do ensino e da regionalização bem como da modernização da economia, a idéia de se criar uma fundação foi amadurecendo e tomando corpo e os capuchinhos de Ijuí resolveram doar a FAFI e o seu patrimônio a comunidade regional para que o assumisse sob a forma de fundação. Os freis capuchinhos, a partir desse momento entenderam terem cumprido a sua missão, para além do discurso comunitário. Dessa forma confirma-se a forma jurídica da natureza comunitária da organização (FRANTZ, 2001).

Embora a FAFI tenha sido gestada do esforço e do ideal capuchinho, e sustentada por um discurso comunitário, o rótulo de “Faculdade Católica como se fora gueto em um mundo à parte, resquício do regime de cristandade nunca foi aceito no meio acadêmico da FAFI” (MARQUES, 1984, p. 117). Urgia de novas articulações para a construção de um novo projeto. A idéia foi de se criar uma fundação.

apresenta. Ijuí foi um caso inédito no sentido de mobilização, concentração, organização e intensa participação das pessoas tanto na cidade como no campo. Foi intensa também a participação de intelectuais, religiosos, universitários e estudantes de ensino médio. Frei Matias nessa época como ativista e militante social, juntamente com Argemiro Brum e outros coordenavam o Movimento em Ijuí. As CEBs não são um movimento da Igreja, como os carismáticos, neocatecumenais, etc. Elas pretendem ser a própria maneira de a Igreja ser no meio popular. Nos anos 70, as comunidades tiveram um papel fundamental como incentivadoras da criação dos movimentos populares (Entrevista com Frei Beto. In: REVISTA SEM FRONTEIRAS, Taboão da Serra/SP, n. 252, julho.

3.7.5 Frei Matias e a FIDENE

Filha dileta de Frei Matias, a idéia da fundação FIDENE nasceu com o propósito de integrar todos os agentes do desenvolvimento regional com vistas à construção do projeto de uma futura universidade regional. Entretanto, segundo o seu fundador,

a constituição oficial da FIDENE precipitou uma declaração de guerra no meio da comunidade local. Velhos ressentimentos associados a temores novos irromperam em violenta onda de oposição, a qual se davam as respostas mais eloqüentes do silêncio, do trabalho, enquanto tranqüilamente se encaminhavam os trâmites necessários a que a Fundação funcionasse de pleno direito (MARQUES, 1984, p. 117-118).

Tudo isso é compreensível tratando-se da constituição de um novo projeto universitário como um novo núcleo de poder na região, para o contexto da época era natural que um novo projeto despertasse preocupações e reações com rompimentos políticos e conflitos de toda a ordem (FRANTZ, 2001).

Sobre o envolvimento de Frei Matias, encontramos o seguinte registro:

Empenhei-me de corpo e alma, durante o ano de 1968, para constituição e implantação da Fundação de Integração, Desenvolvimento de educação do Noroeste do Estado - FIDENE, cuja presidência ocuparia no período de transição e em seu primeiro triênio administrativo [...] (MARQUES, 2003a, p. 68).

Cumprido todos os prazos normais da burocracia oficial, fundou-se em 30 de novembro de 1968, na cidade de São Luís Gonzaga, a Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE⁴⁵. Para a sua sede foi escolhida a cidade de Ijuí.

Os capuchinhos, ao abdicarem do patrimônio construído e da responsabilidade pela manutenção da instituição, ao mesmo tempo em que deixavam-na mais livre para decidir seus rumos também transferiam a ela o ônus da auto-sustentação ideológica e financeira.

A FIDENE, constituída com a finalidade de dar suporte legal, patrimonial e econômico-financeiro ao projeto do ensino superior, na região de acordo com o artigo 1º e 34 do seu estatuto, é uma instituição comunitária, de

⁴⁵ FIDENE é a sigla da Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado, nome que se adotou após um concurso participado por cerca de 80 pessoas, sendo vencedor o jovem Roque Amadeu Kreutz representante do município de Alecrim-RS (JORNAL O ARAUTO, 1969).

caráter científico-técnico – educativo – cultural, de direito privado, cujo patrimônio é de destinação pública. Seus dirigentes eleitos não são remunerados, sendo reconhecida como entidade de utilidade pública federal, estadual e municipal (FRANTZ, 2001, p. 73).

De acordo com o artigo 2º de seu estatuto e seu parágrafo único, a FIDENE prioriza a educação e caracteriza-se pela promoção do desenvolvimento regional tendo como objetivos específicos:

- o desenvolvimento da consciência regional e a promoção da integração de propósitos e realizações no âmbito das atividades públicas e privadas;
- a promoção da educação em todos os níveis e graus;
- a promoção de estudos e pesquisas nos domínios da ciência e da tecnologia;
- a formação, o aperfeiçoamento e qualificação profissional para empreendimentos públicos e privados;
- a reunião, o registro, a documentação, a sistematização e a divulgação de conhecimentos, de experiências e de manifestações culturais.
- a participação no planejamento global e setorial da sua região de abrangência e na promoção de serviços ou empreendimentos, prestando-lhes a assistência técnica necessária;
- o assessoramento de órgãos governamentais e não governamentais entidades sócio-econômicas, organizações empresariais e de trabalhadores;
- de forma especial, atende setores carentes de recursos próprios, através de parcerias, serviços gratuitos, isenções totais ou parciais de taxas (ESTATUTOS DA FIDENE apud FRANTZ, 2001, p. 73).

De acordo com Frantz (2001, p. 73),

A execução e o cumprimento de seus objetivos ocorre através de suas mantidas, das quais a UNIJUÍ é a mais expressiva e com as maiores atribuições a cumprir. Além da Universidade, mantém a Escola de Educação Básica Francisco de Assis, o Museu Antropológico Diretor Pestana, o Instituto Regional de Desenvolvimento Rural, o Instituto de Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional, os Serviços de Editoração e Gráfica, a Distribuidora Universitária de livros e ma rádio TV educativa.

As mantidas se constituem em estruturas descentralizadas. “A Fundação tem a personalidade jurídica do grupo, porém a sua estrutura para o atendimento de seus objetivos é composta pelas mantidas” (FRANTZ, 2001, p. 74). Segundo o autor, compõem a estrutura administrativa da FIDENE a Assembléia Geral, O Conselho Comunitário, o Conselho Curador, a Presidência, o Conselho Diretor e a Direção executiva.



FIGURA 38 - Assinatura da escritura pública de dotação de bens para a constituição da Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE, em 7 de julho de 1969.

Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJUÍ.

No Ato de Transferência dos Bens da Sociedade Literária São Boaventura para Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado, Frei Matias como Presidente da FIDENE fazendo uso da palavra assim se pronunciou em discurso:

Na qualidade de Presidente da FIDENE, devo dizer, neste instante, algumas palavras, em primeiro lugar, de agradecimento, dirigidas a pessoa do Reverendíssimo Superior Provincial, aos padres capuchinhos.

Sinto-me tanto embaraçado ao falar neste instante. Mas por outro lado, sinto que é minha obrigação, uma vez que posso dar o testemunho de quem, talvez como ninguém, viveu por dentro o problema, o drama e toda a evolução da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí. Posso testemunhar do imenso sacrifício que isto custou á Província dos Capuchinhos e, de modo especial, a esta comunidade de religiosos que é o Convento São Geraldo de Ijuí. Na realidade, nós frades trabalhamos durante todos estes anos, enfrentando dificuldades sem número, não recebendo nada, de maneira que se pudesse constituir este patrimônio que ora é entregue à comunidade regional.

Temos aqui a presença de Frei Venceslau, que foi muito tempo nosso superior local, que sentiu na carne o drama de muitas vezes, faltarem os recursos para o sustento da comunidade religiosa, para necessidades de educação dos seminaristas e, entretanto, jamais apelou para as rendas da Faculdade, jamais solicitou um centavo sequer pelo trabalho dos frades.

Como Presidente da FIDENE, quero agradecer à comunidade religiosa do Seminário São Geraldo, por este sacrifício, e agradecer pelo gesto de

transmitir à comunidade todo este patrimônio, no decurso de 13 anos acumulado e construído.

Quero também, como capuchinho, dar meu testemunho pessoal, uma vez que muitas pessoas perguntam qual o interesse dos capuchinhos em realizar este gesto. Posso dizer que o nosso interesse é o maior possível, uma vez que se vincula este gesto ao próprio sentido que por vocação e por livre determinação imprimimos às nossas vidas.

Somos uma ordem religiosa missionária, uma ordem religiosa de profissão. De pobreza, nos destinamos a abrir caminhos, a prestar serviços onde não existem outros recursos humanos. O caráter missionário de nosso trabalho é este: de irmos para o trabalho pioneiro, de nos empenharmos naquelas tarefas que outras entidades não podem ou não querem desempenhar. No caso específico, realmente quando se cogitou da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, era necessário este desempenho dos Padres Cachinhos do Rio Grande do Sul, uma vez que não havia uma entidade que pudesse colocar à disposição a garantia patrimonial exigida para tal cometimento. Mas ao longo desses anos se foi construindo, com sacrifício é verdade, mas também com denodo e esforço conjugado, este patrimônio que aí está, não em benefício dos capuchinhos, mas em benefício da comunidade regional. Neste sentido, hoje podemos dizer que atingimos um ponto de maturação.

Já se conta com muitas pessoas mais habilitadas, mais qualificadas do que nós, para a administração, para a gerência de tal patrimônio, e a elas devemos ceder nosso lugar. Aqui permaneceremos, no entanto, como professores, na medida em que pudermos ser úteis, na medida em que esta Província puder oferecer professores capacitados para esta ou aquela disciplina. Entretanto, permaneceremos ainda com este caráter missionário, desejosos de sermos substituídos por outros que aqui radicados possam melhor cumprir esta missão, liberando-nos a outras terras dentro do próprio Brasil, deste imenso e grande país. Em força das necessidades imensas que se criam por toda parte, haverá sempre lugar para a vocação missionária, para aqueles que querem abrir as primeiras estradas, para aqueles que querem apontar os primeiros rumos, para aqueles que querem lançar os fundamentos de um trabalho que deverá seguir depois, que deverá ser assumido pelas próprias comunidades.

Quero em nome da FIDENE agradecer a colaboração que temos recebido por parte desta comunidade regional, de modo especial a comunidade de Ijuí. Na realidade, apenas há pouco mais de um ano, justamente no dia 1º de maio de 1968, era lançada esta idéia, sementinha que cresceu e que se tornou nisto que aí está, a FIDENE. Com esforço, com entusiasmo e, sobretudo com suas idéias, que, somando-se umas as outras, se corporificam nisto que são hoje os seus órgãos de funcionamento, a sua estrutura inicial e seus objetivos, já em curso de realização.

Quero de modo especial agradecer à prefeitura Municipal de Ijuí. Já na pessoa do Dr. Sólton Gonçalves da Silva, o qual se tornou não apenas um participante, mas um líder vibrante deste movimento desde o primeiro instante. Em ocasiões especialmente singulares, o Dr. Sólton se constituiu, por sua capacidade administrativa, por seu descortínio, por seu entusiasmo, pelo prestígio que goza nesta região, se tornou um líder deste movimento e seu condutor máximo.

Quero agradecer a seu continuador, o Sr. Sadi Strapazon, o atual Prefeito, que desde o primeiro instante já tem participado ao nosso lado, tem dado todo o apoio por parte da Prefeitura Municipal. Quero dar este testemunho de limpidez de conduta do Sr. Strapazon, que antes das eleições, como eu jamais o procurei para lhe falar da FIDENE, ele também jamais me procurou; mas uma vez eleito foi imediatamente procurar-me para hipotecar toda a sua solidariedade, para dizer que por parte da Prefeitura a Fidene teria todo o apoio. De fato, este apoio não apenas do calor de sua simpatia, de seu entusiasmo, mas um apoio trazido efetivamente, inclusive em termos de auxílio econômico, em termos de cumprimento dos compromissos

assumidos pelo seu antecessor, colocando a disposição da FIDENE, á disposição do início imediato das obras, as verbas orçamentárias para isto destinadas. Mesmo enfrentando críticas, dúvidas daqueles que não acreditavam naquilo que está acontecendo neste instante e achavam que ele não poderia empenhar verbas do Município numa obra não solidificada, o Sr. Strapazon entendeu que justamente este empenho, este esforço, este apoio era necessário para solidificar esta obra. É muito fácil abraçar uma coisa depois de realizada e aplaudi-la depois dela feita. O difícil é acreditar nela, na sua possibilidade, para apoiá-la e para que se faça.

Eu quero, portanto, agradecer ao Prefeito de Ijuí este apoio e espero que, em breve possa ele encaminhar a aprovação do Legislativo, a lei de integração definitiva do Município de Ijuí na Fidene, dando assim o exemplo aos municípios todos da região, dando assim o testemunho de que Ijuí está efetivamente determinado a conjugar *esforços para o desenvolvimento regional*.

Um agradecimento aos Capuchinhos de Ijuí e a Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul em que todos os bens da Sociedade Literária São Boa Ventura foram doados à Fundação de Integração Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE. **Aqueles que não acreditam ou que acreditam no contrário, aqueles que acham que não se deva realizar esta idéia, aqueles que acham que será pernicioso para Ijuí e para região esta obra que está se lançando, que tenham a coragem de combatê-la de público e abertamente tenham a coragem de ser solidários com suas próprias idéias e às levem à efetivação.** Esta participação é a que nós pedimos a todos, a participação da honestidade consigo mesmos, a participação de luta pelos ideais de todos, para que a FIDENE não seja resultado de esforços laterais, de esforços parciais, mas que seja resultado do esforço e da participação de toda a comunidade. Não adiantaria colocarmos à disposição da Fidene recursos de ordem material; é muito mais importante que estes recursos venham com a orientação que deve ser imprimida ao seu emprego. Precisamos é somar idéias, somar espírito de luta, somar orientação para que a obra que aqui se vai construir seja obra de toda uma comunidade.

É nestes termos que eu deixo aqui o meu apelo e o meu agradecimento no momento em que se realiza este ato de tamanha significação para a Ordem dos Capuchinhos, para esta região e para a FIDENE (BRUM, 2003b, p. 22-27).

Numa análise desse discurso podemos inferir que a fala emocionada de Frei Matias nesta solenidade tão significativa, contagiou os presentes, ao fazer um agradecimento a Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul em que todos os bens da Sociedade Literária São Boaventura foram doados à Fundação de Integração Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE. Emoção maior tomou conta quando Frei Matias referiu-se ao trabalho de desprendimento dos capuchinhos de Ijuí em relação as dificuldades encontradas na efetivação inicial do projeto que sempre teve como filosofia de trabalho o franciscanismo, de espírito missionário que tem como características o pioneirismo aliado ao espírito de doação e altruísmo. Quase no final de seu discurso Frei Matias faz um chamamento a participação de todos para que a FIDENE não seja resultado de esforços laterais, de

esforços parciais, mas que seja obra construída como resultado do esforço e da participação de toda a comunidade.

O discurso também evidencia que houve vozes contrárias formando uma oposição em relação à idéia da fundação da FIDENE, pois neste momento estava nascendo um novo núcleo de poder na região.

A FIDENE se destina aos municípios da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Alguns destes municípios entenderam a proposta e deram seu apoio e colaboração, mas isto não foi unânime, pois houve uma certa oposição e desconfiança, por se tratar de uma idéia inovadora, de um projeto oriundo de uma nova instituição. Essa oposição que se manifestou em relação ao projeto inicial fica evidente no final da fala de Frei Matias.

De acordo com a matéria divulgada no Jornal Correio Serrano de Ijuí, na edição do dia 9 de julho de 1968, os bens doados pela Sociedade Literária São Boaventura, atinge aproximadamente a 1,5 milhões de cruzeiros novos. Entre as doações, praticamente todo o patrimônio localizado em Ijuí, destaca-se o prédio de 5 pisos da FAFI, em uma área de 15 mil metros quadrados, somando-se a Colméia Infantil, a Biblioteca com 22.768 volumes, o Museu Antropológico Diretor Pestana e um laboratório além de outros móveis e utensílios. Isto no ano de 1969.

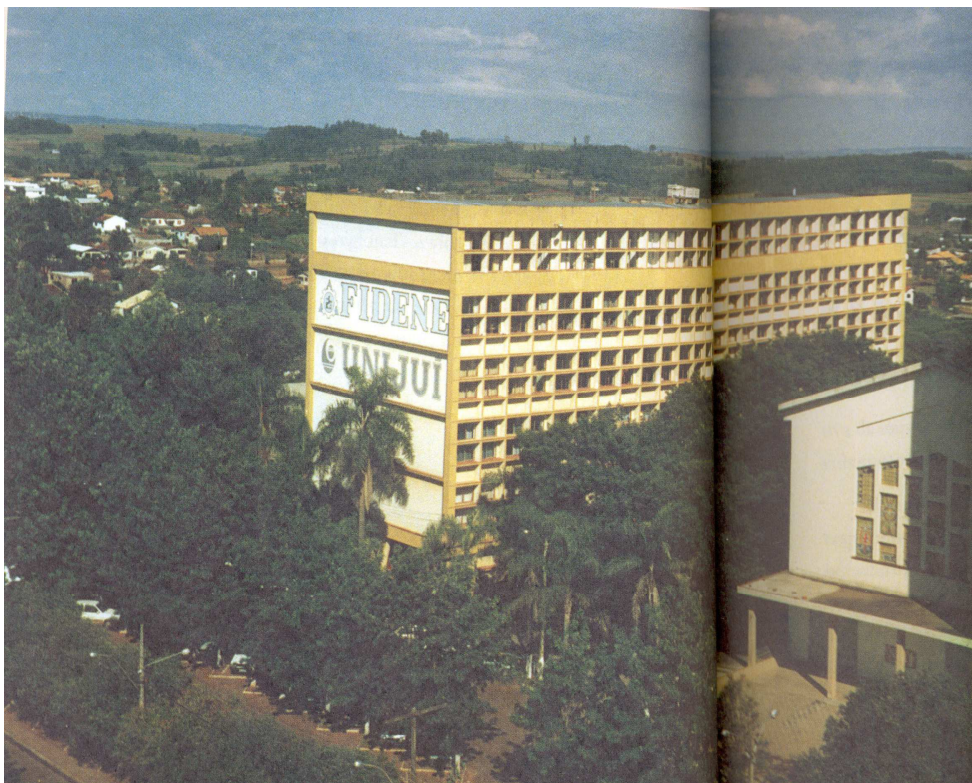


FIGURA 39 - Prédio da Fidene e posteriormente UNIJIÚ.

Fonte: Arquivo Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) - UNIJIÚ.

Conforme editorial publicado no Jornal Correio Serrano, de 11/06/1969, escrito por Frei Matias mais uma vez ele evidencia a oposição em relação à FIDENE:

A FIDENE que até ontem era uma idéia, um projeto já hoje se torna realidade palpável [...]. Há os que acreditam em suas imensas possibilidades de realização em prol do desenvolvimento regional e há os que não acreditam; há os que desejam assumam ela determinados rumos e há os que preferem linhas outras de ação; haverá os que julguem necessário imprimir aos trabalhos um ritmo acelerado e haverá os que entendem preferível obra mais lenta; divergências podem e devem surgir. É indispensável, porém que todos entendam que a FIDENE, para ser obra da comunidade, necessita resultar de tendências diversas, precisa justamente ser a soma de idéias e propósitos divergentes, de empenhos e esforços diversificados.

Só na medida em que participar ativa, corajosa e eficazmente, de discussões, reuniões, debates e trabalho poderá alguém ser coerente com o que pensa e com os propósitos que alimenta. Uma presença que irá afetar nossas vidas, não nos poderá encontrar insensíveis e indiferentes, como quem se sujeita passivamente a seus resultados, sejam eles negativos ou positivos. [...] será a FIDENE uma ameaça, uma cilada, uma aventura perigosa, um sonho irrealizável? Ou será abertura de novas perspectivas, uma corajosa tomada de consciência para medidas coerentes e acertadas; será uma resposta aos desafios dos tempos?- Seja qual for nosso pensar, é necessário que o expressemos de público e com energia, que o expressemos pela ação coerente. (p. 6)

Frei Matias neste editorial conclama mais uma vez a participação efetiva da comunidade regional para que a partir do conhecimento em relação ao projeto possam coerentemente expressar seus posicionamentos. Para termos uma idéia da dimensão do conflito gerado basta dizer que o município de Ijuí sede da Instituição inicialmente não se filiou a FIDENE.

Na concepção, e propósito de Frei Matias a FIDENE foi criada com o objetivo de desenvolver a educação no sentido de promoção humana e de capacidade do homem para viver a sua vida com dignidade, com altivez, com liberdade e com eficiência, com capacidade de trabalho, com capacidade de prestação de serviços à comunidade regional. E, neste sentido podemos dizer que todas as atenções da FIDENE se voltam para o desenvolvimento da região do noroeste do Estado, sobretudo através da educação permanente.

A FIDENE vai tratar, sobretudo da educação no sentido mais amplo e da educação como instrumento do desenvolvimento. Educação esta que também supõe esforço conjugado, esforço de toda uma comunidade, planejamento global e também exige uma série de outras providencias de ordem científica e de ordem técnica, que devem ser tomadas. De tudo isso se ocupará a FIDENE, Fundação instituída pela Faculdade de Filosofia de Ijuí, na área de abrangência dos municípios da região⁴⁶.

O ano de 1969 foi, portanto, um ano de mudanças na estrutura da Faculdade. Obviamente que essas reformulações repercutem no MCB.

Como um dos resultados da FIDENE, surgiu o Instituto de Educação Permanente⁴⁷ (IEP) que assimilou a experiência até então desenvolvida pelo Instituto de Educação de Base instrumentalizando-se para um atendimento mais amplo e sistemático a toda região e não mais apenas para atividades junto às comunidades locais. Buscava-se com esse trabalho alavancar o desenvolvimento regional através da educação. Este era o objetivo maior de Frei Matias.

⁴⁶ De acordo com a entrevista de Frei Matias para o jornal "O Arauto", Ijuí, edição de 19/04/1969, p. 3

⁴⁷ "Entende-se por educação permanente um sistema aberto, que procura capacitar cada homem e os grupos de forma que assumem pelo processo de socialização, as organizações e agências pluriformes da vida moderna, a família e o município, a região e o país, a dar uma resposta aos desafios de nosso tempo, uma resposta positiva às exigências do mundo de hoje, numa sociedade dinâmica e em processo de crescente complexidade" (GRZYBOWSKI, 1973, p. 93). A educação permanente tem como objetivo desenvolver a consciência sobre a dignidade humana e a capacidade de cada cidadão desenvolver-se como sujeito responsável e construtor de sua vida; despertar a consciência da solidariedade pela participação ativa na construção do mundo; e a consciência nos grupos humanos de sua práxis incluindo conhecimentos, valores e técnicas (GRZYBOWSKI, 1973).

Sintetizando,

o IEP é um órgão da FIDENE que recolhe e sistematiza os instrumentos de educação capazes de atingir as categorias sociais, cuja participação é fundamental para o desenvolvimento, [...] pelo fato de manterem viva a experiência educativa (GRZYBOWSKI, 1973, p. 93).

Neste sentido a FIDENE busca na integração com a comunidade regional, capacitar a região para as tarefas inerentes do desenvolvimento. A partir de então a FIDENE volta-se para a região como um todo. O Instituto de Educação Permanente dá continuidade ao trabalho de assessoria e colaboração a todos os setores do Movimento Comunitário de Base: Conselhos de Bairros de Ijuí, Colméia Infantil, Associações de Amigos de Bairros, Núcleos de Base da Zona Rural. Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Seccional de Frente Agrária Gaúcha, Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda.

Marques (1984) relata que quando a FIDENE assumiu a manutenção da FAFI o poder maior sobre a instituição era exercido pela Assembléia Geral da FIDENE, da qual participavam representantes dos organismos regionais, mas a maior representatividade de acordo com os estatutos da instituição ficava assegurada aos agentes internos da FAFI no comando da instituição. Os cargos eletivos, principalmente o da presidência, somente seriam ocupados por elementos estranhos aos quadros funcionais mediante seus consentimentos. A comunidade podia ainda ser representada através do Conselho Curador e do Conselho Diretor, porque o poder delegado a eles era mais geral e distanciado dos casos concretos ideologicamente conflitantes.

Havia, assim mesmo, uma resistência por parte da FAFI como tal, no sentido de resguardar ao máximo sua autonomia, sobretudo ideológica-política, em separado e de frente à nova Mantenedora, cujos dirigentes insistiam num modelo mais unitário de comando em que se figurasse a idéia de automanutenção e se apagassem os limites entre Mantenedora e mantida, encaminhando-se participação mais ampla com vistas à autogestão (MARQUES, 1984, p. 145).

Enquanto alguns insistiam pela separação das atividades do ensino, da pesquisa e da extensão, das atividades relativas à manutenção e administração de recursos, confiadas aos executivos da instituição, um outro grupo defendia a manutenção da tradição da própria FAFI, de co-responsabilidade solidária. Percebe-

se neste novo momento que a estrutura administrativa da FIDENE provocava tensão em alguns setores em relação a organização anterior da FAFI.

De acordo com Marques (1984) os obstáculos externos que surgiam e a tarefa de reorganização institucional, produzia entre os professores, uma maior integração ideológica-política e um clima de companheirismo, a integração de todos, na mesma grande família no que tange à afinação ideológica, à parte das disputas internas de poder. A partir daí pode-se considerar o grupo interno da FIDENE, como um grupo intelectual posicionado a favor das camadas populares, embora com enfoques teóricos, metodologias de análise e campos de ação variados.

Com relação aos estudantes havia uma desmobilização em relação as grandes lutas nacionais, pois reprimidos pelo regime imposto ao país, sujeitos a constantes interrogatórios e idas ao quartel militar pouco contribuíam para a ativação ideológica do meio.(MARQUES, 1984).

Aqui fica perceptível a tensão existente entre um grupo de professores e os novos setores administrativos da mantenedora.

Os novos setores administrativos da mantenedora era composto por muitos empresários que defendiam a auto gestão e os professores defendiam o modelo antigo já adotado pela FAFI – que era de co-responsabilidade solidária.

Enfrentando obstáculos, perseguições e repressões políticas⁴⁸, e oposições de ordem externa, o ano de 1970 serviu para a reorganização interna e reorganização dos quadros dos setores do Movimento Comunitário de Base. A partir de 1968⁴⁹, o setor urbano organizado de Ijuí se tornara alvo da atenção de partidos

⁴⁸ De acordo com os Relatórios dos Seminários preparatórios. In: Correio Serrano, edição dos dias 21, 25, 28 de novembro e 02/12/1970. Dentre os episódios de repressão militar se destaca o seqüestro do Presidente do Conselho de Bairros de Ijuí, executado pelo 7º BPM de Três Passos, para interrogatórios sobre o I Congresso de Bairros de Ijuí.

Um incidente em 1971 nos dá a dimensão da confusão que ocorria. Por ocasião das comemorações da Independência, as associações de bairros foram solicitadas a participar do desfile de 7 de setembro. Os operários desfilaram todos de mãos dadas, com apelos de união, gesto que foi interpretado como “comunista”. Chamado para dar explicações sobre o episódio, o presidente do CBI, acabou por resolver o episódio pacificamente.

Outro episódio sobre repressão militar é a matéria publicada no Correio Serrano, de 04 de novembro de 1969, p. 5, que traz por título: “Justiça Pode Tardar Mas Não Falha”. “Frei Nicomedes Condenado Por Subversão. Em fins de 1966, Frei Nicomedes, professor da FAFI e líder comunitário de base, induziram um operário da firma IMASA a distribuir, entre seus colegas de trabalho, panfletos de caráter subversivo. Preso e submetido a IPM na época fora agora julgado e condenado a 10 meses de reclusão. Juntamente com esse Frei foi também condenado a 6 meses o chefe de família Genir Bertholdo induzido por aquele religioso [...]. Aos chefes de família, aos que tem responsabilidades de criar filhos e assistir esposa seria oportuna a meditação contra os subversivos e pregadores de ódio que não têm aquelas responsabilidades” (grifo nosso).

⁴⁹ Em 1968 inúmeras manifestações e protestos populares eclodem no Brasil e no mundo representando a luta pela liberdade democrática. Mas, no país intensifica-se a repressão militar,

políticos. Tornava-se freqüente a presença do prefeito e de seus assessores nas reuniões das associações. Essa proximidade do poder acabava por minar as resistências do poder mais frágil dividindo-o internamente, “colocando um bairro contra o outro ou os bairros contra o Conselho”.

Os mecanismos do poder local dominante, afinado com o clima reinante no país se articulavam para atacar as bases, desviando-as do foco de seus objetivos iniciais de solidariedade mútua, para transformá-los em lutas de interesses imediatos e em disputas político - partidárias provocando o esvaziamento das entidades mais combativas (MARQUES, 1984).

Com relação ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, antes tão combativo e atuante, desviou-se de suas funções junto às bases, permaneceu cumprindo funções burocráticas para as quais não tinha vocação.

Os núcleos de base do meio rural desde 1966 passaram a envolver-se com a problemática da Cooperativa Tritícola de Ijuí (COTRIJUÍ) em relação à solução do problema do escoamento de produção através da construção do terminal graneleiro de Rio Grande⁵⁰. Junto aos agricultores somavam-se o Sindicato, o IEP e a COTRIJUÍ. O primeiro assumindo e conduzindo as lutas reivindicatórias, o segundo com a preocupação da condução pedagógica e da definição ideológica-política do movimento e a COTRIJUÍ voltada para a assistência técnica, creditícia e de comercialização e escoamento da produção (MARQUES, 1984). Entre 1964 a 1968 percebe-se uma continuidade das tarefas e ações na FAFI. A partir de 1969 é que se observa um maior endurecimento do regime militar cujos tentáculos agora atinge Ijuí e região, especialmente o trabalho de base desenvolvido pela FAFI / FIDENE junto à comunidade.

deflagrando a esperança de uma sociedade mais justa e igualitária. O golpe militar de 1964 reprimiu o processo democrático e de mudanças que vinha se articulando desde os anos 60 sintetizadas nas Reformas de Base assumidas pelo governo de João Goulart. Mas o medo do comunismo fez com que as forças conservadoras dessem um golpe assumindo o poder. O ano de 1964, tem início um processo de ruptura conservadora, que atinge seu auge em 1968, ano em que havia tentativa de recomposição das forças populares e democráticas, no sentido de retomar as Reformas de Base, mas ao contrário é instituído no país pela ditadura militar o AI-5 em que se intensificam os atos de censura e repressão com absoluto controle das instituições inclusive do Congresso Nacional.

⁵⁰ Conforme Frantz (1982, p. 158-63), Marques (1984, p.124), Marques e Brum (2002, p. 74-75), a idéia nascera após uma viagem de um grupo de agricultores ao porto de Rio Grande e posteriores contatos com o governo do Estado. A posição solidificou-se após 83 reuniões dos núcleos rurais de Ijuí e da região. A decisão foi tomada em memorável Assembléia Geral da COTRIJUÍ, que contou com a participação de cerca de 4.000 associados de iniciar imediatamente a construção do terminal graneleiro com capacidade de armazenamento e de carregamento de navios. As obras tiveram início em 1970 e os agricultores puderam acompanhar “in loco” as construções através de excursões programadas.

Embora as ações comunitárias fossem monitoradas pelas autoridades do regime, a FAFI/FIDENE prudentemente muda o seu foco.

3.8 FREI MATIAS E A REGIONALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA - CONVÊNIO COTRIJUÍ/FIDENE

Para Marques (1984) foi da confluência de interesses que nasceu o convênio COTRIJUÍ/FIDENE em 1970, oficializando uma colaboração entre as duas organizações responsáveis pela transformação social da região, centradas no processo ideológico e produtivo. Visava este convênio, à educação do homem rural em vários municípios da região de atuação da cooperativa e a assessoria técnica-científica sobre os caminhos e tendências do desenvolvimento regional.

Em 1971, realizou-se entre os agricultores de Ijuí um levantamento de opiniões sobre a Reforma do Ensino: Foram realizadas 42 reuniões nos núcleos de base. Tendo comparecido 1.341 agricultores, acompanhados dos professores das respectivas escolas. A partir daí surge à promoção de cursos para professores rurais da região, buscando melhor adaptar o ensino as necessidades do meio rural. Tornase clara a ação intervencionista apontada anteriormente. Agora, busca-se construir a melhoria da qualidade da gestão rural que é também um dos pilares pra construção do desenvolvimento regional (CORREIO SERRANO, 19/08/1978, p. 06).

Os encontros anuais de líderes se tornaram regionalizados, com representantes de vários municípios. Amiudaram-se os contatos com os sindicatos da região, os quais passaram a se articular em programas comuns, através de reuniões e encontros, buscando efetiva integração dos interesses dos agricultores da região.

Quanto aos temas mais freqüentes nas reuniões, cursos ou encontros, se antes se distinguiam os de caráter mais geral, com a conscientização da realidade e a conclamação para o associativismo, agora predominavam temas referentes a problemas mais específicos e determinados. Os cursos e demais instrumentos pedagógicos se articulam em função de certas áreas de concentração de interesses e de clientela diferenciadas e mais estáveis, através de projetos integrados, que representavam novas formas de grupalização ou nucleação, e não mais em função da vizinhança, mas de objetivos comuns concretos. Ex. produtores de sementes,

criadores de gado leiteiro, treinamento em contabilidade agrícola, técnicas de análise e planejamento da propriedade rural.

Assinalamos que o ano de 1971 foi também o ano do décimo aniversário do Movimento Comunitário de Base. Em 22 de agosto realizou-se sessão solene comemorativa ao trabalho já realizado e uma reflexão sobre a experiência dos caminhos até então trilhados.

A relação da FIDENE com a COTRIJUÍ é amplamente revitalizada com o surto do movimento cooperativista. Neste momento, a extensão universitária passa a ser assumida pelos diferentes departamentos da faculdade, integrando-se a pesquisa e ao ensino na organização de novos cursos que viessem atender as demandas da região e em especial a necessidades dos agricultores (FLEURI, 2002).

Sobre o envolvimento de Frei Matias no Movimento Cooperativista encontramos o seguinte registro:

Aliviado, dos encargos da administração geral, assumia a direção do IEP agora em período de intensa e alargada atuação junto às populações desfavorecidas, dos meios rural e urbano. Pessoalmente, mais me dedicaria a um trabalho denominado de comunicação e educação cooperativas, a partir dos associados da cotrijuí e expandindo-se para o sistema cooperativo como um todo, no nível estadual e, nacional. Organizei e dirigi um Centro Regional de Educação Cooperativista e passei a assessorar a presidência da Fecotrigo, nos assuntos referentes à comunicação dos e com os quadros de associados e funcionários. Escrevi uma série de textos para discussões amplas e para a formação de educadores ligados ao sistema do cooperativismo (MARQUES, 2003a, p. 68).

Nessa mesma época, Frei Matias na qualidade de perito em Teologia Pastoral foi convocado também a prestar assessoria à Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB) tendo que se deslocar a diversas regiões do país.

A partir de 1975 as cooperativas da região e os órgãos de apoio ao cooperativismo no Estado solicitam a FIDENE orientação e assessoria para o estabelecimento dos serviços de comunicação e educação cooperativas. Consistia basicamente em cursos intensivos de treinamento dos recursos humanos necessários e, sobretudo, institucionalizando-se o treinamento em serviço, através de reuniões periódicas para troca de experiências, revisão e aprofundamento teórico dos trabalhos em andamento e planejamento de atividades integradas no nível de sub - regiões e do Estado (CORREIO SERRANO, 19/08/1978).

Nessa nova situação, a assessoria que a FIDENE presta junto a Cotrijuí quanto ao sistema Fecotrigo se daria através de professores especialistas em

determinadas áreas, de modo especial na área da pesquisa, como um novo desafio, à atuação universitária no campo da educação popular.

Por solicitação da EMBRATER leva-se a experiência a outros estados da federação, em especial ao Norte e Nordeste em colaboração com a ASSOCENE - Associação de Orientação as Cooperativas do Nordeste (CORREIO SERRANO, 19/08/1978).

As exigências de modificação nos movimentos dirigidos e apoiados pela FAFI/FIDENE nos anos 70, aparentemente não tiraram Frei Matias de seu foco.

3.9 OS DEZ ANOS DO MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE - IJUÍ - RS

No ano de 1961 o recém criado Centro de Estudos e Pesquisas Sociais da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ijuí, ao promover o ensino e a extensão vinculando-as diretamente as necessidades da região, percebeu que deveria difundir os princípios de Desenvolvimento e Organização de Comunidades, e para tanto, promoveu um curso com cinco palestras e os respectivos debates. Ao findar o curso inúmeras interrogações surgiram: O que fazer agora? Como tornar realidade estes princípios? Dez anos depois podemos sintetizar esta ação no quadro que se segue.

No quadro a seguir resumidamente são explicitadas as atividades do MCB durante o período de 1961 a 1971.

RESUMO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE				
ANO 1961	O Centro de Estudos e Pesquisas Sociais da FAFI – Inicia a difusão dos princípios de Desenvolvimento e Organização das Comunidades.	Capacitação dos Agentes através de cursos intensivos. Formação de grupos de pessoas com problemas semelhantes.	Realização da Primeira Assembléia Comunitária.	Criação da frente “Voluntariado Comunitário”.
ANO 1962	Surge a Frente Agrária Gaúcha que tinha como objetivo o associativismo e a sindicalização rural.	Criação dos núcleos locais. Chegaram a existir 76 núcleos. Eram pontos de encontro onde se discutiram os problemas comuns da classe. Doutrinação sobre o sindicalismo rural autêntico.	Fundação de dois sindicatos. Participação no primeiro Congresso da Frente Agrária Gaúcha. Criação de dois programas radiofônicos semanais.	Realização da Segunda Assembléia Comunitária de Ijuí. Novas diretrizes são traçadas. A idéia de comunidade é transformada em ideologia. Cria-se o boletim quinzenal “O Comunitário” e mais um programa de rádio “Sonho Infantil” referente aos clubes infantis. Surgem diversos grupos nas comunidades.

RESUMO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE				
			Campanha de combate à formiga. Surge ao natural a denominação de <i>Movimento Comunitário</i> .	
ANO 1963	A Equipe Central de Coordenação e Orientação é responsável pela difusão e discussão do Movimento.	No setor urbano incentivaram-se as Associações de Amigos de Bairros que neste ano já atingiram o número de dez Associações.	No meio rural foi realizado o <i>II Encontro de Líderes Rurais de Ijuí</i> . Iniciaram-se duas campanhas; <i>Campanha de Sindicalização e de Combate à Formiga</i> , onde foram realizadas 79 reuniões com a presença de 3.114 pessoas e o sindicato conseguiu mais 1.283 sócios. <i>Campanha de Esclarecimentos sobre o Cooperativismo</i> realizaram-se 69 reuniões em todos os núcleos.	O Movimento desenvolveu diversas iniciativas, envolvendo principalmente estudantes na área de cultura popular tais como cursos de alfabetização de adultos, cursos populares, apresentação de filmes e peças de teatro. O Movimento Comunitário, graças ao Instituto Superior de Cultura começa a organizar-se em outras cidades como Sto. Ângelo, onde atua concretamente em duas vilas pobres um programa de assistência aos presidiários. Também foram realizadas palestras nas cidades de Sto. Ângelo, Cruz Alta, Santa Rosa, Palmeira das Missões e Passo Fundo.
ANO 1964	Setor Rural: Realização do <i>III Encontro de Líderes Rurais de Ijuí</i> , com a presença de 147 agricultores. Realização da 2ª Conferência Estadual da Soja. Parceria com a Unidade Conservacionista de Ijuí, permitiu o lançamento da <i>Campanha de Conservação do Solo</i> . Palestras sobre o estatuto do Trabalhador Rural e Previdência Social Rural foram efetivadas nos diversos núcleos.	Setor Urbano e Setor Infantil: Realização do <i>Encontro de Líderes dos Bairros de Ijuí</i> . O Movimento promoveu o <i>Natal da Comunidade</i> na qual toda comunidade foi incentivada a participar. Os grêmios infantis aumentaram de cinco para 21 durante o ano. Foi estruturada a Colméia Infantil que coordenava todos os grêmios que eram departamentalizados em cultural, esportivo, artístico,	Outros setores; O setor educacional sempre muito atuante com a organização dos Círculos de Pais e Mestres funcionou em parceria com as Associações de Amigos de Bairros realizando palestras e reuniões nas escolas e bairros num trabalho conjugado. O setor operário continuou seu trabalho de conscientização sindical. O MASPI - Movimento de Assistência ao Presidiário de Ijuí foi muito atuante realizando diversas campanhas em prol de uma melhor quali-	Outras ações desenvolvidas: Neste ano foi feito o <i>“Levantamento dos Problemas do Município”</i> e foi a realização de maior alcance e repercussão, pois movimentou todo o município, e suas conclusões foram enviadas as autoridades municipais e estaduais, inclusive servindo de subsídios para a elaboração da proposta orçamentária do município. Neste exaustivo e minucioso trabalho foram diagnosticadas as necessidades de cada bairro e de cada localidade do interior, tais como: estradas, pontes, redes elétricas, telefones, construção, ampliação e reformas de escolas, problemas da produção animal e vegetal, conservação do solo, linhas de crédito, ambulância, postos de saúde, habitação, calçamento, alargamento e abertura de ruas, iluminação pú-

RESUMO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE

		o social, etc. Todos os domingos tinham o programa de rádio "Sonho Infantil".	dade de vida aos presidiários.	blica, melhorias e ampliação da rede hidráulica, habitação etc. O Movimento Comunitário de Santo Ângelo desenvolve-se em diversos bairros e alastra-se para o interior do município. Em Cruz Alta 13 clubes e associações desenvolveram diversas atividades. Foram feitas conferências sobre o movimento nas cidades de Cruz Alta, Tenente Portela, Tapera e Carazinho.
ANO 1965	O Movimento precisava de uma maior motivação e abertura de novos horizontes aos participantes, para tanto, foi criado o <i>Instituto de Educação de Base</i> com o objetivo de organizar e sistematizar o instrumental pedagógico do movimento e ministrar cursos, seminários de conscientização e politização, de cultura geral ou especializada. Já neste ano o Instituto de Educação de Base realizou nove cursos sobre <i>Introdução ao Mundo de Hoje</i> e dois cursos para agricultores. Dois cursos para formação de mão de obra especializada. Dois cursos sobre <i>Orientação Vocacional e profissional</i> . Três cursos voltados para as donas de casa.	O Setor Rural: Realizou o <i>IV Encontro de Líderes Rurais de Ijuí</i> . Fundou a Associação Conservacionista de Ijuí, com a participação do poder público e de entidades ligadas ao meio rural. Deu continuidade na divulgação dos programas semanais de rádio nas duas emissoras e foi feita uma maior difusão do cooperativismo.	No setor Urbano: Foram criadas mais cinco Associações de Amigos dos Bairros. Revitalização e reorganização do Sian – Sociedade de Amparo a Infância e aos Necessitados. Reuniões mensais nos bairros para levantamento dos problemas e seu encaminhamento aos órgãos competentes. Campanha para obtenção de Certidão de Nascimento.	Outras ações desenvolvidas: Os grêmios infantis realizaram dois torneios intergrêmios bastante concorridos. A colméia infantil que produz o programa radiofônico dominical "Sonho Infantil" neste ano realizou sete edições na modalidade de programa de auditório, lotando, em todas às vezes a maior sala de espetáculos de Ijuí - o Cine América.

RESUMO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE

ANO 1966	<p>Neste ano o Movimento reorganiza-se procurando uma descentralização, e dar maior autonomia aos setores.</p> <p>O setor urbano cria o "Conselho de Bairros de Ijuí". As Associações de Amigos dos bairros continua juntamente com o Sian o trabalho comunitário de assistência aos necessitados. Deu continuidade à campanha para a regularização documental das pessoas, certidão de nascimento e casamento.</p>	<p>No setor rural ocorre: A realização do "V Encontro de Líderes Rurais de Ijuí". Mobilização para superação da crise da Cotrijuí. Viagem de estudos A Universidade Rural de Pelotas – RS. Eleição da nova Diretoria do Sindicato. Reuniões mensais e conjuntas com representantes dos Núcleos de Base com autoridades, e diretorias do Sindicato e da Cooperativa. Campanha de arregimentação de novos sócios para o sindicato.</p>	<p>O setor infantil com o programa radiofônico Sonho Infantil, repetiu a fórmula e o sucesso.</p> <p>Foi inaugurada a praça dos esportes da Colméia Infantil ocasião da realização de um torneio de futebol de salão intermunicipal.</p> <p>Realização de um Campeonato de futebol de salão.</p> <p>Apresentação do coral Pró-Arte de Porto Alegre em Ijuí, Santo Ângelo e Cruz Alta. A Colméia Infantil incentivou as atividades dos grêmios estudantis, revitalizando o relacionamento interescolar.</p>	<p>Outras Ações Desenvolvidas:</p> <p>O Instituto de Educação de Base (IEB) promoveu a realização de 17 cursos para 1.317 participantes.</p> <p>O MCB envia dois representantes para apresentar trabalho sobre a experiência do setor rural no III Seminário Gaúcho de Desenvolvimento de Comunidade, em Porto Alegre.</p>
ANO 1967	<p>A equipe central se restringe, dado o amadurecimento dos setores rural e urbano, em assessorar as lideranças em casos mais importantes e complexos.</p> <p>O IEB promoveu seis cursos atingindo 839 pessoas e firmando-se com principal propulsor do MCB.</p>	<p>Setor Rural:</p> <p>Com as emancipações de Augusto Pestana e Ajuricaba, reduziram-se para 32 os núcleos de base do município de Ijuí.</p> <p>Realização do VI Encontro de Líderes Rurais de Ijuí. Foi criado um Serviço de Assistência Técnica em colaboração com o Serviço de Voluntários Alemães.</p> <p>Excursão a Escola de Agronomia de Pelotas.</p> <p>Reuniões ordinárias para levantamento dos problemas e balanço das reivindicações e conquistas do Movimento.</p>	<p>Setor Urbano:</p> <p>Foi criada mais uma Associação de Amigos de Bairros, (AAB), totalizando agora 19.</p> <p>O setor infantil neste ano manteve-se praticamente estático.</p>	<p>Outras ações desenvolvidas:</p> <p>Iniciam-se os estudos para a fundação de uma empresa comunitária de mão de obra, ligada a construção civil.</p>

RESUMO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE

ANO 1968	Consolidação da descentralização e maior autonomia setorial. O IEB assume a coordenação do intercâmbio entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí com a comunidade regional. O movimento dá sinais de saturação. Busca-se então a regionalização do Movimento através de projetos.	No setor rural foram ministrados seis cursos em Ijuí e municípios vizinhos. Realizou-se: o <i>VII Encontro de Líderes Rurais de Ijuí</i> . E também o <i>1º Encontro dos Sindicatos Rurais da Região Noroeste do Rio Grande do Sul</i> .	No setor urbano foram realizados sete cursos diversos. Também se promoveu dois <i>Encontros Regionais de Líderes Operários</i> , abrangendo cinco municípios.	O IEB inovou e denominou de Círculo de Cultura as reuniões de estudo sobre temas atuais e abertas a toda comunidade – neste ano foram onze reuniões. Também foram feitas nove palestras sobre temas diversos em Ijuí, Santa Maria, Santa Rosa, Ajuricaba, e Três de Maio. Também foi iniciado o <i>Projeto de Organização e Desenvolvimento de Comunidades de Base</i> com recursos doados pela Fundação Ford, com o objetivo de estender o espírito do MCB a todos os municípios de abrangência da FAFI.
ANO 1969	A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí foi transformada em uma fundação. A Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado – FIDENE. Surge também o <i>Instituto de Educação Permanente</i> – IEP.	O IEP manteve o trabalho de assessoria e colaboração com todos os setores do MCB. Promoveu doze cursos variados na abrangência da Fidene.		O <i>Projeto de Organização e Desenvolvimento de Comunidades de Base</i> iniciado no ano anterior teve continuidade e de acordo com a avaliação feita atingiu 33 municípios da região em níveis de penetração variáveis. Pelas conquistas já amealhadas, vislumbra-se a silhueta de um projeto de desenvolvimento regional integrado com a participação de toda comunidade.
ANO 1970	A Fidene se reestrutura e se reorganiza internamente restringindo a ação sobre os setores do MCB, os quais acusam a falta de estímulos e assessoramento. O IEP ministrou 21 cursos para 947 alunos.	O gargalo no escoamento das safras da Cotrijuí era no porto de Rio Grande. Após estudos, viagens e muitas reuniões decidiu-se pela construção de um terminal marítimo em Rio Grande. Era uma obra de grande porte e foi acompanhada “ <i>in loco</i> ” pelos engenheiros e pelos agricultores do MCB.	O setor urbano realizou o Congresso de Bairros, com apoio da prefeitura municipal, câmara de vereadores, IEP e lideranças estudantis.	Outras ações desenvolvidas; O Sindicato dos Agricultores adquiriu um prédio para sua sede própria no centro da cidade de Ijuí. Celebração do Convenio Cotrijuí - Fidene, com o objetivo de abrir novos horizontes ao homem do campo e também prestar um assessoramento técnico-científico a própria Cooperativa.

RESUMO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE BASE				
ANO 1971	O IEP agora com um quadro de funcionários exclusivos, ministrou, coordenou, mais de cinquenta cursos no meio rural e urbano de Ijuí e nos municípios de Três Passos e Santo Augusto.	O setor urbano através do <i>Conselho de Bairros</i> realizou mais de dez cursos de Educação, atingindo mais de 500 operários. Promoveu o 1º Encontro Regional de Associações de Bairros. Desenvolveu vários trabalhos em parceria com o poder público. Auxiliou o Sian.		Outras ações desenvolvidas; Dentro do Convênio Cotrijuí/FIDENE foram realizados; Nove cursos. 108 encontros de lideranças. Nove excursões. Participação direta em 85 reuniões.

QUADRO 1: Resumo das atividades desenvolvidas pelo Movimento Comunitário de Base

Fonte: Elaborado pela autora, 2008.

Decorridos exatamente dez anos após o lançamento oficial do Movimento na 1ª Assembléia Comunitária de 22/08/1961, realizou-se em 22 de agosto de 1971, em sessão solene e comemorativa uma nova assembléia com o intuito de celebrar a continuidade do Movimento e de refletir sobre a experiência da trajetória percorrida. Houve inúmeros pronunciamentos de autoridades e de participantes, destacamos alguns.

O operário disse:

Para mim o Movimento representa um nome que contém três palavras que ditam o próprio desenvolvimento da pessoa humana, isto é: Movimento - Comunitário - Base.

Movimento: representa um pequeno ou grande número de pessoas, preocupadas com os problemas de sua comunidade, os quais exigem que toda a comunidade se movimente e se mobilize.

Comunitário: significa a população de um local, já movimentada, tomando consciência, o valor e a capacidade de cada pessoa da comunidade e que, através da participação delas em reuniões de suas entidades ou em grupos de líderes ou coordenadores, possam discutir, trocar idéias, descobrindo meios de resolver os problemas de suas comunidades.

Base: representa um dos pontos mais importantes de todo o movimento, porque as pessoas que se reúnem e discutem os problemas, que se preocupam, sentem e trabalham para resolvê-los é que são a base de todo o movimento, são o alicerce sólido da construção de uma comunidade sadia e desenvolvida.

Representa um desenvolvimento integrado, porque reúne todas as pessoas e entidades e porque dá consciência a cada um de ser dono da sua própria vida, da sua liberdade, e de ser responsável por si, pela sua família e sua comunidade (MARQUES; BRUM, 2002, p. 140-141, grifo nosso).

O homem do meio rural assim se manifestou:

É um movimento em que o agricultor busca condições de melhorar, pessoalmente e no seu trabalho, através de encontros, em que as lideranças se aprofundam no que se refere aos problemas do desenvolvimento. É um movimento necessário e não só num momento, mas sempre, porque é dinâmico e se adapta às novas necessidades do desenvolvimento conforme vão aparecendo. Por exemplo: nós discutíamos no início do movimento o problema da formiga na lavoura e hoje já temos condições de discutir problemas que se referem a cooperativismo, problemas nacionais e internacionais.

Antes nós não tínhamos onde ir conversar sobre isso. O Movimento Comunitário de Base é um centro e uma oportunidade que o agricultor procura para melhor entender os acontecimentos, os problemas, as dificuldades e benefícios de seu trabalho (MARQUES; BRUM, 2002, p. 140-141, grifo nosso).

Para o Prefeito Municipal, o Movimento “proporcionava ao governo municipal certos recursos adicionais suficientemente, pelo menos, à minimização dos problemas” (MARQUES, 1984, p. 126)

Para o Presidente da Cotrijuí, o Movimento:

despertou em nossos agricultores a perspectiva de uma tecnificação das lavouras, em níveis de melhor produtividade. Estando conscientizados os agricultores sobre o problema, tiveram os técnicos melhores oportunidades de prestar seus ensinamentos, com resultados benéficos para a lavoura. (MARQUES, 1984, p.126).

Para o Presidente do Conselho de Desenvolvimento de Ijuí: “Era preciso reavivar a chama propulsora dos antepassados - surgiu o Movimento Comunitário de Base. Imediatamente os efeitos saltares se fizeram sentir” (MARQUES, 1984, p. 126).

Para um ideólogo do Movimento: “Tratava-se de criar pequenos grupos de pessoas com problemas similares, que iniciassem desde as bases, uma busca de soluções em profundidade” (MARQUES, 1984, p.126).

Para um professor da FAFI:

A experiência enriqueceu a Faculdade, principalmente na sua ação integradora, no sentido de ser presença viva e esforço e lucidez [...] começou a marcar a vida da Faculdade, exigindo-lhe crescente abertura e reflexão na sua destinação e testemunho de consciência e de serviço á comunidade. (MARQUES, 1984, p.126).

Para um Pesquisador da FAFI:

Hoje Ijuí apresenta grupos organizados de atuação comunitária. Os núcleos de base e as associações de amigos de bairros são elementos integrantes da vida sócio-cultural de Ijuí. São, acima de tudo, veículos de comunicação e dinamização da vida social. De modo especial no meio rural, ao lado da escola e igreja, existe também o núcleo de base, com vida e funções próprias (MARQUES, 1984, p.126).

Para um estudante da FAFI: “está aí um dos grandes méritos deste Movimento: estudar, debater e orientar com o operário a solução dos problemas, de seu bairro, de seu salário, de sua família” (MARQUES, 1984, p.126).

Os depoimentos colhidos por ocasião da comemoração dos dez anos do Movimento mostraram as diferentes óticas sob o ponto de vista das instituições e setores envolvidos no Movimento.

3.10 O OCASO DE UM ATIVISTA

De acordo com Marques (2003a) desde meados da década de 70 ele sentia o esmorecimento de seu furor ativista e em contra-partida ressurgia a necessidade da afirmação da interioridade, da reflexão e da contemplação. Chegava ele naquela fase da vida em que se dá um “relaxamento dos investimentos exteriores” em proveito da “satisfação das necessidades interiores” (NEUGARTEM apud MARQUES, 2003, p. 69). Passada a fase de interrogar o mundo, iniciava ele agora a fase da interrogação de si mesmo.

Sobre esse período de sua vida encontramos o seguinte registro:

Desde os inícios da década dos anos setenta, mergulhava eu numa crise existencial, perplexo ante aquela dupla face de minha infância, a saber, entre a dedicação mais decidida à causa dos despossuídos, descendo do pedestal em que me colocara no ensino superior, para ir viver com eles uma vida simples e humilde, e uma vida exclusivamente dedicada à contemplação religiosa retirando-me do convívio humano. Percebia, no entanto, que nenhuma dessas alternativas contava com reais condições de efetividade, significando ambas situação de artificialidade e mascaramento (MARQUES, 2003a, p. 70).

E continua:

Minha atuação em muitas frentes e meu ritmo de trabalho me haviam tornado um mito de seriedade e competência, colocando-me num pedestal que me isolava da vida e das pessoas. A própria vida religiosa e o

sacerdócio se haviam de tal forma “profissionalizado” que meus próprios valores e íntimas convicções ninguém as percebia: “ele fala assim porque é padre” diziam. Isso me atormentava a ponto de desejar fugir para lugares distantes, onde não fosse conhecido e pudesse ser eu mesmo, um homem-comum entre homens-comuns. Mas qual seria esse lugar distante? O lugar do trabalho humilde entre os trabalhadores braçais, ou o lugar do isolamento na vida contemplativa? (MARQUES, 2003a, p 70- 71).

Por estas reflexões infere-se a intensidade do dilema que acometia o Frei Matias nesta fase da vida em que questionava sua trajetória passada e seu modo de vida. Precisava então, priorizar novas alternativas de vida, aos 50 anos algumas diretrizes que sempre pautaram seu pensamento religioso eram de difícil execução e não o realizariam plenamente. Debatia-se então, entre o que ele sentia e era como pessoa, e, em como as pessoas o viam e o interpretavam, elevando-o acima de seu próprio conceito, ocasionando-lhe um certo desconforto e isolamento.

Neste meio de tempo, mais precisamente no ano de 1974, Frei Matias foi eleito delegado da província dos capuchinhos gaúchos ao Capítulo Geral Extraordinário da Ordem, em Roma. Também foi cogitada a sua indicação ou para superior religioso na província ou para bispo diocesano. Por essa indicação teve que ir a Roma onde permaneceu durante quarenta dias, participando intensamente de debates, representando em plenário os delegados latino-americanos (MARQUES, 2003a).



FIGURA 40 - Mario Osorio Marques em Roma

Fonte: Sala Mario Osorio Marques - Ijuí.

Mesmo com uma agenda intensa de palestras e trabalhos, e convivendo com diversas pessoas, Frei Matias sentia-se muito só e, nos intervalos dos trabalhos, visitava as periferias da cidade. Durante o tempo que permaneceu por lá também visitou o Norte da Itália e passou alguns dias em Paris, reencontrando-se com velhos amigos brasileiros e também buscando contato com novas experiências religiosas. Quando de sua estada em Portugal dedicou-se a observação da vida de gente simples e dos romeiros do santuário de Fátima. Ao retornar ao Brasil trazia consigo a aspiração por um tempo de recolhimento e meditação. Essa aspiração se concretizou após alguns meses por ocasião do retiro anual. (MARQUES 2003 a)

Os olhos e o pensamento de Frei Matias estavam agora voltados para dentro de si: para seu interior. As ações comunitárias passavam para um outro plano de sua vida.

3.11 A PAIXÃO, O ABANDONO DA BATINA E DO CELIBATO

Durante o retiro espiritual, relata Marques (2003a), sentiu-se integrado e feliz acreditando ter encontrado a resposta certa para as suas indagações na dedicação exclusiva a vida contemplativa:

Não quis, porém, e não podia tomar uma resolução apressada. Voltei desse mundo de encantamento para minhas atividades de cada dia, após as quais me retirava para algumas horas de contemplação, no tempo avançado da noite, às vezes até de madrugada. Parecia a solução conciliadora, mesmo porque não me sentia cansado, até mesmo mais disposto ao trabalho. Apenas me perturbava a sensação de isolamento e artificialidade, pois minha vida interior se tornara segredo só meu. Como romper com esse clima, para me tornar gente normal? Com quem começar a conversar? (p.72)

De acordo com o autor foi nesse contexto que lhe aconteceu ,

o inesperado e sequer suscitado Sentimo-nos, eu e uma moça de condição humilde e simples, de um momento para outro, apaixonados. De repente, no amor de uma mulher me reconciliava comigo mesmo. O lugar retirado que procurava não estava longe. Estava ao alcance do coração, escondido nas intimidades de um lar, de uma casa cujas portas e janelas se fechariam para o aconchego, ao mesmo passo que se abririam para o convívio da concidadania (MARQUES, 2003a, p. 72).

De acordo com Marques (2003a) a partir daquele momento ele descobriu-se vivo entre os homens. Fez questão de comunicar pessoalmente seu drama e seu achado a todos seus amigos. Sentia-se naquele momento em pé de igualdade com todos na vida cotidiana. Vivía ele agora, a alegria “da comunicação ampliada” (p.23). Segundo depoimentos de amigos íntimos de sua efetiva convivência, Frei Matias sem rodeios ou meias palavras comunicou o fato a todos aqueles que julgou necessário fazer, inclusive a um bispo.

Trecho da correspondência, por ele enviada a esse bispo seu amigo, nos dá a dimensão das vivências de então:

Meu rompimento com o status social que minha posição de frade me dava já me ensinou muito. Eu que me julgava humano e compreensivo descobri afinal que precisava de uma experiência de humanização e compreensão, descendo do pedestal mítico em que me colocara para a experiência existencial das condições humildes e sofridas na própria carne, em que vivem em seu cotidiano os homens a cujo serviço coloquei minha vida. Estou convencido de que a vida religiosa tendo arvorado em virtude o não partilhar do que é a vida dos homens que pretende evangelizar, terminou por me privar da condição primeira da própria evangelização: o entender que a encarnação é o acontecimento fundamental da boa nova (MARQUES, 2003a, p. 73).

Frei Matias neste período sentia a necessidade de um tempo maior e um distanciamento efetivo para refletir e analisar o processo que estava vivendo. Solicitou uma licença e viajou a Paris onde visitou a Comunidade de Taizé⁵¹. Este seu retiro espiritual foi decisivo para uma tomada de decisão. Ao retornar da viagem Frei Matias solicitou sua excardinação⁵² e foi morar sozinho numa casa de bairro, construída através de um consórcio habitacional financiado pela Caixa Econômica Federal. Essa sua opção pela vida autônoma significava romper com a vida de frei capuchinho que lhe tinha proporcionado muitas oportunidades de ascensão à carreira religiosa. Os cargos que ocupara na instituição lhe haviam dado mobilidade social, que por seu dinamismo, o tornaram um líder reconhecido em nível regional e estadual. A partir de então teria ele que iniciar sua vida financeira e econômica do ponto zero. Pelos depoimentos encontrados e pelos seus próprios escritos o que lhe importava a partir daquele momento em que se descobrira (grifo nosso) era estar reconciliado consigo mesmo. Isto era o que lhe importava. Na realidade o frade capuchinho, Frei Matias de São Francisco de Paula tinha se apaixonado e com coragem, dentro de uma comunidade pequena como Ijuí, e pela liderança que representava, assumiu este amor. Penso que, naturalmente essa decisão tenha provocado conflitos, revoltas e oposições em alguns segmentos sociais e / ou institucionais, mas o certo é que não encontrei durante a pesquisa matéria divulgada em jornais ou periódicos da região a respeito do assunto, concluindo então que, os comentários a respeito do frei capuchinho e sua paixão tenham ficado mais no nível das especulações e fofocas.

Aos 52 anos de idade Mario Osorio, como será chamado a partir de agora, iniciava uma vida pessoal autônoma tendo que viver a partir daquele momento com o salário de professor sem qualificação profissional. Isto significava enfrentar dificuldades econômicas e financeiras, mas ele estava decidido e não se preocupou com a situação, tanto que, após alguns meses encaminhou a autoridade papal seu pedido de dispensa dos votos religiosos e do celibato, facultando-lhe após a concessão da dispensa, o direito de legitimar o casamento pela Igreja (MARQUES, 2003a).

⁵¹A Comunidade de Taizé localiza-se em Borgonha na França e é uma comunidade ecumênica Cristã. Foi fundada em 1940 pelo Frère Roger (Irmão Roger) e dedica-se a reconciliação, está representada por ramos católicos e protestantes da Cristandade. Seu foco principal é a oração e a meditação cristã.

⁵² Licença para sair da ordem por um certo tempo.

Após 25 anos de ministério sacerdotal, optou depois de muita reflexão, pela mudança de estado. Dessa forma, segundo ele, isto lhe proporcionaria uma maior identificação com a vida real, e estaria em igualdade com as outras pessoas. Iniciou assim sua vida matrimonial. Casou-se com Anaíde Canal com quem teve três filhos; Cristiano (faleceu poucos dias após o nascimento), Mariana e André.



FIGURA 41 - Casamento com Anaíde Canal Marques - 1976

Fonte: Sala Mario Osorio Marques - Ijuí.



FIGURA 42 - Casamento com Anaíde Canal Marques e Padrinhos Antonia e Waldir Busmann - 31/07/1976

Fonte: Sala Mario Osorio Marques - Ijuí.

Sobre o nascimento de seu primeiro filho Mario Osorio assim se reportou:

Importa destacar, entre tantas aprendizagens, a da paternidade. Ao nascer nosso primeiro filho, todo meu ser parecia fundir-se em forma outra, sacudido até a medula dos ossos. Sensação indizível que me colocava no interior do próprio mistério da vida e me redimia da dívida que, ao nascer, contraíra com a vida e com a humanidade. (Marques, 2003a, p. 74)

Claramente percebe-se a importância e a dimensão da paternidade, e o que significou para ele, tanto no âmbito religioso, assim como em termos de realização como pessoa, como homem.

Sua redução agora ao estado leigo, mas reconciliado consigo mesmo e com a vida, definindo com muita clareza o que realmente queria, dando testemunho do que é se fazer ser humano junto com outros seres humanos retomava o ritmo de suas atividades “agora com a tendência de se concentrar em um núcleo mais denso, o da forma escrita da comunicação” (MARQUES, 2003a, p.74).

3.12 MARIO OSORIO MARQUES⁵³ E A COORDENADORIA DE SERVIÇOS À REGIÃO

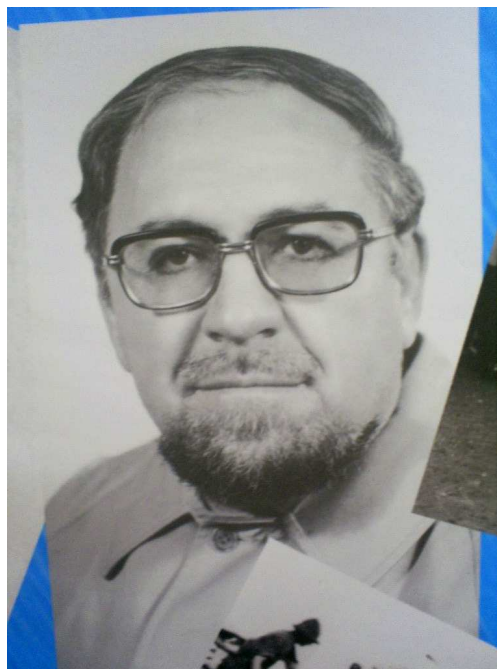


FIGURA 43 - Mario Osorio Marques

Fonte: Sala Mario Osorio Marques - Ijuí - RS.

No período de 1978 1980 Mario Osorio assumiu a vice-presidência da FIDENE, passando a dedicar-se ao acompanhamento da dinâmica interna da instituição e à Coordenadoria dos Serviços à Região, órgão então criado para superintender os trabalhos da extensão universitária e da educação popular. A partir deste momento, a extensão universitária passa a ser assumida pelos diferentes departamentos da faculdade, integrando-se à pesquisa e ao ensino na organização de novos cursos criados para atender as demandas dos agricultores. Desta forma a extensão universitária na FIDENE vai sendo assumida de maneira mais comprometida com os setores populares na estrutura institucional do que a maioria das outras universidades brasileiras (FLEURI, 2002).

A experiência de educação permanente, desenvolvida junto às camadas populares da região, se interioriza aos poucos na própria FIDENE e passa a constituir-se no propulsor de todo seu dinamismo.

⁵³ A partir de agora passaremos a chamar Frei Matias de Mario Osorio Marques seu nome de batismo.

Os métodos do ensino acadêmico se reformulam pela necessidade de se dar resposta aos desafios enfrentados por alunos que já são profissionais engajados no processo de desenvolvimento da região. Integrar professores e estudantes em projeto comum, definir conteúdos das disciplinas frente às necessidades objetivas da região e propor métodos de trabalho que busquem articular a prática profissional em exercício às teorias capazes de iluminá-las, e aperfeiçoá-las, eis uma diretriz que aos poucos se afirma.

O atendimento a profissionais já em exercício buscando melhor qualificá-los levou à abertura de “Cursos de Regime de Férias” - uma experiência altamente significativa não só pela sua grande repercussão social, mas, sobretudo pela melhor qualidade de um ensino a partir da realidade vivida na prática diária.

Estando a agricultura na base da economia regional, a FIDENE passa a se direcionar predominantemente para a área rural. Primeiramente para o ensino no meio rural. Depois e já através do Centro de Ciências Agrárias, para instrumentalizar cientificamente a região neste setor fundamental, criam-se o laboratório de análise de solos e o laboratório de pragas, cursos de tecnólogos em administração Rural e Cooperativismo, abrindo caminhos para a qualificação em nível dos profissionais necessários ao desenvolvimento da agropecuária regional, como resposta a necessidades percebidas no enfrentamento dos problemas apontados pela prática efetiva junto as populações do meio rural⁵⁴. Aqui mais uma vez fica claro a determinação e a preocupação de Mario Osorio Marques com o desenvolvimento regional.

Mario Osorio com o olhar sempre aguçado para as demandas da região percebe que outro setor carente de profissionais formados para as reais necessidades da população regional era o setor da saúde. Elabora-se então um vasto programa de saúde comunitária: os debates nos núcleos de base, o treinamento dos trabalhadores primários da saúde e a FIDENE encaminha a implantação de cursos de enfermagem e nutrição, ambos para formar profissionais qualificados para a educação sanitária da população.

⁵⁴ Relato do Professor Mario Osorio no Seminário de Educação Superior em Maringá-PR, agosto de 1978. O Professor foi falar sobre Integração da Instituição de Ensino Superior com a Comunidade-Relato de uma experiência (ARQUIVO FIDENE).

A criação do curso de Enfermagem da Fidene enfrentou resistências externas, mas graças as suas forças institucionais e também aos diversos vínculos que a Fundação mantinha, foram decisivos para que o objetivo fosse alcançado.

Uma das articulações mais consistentes é a parceria mantida com a Cotrijuí. O trabalho conjunto destas duas instituições confunde-se com sua própria história, pois já na década de 60 no combate a formiga iniciou-se o trabalho de organização dos núcleos de base e execução de projetos de educação popular voltados para a região.

Em relação à pesquisa igualmente ela se direciona para as necessidades detectadas na integração com a região. Em 1969 cria a FIDENE seu Instituto de Pesquisa e Planejamento (IPP), que vêm realizando trabalhos de caracterização sócio-econômica da região, de controle, estudos de viabilidade de projetos específicos, planos diretores de municípios, implantação de sistemas cadastrais, etc.

Em 1977, ao celebrar 20 anos de presença ativa do ensino superior, na região a FIDENE cria sua Coordenadoria de Serviços a Região, reestruturando-se no sentido de se preparar para melhor atender as tarefas do desenvolvimento, definidas na integração com a comunidade regional, tentando inverter, a ênfase generalizadamente dada pela universidade moderna aos elementos de seu tripé fundamental: ensino, pesquisa, extensão. Mais uma vez fica claro o projeto de Mario Osorio Marques - integração e desenvolvimento regional.



FIGURA 44 - Missa de Ação de Graças de 20 anos de Ensino Superior - 1977
Fonte: Arquivo sala Mario Osorio Marques.

Coloca-se em primeiro lugar e como ponto básico de referência, a extensão, entendida não apenas no sentido tradicional de levar a cultura da universidade à população, mas principalmente, de partir do saber fundamental do povo para, em intervenção pedagógica adequada, repensá-lo e instrumentalizá-lo na busca de soluções para os problemas sentidos.

Depois a pesquisa, como esforço de aprofundamento daqueles aspectos que se revelam mais problemáticos, como condução de hipóteses de trabalho a serem testadas, verificadas em práticas alternativas.

Por fim, o ensino regular e formal, como preparo nos quadros profissionais exigidos pelos projetos de ação conjugada com a região, em cursos regulares e mais flexíveis, capazes de dar resposta mais rápida e eficaz às necessidades peculiares da região.

A extensão universitária era caracterizada como intervenção educativa no contexto mais amplo em que se situava. Tratava-se de articular as práticas efetivas dos grupos humanos às técnicas capazes de aperfeiçoá-las e racionalizá-las, a partir

dos problemas experimentados e sentidos de maneira imprecisa e indefinida, a princípio, para se especificarem, depois, a exigirem tratamento científico consentâneo. Geram-se assim, instrumentos pedagógicos adaptados às etapas de um longo processo e/ou às peculiaridades de novas situações.



FIGURA 45 - Comemoração dos 25 anos de ensino Superior na Região - 1982

Fonte: Sala Mario Osorio Marques - Ijuí.

Tal metodologia que era defendida por Mario Osorio supõe e exige uma infraestrutura de comunicação e educação permanentes, capaz de canalizar os necessários fluxos de diálogo dos grupos, intra e entre eles mesmos, e deles com as associações por eles criadas e com as organizações postas a serviço da região. Supõe-se também, e exige um sistema de avaliação, que se incorpore ao próprio processo de trabalho de maneira a possibilitar-lhe perceber os passos novos que importa programar e experienciar. Isso tudo gerou conflito, pois havia um grupo contrário que defendia a ênfase dada pela universidade moderna em relação ao tripé ensino, pesquisa e extensão. Defendiam a idéia que a universidade deveria avançar

para novos campos de pesquisa que não fosse somente a região, e que, deveria também adotar uma nova metodologia de trabalho. Essas discussões e posicionamentos aconteciam principalmente com os professores do Departamento de Ciências Sociais, que nessa época estavam retornando de seus estudos de mestrado realizados principalmente junto Unicamp, e que vinham com um olhar diferente do Mario Osorio, cujo olhar estava voltado exclusivamente para o desenvolvimento da região. Os embates ocorridos no departamento talvez o tenham influenciado para uma nova tomada de decisão. Nesse período Mario Osorio solicitou sua transferência do Departamento de Ciências Sociais para o Departamento de Educação, depois Pedagogia. O seu retorno à escola significava que a partir de então a escrita se tornaria o centro de suas reflexões e de novas aprendizagens.

3.13 MARIO OSORIO MARQUES - O PESQUISADOR

Mario Osorio resolve a partir dessa transferência para a pedagogia desenvolver pesquisa sobre a trajetória do primeiro estabelecimento de ensino superior na região Noroeste do Rio Grande do Sul. Desse estudo resultou em 1984 a publicação da obra intitulada “Universidade Emergente”, que segundo De Boni (2003) pode ser considerado o melhor texto produzido no Brasil sobre a inserção de uma universidade em seu meio.

Nessa época também produziu a escrita narrativa sobre a “História Visual da Formação Colonial de Ijuí”. O trabalho é composto por 101 fotografias selecionadas à respeito do tema.

As duas ações são faces de uma mesma moeda, pois a Universidade como instituição tem a história ligada à Ijuí e região.

Na metade da década de 80 Mario Osorio esteve completamente envolvido no projeto de formalização da UNIJUÍ e na criação da Editora Unijuí com o objetivo de incentivar a produção intelectual. Os tempos agora já eram outros.

A implantação e reconhecimento oficial da UNIJUÍ⁵⁵ ocorreram em 1985.

⁵⁵ Levando-se em consideração o modelo de administração adotado pela antiga Faculdade de Filosofia, instituição isolada e única até se consolidar como universidade, a UNIJUÍ desenvolveu variadas formas administrativas. No início, têm-se as faculdades singulares, a FAFI - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (1957) com os cursos de formação de professores; a (FACACEI) em 1971-Faculdade de Ciências Administrativas e Contábeis, da Escolinha de Arte (1975)

A UNIJUI - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - mantida pela FIDENE, é dotada de autonomia administrativa, didático - científica, financeira e disciplinar. É regida pela legislação federal, pelo estatuto da mantenedora, no que for de sua competência, pelo seu próprio estatuto e regimento geral e pelas resoluções do Conselho Universitário. A universidade regional representa o escopo do projeto histórico, iniciado em 1957, com a finalidade de intervir no processo de desenvolvimento da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (FRANTZ, 2001, p. 74, grifo nosso).

De acordo com Brum (1998) As características que identificam a UNIJUI e orientam a sua atuação acadêmica são principalmente:

A marca regional e interiorana⁵⁶, a marca de uma instituição aberta, capaz de viabilizar a autocompreensão do homem em seu mundo e de sua transformação. A dimensão pública não estatal e comunitária, que resulta de sua história inserida na do povo da região,

a vertente histórica da Universidade encontra-se no esforço e na trajetória da população regional na perspectiva de construir uma sociedade mais aberta, mais pluralista e democrática, com maiores oportunidades de ascensão social do que a sociedade fortemente estratificada dominada pelo latifúndio e controlada pela oligarquia gaúcha agropastoril. A experiência histórica de articulação e comprometimento com a comunidade regional se expressa também pela participação de representantes dela na definição/redefinição do seu projeto e de suas políticas. Ao buscar atender a

posteriormente Escola Francisco de Assis (EFA), do Centro de Ciências Agrárias (CeCA) em 1976 e da Escola de Enfermagem de Ijuí (1980). Pertencentes a uma mesma entidade mantenedora, a Sociedade literária São Boaventura, ente jurídico dos Frades Menores e a partir de 1969 a FIDENE - Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A FIDENE e suas mantidas buscaram ao longo de sua história desenvolver projetos de desenvolvimento regional na Região Noroeste do Rio Grande do Sul, através do ensino, pesquisa e extensão. As direções das faculdades juntamente com a presidência da fundação constituíam um colegiado de direção que garantiu desde o início o caráter democrático através dos colegiados garantindo a auto-gestão da Instituição. Em 1981 as faculdades isoladas passam a ser Centros Integrados de Ensino Superior. A idéia da Universidade Regional gestada por Frei Matias desde o início da sua criação foi assimilada e ampliada pelos reitores Telmo Rudi Frantz e Adelar Francisco Baggio que sugeriram a criação de um Conselho Regional de Desenvolvimento. Depois de demoradas discussões o resultado não foi totalmente o esperado, pois a Setrem e a Fema decidiram adiar a decisão de agrupamento. Mas graças ao convênio existente entre a UNIJUI e as Faculdades Salesianas de Santa Rosa, pode ser criada a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1993). Adotou-se, num primeiro momento, a estrutura de Institutos e Departamentos, já a partir de 1994 a opção foi por extinguir os Institutos sob a alegação de dotar a Universidade de uma estrutura mais ágil. Merece referência a respeito o fato de que as instituições de ensino superior em Cruz Alta e Santo Ângelo tiveram seu início como extensões da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ijuí, que se constituiu, não só na origem da UNIJUI em (1985), mas também contribuiu para a implantação do ensino superior (1967) nos municípios de Santo Ângelo e Cruz Alta, que está na origem das atuais universidades - URI e UNICRUZ.

⁵⁶ Entendida como *locus* da sua / interação, não apenas como espaço físico, mas também enquanto espaço histórico, sociocultural. Suas ações se sustentam pela dinâmica das comunidades regionais. A marca interiorana compromete sua inserção e da região, na realidade nacional e internacional, o que se efetiva através de fóruns específicos, do intercâmbio acadêmico e de ações e projetos resultantes de convênios com instituições educacionais, do país e do exterior. Para um maior conhecimento sugere-se a leitura de Brum (1998).

demanda por educação escolar formal de nível superior, a FAFI/ FIDENE/ UNIJUÍ o fez não de forma apenas mecânica e instrumental, mas inserida no contexto sócio cultural da região (BRUM, 1998, p. 82, grifo nosso).

A própria instituição é parte desse processo, busca entendê-lo criticamente e o faz em articulação com a população regional.

Este pensamento se consolidou também através da caracterização em relação à centralidade das ações na pedagogia⁵⁷.

Para Brum (1998), a autogestão, entendida como auto-administração da Universidade pela comunidade acadêmica, no que diz respeito ao processo acadêmico, financeiro e patrimonial também é uma das características da UNIJUÍ.

Uma outra característica está relacionada com a dimensão do seu compromisso com o desenvolvimento regional, fazendo-se presença viva na região seja através de seus campi e núcleos, seja através de suas pesquisas, produções intelectuais e do trabalho desenvolvido pela extensão universitária, prioritariamente voltado a instrumentalizar a região, frente as suas necessidades (BRUM, 1998). Soma-se a ela a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, que se constitui em marca histórica da Universidade, alicerçada em longa experiência de integração entre a Universidade e as comunidades da região. Coloca-se a Universidade como o espaço de formulação da problemática da região, lugar de debate, de aproximação e de instrumentalização e encaminhamentos para os desafios sentidos pela comunidade regional. “A Universidade atua e constrói-se na / e com a comunidade regional tornando-se esta uma forte característica da instituição” (p.85).

3.14 FIDENE/UNIJUÍ - ESPAÇO DA PESQUISA E REFLEXÃO

Podemos perceber diante dos estudos realizados até agora, que a Universidade de Ijuí (FIDENE/UNIJUÍ), através do trabalho desenvolvido tem buscado ser reconhecida como uma instituição comprometida com os interesses da região onde está inserida. Nesta perspectiva é que, já em 1982, por iniciativa do professor Mario Osorio Marques se promoveu o Programa de Desenvolvimento. Como desdobramento deste programa, a Universidade busca implementar formas

⁵⁷Que decorre da forma de pensar e operacionalizar o desenvolvimento regional. Seu compromisso com o social priorizou o ato pedagógico buscando formar o profissional-educador com capacidade interativa e social, ter uma visão global e a percepção para a possibilidade de construção de uma sociedade mais justa e solidária.

de planejamento participativo na sociedade civil e política. Uma destas iniciativas deu-se no ano de 1985 promovendo o primeiro Seminário de Planejamento Participativo de Ijuí. Este evento reuniu grupos de diversos Estados e segmentos da sociedade para se discutir as experiências de participação popular nas administrações municipais (FLEURI, 2002). De acordo com o autor os participantes deste Seminário entenderam que havia a necessidade de aprofundar a discussão sobre experiências nascidas e conduzidas a partir das necessidades das camadas populares e da sua organização. Diante disso, o segundo Seminário de Planejamento Participativo realizado em 1986 em Ijuí, enfocou prioritariamente a “educação popular”, agora já envolvendo, além de participantes de outros Estados brasileiros, também participantes provenientes do Peru, Argentina, Uruguai tornando-se de abrangência internacional.

Ainda de acordo com Fleuri (2002) após a avaliação dos dois Seminários já realizados surgiu a “Proposta de Criação do Seminário Permanente” com uma estrutura de engajamento de diversos grupos participantes tanto em relação à preparação, condução, acompanhamento e reflexão permanentes sobre as diferentes práticas de educação popular envolvidas. A FIDENE - UNIJUÍ foi encarregada de elaborar a Proposta Inicial da sua “estrutura e organização” (grifo nosso).

O principal objetivo do Seminário Permanente é o de contribuir para a produção de conhecimento a partir e em função da prática dos movimentos sociais.

Segundo Fleuri (2002) participam deste programa até o ano de 1991, O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), o Movimento Sindical Rural (MSR), o Movimento Indígena, o Movimento de Mulheres, o Movimento dos Atingidos por Barragens, o Movimento Sindical Urbano e o Movimento de Bairros. Para o autor o Seminário Permanente de Educação Popular (Spep) tem envolvido cerca de 54 entidades ligadas a educação popular inclusive algumas instituições do Uruguai, Argentina e Paraguai.

A coordenação é desenvolvida por um Conselho Político composta por representantes dos movimentos e instituições, apoiado pelo Comitê Executivo, constituído por uma equipe formada por professores e funcionários da UNIJUÍ. Está alocado junto a Pró-Reitoria de pesquisa e Extensão e ao Departamento de Pedagogia, que faz parte do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Passando a integrar também o Programa Regional de Ações Educativas Integradas

(Praei).Desenvolve atividades comuns aos programas de “Educação Popular na Educação Formal”, Alfabetização e “Rede de Universidades” (FLEURI, 2002).

Na análise de Fleuri (2002 p. 66).

A caminhada do Spép, no período de 1987-1991, indica que vem contribuindo para a integração entre seus agentes (movimentos sociais, instituições de assessoria e universidades), na construção de um projeto de seminário permanente (objetivos e metodologias), cuja caminhada vem se efetivando mediante a realização de eventos que discutem a temática emergente na prática dos movimentos sociais, gerando um impacto social, sobretudo em termos de formação de lideranças e assessorias, no sentido de contribuir para fortalecer a coesão e a democratização interna das entidades, assim como a articulação entre elas.

Uma das importantes características da UNIJUÍ diz respeito à política de formação e qualificação de seus recursos humanos, que como processo permanente de integração com a realidade regional, visa à constituição de um quadro efetivo de professores em regime de tempo integral, responsáveis pela manutenção e renovação do seu projeto. Mario Osorio e Argemiro J. Brum, juntamente com outros profissionais foram os responsáveis pela manutenção e constante renovação do projeto Institucional. A comunidade acadêmica soube reconhecer este trabalho. Em 28 de Agosto de 1992 a Universidade de Ijuí realiza uma solenidade de outorga de Título Acadêmico de Professor Emérito aos docentes Mario Osorio Marques e Argemiro J. Brum. É uma homenagem de reconhecimento pela dedicação e competência no desempenho de atividades de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração, contribuindo para a qualificação acadêmica desta Universidade. O Reitor da Universidade nessa ocasião era o Professor Telmo Rudi Frantz.

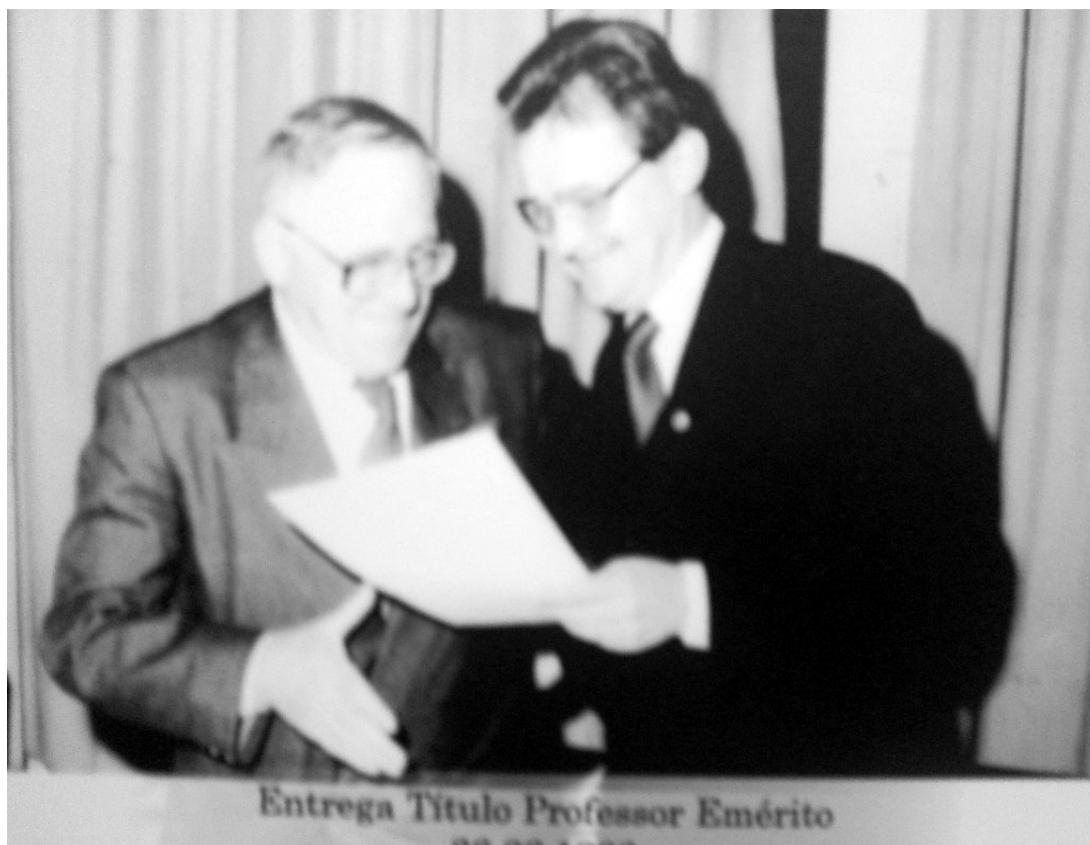


FIGURA 46 - Entrega de Título de Professor Emérito pelo Reitor Telmo Rudi Frantz
 Fonte: Sala Mario Osorio Marques - Ijuí.

Por ocasião da outorga do título o Professor Mario Osorio assim se pronunciou:

Sinto-me gratificado e feliz ao receber essa homenagem. Por recebê-la em boa companhia, isto é juntamente com o Professor Argemiro J. Brum. Identificamo-nos no amor e dedicação a esta Universidade, em cuja construção viemos batalhando juntos, desde 1957. Ele, como aluno, naqueles anos iniciais: eu, como professor.

Ao tentarmos concretizar juntos novas idéias e aspirações, firmamos um pacto: o pacto da persistência, da teimosia, como dizíamos. Só desistiríamos, se os fatos nos convencessem, depois de muita teimosia.

Aceitamos, por isso, esta solenidade, eu a aceito, de modo especial, como homenagem a essa teimosia, que não é apenas nossa: mas é de muitos outros, que vêm batalhando nesse sentido, vêm crescendo energias a esse esforço. A construção da Universidade é tarefa de todos que participam dela, de toda uma comunidade universitária, que se vive reveesando, é verdade, em alguns elementos, mas que se vive fortalecendo, ano a ano.

O título de Professor Emérito, que nós recebemos, significa e atesta essa teimosia de quem se constituiu professor sendo professor. Não podemos exibir títulos acadêmicos, senão esta persistência, essa continuidade, essa paciência de ter aprendido e só nos reconhecemos nesse título como convidados a continuar aprendendo sempre, aprendendo a cada dia, e, no aprender desde nossas buscas, realizamos aquilo que somos.

Quero agradecer ao Reitor, ao Conselho Universitário, aos colegas todos: professores, alunos, funcionários, pelo companheirismo desta caminhada, uma obra que é de todos nós e, por isso, de cada um.

Quero agradecer à minha esposa e filhos, por terem suportado as minhas ausências, os meus esquecimentos, a minha absorção, por vezes exagerada, pelo trabalho dentro da Universidade: mas por terem me entendido sempre, me fortalecido, me restabelecido em minhas forças, para cada manhã estar de novo, bem cedo, no trabalho.

Muito obrigado!⁵⁸ (grifo nosso)

No fragmento grifado Mario Osorio explicita com muita propriedade a persistência e a luta enfrentada juntamente com o professor Argemiro J. Brum em relação ao trabalho realizado para a construção da Universidade, ao aprendizado “de se constituir professor sendo professor” e a aceitação do reconhecimento do título hora concedido como um convite a continuar buscando sempre. A educação na Universidade não é obra acabada, mas sim obra coletiva de construção permanente de todos que dela participam.

Já o professor Argemiro ao se pronunciar faz inicialmente uma referência ao Professor Mario dizendo,

Tem sido gratificante e enriquecedor trabalhar e conviver com você e tantos outros na construção da Universidade, e garantir-lhe, em tempos duros, o oxigênio da liberdade para a busca e manifestação desembaraçada do saber e da cultura (UNIVERSIDADE..., 1993, p. 14).

Logo após lança um olhar sobre a trajetória percorrida vivências e experiências que se constituíram como parâmetro, no referencial básico de sua formação de professor. Afirma ele que “essas lembranças não visam ao saudosismo. Ao contrário, projetam o amanhã”. Finaliza seu pronunciamento dizendo:

Os tempos mudam. Nós mudamos. Renovam-se e reconstroem-se os valores. Hoje, a atmosfera da sociedade está impregnada do vazio da descartabilidade, até da honra. Sombras de muitos lados - do alto e do Planalto - tendem a obscurecer as consciências e corroer os valores fundamentais da vida, da nacionalidade e do convívio humano em sociedade. Diante de tal desafio, qual o nosso posicionamento, a nossa proposta de educadores para a geração que desabrocha diante de nós? No quadro atual, estou convencido, é preciso encostar o ouvido na alma do povo, para restaurar a dignidade, recuperar a esperança e construir o futuro (UNIVERSIDADE..., 1993, p. 16).

⁵⁸ UNIVERSIDADE DE IJUÍ. Solenidade de outorga de Título Acadêmico de Professor Emérito aos docentes Mario O. Marques e Argemiro J. Brum, 28 de agosto de 1992. Ijuí: UNIJUÍ, 1993. p. 11-12.

A fala do professor Argemiro naquele momento estava impregnada de indignação frente à realidade brasileira. A “descartabilidade”, da honra, os valores éticos e morais fundamentais a vida como ele se refere estavam corroídos pela postura dos representantes das instituições políticas e governamentais, o povo já não acreditava mais em seus governantes. O país vivia naquele momento uma avassaladora onda de corrupção que envolvia dirigentes do governo Collor de Mello.

Argemiro Brum, deixou claro no encerramento de sua fala que era preciso ouvir com o coração os anseios das pessoas, suas necessidades, levá-las a participarem, recuperarem a esperança perdida e novamente voltarem a acreditar que um mundo melhor e um país melhor é possível sim. Este é o verdadeiro papel do mestre. Despertar a confiança das pessoas e devolver-lhes a esperança. Algo semelhante ao trabalho que ele e o professor Mario Osorio desenvolviam junto ao Movimento Comunitário de Base.

Em seu discurso o Professor Argemiro J. Brum deixa claro a inquietação, além de outras, com a construção do ser humano. Acredito que essa era também a preocupação maior de Mario Osorio e de tantos outros que formavam os quadros da Universidade gerando um perfil acadêmico diferenciado.

Outro diferencial que enfatizamos em relação a UNIJUÍ é o seu compromisso com os remanescentes indígenas⁵⁹ e com as parcelas mais necessitadas da população, esta é uma marca que esteve presente desde o início da FAFI e que vai se consolidar a partir de 1961, através da ação do Movimento Comunitário de Base, e do trabalho desenvolvido pelo Museu Antropológico Diretor Pestana além de outros desdobramentos posteriores já elencados nesta pesquisa.

Diante destas considerações percebemos claramente que as características ou dimensões que identificam ou orientam a UNIJUÍ estão refletidas no pensamento de Mario Osorio enquanto artífice desta instituição.

⁵⁹ O compromisso social e político com os indígenas ou excluídos é uma opção consciente da academia. O primeiro esforço realizado neste sentido foi a partir de 1961, quando se realizou um trabalho de resgate de conservação e divulgação da sua cultura, desde o índio missionário até os atuais. Quem coordenou este trabalho arqueológico interinstitucional de coleta de material dos sítios indígenas, na região e no Estado foi o Museu Antropológico Diretor Pestana de Ijuí.

A Unijuí desenvolve trabalhos de extensão universitária junto às comunidades indígenas, cursos de formação de professores bilíngües para atuar nas escolas indígenas, pesquisas e estudos acadêmicos, política de abertura e incentivo ao acesso de jovens indígenas aos cursos de graduação da Universidade. Para maior compreensão ver Brum (1998 p. 86).

A UNIJUÍ através do Programa RS Rural coordena também o projeto de auto-sustentabilidade junto as Reservas Indígenas do Rio Grande do Sul em parceria com os governos Federal e Estadual.

Um outro campo de atuação de Mario Osorio que destacamos é o da criação da Editora da Unijuí. Isto significava um desafio permanente, pois ele além de assumir o cargo de editor ainda produzia livros e artigos não só para publicação da Editora Unijuí, mas também para outros periódicos⁶⁰ (MARQUES, 2003a).

Além do envolvimento com os trabalhos da Editora universitária, e as atividades relacionadas à sala de aula, Mario Osorio acompanhava com um olhar muito atento o debate nacional que se travava a respeito da reformulação do curso de pedagogia, debate este que assumira junto ao Departamento de Educação dizendo que:

No interior dessas discussões elegia então problema que há mais tempo [me] preocupava, a saber, o das relações em sala de aula, dos saberes dos professores com os saberes dos alunos. [Temas com os quais iria envolver suas pesquisas nos anos posteriores, das quais resultaria uma série de obras]; Conhecimento e Educação [1988], Pedagogia a Ciência do Educador [1990], A Formação do Profissional da Educação [1992], Conhecimento e Modernidade em Reconstrução [1993], A aprendizagem na Mediação de Aprendido e da Docência [1995], Educação/Interlocução, Aprendizagem/Reconstrução de Saberes [1996], Uma Hermenêutica de Minhas Aprendizagens [1997], Escrever é Preciso o Princípio da Pesquisa, [1997]; A Escola no Computador, [1999] Botar a Boca no Mundo: Cidadania, Política e ética, [1999]; Ijuí (RS), Uma Cultura Diversificada [2000] Etnias Diferenciadas na Formação de Ijuí, Na Utopia e na Esperança o Povo Brasileiro se Educa, Nossas Coisas e Nossa Gente [2003] Educação na Família e na Escola [2002] (MARQUES, 2003, p.84).

Mario Osorio durante sua trajetória de pesquisador, construiu extensa e profunda produção intelectual, favorecido também pelo seu contato diuturnamente com os livros e as publicações e na condição de pesquisador bolsista do CNPq. Além das obras já relacionadas publicou também: Trigo e Região, Um Estudo de Caso, 1972; Sociologia Geral, 1974; Universidade Emergente, o Ensino Superior Brasileiro em Ijuí (RS), 1984; 4 Vidas, 4 Estilos, a Mesma Paixão, 1999 (em co - autoria com Sandra Mara Corazza, Daizy Barella da Silva e Volmir de Oliveira); Uma Comunidade em Busca de seu Caminho (em co - autoria com Argemiro Jacob Brum); Imaginário e Memória, 2003; Francisco de Assis e a Educação Popular na UNIJUÍ, 2003; Nossas Forças, 2003. Essas obras foram todas publicadas pela Editora Unijuí.

⁶⁰ “Revista de Cultura Vozes, revistas do CRUB, da AEC, do INEP, Educação Brasileira, do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Revista Educação e Sociedade do CEDES, La Piragua, Chile, Revista do Ensino-RS, Revista Changer Lês Rappports entre Lês Itelectuales et Lês Praticiens de la Cooperation Internationale pour la Democratie, França e Aportes, Santa Fé de Bogotá” (MARQUES, 2003a p.84).

O binômio pesquisa e reflexão levaram também Mario Osorio a desenvolver sua tese de Doutorado⁶¹ em Educação com o título: Educação, Interlocação de Saberes que se Reconstroem na Aprendizagem. Segundo Marques (2003, p.84) a pesquisa realizada “foi uma leitura unitária e crítica” de sua própria obra até então produzida. Isso para ele significou o seu retorno definitivo a escola, em que toda sua produção intelectual e suas pesquisas dedicaram-se à temática da educação escolar facilitada agora pela condição de pesquisador do CNPq.

Mario Osorio nessa época teve ainda uma intensa participação no processo de planejamento e na redação do projeto de Mestrado de Educação nas Ciências da UNIJUÍ, que após o parecer favorável da CAPES, assumiu ele a coordenação responsabilizando-se pelas “unidades temáticas de” Paradigmas do Conhecimento” e de “Dinâmicas da Aprendizagem e do Ensino”. Por força do Mestrado suas pesquisas e investigações foram a partir daí direcionadas para “a questão do escrever na mediação da Aprendizagem e da Pesquisa” (MARQUES, 2003^a,p.85).

Pela sua intensa produção intelectual e pelo seu reconhecido conhecimento Mario Osorio recebeu em 1984 - “Menção Cooperativista” da OCERGS. Em 1999, recebeu o prêmio - “Educação RS, Sinpro/RS”, recebeu também o prêmio FAPERGS 2001 - “Pesquisadores Destaque e Medalha Sylvio Torres”. A cerimônia da premiação ocorreu em Porto Alegre no dia 07 de dezembro de 2001.

⁶¹ A pesquisa esteve sob a orientação da Dra. Marisa Faermann Eizirick, junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano 1996.



FIGURA 47 - Mario Osorio recebendo o prêmio FAPERGS 2001

Fonte: Biblioteca Mario Osorio Marques - Campus Ijuí.



FIGURA 48 - Mario Osório recebendo o prêmio FAPERGS 2001

Fonte: Sala Mario Osorio Marques - Ijuí - RS

3.15 O PESQUISADOR E SUA OBRA

O ano de 2006 marcou definitivamente o reconhecimento da obra de Mario Osorio Marques por órgãos da importância do INEP MEC e da UNESCO. Neste ano realizou-se o lançamento da Coleção Mario Osorio Marques no dia 15 de setembro, no salão de atos da UNIJUÍ. A apresentação da coleção foi feita pelo professor Dr. Célio da Cunha⁶², o qual demonstrou ser um profundo conhecedor dos escritos do professor Mario Osorio e também da UNIJUÍ, vista como uma experiência de Universidade que na sua palavra, “se constitui, na atualidade, um dos melhores caminhos éticos para a formação da juventude que busca na educação superior, um itinerário de perspectivas em face das hesitações e dúvidas existentes”.

⁶²Professor adjunto da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UNB).

De acordo com o professor Célio da Cunha o lançamento da coleção além de uma homenagem a um grande educador que já partiu é também um acervo de idéias e reflexões da melhor qualidade brotadas do diálogo entre a teoria e a prática, que foram colocadas a disposição dos estudiosos da educação brasileira. A coleção reflete a permanente busca de respostas às indagações que o professor Mario Osorio como educador sempre procurava, para melhor entender e poder realizar as tarefas que se propunha.

No lançamento, coube à Professora Eronita Silva Barcelos fazer a explicitação das razões e os critérios que orientaram na escolha das obras que hoje compõe a Coleção Mario Osorio Marques. De acordo com a professora Eronita para o educador, pesquisador e convicto aprendiz Mario Osorio Marques, ler e escrever consistia em uma prática cotidiana. Mario Osorio estava permanentemente problematizando e mobilizando idéias novas enquanto dialogava com os colegas, com outros pesquisadores, com seus alunos, com pessoas da comunidade, ou com sua família. Isso também ocorreu quando participava de seminários, conferências e palestras, quer como protagonista, quer como ouvinte. Repetia-se ainda essa postura no ato de ler e elaborar pareceres sobre dissertações, teses ou projetos de pesquisas, na participação em bancas, em reuniões internas da Universidade, ou em grupos de pessoas da comunidade regional. Enfim, podemos dizer enquanto tecia a sua vida cotidiana.

De acordo com a palestra da Professora Eronita⁶³, Mario Osorio tinha o hábito de levar no bolso, ou na bolsa um pequeno fragmento de papel e uma caneta. Uma palavra apenas era suficiente, para que o Mario ao retornar para casa esboçasse ou um projeto de pesquisa, ou um texto, ou quem sabe o capítulo de um livro que ele já estava produzindo e que em alguns momentos teimava em não se apresentar como requeria a sua exigente inteligência.

A UNIJUÍ ao receber a notícia de que o INEP e a UNESCO desejavam reeditar os livros do professor Mario Osorio Marques, como uma de suas coleções, teve num primeiro momento apresentar uma proposta na qual se indicasse quais as obras deveriam compor esta coleção. De acordo ainda com a Prof Eronita⁶⁴ primeiramente pensou-se em reeditar todas as obras do Professor Mario,

⁶³ Palestra proferida pela Professora Eronita Silva Barcelos por ocasião do lançamento da coleção da obra do Mario Osório Marques pelo INEP, UNESCO e UNIJUÍ (gravações transcritas e transcriadas pela autora).

⁶⁴ Idem.

pois elas discutem a emergência de uma Universidade com fundamentos e perfil singular, preocupada com a região e seu desenvolvimento. Essas obras também abordam as questões da educação e da formação do educador, abordam o conhecimento refletido na mediação do fazer universitário. São obras que se preocupam com o ato do escrever como uma das formas de pesquisa, obras que têm a escola e as diferentes linguagens que se articulam em sala de aula como um tema extremamente importante. A aprendizagem e a docência como um processo foram fundamentais na própria formação do educador Mario Osorio Marques (grfio nosso).

De acordo com a Professora Eronita⁶⁵ a primeira proposta comportaria uma coleção com nove volumes contendo quinze livros. Com este primeiro perfil a Universidade contatou com o INEP para ver a possibilidade desta publicação. Embora o INEP achasse interessante a proposta, havia normas e um modelo instituído para publicações dessa natureza a serem seguidos, e a Universidade também acatou e entendeu a legitimidade destas questões.

A partir do conhecimento dos critérios a Universidade selecionou o conjunto de obras, tendo como referência a sua institucionalidade na contribuição para com a educação e à pedagogia nos diversos âmbitos de ensino e particularmente no percurso da formação humana. Desse novo entendimento resultou uma coleção composta por sete volumes contendo nove livros.

O volume sete: que trás por título “**Caminhos da Formação de um Educador**” integra três produções nas quais Mario Osorio apresenta uma visão a respeito de sua própria trajetória de vida. Investe em uma síntese, interpretativa reflexiva de sua caminhada histórica, contextualizada em cada fase. Essa obra tem como título: “**Imaginário e Memória**”.

Outro título que compõe o volume sete é: “**Francisco de Assis e a Educação Popular na Unijuí**”. Nesta obra o autor estabelece o elo entre a fonte originária desse compromisso social, com o trabalho de educação popular desenvolvido pela FAFI / FIDENE / UNIJUÍ, ao longo dos 51 anos de existência. “**Botar a Boca no Mundo Cidadania, Política e Ética**” é o terceiro título que compõe o volume sete. Para o autor Cidadania, Política e Ética, são “temas que perpassam todo o tecido da educação e a informam por inteiro desde que a ela se coloquem prementes os desafios fundamentais da concidadania responsável mediante a participação política, ou seja, a participação de todos em tudo que afeta a vida de um povo organizado e participação ética porque exigente da mais ampla discussão crítica.

⁶⁵ Idem.

São temas transversais, portanto, regidos pela pluralidade do muito conversar em pé de igualdade e na ampliação das competências comunicativas de cada um nos momentos da vida escolar e, sobretudo, nos meandros da vida em sociedade”.

Os volumes, seis, cinco e três, são obras relevantes pela importância dos temas que enfocam: **“Saberes e Valores em Interlocução na Educação”**; **“Pedagogia a Ciência do Educador”**; e a **“Formação do Profissional da Educação”**, são obras que mantêm uma íntima relação entre seus objetos de estudo.

O volume seis, **“Saberes e Valores em Interlocução na Educação”** Mario Osorio Marques (2006a, p. 10),

[...] remonta ao lugar de origem, ao campo último a que se vincula a educação, como fenômeno fundamentalmente da vida humana em sociedade [...] Fundamenta-se a produção do conhecimento na experiência antecedente do saber humano retomado através da educação, que, por sua vez, só é válida à medida que produz / veicula conhecimentos pertinentes às exigências postas pela vida em sociedade nas condições concretas em que é vivida.

Esta obra procura um caminho de entendimento da educação em seu âmago de mediação na produção/reprodução dos sujeitos e dos objetos do conhecimento como alteridades diferentes. A Identificam as relações entre o sujeito e o objeto do conhecimento no interior do próprio processo que os institui em intergênese com a produção/reprodução do mundo social humano com seus distintos lugares.

No final descobre-se a educação como mediação social em que sujeitos humanos distintos pela temporalidade, intercomunicam-se no âmago das tramas em que se tece a história e na construção do sentido que dão as suas vidas e a seus mundos (MARQUES, 2006a).

Em meados da década de 1980 havia um debate por parte dos educadores brasileiros em torno da formação de professores. O curso de Pedagogia da UNIJUÍ acompanhava este debate, promovendo uma sistematização dessa experiência, com discussões, revisão do projeto do curso, com leituras que problematizavam os paradigmas em ação. Neste cenário de questionamentos encontrava-se Mario Osorio, inquieto e insatisfeito com o que se apresentava e dessa preocupação nasce seu projeto de pesquisa que traz como hipótese, a questão do conhecimento e tem como proposição primeira à educação que é a obra: **“PEDAGOGIA A Ciência do Educador”**, publicado pela primeira vez em 1990, volume cinco dessa coleção do

INEP. A partir desta obra Mario Osorio insere-se no debate pedagógico nacional, firmando posições contrárias a importantes educadores nacionais baseado em referenciais teóricos incipientes no debate da educação no Brasil.

Para Boufleuer é,

nesse momento em que o Mario Osorio assume a guinada lingüística e a perspectiva da intersubjetividade, o que lhe é possibilitado pela recorrência à tradição hermenêutica, à racionalidade comunicativa de Habermas e à teoria da complexidade de Edgar Morin, Schimied-Kowarzik que tornam-se interlocutores privilegiados desse momento reflexivo(...). Com essa companhia intelectual e de outros autores também com referência mundial Mario Osorio se autoriza a afirmar contra os defensores de que existiriam simplesmente diversas ciências da educação, que é possível falar numa ciência da educação e que seria então a Pedagogia⁶⁶.

Para o autor é isso que lhe permite construir um novo conceito de Pedagogia e defender a idéia de Pedagogia como uma ciência, superando de vez, toda a idéia de tendências que se contrapõem que se exclui mutuamente, tentando pegar efetivamente o fenômeno da educação em sua complexidade em suas diversas dimensões .

Para Marques (1990, p. 111) não pode, a Pedagogia colocar-se sob o primado da prática, enquanto não se refira a práticas concretas de educadores/educandos na face-a-face da imediatez. "Só se cumpre ela no diálogo compartilhado e na vontade do coletivo de educadores / educandos, organizados, participantes e responsáveis nas tarefas comuns em interação com todos aqueles que integram o processo educativo".

De acordo com Boufleuer⁶⁷ a partir do conceito formulado por Mario Osorio de uma Pedagogia articulada em torno das dimensões da compreensão, da condução e da organização dos processos educativos, Mario Osorio visualiza três âmbitos de reflexão; o das práticas educativas diretas e imediatas entre educadores e educandos, a da Pedagogia da Educação Institucionalizada, como ocorre na escola. E em terceiro lugar, o âmbito da Pedagogia das Práticas Coletivas no espaço público, ampliado. Assinalamos que é a partir de um indicativo desses âmbitos de atuação do pedagogo que se reorganiza a idéia da formação em Pedagogia na Unijuí, passando-se a estabelecer habilitações como as do pedagogo de sala de

⁶⁶ Palestra proferida pelo Professor do Departamento de Pedagogia da Unijuí - José Pedro Boufleuer, por ocasião do lançamento da coleção da obra do Mário Osorio Marques pelo INEP, UNESCO e UNIJUÍ (gravações transcritas e transcritadas pela autora).

⁶⁷ Idem.

aula e pedagogo da escola, além de uma maior ênfase às possibilidades de inserção do pedagogo em outros espaços da comunidade. Uma vez indicado esse espaço de atuação do profissional de educação, e do pedagogo em particular, Mario Osorio vai a partir daí se ocupar de sua formação. Desenvolve então uma pesquisa que vai resultar na publicação do livro: **“A Formação do Profissional da Educação”**, que na coleção do INEP é o volume três.

Nesta obra Mario Osorio apresenta uma proposta baseada na concretude de experiências vividas na práxis pedagógica e na sua opção conceitual, direcionada aos cursos de formação de professores através da reformulação e / ou reconstrução dos mesmos e na formação continuada durante todo o exercício da profissão. Como a educação, para Mario Osorio é uma obra conjunta construída pelo coletivo dos educadores onde as responsabilidades são compartilhadas e as competências se intercomplementam. A formação e a qualificação do profissional da educação assume então uma relevância ímpar pelo caráter de compromisso solidário e profissional que no momento de sua inserção no coletivo dos educadores esteja em pé de igualdade com os demais. A prática da docência deverá ser criticamente orientada por perspectivas ético - políticas e embasadas na Pedagogia do entendimento compartilhado, da organização democrática e da condução adequada dos processos da educação, pelos quais as gerações humanas transcendem a si mesmas e a seus mundos. A proposta apresentada não possui um caráter definitivo, mas abre um leque de novas perspectivas de reflexão e indicam novas alternativas na condução do processo de ensino / aprendizagem no âmago dos cursos de formação do educador. Sua proposta de reconstrução do curso de Pedagogia é direcionada,

à formação do pedagogo da unidade e identidade de cada escola em concreto e por aí estabelecendo-se as bases para a semestralização das disciplinas na unidade de cada turma / semestre de alunos com que interacione equipe de professores, segundo linhas e eixos temáticos e conceituais e segundo as dimensões pedagógicas da dinâmica curricular (MARQUES, 2006b, p.15).

A seguir, Mario Osorio volta-se para as regionalidades do saber e aos respectivos cursos de licenciatura, colocando-se na perspectiva de superar a fragmentação e o isolamento das disciplinas do ensino e da separação entre conteúdo, forma e método, das distâncias entre bacharelado e licenciatura.

Na mesma perspectiva Mario Osorio desenvolve e esquematiza algumas idéias a respeito da formação para a docência universitária e a revitalização das escolas de magistério.

Em relação ao exercício da profissão Mario Osorio assume a proposta envolvendo a pesquisa na formação continuada dos educadores e na retomada constante da Pedagogia enquanto ciência do coletivo dos mesmos (MARQUES, 2006b, p. 16).

Declara Marques (2006b, p. 16) que:

Ao ousar adiantar uma proposta para a reconstrução dos cursos de formação do educador assumimos esse risco na convicção de que, sem a coragem das iniciativas pequenas, localizadas, nada se inova, e de que se tornam indispensáveis ao movimento da reconstrução dos cursos avanços para além da denúncia, das demandas legais e administrativas, das proposições teóricas que não sirvam para repensar e propulsar as práticas circunstanciadas efetivas. Não nos podemos, contudo, anteciper às determinações últimas da proposta de cada curso em cada unidade universitária: tarefa esta que é de competência dos educadores / educandos nas situações concretas em que se encontram alunos e professores para o face-a face e o ouvido - a - ouvido da educação.

Essas três obras de autoria de Mario Osorio que acabamos de nos referir estão intimamente ligadas à reconstrução dos cursos de Pedagogia, e também das licenciaturas e são de extrema importância no contexto dos debates em torno das questões que abordam.

No ano de 1995, Mario Osorio disponibiliza aos educadores uma outra obra. Trata-se do volume quatro desta coleção cujo título é: **Aprendizagem na Mediação Social do Aprendido e da Docência** - Segundo o autor a discussão dessa obra parte de uma conceituação ampla da aprendizagem aqui “entendida como reconstrução autotranscendente do ser humano, singularizado entre os homens”. Mario Osorio nessa obra faz uma reflexão sobre as várias dimensões da docência em sala de aula, no âmbito da escola como lugar social das aprendizagens intencionadas e sistemáticas, Uma forma específica de aprendizagem que supõe e se refere à anterioridade e concretude do aprendido nas vivências cotidianas.

Na visão de Marques (2006c, p. 125):

A docência competente somente se configura na prática persistente inquirida pela reflexão pessoal e pelo discurso argumentativo na comunidade da profissão de forma a tornar-se práxis de vida. [...] é a paixão pelo homem que faz o educador. Apesar das desigualdades e angústias, o autêntico professor acredita no homem que está no aluno e busca conferir-

lhe o imenso privilégio de acreditar em si. Currículos, programas, matérias e materiais de ensino, metodologias e técnicas: tudo o mais são apenas pretextos para a densidade da relação que se estabelece entre os homens que se respeitam e se admiram. Constituem-se a docência e a aprendizagem no relacionamento pedagógico da palavra da ação e da ação da palavra, pelas quais os sujeitos se fazem singularizados em sua genericidade humana.

Para Marques (2006c, p. 125) a tarefa da aprendizagem é bem mais ampla e complexa e ela “se realiza na multidimensionalidade dos tempos - sociais habitados e vivificados por cada educador e educando”. Sem a referência a essa pluralidade das formas de aprendizagem nem a escola nem o educador irão entender e desempenhar com sucesso a função que lhes cabe.

Mario Osorio Marques longe de considerar concluída a reflexão que faz nesta obra, ao finalizá-la lança um convite para que outros educadores em outros tempos - lugares lhe dêem continuidade conduzam e aperfeiçoem essa reflexão.

“**Escrever é Preciso: O Princípio da Pesquisa**”, editado pela primeira vez em 1997 e que na coleção do INEP é o volume um, traz como apresentação uma carta ao leitor, escrita pelo autor, na qual ele informa as suas motivações de como chegou a este tema e as três aprendizagens que desenvolveu nessa caminhada. Ao se referir à obra diz:

A primeira de minhas aprendizagens: a de que tive o meu leitor sempre presente numa presença não apenas suposta, mas real e efetiva, tanto mais exigente quanto mais calada, à espreita [...]. Sem essa muda e desafiante companhia o escrever não teria sentido. Reconhecê-lo é a minha maneira de lhe agradecer pelos estímulos dessa presença assídua e desafiante (MARQUES, 2006d, p. 11).

A segunda de suas aprendizagens Marques (2006d, p. 11) afirma que:

Foi a constatação de que era frutífera a minha hipótese de que o maior desafio da escrita é começá-la; no seu todo e em cada uma de suas partes. Uma hipótese, aliás, fundamentada em prática já espichada. Isso porque só escrevendo se escreve. Não se trata de preparar-se para o escrever. É ele ato inaugural, começo dos começos.

Deseja-se nesse momento chamar atenção para a terceira aprendizagem fundamental, utilizando as palavras do próprio autor:

Que não se pode confundir, o escrever com a escrita; a ação com a obra finalizada; a obra da escrita carrega consigo o fim dos tempos da criação e induz efeitos de poder nem sempre submissos aos dinamismos da razão crítico criadora, por isso escrever é preciso, não se apegue a letra desta

escrita, mas faça dela trampolim para sua imaginação criadora. Ler é descortinar muitas leituras possíveis, é dilatar os horizontes das próprias percepções, horizontes dos muitos mundos abertos à inventividade criativa. (MARQUES, 2006d, p. 12).

Segundo Boufleuer⁶⁸ **Escrever é Preciso** se tornou sua obra mais lida e recomendada, especialmente no âmbito dos cursos de pós-graduação. É o próprio autor, refletindo a partir de sua própria experiência como pesquisador. Mario Osorio Marques parte da premissa de que boa parte do que se tem ensinado como metodologia de pesquisa serve mais para atrapalhar do que para ajudar. Esboça então a perspectiva orientadora para o pesquisador, que deverá efetivamente se ater ao que interessa. Apenas uma hipótese orientadora.

Com essa proposta, esta obra se tornou uma das mais lida de toda a sua produção intelectual.

Para Marques (2006d, p. 12), o objetivo maior dessa produção foi testar a hipótese de que:

O escrever é o princípio da pesquisa, tanto no sentido de por onde deve ela se iniciar sem perda de tempo, quanto no sentido de que é o escrever que a desenvolve, conduz, disciplina e a faz fecunda [...]. Pesquisa é um escrever centrado em determinado tema sob a forma de hipótese capaz de guiá-lo de modo explícito e sistemático desde a convocação de comunidade de argumentação em que se desenvolva a interlocução de saberes no trabalho da citação e em processo de sistematização, validação discursiva e certificação social. No contexto da Universidade a pesquisa se faz coextensiva a todos os âmbitos em linhas programático-institucionais obra coletiva da continuidade necessária ao aprofundamento dos temas e ao alargamento das perspectivas tais quais as exigem hoje os tempos em mutação. Escrever é preciso, pesquisar sempre, reconstruir de contínuo nossas aprendizagens.

Para Mario Osorio, como já foi citado, o ato de escrever é ato inaugural, e o grande desafio é dar o início ao processo. No seu dizer: “assunto puxa assunto, conversa puxa conversa, escrever puxa leituras que puxam o reescrever” (MARQUES, 2006d, p. 12).

O professor Mario Osorio mantinha certa intimidade e muita curiosidade em torno do computador e em relação aos teóricos das chamadas novas tecnologias, e novas subjetividades. Fazendo-se sujeito do seu tempo e atendo às novas demandas postas à educação, entendeu que precisava recriar concepções,

⁶⁸Palestra proferida pelo Professor José Pedro Boufleuer por ocasião do lançamento da coleção da obra do Mario Osorio Marques pelo INEP, UNESCO E UNIJUÍ (gravações transcritas e transcriadas pela autora).

reaprender a interlocução em novas e outras linguagens e de como elas poderiam democratizar mais amplamente os espaços da educação escolar.

Às voltas com o impacto das novas tecnologias, Marques (2006e, p. 18) assim se manifesta:

Por novas tecnologias entendemos hoje o surgimento de uma outra articulação de linguagens, encarnada em novos suportes, que são as máquinas dotadas da capacidade de armazenar, processar e intercambiar informações a grande velocidade e com confiabilidade, gerando hipertextos nos fluxos alargados da informação, constituídos em ciberespaço e cibercultura. Na verdade, essas novas tecnologias rearticulam em unidade processual rica de virtualidades as linguagens todas, transformam a oralidade e a escrita sem nunca dispensá-las em suas formas anteriores e colocam desafios outros à educação escolar.

Para Mario Osorio o que se exige da educação, especialmente dos professores é uma atenção redobrada diante das novas tecnologias e informações e a responsabilidade para desenvolver um programa de seleção criteriosa do que irá se buscar nos meios disponíveis das competências comunicativas ampliadas e os usos que disso vai resultar. **“A Escola no Computador, Linguagens Articuladas, Educação Outra”**, editado pela primeira vez em 1999, nesta coleção do INEP constitui-se no segundo volume.

Conforme o relato da Professora Eronita Silva Barcelos a história da elaboração do conjunto das obras, a significação e as razões de sua escolha para integrarem a coleção Mario Osorio Marques, resultam da maturidade intelectual do educador e testemunham uma trajetória de coerência com seu compromisso social, de fidelidade aos princípios que o mobilizavam, de congruência entre teoria e prática, e de profundo respeito pelos seus interlocutores⁶⁹.

Para a professora Eronita, o pensamento do professor Mario Osorio Marques, foi generoso e rigoroso em suas construções e, por isso, permanece e se recria pelas leituras, releituras e reescritas dos temas que teimou em colocar no círculo vivo do debate “imbricado em pensamento outro, de pensadores outros, como queria”.

⁶⁹ Palestra proferida pela professora Eronita Silva Barcelos por ocasião do lançamento da coleção da obra do professor Mario Osorio Marques pelo INEP, UNESCO e UNIJUÍ (gravações, transcritas e transcriadas pela autora).



FIGURA 49 - Mario Osorio Marques no Mestrado Educação nas Ciências - 2001

Fonte: Sala Mario Osorio Marques - Ijuí - RS.

No ano de 2002 como que sistematizando sua inserção no Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí, publica o livro **“Educação nas Ciências Interlocução e Complementaridade”**. Esta obra não consta da coleção do INEP, mas é importante sua referência, pois é neste momento que de acordo com Boufleuer o Mario Osorio,

[...] retoma sua perspectiva de Educação nas Ciências, as linhas fundamentais do seu pensamento, desde os temas do Conhecimento, passando pelos Paradigmas da Racionalidade, da Formação e da Aprendizagem. Essa sua última publicação parece ser uma homenagem ao Mestrado que ele mesmo idealizou, nas linhas gerais de sua organização e sustentação teórica. Em sua concepção se encontrava fundamentalmente a idéia de um espaço institucionalizado, aberto à aprendizagem a cerca de temas da educação, mas fundamentalmente temas que emergiam das circunstâncias concretas e práticas dos educadores, especialmente os educadores da nossa região⁷⁰.

Que entre tantas outras foi uma das grandes preocupações e motivações de Mario Osorio Marques. Através da sua militância contribuiu para a construção do

⁷⁰ Palestra proferida pelo Professor José Pedro Boufleuer por ocasião do lançamento da coleção da obra do Mario Osorio Marques pelo INEP, UNESCO e UNIJUÍ (gravações transcritas e transcriadas pela autora).

desenvolvimento regional pela educação. Manteve esta postura, com firmeza e lucidez, ao longo de sua existência de 77anos 10 meses e 22 dias.

4 NARRATIVAS SOBRE MARIO OSORIO MARQUES

Este capítulo de história oral temática foi construído seguindo as orientações metodológicas de uma das correntes da história oral brasileira, o professor José Carlos Sebe Bom Meihy. Foram ouvidos os “colaboradores”, contemporâneos do ex-capuchinho. Neste capítulo o personagem aparece por inteiro, re(a) apresentado pelos seus pares, mas construído também pela nossa escrita, dada a metodologia usada.

Início o capítulo fazendo a apresentação dos colaboradores professores: Argemiro Jacob Brum; Dinarte Belato; Eronita Silva Barcelos; Suimar Bressan; José Pedro Boufleuer e Telmo Rudi Frantz. Em seguida apresento as narrativas dos colaboradores. E no final de cada narrativa amparada em referenciais teóricos, palestras e pelas próprias narrativas analiso o “Tom Vital”. O intelectual e suas estratégias, o príncipe, o conciliador, o militante social e cultural, o idealizador do desenvolvimento regional são algumas palavras-chave que apontam para o perfil do homem de quem falamos e estão na base deste retrato biográfico que se dá a ver no capítulo.

4.1 APRESENTANDO OS COLABORADORES

ARGEMIRO JACOB BRUM

Natural de Ijuí, Argemiro Jacob Brum, nasceu no dia 28 de junho de 1930. É casado com Vanyr Burtet Brum com quem teve três filhos, Argemiro Luís Brum, José Antonio Brum e Eliane Cristina Brum. No ano de 1961 graduou-se em Filosofia Bacharelado e Licenciatura pela Faculdade de Filosofia e Letras de Ijuí, e em 1974 graduou-se em letras na Universidade de Passo Fundo. Tem especialização em Antropologia pela Universidade do Rio dos Sinos (1969) e especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação (1976), pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS. Em citações bibliográficas, aparece como - BRUM, A. J.

Participou de Conselhos, Comissões e Consultoria - Coordenador do Grupo de Estudos sobre Formação e Desenvolvimento Brasileiro - Pesquisador do Departamento de Ciências Sociais da UNIJUÍ.

Nos anos de 1965 a 1969 – foi Diretor do Instituto de Educação de Base.

De 1961 a 1969 - Participou de Conselhos, Comissões e Consultoria, do Movimento Comunitário de Base sendo membro da Equipe Central de Coordenação.

Nos anos de 1969 -1970, trabalhou também como de Diretor Acadêmico da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ijuí. Neste período acumulou o cargo de Diretor no Instituto de Educação Permanente.

O Professor Argemiro desenvolveu e desenvolve pesquisa nas linhas de:

- Organização e desenvolvimento de comunidade
- História de Ijuí
- Cultura Brasileira
- Desenvolvimento Econômico Brasileiro
- Modernização da Agricultura
- Desenvolvimento de Comunidades
- Problemas Brasileiros
- Universidade Comunitária
- Economia e Sociedade Sul-Rio-Grandense nas duas últimas décadas do Século XX e início do Século XXI.
- Sociedade Agrária Brasileira
- O Brasil nas Relações Internacionais

Recebeu no ano de 2002, o troféu Pena Libertária de Educação RS 2002, na categoria Profissional do Sindicato dos Professores do Ensino Privado do RS – SINPRO / RS.

Em 1992 recebeu o título de Professor Emérito, na Universidade de Ijuí. No mesmo ano recebeu o título de Educador Emérito, pelo Governo do Estado do RS.

O Professor Argemiro publicou diversos livros de sua autoria e em co-autoria, além de inúmeros artigos publicados em periódicos.

O professor Argemiro foi a pessoa que mais conviveu com o Mario Osorio. Foram mais de 50 anos, principalmente no Ensino Superior (UNIJUÍ), desde a sua fundação e no trabalho de extensão universitária denominado Movimento Comunitário de Base. Foram amigos e parceiros tanto na militância social como no mundo intelectual onde realizaram diversos trabalhos em conjunto.

O professor Argemiro é um intelectual reconhecido a nível nacional e internacional. Seu livro publicado com o nome: “Desenvolvimento Econômico Brasileiro” (várias edições) é referencial em diversas universidades principalmente nas disciplinas de Realidade Brasileira, Economia, Formação e Desenvolvimento Brasileiro (FDB), como é o caso da UNIJUÍ.

É uma satisfação ser colega de Departamento do professor Argemiro e principalmente tê-lo como coordenador do componente curricular – FDB - disciplina que ministrou na Universidade, estando lotada no Departamento de Ciências Sociais – DCS - UNIJUÍ.

DINARTE BELATO

No 14 de janeiro de 1943 nasceu, em Maximiliano de Almeida região Norte do Rio Grande do Sul, Dinarte Belato, filho de Fortunato Belato e de Aurélia Belato.

É bacharel e licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí – UNIJUÍ.

É pós-graduado e Mestre em História, pela Universidade Estadual de Campinas - São Paulo.

É Professor da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, desde 1967 até o presente, ministrando, até 1980, disciplinas do curso de Filosofia e de Pedagogia: História da Filosofia, Filosofia da Linguagem, Filosofia da Educação e História da Educação. A partir de 1980 o professor ministra aulas no curso de História: História Moderna Contemporânea e História da América; no Curso de Economia: História Econômica Geral e no curso de Pedagogia: História da Educação.

O professor Dinarte é casado com Neyta Oliveira Belato – também professora da UNIJUÍ. Possui dois filhos: Juliano (1975) e Luisa (1980) e dois netos, ambos filhos de Luisa: a Julia e o Tiago.

O local da entrevista foi na sua sala junto ao Departamento de Ciências Sociais no Campus de Ijuí. A entrevista foi realizada no dia 10 /07/2006. O professor Dinarte (Dino) como é conhecido, durante a entrevista demonstrou ser um profundo conhecedor da história dos Movimentos Sociais, e do Movimento de Economia e Humanismo liderado pelo padre Lebert e sua equipe. O professor é um intelectual reconhecido pelo seu amplo conhecimento.

Na UNIJUI desenvolveu diversas atividades administrativas, tais como:

- Chefe do Departamento de Filosofia no ano letivo de 1972/73.
- Secretário do Departamento de Filosofia no ano letivo de 1973/74.
- Vice-diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí de março de 1974 a março de 1976.
- Coordenador do Centro de Pós-graduação da FIDENE-FAFI no ano de 1977.
- Coordenador do Plano Institucional de Capacitação de Docentes – PICD – da FIDENE-FAFI no ano de 1977.
- Chefe do Departamento de Ciências Sociais da FIDENE no ano letivo de 1982 / 83.
- Membro do Conselho Editorial da Revista CONTEXTO E EDUCAÇÃO, de 1986 a 1988.

BELATO participou de viagem de estudos à França para estudar e pesquisar a produção camponesa daquele país na modalidade contratual. A viagem ocorreu através do Convênio celebrado entre FIDENE - UNIJUI - CNPq e INRA/ SOLAGRAL.

Possui uma grande produção acadêmica. Participou em cursos de Pós-graduação Lato Sensu em: * Educação, Cultura e Cidadania. Ministrado em colaboração com os professores Arnildo Rockemback e Andréia Narvaes, 1999 e 2001. * Gestão de Pessoas. Ijuí, Departamento de Administração. CC.Ministrado: As Transformações do Mundo do Trabalho – junho de 2004.

* Ciências Humanas. Ijuí, Departamento de Ciências Sociais. CC. Ministrado: A Nova Ordem Mundial – Agosto e setembro de 2006.

Nas palavras de Belato:

[...] Fiz mais duas coisas que considero significativas: Em primeiro lugar, as pesquisas que tenho feito e faço sobre a sociedade agrária dos trabalhadores rurais: colonos, índios, caboclos, com ou sem terra. Atualmente faço pesquisas sobre a História da velhice, a História da morte e História dos alimentos. Acho que esses temas tem tudo a ver uns com os outros. Em segundo lugar, dediquei um tempo enorme à educação de jovens e adultos, a grupos ligados a movimentos e organizações sociais e, sobretudo, a professores das redes públicas estadual e municipal, e constatei muita gente interessada e preocupada com o destino de nossa terra, da vida, da natureza, do meio ambiente. Tenho 65 anos, sou casado com a professora Neyta, temos dois filhos: Juliano e Luisa [...]. São esses

que me fizeram nono. Espero trabalhar intensamente até os setenta anos, pois tenho um montão de coisas a fazer. E se não as terminar, continuarei trabalhando para além desse limiar. Ijuí, 1 de junho de 2007[...] ⁷¹.

ERONITA SILVA BARCELOS

Eronita Silva Barcelos tem 68 anos, nasceu no dia 11/05/1940, é natural de Soledade - RS. É casada, tem quatro filhos, três mulheres e um homem. Possui graduação em Pedagogia Habilitação em Orientação Educacional pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1963), graduação em Pedagogia Habilitação em Administração Escolar. (1975). Possui especialização em Educação Metodologia do Ensino Superior pela mesma Universidade (1976) e especialização em Avaliação a Distância pela Universidade de Brasília (2000).

- Atuou na direção e administração da Escola de Educação Básica Francisco de Assis (1982).

- Atuou no Ensino, Especialização em Educação, no nível de Pós-Graduação, ministrando a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Ensino Superior (1972).

- * Atuou na extensão universitária pelo Departamento de Pedagogia, no Programa de Formação continuada de Professores para a Educação Básica (1965).

- * Atuou no Ensino, Pedagogia Habilitação em Administração Escolar, Nível: Graduação. Disciplinas ministradas Teoria e Prática do Ensino Médio. Didática; Metodologia da Pesquisa Científica; Prática de Ensino sob forma de Estágio Supervisionado; Princípios e Métodos de Supervisão Escolar, Fundamentos da Educação, Didática Aplicada à Enfermagem, Modelos de Pesquisa, Metodologia do Ensino Superior.

- * A Professora Eronita foi Reitora da UNIJUÍ por duas gestões e também foi vice-reitora de Graduação.

Artigos completos publicados em periódicos:

Um espaço-tempo da Escola. Espaços da Escola, Ijuí, 1991.

A Escola também é Conteúdo. Contexto e Educação, Ijuí, 1989.

⁷¹ Entrevista concedida a autora em 10 de julho de 2006.

A Experiência de Avaliação como Prática de Vida. Contexto e Educação, Ijuí, 1987.

Livros publicados/organizados ou edições:

Identidade e funções no currículo de primeiro grau: Proposta pedagógico-metodológica. Ijuí: Editora UNIJUI, 1990.

Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. Ijuí: Editora UNIJUI, 1989.

A entrevista

Foi realizada no dia 14/12/2006 na Biblioteca Mario Osorio Marques no Campus de Ijuí.

Durante a entrevista a professora Eronita se emocionou várias vezes ao recordar certos momentos na convivência que tivera com o professor Mario Osorio, pois foram além de colegas, grandes amigos. Mas durante toda entrevista se manteve muito segura, falando com muita tranquilidade e propriedade sobre o tema abordado do qual conversamos por um bom tempo.

- A professora Eronita embora não possua titulação de Mestre ou Doutora, eu particularmente a considero. Na convivência que tive ao trabalhar com ela enquanto reitora da UNIJUI pude comprovar o seu grande conhecimento cultural e intelectual, seu dinamismo, capacidade, segurança e habilidade juntamente com sua equipe na condução dos rumos da Universidade. Foram anos difíceis, mas guardo uma recordação muito carinhosa e tenho uma grande consideração e amizade em relação a sua pessoa. A história da professora Eronita Silva Barcelos assim como a do professor Argemiro Jacob Brum, Mario Osorio Marques e tantos outros, cada um no seu tempo / espaço confundem-se com a própria história da FAFI/FIDENE/UNIJUI.

JOSÉ PEDRO BOUFLEUER

José Pedro Boufleuer nasceu no ano de 1959, no município de Cerro Largo, no estado do Rio Grande do Sul. É casado com Rosane Maria Diel Boufleuer e tem duas filhas: Natália - 12 anos e Laura - 6 anos. Em 1983 formou-se no curso de

Estudos Sociais e em 1984 em Filosofia, pelo Instituto Educacional Dom Bosco e pelo mesmo Instituto recebeu título de Especialista em Educação (1988).

Em 1990, concluiu seu Mestrado pela Universidade Federal de Santa Maria com uma dissertação sobre **“As Perspectivas de Educação Libertadora em Paulo Freire e Enrique Dussel: Um Estudo Crítico Comparativo a Partir dos Pressupostos Antropológicos”**. Em 1996 recebe o título de Doutor em Educação pela mesma Universidade com a Tese que tem por título **“Por Uma Pedagogia Da Ação Comunicativa: Uma Proposta Com Base em HABERMAS”**.

BOUFLEUER, desde 1987 desenvolve de forma competente atividade de docência em curso de formação de professores, atuando no corpo docente da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Realiza atividade de docência nas áreas de Filosofia, Sociologia e História da Educação.

Durante esses anos na instituição, atuou na direção e administração do Departamento de Pedagogia, na Câmara de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, teve participação em projetos de pesquisa no Departamento de Pedagogia, e participação do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências. Participou de conselhos, comissões e consultoria, vice-reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão. Foi membro da comissão de Estudos para criação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em ciências da saúde. É membro do comitê local do PIBIC - CNPq.

Desenvolve pesquisa nas seguintes linhas: Os Processos de Ensino Aprendizagem e Teorias da Pedagogia e da Formação do Educador.

Dentre os projetos de pesquisas do curso de Graduação de Pedagogia participou como coordenador da pesquisa da Ciência do Entendimento Teórico-Prático dos Educadores, pesquisa sobre a Recepção de Habermas, e na produção do programa de pós- graduação em Educação nas Ciências e Pesquisa Educação e Formação Docente: leituras habermasianas.

O professor José Pedro Boufleuer possui uma vasta produção intelectual. Publicou diversos livros, e artigos completos em periódicos.É convidado para palestrar em Universidades, Seminários e outros eventos culturais nos diversos Estados brasileiros. Orientou e orienta monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Participou e participa de bancas de mestrado e doutorado além

de desenvolver trabalhos técnicos como parceirista e integrante de comitês científicos de seleção e avaliação de trabalhos técnicos científicos.

A entrevista com o professor José Pedro foi realizada no Departamento de Pedagogia da Unijuí - Campus Ijuí. No dia. 02 de fevereiro de 2007o professor falou fluentemente aparentando muita calma e segurança em suas observações. A impressão que eu tive foi que ele realmente estava vivenciando aquele momento com muita propriedade sobre tudo o que foi colocado. Demonstrou ser um profundo conhecedor do pensamento e da obra do professor Mario Osorio com quem conviveu e manteve constantes diálogos.

Nas palavras de Boufleuer:

Foi uma satisfação ter tido a oportunidade de lembrar através da instigação da pesquisadora, toda uma vivência que tive com o saudoso Mario Osorio Marques. Conviver com pessoas como Mario Osorio faz uma enorme diferença na vida da gente. Pessoas como ele contagiam pela sua determinação a uma causa, no caso a causa da educação, da busca da compreensão de sua dinâmica e de resolução de suas dificuldades. Que a pesquisa ajude aos pesquisadores em educação e aos que profissionalmente se envolvem com ela a encararem com espírito aberto e com otimismo a tarefa educativa, tal como Mario Osorio nos tem ensinado⁷².

SUIMAR JOÃO BRESSAN

Suimar João Bressan nasceu em 24 de abril de 1952, em Santiago - RS. É casado e tem quatro filhos. Possui graduação em Agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria e Mestrado em Sociologia Rural pela UFRGS.

Suimar é professor da Unijuí há mais de 30 anos. Embora tenha uma formação na área da Agronomia fez uma opção pelas Ciências Sociais, mais precisamente pela sociologia. De acordo com o professor foi buscar na sociologia as respostas para as interrogações que a condição humana nos impõe. “Nesta época vivíamos uma situação política no país bastante complexa, por conta da vigência do regime autoritário. Sociólogo na época era sinônimo de subversivo”. O professor Suimar acredita que a sociologia sem exclusivismo é o campo de conhecimento que lhe permite compreender a dimensão mais essencial do homem, ou seja, como ser social. Ela esteve no centro dos grandes debates a cerca dos destinos da humanidade. Atualmente, como as demais ciências, vive o impacto das profundas transformações que indicam uma situação de transição da sociedade industrial para

⁷² Entrevista concedida a autora em 02 de fevereiro de 2007.

uma sociedade informacional global. Para ele a sociologia tem conseguido compreender esse processo; contudo o pensamento dominante está vinculado a idéia de que os problemas decorrem da gestão, ou da qualidade da gestão vinculada ao empreendedorismo individual e ao mercado, daí a importância que adquire a área da administração. O Professor Suimar acredita que a sociologia tenha condições - pela sua história - de propor questões para um debate qualificado, com vistas a uma solução razoável para os impasses da nossa civilização. O professor Suimar costuma se identificar como professor de Sociologia Política. Este estudo lhe proporcionou um profundo conhecimento a respeito dos processos sociais presentes na formação da sociedade brasileira. É professor titular da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, e Membro do corpo editorial da "Humanidades Revista". O professor Suimar Bressan exerceu cargo de Conselheiro, participou de Comissões e Consultoria, exerceu o cargo de Chefe do Departamento de Ciências Sociais da UNIJUÍ.

Áreas de atuação Sociologia do Conhecimento; Fundamentos da Sociologia; Teoria Política; Sociologia do Desenvolvimento; Teoria do Direito *Especialidade:* Sociologia Jurídica Ciência Política

Produção bibliográfica - Artigos completos publicados em periódicos. Livros publicados/organizados ou edições capítulos de livros publicados.

TELMO RUDI FRANTZ

Telmo Rudi Frantz, nome em citações FRANTZ, T.R, é professor da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Possui graduação em Estudos Sociais pela Unijuí (1970), graduação em História pela Universidade de Passo Fundo (1972), Mestrado em Développement Économique Et Social - Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne) (1979) e Doutorado em Développement Économique Et Social - Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne) (1981). Possui experiência na área de Gestão Universitária, Gestão de C&T (foi Secretário de Estado na pasta de Ciência e Tecnologia. Professor da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Desenvolve pesquisa em Desenvolvimento Regional e Desenvolvimento Agrário, atuando principalmente nos seguintes temas: desenvolvimento rural, aprendizagem organizacional,

cooperativismo e gestão da ciência e tecnologia. Foi bolsista da Fundação FORD do Brasil.

Desempenhou inúmeras funções tais como:

Coordenador do Comitê de Pós-Graduação, Câmara de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão. Presidente do Conselho Universitário. Membro da Comissão Nacional de Editoração do SESCOO - Sistema Nacional de Formação em Cooperativismo. Direção e administração, do Departamento de Estudos da Administração, Coordenador de curso de Pós-Graduação Lato Sensu. Presidente do Comitê de Ética na Pesquisa. Direção e administração do IRDeR - Instituto Regional de Desenvolvimento Rural. Membro de colegiado superior. Assessor da FECOTRIGO. Coordenador do Programa Institucional do Cooperativismo. Convênio Unijuí - CNPq. Articulação de pesquisadores em torno do estudo do cooperativismo dos três estados do Sul do Brasil. Direção e administração do Departamento de Ciências Agrárias. Coordenador do Programa de Assessoria à Ação Sindical Rural. Apoio pedagógico ao trabalho dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais do Noroeste do Rio Grande do Sul. Direção e administração do Departamento de Ciências Sociais, Função, Chefe de Departamento. Coordenador do Convênio Cotrijuí/Fidene. Organização de agricultores e educação cooperativista. Cargo de Presidente do Conselho Regional de Desenvolvimento do Noroeste / RS. Prestou Consultoria em Planejamento Estratégico. Exerceu o cargo de Diretor Superintendente da Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda, Cotrijuí. Teve também vínculo com a Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Rio Grande do Sul, a Fecotrigo.

Recebeu em 1997 - MENÇÃO HONROSA - pela Prefeitura Municipal de Ronda Alta, Secretaria Municipal da Agricultura. Em 1997 recebeu o título de "Cidadão Redentoreense", através da Câmara Municipal de Vereadores de Redentora. Em 1993, título de "Cidadão Panambiense", Câmara Municipal de Vereadores de Panambi. No ano de 1992, título de "Personalidade Regional", Prefeitura Municipal de Jóia. Em 1985, título de "Cidadão Ijuicense", Poder Executivo Municipal.

O professor Telmo produziu: Artigos completos publicados em periódicos; Livros publicados/organizados; Capítulos de livros publicados. Textos em jornais de notícias e revistas. Trabalhos completos publicados em anais de congressos; Resumos publicados em anais de congressos; Apresentações de Trabalho em eventos nacionais e internacionais.

Participação e orientação em bancas examinadoras/dissertações de mestrado, Teses de Doutorado, Qualificações de Doutorado. Trabalhos de conclusão de curso de graduação e aperfeiçoamento/especialização. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Organizações, Gestão e Aprendizagem - GEPOG.

Foi Reitor da UNIJUI nos anos de 1987 a 1993 e atualmente é vice-reitor de Pós-Graduação Pesquisa e Extensão da mesma universidade.

4.2 APRESENTANDO AS NARRATIVAS E ANALISANDO O TOM VITAL

4.2.1 Professor Argemiro Jacob Brum

Tom Vital: “Mas a maior obra do Mario Osorio na ação é a criação da FAFI, da FIDENE, da UNIJUI, essa é uma grande obra”.

Eu começaria, dizendo que o Mario Osorio, o Frei Matias de São Francisco de Paula, natural de São Francisco de Paula, no tempo de estudante, não que eu tenha tido contato com ele nessa época, mas os contatos posteriores me permitem fazer umas observações. Mario Osorio sempre foi, desde pequeno, uma pessoa muito responsável, assumia compromissos, e cumpria-os da melhor forma possível, com o maior empenho. Foi a marca que chamava a atenção das pessoas, dos adultos, das famílias que o conheceram nas terras, nos campos de São Francisco de Paula.

Depois, quando estudante no Seminário, ele também se destacava por esta característica. Só gostaria de frisar bem que, ele foi muito marcado e buscou mesmo este tipo de marca pelos frades capuchinhos Franceses, que foram os fundadores da Ordem aqui no Rio Grande do Sul. Estes padres tinham vindo da França traziam uma ampla e profunda bagagem cultural. E marcado também pelo método de estudo e pelo método de trabalho. Buscava maior inspiração possível na vida e na obra de Francisco de Assis, o fundador da Ordem dos Capuchinhos, que buscavam justamente vivenciar o espírito de Francisco de Assis no mais alto grau de plenitude possível. Mario Osorio se contagiou com o exemplo de vida, de cultura, de trabalho e de educação desses frades capuchinhos franceses da Ordem aqui e levou muito a sério. Ele foi um estudante diferenciado no sentido de que era uma inteligência

brilhante e profunda, culto e também sonhador, mas acho que a melhor palavra seria utopia, alguém que sempre tentava estar à frente do seu tempo e com as antenas ligadas para aprender tudo o que fosse possível, aonde tivesse conhecimento para saber, que era também a marca dos franceses. Essa abertura para o mundo, o contato com as pessoas, e que todas as pessoas tem cultura e todas as pessoas tem saber; e conversar com as pessoas é uma forma de aprender. Mario Osorio foi marcado e a vida inteira teve esta marca, esta direção.

Já naquela época, ele estudante, isso nos anos de mil novecentos e quarenta e poucos, cinquenta por aí, ele já produziu uns trabalhos, uns escritos. Agora após a sua morte nós publicamos o livro “Nossas Forças”, este título ele escreveu em 1950, quando era seminarista, e também nesta época escreveu uma obra inédita, um Dicionário em Latim que não foi publicado, pois o latim está meio fora de moda e até mesmo nos seminários, mas aqueles que tiveram contato com este Dicionário consideram que é uma das obras mais completas desse assunto. Temos aí conosco os originais, escritos a punho, escritos a mão, e que são guardados a sete chaves, em três volumes. Também escreveu alguns contos e algumas crônicas e eu estou atrás de onde possivelmente ele tenha escondido, ainda naquele tempo.

Em relação a cartas, eu não sei se ele deixou algumas destinadas à família, ou se tenha alguma coisa com a família. Este detalhe creio que nunca se conversou a respeito disso. Ele fazia muitas anotações que era outra marca dos franceses: que se deve ler sempre com papel e caneta a mão e fazer as anotações daquilo que se lê para gravar o que de mais significativo encontrar. Estas anotações eram usadas e no caso ainda poderão ser encontradas, pois talvez nem ele sabia onde tinha guardado.

Passei a conhecer pessoalmente Mario Osorio Marques, o Frei Matias como era chamando na época, a partir de 1952, quando um grupo de frades Capuchinhos recém-formados no sacerdócio, vieram para Ijuí. Em Ijuí, então, criou-se a partir de 1952, o que na linguagem dos capuchinhos da época se chamava o Liceu, que corresponde hoje ao ensino médio, era um termo antigo que era usado talvez, por influência francesa. Havia só o Seminário neste nível de segundo grau, que foi criado na época em que este grupo de padres aqui chegou e tinha uma qualificação cultural bem maior, pois a cultura era uma preocupação geral na Ordem, e havia alguns que se destacaram mais, principalmente este grupo de padres que, enquanto estudantes no seminário de Filosofia e de Teologia defendiam a idéia de que se

devia reestruturar o Seminário para que este não fosse uma clausura, isolando as pessoas do mundo, os seminaristas do mundo, mas que o Seminário se abrisse para o contato com a realidade e isso daria uma preparação mais efetiva para os futuros sacerdotes, já enquanto seminaristas. Essa idéia foi encampada por um grupo com mais ênfase do que outros. E é esse grupo que acabou vindo pra cá e aqui vão exercer o magistério não só no Seminário, mas também nas escolas, principalmente no Sagrado Coração de Jesus, curso normal, e na Escola Normal Rural.

Foram fundadores do Ginásio Soares de Barros, da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, hoje, Educandários da Comunidade - CNEC, em 1953. Além de exercerem o ministério religioso, na Paróquia de São Geraldo, eram também auxiliares na comunidade e às vezes convidados para pregar novenas em outras paróquias da região. Além disso, eles se dedicaram ao magistério, no ensino médio.

A partir do exercício do magistério passamos a ter contatos cada vez mais freqüentes, e que em 1953 se acentuaram. Nós, os professores aqui em Ijuí, através da criação do Centro de Estudos Pedagógicos Antônio Balbino começamos a ter contatos mais assíduos, além do contato de nível religioso, nas atividades que a gente desenvolvia. E à medida que o tempo ia passando germinou a idéia de criar o ensino superior na região, que não existia. A idéia foi ganhando corpo e a gente foi se envolvendo junto.

Naquela época pensar em uma faculdade no interior, fora da Capital, era uma temeridade.

- “Oh! isso é loucura, isso é sonho, não é possível, etc.”

Só havia ensino superior nas capitais. A idéia iniciou por parte dos padres, de uma Faculdade de Filosofia para formar os seminaristas e os leigos. Vamos unir as forças para que seja uma Universidade aberta, onde estudem os seminaristas e também os leigos. Isso só vai se concretizar a partir do início de 1956. A Ordem, que tem sede em Caxias do Sul, formaliza a decisão e autoriza o grupo daqui a levar adiante essa idéia e encarrega o professor Frei Matias de ser o coordenador desse empreendimento que deveria ser a Faculdade de Filosofia. Ele era o mais entusiasmado, antenas mais abertas para tudo e para todos. Já vinha há anos com essa idéia na cabeça, e tinha uma bagagem mais qualificada do que outros colegas para levar adiante este empreendimento.

Finalmente, se implanta em 1957 a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, o decreto de criação foi assinado pelo então Presidente da República, na época Juscelino Kubitschek.

A respeito do pensamento de Mario Osorio, da evolução do pensamento de Mario Osorio, eu diria que, na época da implantação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, por ocasião da solenidade de instalação da Faculdade em 16 de março de 1957, o Mario Osorio foi o orador representante da Ordem dos Capuchinhos e no seu pronunciamento expressou o pensamento da Ordem que tinha predominância escolástica e que era a formação que os seminaristas recebiam no mundo inteiro.

A respeito do pensamento de Mario Osorio Marques, ele tinha esta formação escolástica, mas ele não ficava aí, ele era um curioso e se aprofundou bastante como estudante na época do seminário, na Filosofia, na Teologia, no pensamento da linha Franciscana, então ele alia a linha escolástica e o pensamento franciscano. Ele não fica totalmente preso à escolástica, mas se abre à linha franciscana, e sensibilidade para o social, mas ainda predomina a escolástica. Ele também tem uma perspectiva utópica, pensamento de vislumbrar os desdobramentos do mundo, inclusive a construção de um mundo melhor, e está com as antenas ligadas para as novidades que acontecem em toda a parte. Então da escolástica ele vai transitando para a neo-escolástica, o que já é um avanço.

Nos anos 60, agora eu gostaria de fazer uma referência ao grupo francês de Economia e Humanismo, onde José Luiz Lebret é a figura mais destacada. Esse grupo vai ter grande influência sobre Mario Osorio e sua participação no Movimento Comunitário de Base. O Padre Lebret passa alguns anos na América latina e particularmente no Brasil, fazendo conferências e ministrando cursos procurando ajudar na formação e abertura da economia solidária, abertura dos padres, uma renovação espiritual engajada na idéia de vida comunitária, a importância da organização das pessoas para que juntas buscassem a solução de seus problemas. O diálogo entre as pessoas organizadas produzia uma nova cultura, uma nova mentalidade e maior autoconfiança na sua própria capacidade de remover obstáculos. Então, Mario Osorio quando vai participar de um curso no Rio de Janeiro sobre este tema é muito impregnado disso, e volta entusiasmado com a idéia de comunidade.

Esse pessoal do Movimento Economia e Humanismo, liderado por Lebret, vai ser muito influente na renovação da Igreja no papado de João XXIII. Inclusive vão influenciar bastante as decisões do Concílio do Vaticano II. Participam da elaboração da Encíclica *Mater et Magistra*, divulgada em 1961, e, depois, da “*Populorum Progressio*” de João Paulo VI, em 1968. Esse grupo, nos anos 50 e 60 é um grupo que vai ter muita evidência na renovação e atualização (“*Agiornamento*”) da Igreja. O mundo precisa de mudança. Hoje as mudanças são muito mais velozes. Mario Osorio acompanha todo este trabalho, tudo o que acontece, leitor incansável, inteligência profunda, brilhante, ele vai beber de todas estas fontes e se atualizar.

Eu gostaria ainda de frisar outro detalhe: Mario Osorio pelo seu dinamismo se torna logo após sua chegada o escolhido para ser uma espécie de líder espiritual do Movimento da Ação Católica, basicamente da juventude. Da JUC (Juventude Universitária Católica) e da JEC (Juventude Estudantil Católica), secundaristas e ginasianos.

Através deste contato com a juventude, em nível local, as articulações com a equipe estadual e os encontros em nível nacional, que o Mario comparece junto com os jovens, vai tornando-se uma presença forte, pois era um dos espíritos mais lúcidos, de visão mais aberta para o futuro, e assim vai sendo reconhecido em nível estadual e nacional, por este trabalho junto com os jovens. E a juventude, pode-se dizer que a cada nova geração é portadora de uma nova mensagem, de uma renovação, e por isso o mundo avança, mas nem tudo dá certo e o tempo é que vai fazendo suas correções e aparando as arestas. Mas o convívio do Mario Osorio, Frei Matias, com a juventude através da JEC e da JUC, das reuniões, encontros, etc. dos quais participa, ele vai absorvendo este espírito novo dos jovens e, sintonizado com eles, faz dele uma figura de vanguarda, reconhecido pela bagagem cultural de que era portador nos vários campos da Filosofia, da Teologia, da Sociologia, da Pedagogia, etc. é uma cultura geral consolidada, forte e em contínuo processo de aprofundamento. Eu diria que Mario Osorio acompanhou com muita atenção o desenrolar do Concílio Vaticano II, dos questionamentos da atualização da Igreja, os esforços de renovação, e esse acompanhamento significa que ele apenas não só acompanhou de longe, mas leu e estudou todos os documentos que iam sendo produzidos e aprovados pelo Concílio, e isto lhe deu uma bagagem na linha religiosa e na linha da Teologia ainda mais profunda do que ele já havia construído.

Havia o ensino primário (cinco anos), depois mais quatro anos de ginásio, depois o colegial (dividido em clássico e científico) voltado a preparação ao vestibular para Direito, Letras e Artes e para Engenharia, Medicina e Ciências Exatas respectivamente e os cursos profissionalizantes, como o técnico em contabilidade, o agrícola e o normal. Através do Centro de Estudos Pedagógicos, promoviam-se cursos que chamaríamos hoje de “extensão” universitária, só que não tinha a Universidade, mas era um curso de extensão para aperfeiçoar professores e desenvolvimento cultural. Pessoas daqui e até do exterior eram convidadas para ministrar estes cursos, tínhamos cursos deste tipo durante a semana, abertos, e também em ambientes públicos. Naquela época esses cursos eram muito concorridos; havia uma sede de conhecimento, uma sede de oportunidades aqui no interior. Mais de 500 pessoas lotavam um auditório durante uma semana inteira. Este trabalho, aos poucos ia preparando as condições culturais para a implantação do ensino superior.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras veio depois e, conjugando as duas forças logicamente que era a aspiração da comunidade local e regional e o interesse deste novo grupo de sacerdotes recém - formados, os Capuchinhos que vieram para Ijuí e que traziam, desde seu tempo de estudantes no Seminário, a idéia de um Seminário renovado, um Seminário aberto, um Seminário em contato com o público, e no fim vai sair a idéia de criar uma faculdade. A Faculdade funcionou, nos oito primeiros anos (1957-1964), na Escola Normal Sagrado Coração de Jesus. Em 1958, teve início a construção da sede a própria, que a partir de 1965, já dava condições de abrigar os cursos.

A mesma coisa se faz na zona rural, cada núcleo de base na zona rural, cada povoado faz levantamento dos seus problemas, reúne depois os núcleos de cada distrito na sede distrital, e faz a triagem e análise do conjunto e após a reunião geral de todos os distritos com o objetivo de dividir os problemas. Uma comissão encaminha ao governo municipal e ao Governador do Estado e entrega para os deputados. No ano seguinte, levantamos as questões: O que foi feito? O que não foi feito? E por que? Quais são os problemas agora?

Só voltando um pouquinho atrás, dando outro exemplo quando no ano de 1962 se tratou de começar o trabalho na zona rural, nos últimos meses de 61, pensávamos em como fazer? E a idéia surgiu quando os bispos gaúchos criaram a Frente Agrária Gaúcha – FAG - e cada Paróquia deveria iniciar a organização dos

agricultores, inclusive nós aqui em Ijuí. Então nós aproveitamos a estrutura da Igreja. Acompanhávamos os padres quando iam rezar a missa, e um de nós ia lá para apresentar a idéia da organização. Substituíam-se o sermão por uma exposição a respeito da necessidade de que eles indicassem dois ou três membros para um encontro de três dias a se realizar no período de férias, a alimentação e a estadia eram tudo de graça, eles só tinham que pagar a viagem.

Comecei no dia 1º de janeiro de 62, e o coadjutor era um padre italiano, e havíamos combinado de passar em três núcleos, três localidades, onde ele rezaria três missas naquela primeira etapa. A primeira foi na localidade ao Norte da linha seis, onde a população era dividida entre católicos e evangélicos, após a missa fomos tomar café na casa de um paroquiano, quando chegaram três colonos evangélicos que tinham ouvido falar e queriam saber se era um movimento só dos católicos ou os evangélicos também podiam participar. Expliquei que todos poderiam participar desde que fossem agricultores. Isto ocorreu no primeiro encontro.

No encontro de três dias, em vez de palestras, distribuimos as turmas em grupos de dez, todos de localidades diferentes e distantes, e explicamos que deveriam discutir a seguinte questão: Quais são os principais problemas que os agricultores de Ijuí enfrentam? Depois de levantar os problemas, vocês devem identificar qual é o maior problema de todos. Para nós foi importante a identificação que o principal problema que eles tinham, era a falta de união e justificaram:

- “Nós nem nos conhecemos, somos de Ijuí, mas cada um de um lado e por si, agora começamos a nos conhecer”.

Agora vocês vão voltar aos grupos de novo e vão discutir como vocês acham que podem enfrentar este maior problema que vocês identificaram: a falta de união! O que fazer para achar a solução.

Na falta de união, a criação de um sindicato como resposta, o fortalecimento entre os núcleos de base. Depois, então, o segundo maior problema: a formiga.

- “Nós não temos vergonha na cara, a formiguinha é um bichinho deste tamanhinho e nós uns baita homem perdendo para as formigas! Mas por quê? Porque as formigas são unidas e nós não, nós temos que nos unir para derrotar as formigas.”

Todas essas coisas a gente vivenciou. Em Ijuí a consolidação deste trabalho, culminou na própria FIDENE.

Agora só para destacar uma conquista do setor rural: Na época, a produção de soja ia aumentando e o transporte do produto até o porto de Rio Grande era feito todo ensacado. Dava uma mão de obra enorme e o custo da sacaria era alto. Quem já conhecia dizia que não tinha outra maneira. Mas fomos como São Tomé, “Ver pra crer”. Organizaram-se várias excursões, de agricultores que queiram ir lá conhecer o porto de Rio Grande, e voltavam convencidos que não tinha outra maneira, mas ficaram sabendo que no mundo moderno, lá nos Estados Unidos, etc., o transporte era a granel e o carregamento também. Então vamos fazer aqui! A cooperativa encampa a tarefa de transformar cerca de 80 vagões para transporte a granel e construir armazéns com correias transportadoras.

- E quando chega no Porto de Rio Grande? Então vamos reivindicar a construção de um porto moderno como tem lá nos Estados Unidos.

- Mas o governo federal alega que não tem dinheiro e o governo estadual muito menos.

Surge então a idéia.

- E as cooperativas? Elas poderiam se unir e realizar esta obra.

Levada a idéia, não vingou.

- Então nós vamos construir sozinhos! Pela Cotrijuí.

Um engenheiro de Ijuí viajou até lá para ver como era. Foi feito com tecnologia própria. Assim surgiu o terminal graneleiro considerado o mais moderno da América Latina. Depois, os agricultores comparavam:

- Pois é nós começamos combatendo as formigas, nos unindo para combater as formigas e fomos capazes de construir um terminal. Então é esta consciência.

Agora mais recentemente ocorreu uma tomada de posição muito significativa dos produtores rurais. Quando o setor das cooperativas enfrentou dificuldades e de um modo geral quase todas quebraram. A informação que a Cotrijuí iria receber a intimação da “quebra” chegou até os agricultores que se mobilizaram e já estavam em torno de mil no portão da Cooperativa quando o oficial de justiça chegou, e foi impedido de entregar o mandado de intimação. Depois de um longo processo de negociação, saiu financiamento para ajuda ao agricultor.

Nesta época a repressão existia num clima geral. Em cada sala de aula tinha um informante. O comandante do quartel obrigou todos os oficiais militares a se matricularem em algum curso, para que em todas as aulas tivesse um militar, e além

dos militares havia os leigos dedos-duros. A Universidade era marcada, vigiada, nós sabíamos.

Acredito que o Mario Osorio tenha sido fichado, mas não tenho certeza, pois não se tornou público. Em 1972, quando ele concluiu seu mandato na presidência da Instituição, o regime quis impor um candidato. Nós abrimos as portas. Concorreu e ganhou no voto.

Aqui no interior, a FIDENE era uma instituição pequena e não iria ameaçar o regime, mas por outro lado, por outro aspecto, uma comunidade, um município, uma região formada por imigrantes, descendentes da Europa, que tiveram que construir a sua vida no meio da mata, abrir caminho, então havia um espírito de trabalho, de luta, de aceitar o sofrimento, e manter a fé e a esperança, este espírito estava impregnado, só que com o avanço da modernização ele estava tendendo a desaparecer, então vamos retomar e fortalecer este espírito.

Os operários e os estudantes passaram a ser vigiados, suspeitos. Até então nós contávamos com o trabalho dos estudantes universitários e seminaristas, porque nós encaminhávamos, nós organizávamos caravanas, como por exemplo, a campanha de combate à formiga, antes a campanha de sindicalização, depois da formiga, depois da construção do terminal graneleiro em Rio Grande. A campanha de combate a formiga foi mais de dois anos, pois não liquida num ano só. Então nós organizávamos, marcávamos para um fim de semana, sábado e domingo, a realização de reuniões de todos os grupos, isso com a combinação do pessoal, tal fim de semana desde que não chova, seja tempo bom, reunião de todos os núcleos de base, sábado à tarde, sábado à noite, domingo pela manhã, domingo a tarde, então a mesma equipe fazia 4 reuniões num fim de semana. Essas equipes eram constituídas por professores, estudantes e agricultores e outros interessados.

O rádio, na época, era o grande instrumento de comunicação. Lembro-me de um episódio que foi a fundação de um novo bairro e a eleição da nova diretoria. Escutei num domingo ao meio-dia: hoje foi fundada a Associação de Amigos do Bairro Carlos Marx e foi eleita a chapa 1. Procurei imediatamente entrar em contato com o presidente do Conselho de Bairros e disse:

- O que vocês fizeram? Ele respondeu,
- Formamos uma nova Associação de Bairro e foi eleita a diretoria.
- Mas e este nome?

- Ah! É porque o Carlos Marx foi o primeiro proprietário daquela área de terras.

- Então te prepara porque é quase certo que amanhã você vai ter que explicar isso ao Comandante do quartel.

Mario Osorio não teve filiação partidária. Os padres Capuchinhos não tinham esta filiação. Claro, eles tinham a sua opção, o que era natural, se tivessem seria natural, mas o pessoal não explicitava. Só um dia aconteceu que o Mario Osorio falou:

- Se eu não fosse padre o que iria ser? Provavelmente, seria um político do PL, do Partido Libertador.

Ainda falando em desenvolvimento regional, desbravar novos horizontes, onde ninguém ainda tinha ido, ou ninguém deseja ir, é com esta característica missionária, que os padres capuchinhos são removidos, e removidos freqüentemente. No caso do Mario Osorio não, pois ele permaneceu aqui mesmo, por 50 anos, foi um caso único na história da Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, creio que do mundo. Então logo que chegou em Ijuí, em 1952, ele já foi procurar contato com o povo assim como os outros fizeram. Ele, provavelmente, mais do que os outros, procurando sempre sentir as necessidades, as deficiências existentes e tomar providências. Mas a maior obra do Mario Osorio na ação é a criação da FAFI, da FIDENE, da UNIJUI, essa é uma grande obra. Agora ele não fica apenas aí, pois vai se interessar pela cooperativa, apoiar a cooperativa, no caso a Cotrijuí, e depois as demais cooperativas da região, do Estado. Fizemos cursos de direções de Cooperativas em lugares diferentes, de modo a cobrir o Estado todo naquela época.

Mario cria o Ginásio Soares de Barros pela Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, numa perspectiva popular e pela linha franciscana com a opção pelos mais pobres, mas não cria sozinho, nunca sozinho, sempre atuando com um grupo de pessoas que se afinem em determinadas idéias e resolvam arregaçar as mangas e fazer acontecer, não ficar apenas na palavra, no discurso, etc., tornar atos concretos.

Com a criação do Instituto de Menores de Ijuí, chamados menores abandonados, que não têm família, não têm nada, etc. A criação da Escola Normal Rural Assis Brasil, naquela época, hoje Instituto de Educação Assis Brasil para

formar professores primários para zona rural, é uma iniciativa do poder público municipal, mas que tem o apoio dos capuchinhos.

O Mario Osorio era muito dinâmico e então era escolhido para presidir muitas entidades. Não me lembro exatamente, mas chegou um momento no início dos anos 60, que o Mario Osorio era presidente ou diretor de nove Entidades. Era Diretor da FAFI, Diretor do Soares de Barros etc. Um dia examinando isso nas reuniões levou um susto:

- Mas como? Nós não viemos aqui para substituir os leigos.

E daí em diante tratou de fazer os leigos assumirem.

E fazia tudo por amor à camiseta, no voluntariado este espírito de solidariedade dos capuchinhos de certo modo contagiava também os leigos.

Isso acontecia em Ijuí, além do Movimento Comunitário de Base, que é uma coisa muito maior, que foi criado a partir de 1961. Era preciso articular essas forças que estavam esquecidas e ignoradas e fazer emergir para a cidadania, para a economia, o humanismo, trabalho de humanização, emergência humana.

O Movimento Comunitário significa que é um Movimento de idéias e de ação, com base na educação e na pedagogia do pequeno grupo, para criar condições para que as pessoas pensem e se unam. Onde há problemas comuns, sentidos pelas pessoas, que as pessoas que são donas desses problemas, sejam donas também da busca das soluções desses problemas, para se construir uma vida melhor, uma perspectiva de vida melhor para todos. Então se procura incentivar todo e qualquer tipo de associação, daí então vem o associativismo, que é marcante e presente em todo e qualquer tipo de associação. Todas as associações que já existem procura-se torná-las mais dinâmicas, mais ativas e fortalecê-las etc. Onde não existem, que sejam criadas, mas criadas por aqueles que estão vivendo os problemas, as necessidades etc. Isto tudo era feito com o apoio da FAFI - Faculdade de Filosofia, que se torna então um centro de referência geral. A equipe central do Movimento Comunitário era o Departamento de Ciências Sociais - o Centro de Ciências de Estudos e Pesquisas Sociais - no começo, depois mudou para Departamento.

Começou com os moradores de bairro que já haviam participado de um curso. Os moradores preferiram as reuniões em seus próprios bairros e não no centro. Quando surgiu a notícia da primeira reunião num bairro já choveu gente nos procurando no dia seguinte, que também queriam fazer reuniões em seus bairros.

- No nosso bairro nós também queremos uma Associação.

Então sempre no começo nossa presença foi importante nas reuniões. Depois já em 62 nós começamos articular a zona rural, incentivamos a organização dos núcleos de base da zona rural do município de Ijuí, hoje a “grande Ijuí”, porque na época não havia sido feito ainda nenhum desmembramento, e aos poucos foram sendo criados os núcleos até um total de 82 núcleos. Tem a escola a capela e o bolicho, procuramos a escola, o Círculo de Pais e Mestres. Na zona rural, nos Núcleos de Bases discutiam-se todos os problemas, e passaram a enviar as atas das reuniões para a Equipe Central, para tomarem conhecimento do que foi discutido e as decisões que foram tomadas e as providências a serem encaminhadas.

O Movimento Comunitário de Base, nas escolas, nos Grêmios Estudantis, atuava para fortalecê-los e dinamizá-los e isso também ajudava muito o pessoal que participava das reuniões da JEC - Juventude Estudantil Católica - e da JUC - Juventude Universitária Católica - então iam construindo uma base e influenciando e assumindo as lideranças, ou então o Centro Acadêmico dos Estudantes de Nível Superior, que hoje se chama Diretório, com grande atuação, pois acompanhavam todos os trabalhos e participavam de reuniões no interior, das campanhas com os agricultores, com os Sindicatos e com as Escolas primárias, para então estimular as crianças a participar dos Grêmios Infantis, fazendo com que a idéia de Associativismo fosse assumida desde o início da formação escolar. As crianças se entusiasmavam com estes Grêmios e então formavam clubes de leitura, clubes de teatro, clube disso, clube daquilo, dentro do Grêmios e o clube de futebol, de futebol de salão, de vôlei, clube de assistência social para as promoções, clube de enfermagem etc.

Só para exemplificar, os Grêmios Infantis, articulados na Colméia Infantil, criaram um programa de rádio semanal aos domingos, de uma hora de duração, feito e apresentado pelas crianças, e uma vez por mês faziam uma apresentação no cinema local, no importante Cine América que superlotava. Cada grêmios tinha uma professora que o assessorava, e o programa no rádio era apresentado pelas crianças e se tornou o programa mais ouvido de toda a região.

Os bairros, lá de vez em quando, achavam importante promover uma reunião convidando as diretorias de outros bairros, e aí aos poucos eles foram descobrindo que os problemas que o bairro tal tem, nós também temos e outro também tem, então sentem a necessidade de criar um Conselho dos Bairros, de cúpula, de

coordenação, com um representante de cada bairro, fazendo reuniões periódicas para discutir problemas comuns.

Desde o início, cada associação de amigos de bairro e cada núcleo de base da zona rural buscava identificar os problemas mais sentidos pela respectiva população e reivindicar sua solução junto as autoridades.

Depois de amplamente discutidos os problemas, era elaborado um documento objetivo, identificando os problemas por setores (educação, saúde, estradas, ruas, água, energia elétrica, etc.) Expunha-se, também, o ponto de vista da comunidade, definindo a quem cabe resolver tal problema; O que o bairro ou o núcleo pode fazer. O que cabe ao poder público municipal fazer pelo bairro; O que pode ser feito em parceria com o poder público; Se for um problema mais amplo que só o governo do Estado pode resolver etc.

- Ah, mas isto não está previsto no orçamento, não tem verba, etc.,

Então eles aprenderam que para entrar no orçamento do próximo ano, estas reivindicações deveriam chegar ao poder publico até no máximo em setembro. Aí, então, a partir de 64 foi feito o primeiro destes levantamentos, tanto na área urbana quanto na área rural.

Era o embrião, a base de um orçamento participativo, elaborado com responsabilidade, de baixo para cima, e, por fim, encaminhado e discutido com as autoridades competentes.

Análise do TOM VITAL: “Mas a maior obra do Mario Osorio na ação é a criação da FAFI, da FIDENE, da UNIJUI, essa é uma grande obra”.

De acordo com Argemiro Brum⁷³ Mario Osorio sempre trabalhou pensando junto com os grupos, com as equipes, com tarefas definidas, rumos a serem construídos e uma utopia à frente, acompanhado de um sonho. Foi um trabalhador incansável. “Mario foi um homem de idéias, mas foi também um homem de ação, foi o artífice maior, o principal construtor em todos os aspectos, da FAFI/FIDENE/UNIJUÍ e esteve presente em todos os seus desdobramentos”. Foi o fundador e dirigente destas instituições por longo tempo.

⁷³ Palestra proferida por Argemiro Brum por ocasião do lançamento da coleção Mario Osorio Marques pelo INEP (Fitas filmadas em DVD transcritas e transcriadas pela autora).

A sua vida confunde-se com a história da educação da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul em especial com a trajetória da FAFI/FIDENE/UNIJUÍ.

Como já dissemos durante a pesquisa ele foi o centro, o pilar em todas as atividades destas Instituições, e de outras entidades como o “Centro de Estudos Pedagógicos Antonio Balbino”, criado em 1953 e que, com Mario Osorio (Frei Matias) na presidência acabou sendo um dos instrumentos principais no processo de criação e implantação da instituição de ensino superior de Ijuí (FAFI) em 1957.

Mario Osorio durante o ano de 1968 empenhou-se para a constituição e implantação da Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE. Numa atmosfera política nacional adversa, teve que vencer, juntamente com outros, fortes resistências tanto internas como externas. A FIDENE consolidou-se e Mario Osorio foi seu primeiro presidente. O empenho de Mario Osorio em relação a UNIJUÍ foi semelhante ao disponibilizado a FIDENE. Com o início do funcionamento da UNIJUÍ estava delineada a universidade, e todo o seu sistema de criação e funcionamento foi analisado por parte de Mario Osorio Marques na produção da obra “Universidade Emergente – O Ensino Superior Brasileiro em Ijuí (RS) de 1957 a 1983”, e que no ano seguinte, após o Decreto 87.911 e a Resolução 03/83 do CFE, seria a primeira Universidade a ter sua Carta-Consulta de reconhecimento aprovada e a inaugurar a etapa de implantação, de acordo com o novo sistema⁷⁴ adotado no país (MARQUES, 1984).

A UNIJUÍ é uma Instituição mantida de uma Fundação a (FIDENE) isto é, não pertence a ninguém porque pertence a todos e principalmente a esta região. Que não remunera seus cargos eletivos, que não distribui lucros, dividendos, ou quaisquer tipos de bônus. Todo o seu resultado é aplicado nos objetivos que foram definidos por seus instituidores entre os quais se destaca em primeiro lugar Mario Osorio Marques artífice maior dessa instituição (MARQUES, 1984).

O professor Argemiro bastante emocionado no lançamento da coleção Mario Osorio Marques pelo INEP, lança algumas perguntas instigantes ao público:

Será que Ijuí e a região, suas lideranças e sua gente já se deram conta do que significou e continuará a significar a presença atuante de Mario Osorio Marques frei Matias de São Francisco de Paula, entre nós por mais de 50 anos? FAFI/FIDENE/UNIJUÍ e suas mantidas com mais de quinhentos professores hoje, com aproximadamente seiscentos funcionários, milhares de estudantes e milhares de profissionais formados em Ijuí estão

⁷⁴ Documento 272, agosto de 1983. Parecer 360/83: 22-39 (MARQUES, 1984).

espalhados pela região e pelo Brasil. Instituição sempre pioneira atraiu indígenas para os bancos escolares universitários. Abriu as portas e trouxe através de convênios, africanos dos países de língua portuguesa. E Ijuí e a região sabem da importância do Mario também naquilo que vem por acréscimo? Que muitas vezes é a única linguagem que alguns entendem. O que representa economicamente para Ijuí e a região esta Instituição criada por Mario Osorio⁷⁵?

A pertinência e a agudeza dos questionamentos levantados pelo professor Argemiro, são realmente difíceis de dimensionar pela abrangência e perenidade de sua obra e pelo seu projeto institucional contemplando com maior intensidade o social, promovendo o desenvolvimento qualitativo da região, mas podemos afirmar que: A FAFI/FIDENE/UNIJUÍ obra maior de Mario Osorio Marques em termos de ação, representa um dos pilares de sustentação do desenvolvimento regional, tanto no nível da educação, como da economia da região. Ao longo de sua existência Mario Osorio dedicou-se apaixonadamente as suas idéias, ensinando sempre que “na estrutura da semente está a geometria da árvore”. A semente plantada com a criação da FAFI ramificou e seus galhos se estenderam pela FIDENE/UNIJUÍ e conseqüentemente por toda região. Hoje a UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul constitui-se de uma Universidade multicampi, com os campus de Ijuí, Santa Rosa, Panambi, Três Passos e dois Núcleos Universitários, Santo Augusto e Tenente Portela, formando uma comunidade acadêmica em torno de 10.000 alunos. Ministra 40 cursos distribuídos nas modalidades presenciais e em EAD. É uma instituição comunitária e regional inserida na comunidade e contribuindo para o desenvolvimento da região, em diversas frentes tais como: na formação de recursos humanos, investimentos em ciência e tecnologia, e desenvolvendo inúmeros projetos e programas atingindo as mais diversas camadas do estrato social. Presta também serviços de logística e apoio as populações menos favorecidas, aos movimentos sociais, as escolas, aos agricultores, as empresas privadas e as prefeituras da região e a outras entidades que a ela recorrem.

Para o Professor Suimar Bressan na conjuntura institucional FAFI/FIDENE/UNIJUÍ Mario e a instituição são uma síntese.

Não se consegue desvincular a Universidade do Mario e o Mario da Universidade. Por isso tudo podemos considerar o Mario um príncipe

⁷⁵Perguntas lançadas por Argemiro Jacob Brum por ocasião da palestra proferida no lançamento das obras da coleção do INEP-Ijuí-RS.

vitorioso, pois o príncipe tem ousadia sabe para onde quer ir, sabe onde esta o futuro e caminha nesta direção [...] o campo de sua intervenção e referência [era inicialmente a FAFI depois] a Fidene – Unijuí. Fazia outras intervenções, mas a referência maior era a Fidene. Mario era a síntese disso tudo. Dialogava com outros intelectuais, mas ele possuía luz própria e uma capacidade muito grande de ver na frente. Por tudo isso ele foi um príncipe vitorioso⁷⁶.

O professor Telmo Frantz também em sua entrevista reafirma o pensamento do Suimar Bressan ao dizer: “Podemos colocá-lo de certa forma como um príncipe vitorioso. Ocupou os lugares certos nas horas certas, sabia se retirar quando tinha que se retirar”⁷⁷.

Nas entrevistas realizadas, nossos colaboradores deixam transparecer que o Mario Osorio era a hegemonia na Universidade, pois entendia claramente as relações de poder e as tendências da História, que somada a sua capacidade intelectual e de ação, lhe conferiram esta distinção.

O professor Ernildo Stein⁷⁸ em palestra proferida no lançamento da coleção Mario Osorio Marques pelo Inep/MEC, tentando fazer um ranking de educadores brasileiros destaca: Anísio Texeira; Paulo Freire e Mario Osorio Marques. De acordo com Stein, se observarmos a obra do professor Mario Osorio podemos claramente perceber que ele prega a autonomia dos sujeitos, ou seja, que ninguém haja sob o imperativo de um poder de certa forma temido ou sob forma de coação. Podemos dizer que a obra do Professor Mario Osorio é uma obra emancipadora em todos os sentidos, seja através da sua produção intelectual, seja pelas instituições criadas sob a sua responsabilidade, a exemplo disso citamos a criação da FAFI, na elaboração das diretrizes do Movimento Comunitário de Base (MCB), na estruturação da FIDENE/UNIJUÍ. Para o professor Celio da Cunha⁷⁹, Mario Osorio ao pensar a Universidade de Ijuí propõe “um modelo alternativo de instituição universitária, ou seja, o da Universidade Comunitária”.Que na sua visão é um dos melhores caminhos éticos para a formação dos jovens, que buscam no Ensino superior um caminho de melhores oportunidades.

⁷⁶Entrevista concedida a autora em 24 de janeiro de 2007.

⁷⁷Entrevista concedida a autora em 02 de julho de 2007.

⁷⁸ Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC.

⁷⁹ Editor e assessor da Unesco no Brasil. Professor adjunto da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/Unb). Apresentação dos livros que compõe a Coleção Mario Osorio Marques lançada pelo Inep/MEC. Publicada pela Editora Unijuí. Ijuí, 2006.

Confirma-se o que disse Brum. ***“Mas a maior obra do Mario Osorio na ação é a criação da FAFI, da FIDENE, da UNIJUI, essa é uma grande obra”.***

4.2.2 Professor Dinarte Belato

TOM VITAL: *“No fundo, no fundo, eu disse aqui e repito, ele era um homem de imensa capacidade de síntese, e a síntese nele era uma capacidade de apropriação e de recriação”.*

Para falar de Frei Matias/Mario Osorio Marques⁸⁰, é preciso que se façam algumas escolhas, e as escolhas que faço, é o modo como o conheci, a maneira e o tempo que convivi com ele, e o quanto pude aprender dele e, sobretudo, entendendo a forma como ele pensava e as origens do seu pensamento.

Ao considerarmos esse conjunto de elementos, a primeira observação que faço a respeito do Mario Osorio é de que ele era um frade, um religioso, um frade capuchinho e que mesmo depois de sua saída da Ordem dos Frades Capuchinhos, Mario Osorio não mudou suas posições filosóficas e teológicas, nem suas crenças pessoais. Mario Osorio, como religioso, construiu uma trajetória dentro da Igreja, não como um religioso “qualquer”, mas como um religioso que transitou por dentro da Igreja assumindo certas posições muito corajosas, quer no contexto da própria Igreja, quer no contexto geral da sociedade Rio-Grandense e brasileira.

Mario Osorio antes de iniciar sua trajetória religiosa na Ordem dos Frades Capuchinhos estivera um período junto aos padres diocesanos. Segundo ele seguidamente repetia, fora capturado pelo fascínio dos frades intelectuais franceses que naquele momento ainda estavam vivos e mantinham uma inserção muito grande junto aos intelectuais do Rio Grande do Sul. O que se depreende desse contato, é que nesta fase de sua formação, particularmente a Filosófica, a Teológica e a sua trajetória religiosa, estendem-se até a segunda metade da década de 50. Nesta fase de sua vida podemos enquadrá-lo como um intelectual tipicamente escolástico, referenciado na doutrina teológica e social da Igreja.

⁸⁰ Durante a entrevista o Prof. Dinarte Belato da Unijuí vai se referir a Frei Matias/Mario Osorio chamando-o somente de Mario Osorio.

O que podemos perceber do Mario Osorio escolástico é que ele vem dessa tradição, sensibilizado pelas teses de Leão XIII, pelas teses elaboradas do conservadorismo típico das elites brasileiras, passando por estas reformulações mais ou menos à direita, temperadas de um longínquo fascismo, que para o clero jovem, isso representava uma alternativa completamente diferente daquela que nós vemos hoje a “*posteriori*” dentro desse processo.

Esse é o contexto, e isso explica que quando nasce a FAFI em Ijuí, as referências intelectuais do Mario Osorio e dos outros frades, dos seminaristas, dos intelectuais de Ijuí e da região, fossem Gustavo Corção, Alceu de Amoroso Lima e o ícone da referência que merece inclusive o patronato do primeiro diretório acadêmico, Jackson Figueiredo.

Mario Osorio não é, porém, um escolástico “qualquer”, é um escolástico que vem elaborando e estudando a Doutrina da Igreja neste processo contraditório, passando por reformulações contínuas do pós 30 e, sobretudo, nos confrontos do pós-guerra quando tudo isso ocorre no clima da Guerra Fria, e assume a forma clara do Projeto Comunista e do Projeto Anti-Comunista.

O dado importante no Mario Osorio desse período é que apesar de todas essas turbulências, ele mantém-se fiel a uma percepção social aguda, porque na verdade, se Pio IX elide essa dimensão social da Igreja que Leão XIII retoma e a re-situa, e a re-sensibiliza em relação às camadas populares, sejam as camponesas, onde a subordinação fôra “medonha” e onde a Igreja tinha uma responsabilidade fundamental como legitimadora do processo de subordinação, sejam as camadas médias urbanas ou as camadas operárias de trabalhadores urbanos.

O momento importante foi quando de dentro da Igreja nasce uma releitura da realidade social no pós-guerra. Ela na verdade nasce antes, nasce de uma crítica tanto das concepções conservadoras extremadas embasadas em Pio IX, quando da leitura e interpretação majoritária da doutrina de Leão XIII, de doutrina social, ou seja, uma doutrina extremamente limitada, que produziu ou induziu a subordinação das camadas populares tanto à Igreja quanto às elites burguesas agrárias e urbanas.

Neste momento, nasce uma nova sensibilidade, com leituras diferentes, com sujeitos abertos a uma nova percepção social, muito embora as categorias, o olhar, fossem ainda os de Leão XIII.

Mas sobra essa sensibilidade. Embora ela tivesse sido alimentada por esse tipo de concepções, ela se desenvolve, se mantém, e à medida que se complexifica a questão social, “manifesta” pelas transformações sociais, ela se torna mais adulta, e busca categorias novas, e é neste momento que, no meu modo de entender, acontece uma separação, ou um salto qualitativo do Mario Osorio e de muitas outras pessoas, que neste momento histórico se abrem para novas leituras e, sobretudo para a utilização de categorias novas, para análises novas, para metodologia de ações novas, que é na verdade um olhar sociológico e psicológico dos sujeitos sociais.

Quem elabora esse conjunto teórico metodológico é inicialmente um frei dominicano chamado Louis-Joseph Lebret. Ele tinha uma enorme capacidade de juntar gente ao seu redor, provinha de uma família muito rica, de tradição militar, que o levou a ingressar na Marinha. Como oficial da marinha viajou pelo mundo o que lhe proporcionou ter um olhar social completamente diferente do que tivera até então.

Tornou-se crítico de toda a concepção que até então fora o paradigma de leitura do processo social. Lebret assenta, este novo olhar sobre algumas questões que são decisivas. Ele afirma, por exemplo, que os sujeitos sociais não estão nas elites, os sujeitos sociais estão na base.

Os intelectuais que operam a produção das categorias, ou não são capazes de interpretar estes sujeitos, ou não tem como chegar a eles. Diante dessa segunda questão Lebret desenvolve um método de como chegar a estes sujeitos, e isto tinha uma dose de fundamentalismo radical, mas nesse caso ainda é um ato metodológico importante. É um método de análise utilizada por estes sujeitos que podem aprender e produzir o conhecimento de si mesmos, de suas realidades e propor-se a busca de alternativas. Este método consiste na operação da célebre trindade: Ver, Julgar e Agir. Construído e difundido, o método orientou os olhares e a ação de militantes nos últimos 60 anos. Na prática, Lebret torna operacionalizável uma metodologia de análise da conjuntura e de análise da estrutura visando fundamentalmente a mobilização e a ação social das massas, que depois darão origem aos movimentos populares de base ou aos Movimentos Comunitários de Base.

Finalmente, Lebret argumenta que a emergência desses sujeitos populares, nascidos da ação dos militantes católicos não guarda relação, é diferente da emergência do Movimento Operário Comunista, Socialista, mas é também diferente

das concepções católicas liberal-burguesas que vem de Leão XIII. O surgimento de novos sujeitos, nascidos de uma nova organização da sociedade é, para Lebret, um movimento revolucionário que ele chamou de Economia e Humanismo, do qual nasce uma concepção solidária de sociedade.

A Economia Solidária é milenar na espécie humana, mas esta é sua primeira formulação teórica graças a grandeza perceptiva de Lebret sobre economia, e também a da sua equipe, que comportava intelectuais inseridos na reflexão econômica tais como François Perroux que era um grande economista e uma referência europeia de antes e no pós guerra. François Perroux introduziu a idéia dos pólos de crescimento econômico *em* 1949. Na gênese da moderna concepção de economia solidária encontramos o Movimento Cooperativo que no século XIX já possuía as características da Economia Solidária.

O Mario Osorio que emerge influenciado pelas idéias Lebretianas produz uma nova dimensão teológica, social, política e organizativa que se exprime na ação sobre o amplo espectro de sujeitos sociais que, em suas frações e no conjunto vão constituir o Movimento Comunitário de Base que, segundo Mario Osorio, seria capaz de produzir uma revolução pacífica, humanística e cristã.

Esta prática metodológica, Lebret insistia fortemente nisso, só seria viável se fosse capaz de envolver diretamente na ação as pessoas, e o processo de envolvimento das pessoas não poderia prescindir da possibilidade de se criar entidades institucionalizadas, ou que tivessem um mínimo de organização para operar como sujeitos sociais organizados. Não era suficiente pensar no Movimento Comunitário como um todo, mas era preciso pensar a organização das categorias nas unidades constitutivas, dos quais se originam os pequenos grupos, constituídos a partir de interesses, atividades e/ou dificuldades comuns. Evidencia-se neste processo organizacional um plágio de uma forma estratégica da Organização Socialista que é a organização em células, “soviets” que nada mais são do que estruturas de intensa participação de todos os seus membros.

Lebret como sociólogo não se furta de auir de outras fontes, de outras experiências, não cristãs inclusive, para obter um efeito semelhante que é a transformação da sociedade.

O método da ação social elaborado por Lebret opera em cadeia, de baixo para cima, da base (por isso é Movimento Comunitário de Base), cujo componente básico é a participação horizontal de todos.

Paulo Freire, por exemplo, se nutre deste método: “*todos são iguais, todos aprendem de todos, todos tem o que ensinar*”. Isto não é casual. Ele vem do Movimento de Educação de Base – MEB – especialmente do Recife, onde Lebret pessoalmente atuou. Emergiram daí experiências magníficas realizadas a partir destes sujeitos sociais. O Padre Lebret era um grande organizador e ele esteve no Brasil durante vários anos, ajudou criar grupos de Economia e Humanismo em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Montevidéu, Santa Fé do Bogotá Esses movimentos de base vão, depois, criar as condições para o surgimento da Teologia da Libertação.

É bom lembrar que o Padre Lebret juntamente com sua equipe foi quem elaborou as Encíclicas de João XXIII e Paulo VI, eles tinham na verdade acumulado uma experiência, pois eles tinham convivido intensamente com estes dois cardeais, antes de serem Papas, e estes Papas tinham uma visão dos limites do que fora a Doutrina Social da Igreja desdobrada das encíclicas de Leão XIII e que essa doutrina chegara a um limite tal que não era mais capaz de responder a praticamente nada. Mas a experiência desse grupo já mostrara que, na verdade, era uma nova fonte de renovação de *aggiornamento* tanto da Igreja como de suas práticas sociais [...]. Daí porque, a rigor com a ascensão de João XXIII e depois de Paulo VI, esse modelo de prática se incorpora na Doutrina social da Igreja, legitimada nas Encíclicas. Esse é o quadro, e claro, você pode imaginar o quanto estas dimensões fortaleceram em toda a parte os Movimentos Sociais e que produzirá, por exemplo, na América Latina, um importante reposicionamento da Igreja que pode se encontrar na leitura de todo movimento popular de libertação, na Teologia da Libertação, como produção teórica e nas Comunidades Eclesiais de Base, como sua forma organizativa.

Essa é a dimensão, que depois se desdobrará nas experiências radicais muito mais profundas do que anteriormente, a da Economia Solidária, que é na verdade a organização dos pobres para produzirem, para consumirem e venderem os excedentes, para poderem continuar se auto-sustentando. Nós temos aí uma continuidade, mas também uma ruptura, um salto qualitativo.

É esse quadro que precisaria ser depois trabalhado na documentação, nos textos, do professor Argemiro. Ele detalha a experiência do Movimento Comunitário num livro muito interessante e em inúmeros outros textos “esparrramados” em vários órgãos daqui e de outros lugares.

Diante deste contexto, Mario Osorio percebeu que as bases onde atuar organizadamente, os intelectuais, os Movimentos Sociais e suas organizações, deveria ser prioritariamente a Universidade e não só nem necessariamente a Igreja, porque o Movimento deveria envolver todos os sujeitos sociais comprometidos com a transformação, independentemente do credo que esteja professando. Devido a isto há um “descolamento” da tradição católica segundo a qual a prática social católica é “a de/e para católicos”. Poderíamos dizer que surge daí uma consonância cristã, mas não católica. O Movimento Comunitário é, por isso, um Movimento Ecumênico, e em Ijuí não se percebia no Movimento Social um conflito de caráter religioso, de credo, porque não tinha sentido no processo de transformação social fragmentar os sujeitos sociais idênticos, pela diferença de credo, ao contrário, o credo poderia ser um componente de reforço e ao mesmo tempo aparecendo como um elemento diversificado dentro desse processo. Indiscutivelmente, esse Movimento, com essas características, esculpiu a face tanto da FAFI quanto da Universidade.

A Universidade, dentro deste processo social, vai aprendendo com os intelectuais, com os professores, com os alunos, seja afinando um olhar sobre a sociedade e sobre a realidade social, seja definindo práticas e selecionando temas capazes de produzir consciências novas, de criar novas percepções, de desenvolver a capacidade dos sujeitos sociais de organizarem-se no Movimento. Os intelectuais convertem desse modo em militantes sociais. Aqui em Ijuí duas pessoas vão destacar-se como intelectuais militantes sociais: Mario Osorio Marques e Argemiro Brum, animadores/fundadores do Movimento Comunitário de Base.

Mario Osorio não é um sujeito, um intelectual que se atém só à Universidade. Ultrapassa-a. Mas ela tem um lugar estratégico que só ela pode cumprir. A Universidade é o lugar onde estes sujeitos sociais vêm para aprender e ensinar. Não é só um lugar de alunos universitários, é lugar onde o movimento social vai estudar, debater as questões fundamentais. O fato de os movimentos sociais estarem presentes na Universidade foi de certa maneira uma novidade extraordinariamente significativa e a rigor pioneira na experiência brasileira de Universidade. A Universidade brasileira estava aberta para as classes mais “abonadas” da sociedade, não aos sujeitos sociais, camponeses, operários, pobres, gente moradora de bairro, donas de casa, jovens.

Sem querer fazer comparações, mas a capacidade de envolvimento desses sujeitos sociais muitas vezes, completamente marginalizados, é muito parecida com a capacidade hoje infinitamente maior que o Movimento dos Sem-Terra tem de incorporar camponeses pobres, e transformá-los, e pô-los em movimento.

O MCB começa a sofrer um impacto, muito sério em 1964. O regime militar de fato representa um limite muito sério para o processo de expansão, crescimento, consolidação do movimento. O regime militar impôs a lógica do medo, tinha que se esconder documentos, tinha que evitar de implicar sujeitos sociais, sejam da cidade, sejam do campo, porque todo movimento era suspeito, isso implicava em situações muito complexas.

Do ponto de vista da Universidade, que é um espaço importante de apoio destes movimentos, a situação se torna difícil, o Movimento encolhe, encolhe porque não tem mais a liberdade que tinha antes, os sujeitos sociais começam a serem vigiados, ameaçados e isso diminui sua capacidade de ação, e a ação clandestina é sempre muito limitada, não consegue desabrochar, embora ela permaneça, mas o quadro se torna muito difícil. Definitivamente o Movimento e, sobretudo os intelectuais que participavam do Movimento, se recolhem à Universidade.

Em 1968, com o Ato Institucional nº 05, modifica-se o quadro institucional de maneira absolutamente nova, em outras palavras, aí nasce de verdade um Estado totalitário onde a lei, a constituição, já não vigem mais. Então operar num processo de mudanças e organização pela base, nesse quadro, foi praticamente impensável.

Tudo virou meio clandestino, tudo virou muito perigoso, e tudo começou a ser perpassado pelo medo, e obviamente todo mundo se recolhe. A própria Universidade, embora não perca sua característica, sua marca, só opera dentro do seu espaço. Tenta então transferir para prática pedagógica, as práticas sociais, isso era muito claro, evidente, inclusive consciente de nossa parte como uma espécie de revide, era como se quiséssemos proclamar que não “estamos mortos”. Continuamos operando e afirmando o espaço da Universidade como um espaço sagrado de liberdade de pensar. E isso deu notoriedade a Universidade, só aqui se discutia certas coisas, só aqui se lia certas coisas. A Universidade virou um lugar de resistência. Obviamente o Movimento Social foi perdendo vigor. Na década de 70, o Movimento Político Conservador frente à debilidade do Movimento Comunitário, se apropria dele, não havia mais como defendê-lo. Apropria-se dele, do Movimento Comunitário Urbano e o transforma na base política conservadora da Arena e quem

fez isso aqui em Ijuí foi o Emídio Perondi, ele se elege prefeito e de uma forma extremamente hábil, ele captura o Movimento e o reorganiza. Tanto é verdade que o Movimento nunca mais reconquista sua autonomia, passa a ser de fato, cada vez mais uma ferramenta de operação política dos executivos locais. É uma prática de subordinação e não mais de participação, de organização, de reivindicação. O Movimento se torna contrário ao que fôra.

É absolutamente fundamental para o futuro de uma agremiação que os sujeitos mantenham o controle do processo. Mas isso não foi possível porque o assalto ao movimento se deu num momento de sua extrema debilidade, da impossibilidade desse movimento reagir. Ele, na verdade, perde essa capacidade, da mesma forma que o Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais é capturado pelos setores mais conservadores, principalmente porque o governo federal subordina todo movimento sindical de trabalhadores rurais a uma peça operatória das políticas de controle social do regime, através fundamentalmente daquela atitude paternalista, transformando o Sindicato numa instância de prestação de serviço, não mais de um espaço de constituição de sujeitos sociais dentro da sociedade.

Neste espaço é que o Mario Osorio dá uma guinada, porque lhe sobra e a outros sujeitos sociais poucos espaços de ação. Sobra-lhe apenas o espaço educacional que nós tínhamos preservado, como coletivo de professores, como grupo, e é nesse momento que Mario Osorio vira o pesquisador, deixa de ser o sociólogo que fora para ser o educador sociólogo filósofo habermaziano. Ele adota agora Habermans, não mais Lebet, como sua referencia de leitura do processo social e do seu olhar sobre a educação enquanto processo. É a terceira etapa dele, que foi uma etapa extraordinariamente criadora e foi esta etapa em que ele enquanto pesquisador fez a maior produção escrita de sua vida. Antes ele era muito mais um militante social, pouco ou muito menos preocupado com a elaboração teórica. Nesta etapa ele passa a ser o pesquisador, e o objetivo estratégico dele é dar forma institucional ao processo educativo, tanto é que é daí que vai sair o Mestrado em Educação nas Ciências. Então, mais uma vez, Mario Osorio dá amostras daquilo que em todas as etapas o acompanhou, o de ser um criador de idéias e um criador institucional de tais idéias. Mario Osorio nunca está descolado da institucionalidade de sua ação. Mas é como pesquisador que ele vai fechar a trajetória da sua vida.

Nessa trajetória ele foi sempre uma pessoa muito sensível, sensível à emergência de paradigmas múltiplos que se constituíram, por exemplo, de certas leituras freudianas, ou leituras originadas de desdobramentos de novas abordagens filosóficas, ele releu certos aspectos da herança marxista que foi muito interessante dentro dessa trajetória, embora ele nunca tenha sido marxista, mas de Marx soube apanhar alguns de seus aspectos, sobretudo nesta fase dele como pesquisador.

A partir das leituras marxistas, dialéticas ele se apropria aí dessas dimensões. De sorte que, na verdade, se você olha esta trajetória, embora seja sempre muito complicado enquadrar um sujeito social em quadrinhos permanentes ao longo de sua história, nós temos dele um tríplice olhar: o Mario Osorio padre, escolástico; o Mario Osorio sociólogo, militante social e, finalmente, o pesquisador-educador, que eu penso permite entender esta extraordinária figura que é expressa, de um lado, por uma capacidade de síntese social e teórica em cada um dos seus momentos, de outro, uma capacidade de instituir formas de organização social, formas de operação social, que poucos sujeitos tiveram em suas vidas. Ou seja, em Mario Osorio Marques nunca havia uma separação entre a reflexão, a prática e a ação.

Então retornando e enfatizando o tema, Mario Osorio na verdade, sempre, na sua forma de agir, implicava reflexão e institucionalidade. A instituição tanto da reflexão quanto da ação que deveriam confluir em estruturas organizativas e socialmente institucionalizadas.

Sua construção intelectual, sem dúvidas nenhuma, o sujeito teórico que lhe deu as pistas básicas indiscutivelmente foi Habermas. Chego a dizer que ele o leu num diapasão franciscano-capuchinho. Isto porque Mario Osorio fazia da sua herança religiosa capuchinha interpretações que se modificavam em cada uma das suas etapas da vida, sem nunca negá-las. Na segunda etapa, quando ele é um militante social, sociólogo e intervém na organização social, ele pensa São Francisco numa relação dialógica através da expressão **COR AD COR LOQUITOR** “**o coração fala ao coração**” que é o princípio da igualdade e, a rigor, fala da dialogicidade. Você na verdade só pode dialogar quando você se coloca em pé de igualdade, senão tu fazes discurso vertical. Então essa dimensão, ela se transforma e se reforça, toma nova dimensão sob o influxo do pensamento de Habermans. É por isso que as coisas não são assim tão desconectadas como quando a gente costuma fazer três momentos separados, e na verdade, sob muitos aspectos, Mario Osorio foi também um conservador, ele não admitia certas posições, ou não

ultrapassava na crítica certas posturas em relação a determinadas crenças, que pudessem abalar suas crenças católicas. Ele não era capaz e não queria, por força dessa herança, ir além. Mario Osorio continua um cara religioso sempre, o que lhe dá algumas vantagens, mas ao mesmo tempo lhe impõe limites nas leituras e no avanço teórico, e é isso que explica o porque ele nunca abraçou realmente o marxismo.

As pessoas cometiam injustiça, quem não o conhecia bem, chamando-o de comunista, o que ele nunca foi. Ele na verdade, não fazia proclamar por aí, mas quem o conhecia sabia bem por onde ele andava. Mas ele tinha também uma capacidade muito interessante, ele era capaz de conversar com a divergência, e isso lhe permitia aprender muito, sem necessariamente abdicar de suas posições, mas lhe permitia transitar nos diversos espaços da inteligência humana. Eu tenho certeza, por exemplo, que fui eu quem ensinou ao Mario Osorio, Marx, Derrida, Foucault, porque nós nos tratávamos muito bem, nos entendíamos muito bem. Outro pensador e sociólogo, cuja leitura marcou Mario Osorio e dele aprendeu muito, foi Pierre Bourdieu, que nós introduzimos aqui na Universidade; também introduzimos os epistemológicos, toda a discussão epistemológica moderna e contemporânea. O Mario Osorio tinha uma tremenda capacidade de compreender o que havia de interessante nestas emergências no momento que lhe chegavam. No fundo, no fundo, eu disse aqui e repito, ele era um homem de imensa capacidade de síntese, e a síntese nele era uma capacidade de apropriação e de recriação.

Análise do TOM VITAL: “No fundo, no fundo, eu disse aqui e repito, ele era um homem de imensa capacidade de síntese, e a síntese nele era uma capacidade de apropriação e de recriação”.

O processo criativo do ser humano requer algumas habilidades das quais destaco três: análise, síntese e mapeamento. Essas habilidades devem ser usadas interativamente entre si e com as demais.

A habilidade de análise requer a capacidade de avaliar e pensar de maneira crítica de modo que resulte num “raciocínio convergente”, onde as idéias, opiniões e possíveis soluções possam ser ponderadas durante o processo de avaliação de modo a serem aproveitadas e reaproveitadas nas ações presentes e em futuras

atividades. Na habilidade de análise o indivíduo faz uso daquilo que podemos denominar de “pensamento crítico”.

O processo de análise não ocorre de maneira isolada, mas sim através da interação com os demais componentes do processo criativo humano já citados anteriormente. Essa interação não ocorre de maneira ordenada, tendo em vista que o ato de criação e recriação envolve tanto o refinamento das idéias como o inverso, isto é, ocultação de detalhes. Além disso, não podemos desconsiderar que existe o mapeamento que compreende desde os conceitos e idéias relacionadas a outros que não tem qualquer tipo de relacionamento ou envolvimento. Isso tudo quer dizer que o momento criativo é um processo dinâmico fruto da compilação de idéias e a combinação das três habilidades que destacamos como fatores importantes no processo criativo humano.

No que diz respeito a síntese como um segundo componente do processo criativo é a habilidade que possui o indivíduo de conceber novas idéias ou produtos resultantes de um conjunto de idéias já existentes, sejam elas relacionadas ou não. Mario Osorio como um indivíduo criativo tinha a habilidade de enxergar, de perceber o que talvez os demais não viam. Mario Osorio possuía uma grande habilidade de descobrir coisas novas, fazendo as conexões de idéias que aparentemente não estavam relacionadas.

Muitas vezes o Mario Osorio trabalhava na linha do raciocínio divergente, mas com um modo de pensar aberto e de dimensão ilimitada, com espontaneidade, capacidade imaginativa e uma grande capacidade de assimilar conceitos e idéias, modificando, adaptando, criando e aperfeiçoando a partir de idéias já existentes, não observadas ou descobertas por outros trabalhando sempre com várias possibilidades no sentido de também escutar o outro.

Em entrevista a autora, disse Bouffleuer:

Essa [característica] no meu entender [é] uma noção que combina com todas as incorporações que o Mario Osorio vai fazendo ao longo de sua vida. Alteridade como o sentido do outro, a percepção do outro. Trata-se da capacidade de se colocar na escuta do outro, de repensar-se a partir do outro, pela incorporação do seu ponto de vista. E isso me fez chegar a uma elaboração, com a qual fico brincando, de entender o Mario Osorio como um “exímio ladrão”. Ladrão no sentido de sempre ter sido capaz de pegar do outro aquilo que ele considerava importante, com o que ele se enriquecia. A partir da escuta do outro ele fazia uma nova elaboração, o que evitava o solipsismo, prevenindo-o contra ele, ou seja, contra o que seria o empobrecimento em sua própria perspectiva. Então, “ladrão” tem um sentido absolutamente positivo que vai fazer com que o Mario Osorio continue a ser um sujeito criativo e inovador até o fim de seus dias. Afinal,

ele tinha essa capacidade de dialogar com o outro, de escutá-lo, para que, ao voltar para o seu escritório, pudesse incrementar a sua reflexão e o seu escrito com essa percepção que alguém outro lhe proporcionava⁸¹.

Para o professor Telmo Frantz essa era uma virtude que ele tinha.

Eu acho que o Mario sempre esteve muito mais interessado no resultado do processo do que no processo em si. De dizer: Bom isso é uma idéia do outro e tal [...] ele tentava trabalhar para que a coisa desembocasse em algo efetivo. Nem que para isso tivesse que passar uma noite em casa dormindo e no outro dia pegar a idéia de seu adversário e rerepresentá-la como se fosse dele. E como ele tinha uma posição de força e de poder institucional muito grande, muito forte, a pessoa que tinha dado a idéia original, normalmente se sentia extremamente valorizada⁸².

Trata-se da capacidade que possuía Mario Osorio, de usar da sua habilidade de recriação no momento de concepção e síntese de uma nova idéia ou produto, ou seja, o resultado do processo era mais importante que o próprio processo.

Em Mario Osorio também se fazia presente à terceira habilidade do processo criativo humano que é a habilidade de mapeamento. Trata-se da capacidade de usar abstrações e conceitos teóricos e conseguir mapeá-los transformando-os em idéias concretas ou em algo prático. Isso tudo fez dele **“um homem de imensa capacidade de síntese, e a síntese nele era uma capacidade de apropriação e de recriação”**. Essa característica do Mario Osorio gerou talvez algumas incompreensões.

A explicação para essas incompreensões encontramos na entrevista que realizamos com o Professor José Pedro Boufleuer. Para ele:

[...] Todo e qualquer pensamento, por mais inovador que a gente possa entendê-lo, é fruto das circunstâncias e das idéias que estão circulando no momento. Então, toda a produção teórica tem esse sentido de “roubo” quando alguém assume a tarefa de sistematizar o que está sendo dito, o que de alguma forma está “no ar”⁸³.

Para Boufleuer o Mario Osorio tinha muito claro que a cultura humana tem essa dimensão coletiva. Neste sentido **“a síntese nele era uma capacidade de apropriação e de recriação”** (grifo nosso).

⁸¹ Entrevista concedida a autora em 02 de fevereiro de 2007.

⁸² Entrevista concedida a autora em 02 de julho de 2007.

⁸³ Entrevista concedida a autora em 22 de julho de 2007.

4.2.3 Professora Eronita Silva Barcelos

TOM VITAL: *“Mario era um estudioso, inquieto. Não se contentava com que sabia. Sabia, mas não bastava. Esses fundamentos lhe diziam que as verdades não são prontas, são provisórias, precisa-se buscar ir ao encontro de outras idéias”.*

Meu nome é Eronita Barcelos, eu conheci o Mario, como aluna do magistério lá em Cruz Alta, mas já ouvia falar nele desde 1957. Os capuchinhos faziam um trabalho de inserção na comunidade, e hoje analisando o trabalho que eles faziam, pois participei de muitos deles como aluna normalista, vejo que era sempre um trabalho pedagógico, um trabalho educativo, um trabalho para as pessoas descobrirem-se num espaço, tomarem consciência que tinham um papel a cumprir, e perceberem que eram capazes das muitas possibilidades que tinham. E foi através desses contatos, durante esses trabalhos, e também dos professores do magistério (que ao iniciar em 1957 os cursos de Pedagogia e Filosofia), participaram desses cursos para se aperfeiçoarem e nos levavam juntas. Então a gente percebeu como esses professores se tornaram diferentes e mais capacitados e isto nos incentivou. Também fui incentivada por essas duas situações: uma por ter a oportunidade de participar das “missões pedagógicas” enquanto aluna normalista, e a outra, porque tínhamos professores que eram alunos aqui de Ijuí e que levavam para nós o entusiasmo de estarem freqüentando uma faculdade, um curso superior, e um curso superior que realmente os valorizava como professores, como sujeitos que já estavam no exercício pedagógico. E sabe-se que aí tem toda, digamos assim, a orientação do Mario, a forma de ser do Mario, pois ele foi o mentor dessa Instituição. Ele não fez sozinho, mas ele teve sempre um lugar muito importante. E se verificarmos alguns livros dele, veremos expressões muito fortes quando ele fala sobre a importância da educação, por exemplo, e da importância dos homens educarem-se a si mesmos, de quanto é importante que os homens ouçam uns aos outros. Quando ele estava no Movimento Comunitário de Base, o que ele estava fazendo? Estava lá ouvindo os pequenos agricultores, estava ouvindo as pessoas da periferia, ele estava ouvindo. E, claro, nessa audição, porque ouvir é também uma forma de fazer interlocução, ele também dizia, e aí as idéias dos outros eram sempre

fecundadas pela sua inteligência, que devolvia essas idéias num patamar de confiança, de esperança. Então as pessoas se colocavam:

- Opa! Eu também posso, eu também tenho idéias...

E quem faz isso? É o educador, é o pedagogo comprometido. Foi assim que eu sempre vi o Mario: testemunho de como se faz educação.

O Mario, enquanto esteve aqui entre nós, ele era extremamente respeitado. Ele era ouvido por todas aquelas pessoas que tinham um objetivo comum no sentido de buscar uma sociedade mais justa, de um lugar para todos, que acreditavam que todas as pessoas são capazes de tornarem-se cada vez melhores. Então, digamos assim, todas as pessoas que viam a vida com seriedade, no sentido da vida acadêmica, no sentido da intelectualidade, tinham no Mario um líder. Nós podemos ainda observar uma das últimas obras dele que está aí, que marca bastante a nossa Universidade, que é o nosso curso de Mestrado. Eu acompanhei esse processo, primeiro porque participei de uma comissão que pensava no Mestrado na Educação na qual ele era a pessoa que coordenava. Ele nos ouvia muito, aproveitava todas as idéias que nós levávamos, todas as nossas perguntas eram motivos para ele pesquisar, saber como realmente podia fazer. Então, até o ato de criação e de implantação do Mestrado em Educação e do Mestrado em Matemática, que também acompanhei, o Mario estava lá, e continuou até o final, e foi exatamente pensando nesse Mestrado que ele produziu aquele livro: “Escrever é Preciso”, animando as pessoas a produzirem os seus trabalhos, descobrirem que é escrevendo que se pensa. Ele tinha uma liderança intelectual. E na comunidade, o Mario nos últimos tempos, não era tão envolvido como no início de sua chegada à Ijuí, em que ele visitava as pessoas, que participava de grupos e de inúmeras reuniões, mas continuava tendo um reconhecimento como um líder, extremamente respeitado, sempre convidado para muitas atividades e tudo o que escrevia era motivo de leitura pela comunidade.

O Mario sempre foi ouvido também por líderes comunitários, que o visitavam e sempre procuravam ainda dialogar com ele sobre velhas idéias, mas sempre buscando trazê-las a um novo tempo, a um novo patamar, e nisso o Mario era excelente, por ser uma pessoa que estava sempre à frente. Ele tinha condições de não desvalorizar aquilo que poderia parecer já meio arcaico, mas também demonstrar o quanto é possível fazer de avanço. Mario continuava sendo uma pessoa muito respeitada embora sem aquela presença física intensa, e sem aquela

inserção que ele tinha já no início da sua presença aqui na região. Ele já não viajava muito, mas era sempre convidado para palestras, e quando ele era o palestrante aqui dentro da Universidade a gente sempre observava a presença de muitas pessoas, principalmente da área de educação, que vinham ouvir o Mario. Até o final de sua vida ele foi essa pessoa com quem valia a pena dialogar, ouvir, conversar.

O Mario Osorio era um homem que lia muito. Ele leu muitos livros, muitos autores, com certeza leu Paulo Freire, mas quando Mario Osorio leu Paulo Freire, já tinha a sua linha de pensamento. Mario foi muito mais influenciado pelos pensadores frades capuchinhos franceses (como Lebret, Maritain, Monier), do que por Paulo Freire. Mas eles têm alguma coisa em comum, por exemplo, como algo que vem da própria filosofia franciscana, a educação popular que foi fomentada desde o momento em que os frades capuchinhos chegaram à Ijuí.

Quem conhece a história de São Francisco de Assis sabe disso, e desde o momento que Mario chegou aqui na região de Ijuí em 1952 e com ele tantos outros que na década de 50 foram chegando, a questão da educação popular foi algo que fez parte do papel social desses atores sociais, os frades capuchinhos. Eles estavam sempre ocupados com as pessoas, que não eram incluídas num processo social mais amplo e usufruindo e influenciando nele. Sempre houve esta preocupação. Foi quando fundaram aqui o Instituto Antonio Balbino. Este Instituto Antonio Balbino foi o primeiro sintoma de que nós poderíamos ter aqui algo diferente, como depois se comprovou vindo o ensino superior, através do Instituto aliado ao trabalho dos professores, principalmente da área de Letras e Literatura. Estes já estavam organizados na discussão do ensino secundário que faziam aqui em Ijuí. Eles passaram a fazer esse trabalho de educação popular, e já havia certa linha, uma aprendizagem. Mario é muito mais da linha da filosofia franciscana, dos autores franceses que eram os padres, que foram os educadores nos seminários, mas não dá para dizer que Mario e Paulo Freire não têm algumas questões em comum. Paulo Freire tinha uma visão sócio-cultural e o foco estava exatamente nessa questão, se preocupou mais com a educação no sentido da alfabetização, a educação e a valorização da cultura das pessoas como parte da validação de seu saber. Mario Osorio já se preocupava, não só com as pessoas no sentido da educação popular, mas ele se preocupou com a educação como um processo humano que deve atingir a todos e que está aí para fazer com que os homens se

entendam, que os homens dialoguem e que percebam que da presença de uns pode depender a presença dos outros, quer dizer é o mundo.

Mas existem, creio que muitas semelhanças entre eles, mas não que Mario tenha se baseado prioritariamente em Paulo Freire. Mario tinha seu pensamento próprio, que veio construindo há mais tempo, embora se tenha dito que foi na maturidade que nós pudemos ver explicitado seu pensamento. Mario dialogava com a filosofia, com a sociologia, com a antropologia, isso se percebe na leitura dos livros dele, e se, preciso, ele ia para física quântica pesquisar. Foi um homem que procurou dialogar com muitos intelectuais, das diversas épocas da sua vida, mas manteve a sua independência de pensamento, quer dizer, ele buscava porque queria esclarecer melhor aquilo que estava pensando, veja, por exemplo, a inserção que fez na obra de Habermas, para melhor entender exatamente aquilo que há muito tempo já vinha acreditando, que é no poder da linguagem, da comunicação para a explicitação das idéias. É no diálogo entre as pessoas (nas condições ideais de fala) que elas se constroem (bom, e aí também, Paulo Freire e ele convergem) é no diálogo que vamos construindo as condições de aprendizagem, as condições de construção da própria auto imagem, da identidade. Quando Mario entra na obra de Habermas, ele busca mais elementos para entender melhor que pedagogia é essa que o professor precisa construir e entender no seu processo de educação. Mario se preocupou com a educação em todas as idades. Paulo Freire é um educador internacional, de reconhecimento internacional. Entendo que Paulo Freire é um grande educador brasileiro que fez um bem para a humanidade incrível também, bastante preocupado em mostrar que esses grupos excluídos, que principalmente os jovens e os adultos eram capazes de aprender, que não era só estando na escola naquele período que a gente considera o período normal regular, que eles saberiam. Claro que Paulo Freire tem tantas outras idéias. Se tomarmos livros dele como Educação e Comunicação, vemos semelhanças, na questão da pedagogia da ação comunicativa. Se tomarmos Prática da Liberdade, o próprio clássico de Paulo Freire, "Pedagogia do Oprimido", também encontramos pontos de convergência.

Penso que são dois educadores importantes, Paulo Freire e Mario Osorio, mas na minha opinião, Mario Osorio tem uma obra intelectual elaborada de uma forma dialogada com outras obras de outros tantos pensadores, nas quais buscou fundamentação, como ele sempre dizia: "existem nos outros o conhecimento, vamos buscar esses outros", não só os outros sujeitos, mas os outros elementos que esses

sujeitos apresentavam para discutir a mesma temática. Ele deixou uma obra fantástica, uma história profunda, aliás, para muitos, com dificuldade de entendimento em determinados momentos, exatamente porque pra ler um livro do Mario, muitas vezes se precisa ter tantos outros ao lado (Mario tem esse mérito).

Eu sei que Mario Osorio era muito articulado com pesquisadores do Brasil inteiro e alguns fora do Brasil. Comprova-se pela lista de endereços, como já disse, era grande e ele se comunicava bastante com esses pesquisadores. Eu, ao ler, em muitas ocasiões, livros vindos de outros lugares, tratando de temas que o Mario também tratava, ficava indignada pelo fato de o Mario não estar citado como um bom autor que era. Às vezes imagino que ele não tenha a penetração na comunidade educativa que a gente gostaria que tivesse. No entanto, conversando com o colega Amir Limana, que agora está no INEP, no dia do lançamento da Coleção Mario Osorio Marques aqui em nossa universidade, ele disse ter ficado impressionado de como o Mario é conhecido, de como as obras dele são conhecidas no Brasil.

Penso que por termos ex-alunos da graduação ao mestrado e da pós-graduação (especialização) espalhados por esse Brasil a fora, (pode-se dizer que não é só no Rio Grande do Sul, que é no Brasil e até no exterior), é possível acreditar que, pela formação dessas pessoas recebida na Unijuí, cuja proposta tem referências no pensamento de Mario, a repercussão, ou a presença dele, através das suas obras é uma presença marcante. Quando eu falo em obras eu falo também na UNIJUÍ. Sabemos que, hoje, se alguém chegar em qualquer Universidade, em qualquer instituição para trabalhar, buscar uma oportunidade, ou seja, instituições de cujas áreas nós também temos cursos de formação e disser que se formou na UNIJUÍ é bem recebido. Ser oriundo da UNIJUÍ já é uma referência importante.

Mario Osorio se relacionou e conviveu bastante com educadores, sociólogos da América Latina, também. Para o Fórum Social Mundial Mario era um dos convidados a fazer palestras. O Fórum Social Mundial era organizado pelo nosso Estado, mas existe uma equipe internacional que colabora na programação. Então acredito que Mario tem presença, por mais que ela não seja explicitada como desejaríamos. Através das idéias, da obra, daquilo que ele implantou, daquilo que ele plantou como semente de um ser humano, de uma pedagogia de vida e uma pedagogia de educação, sua obra está sim presente em muitos lugares. Ele

escreveu muitos artigos em revistas nacionais, escreveu muitos capítulos de livros, antes mesmo de ele produzir a sua obra.

Ele não só quis que se lesse a obra dele, mas ao ler a sua obra nos coloca em contato com tantos outros pesquisadores, educadores, intelectuais que foram importantes a ele. E que como era próprio do Mario, caberia também a tantos outros terem esse acesso.

Mario há muito tempo já dialogava com variados autores. Eu tinha uma admiração muito grande por ele e ficava perplexa de como conseguia descobrir obras aqui, ali, acolá? Mas tinha também um estilo de leitura que era aquela leitura interpretativa, reflexiva mesmo. Quando buscava o autor, buscava já por alguma razão. Muitas vezes caía nas mãos dele um livro que ele não imaginava que caísse, mas era sempre lido. Eu aprendi com ele que o primeiro ato de alguém que vai ler é exatamente procurar entender com quem esse autor dialogou para fazer essa escrita que está nos oferecendo. As referências bibliográficas, que o autor lançava mão, eram, de imediato, buscadas pelo Mario e se ali encontrava algum autor que ainda não conhecia, não tinha lido nada, ele procurava saber algo, ver se valia a pena e ia atrás, buscava. A capacidade de leitura dele era incrível, ele lia com muita rapidez! Eu diria: O Mario de fato era um homem que sabia ler; não só podia ler, mas sabia ler. E tinha uma memória fantástica, porque ao ler fazia relações com aquilo que já sabia, com idéias que tinha. Se precisasse tornar mais claro o que determinado autor afirmava ele lembrava: bom é tal livro e eu marquei em tal parte. Não gostava de riscar os livros, mas marcava, com lápis, sinalzinhos, na idéia que precisava ainda ser melhor interpretada, colocada ao lado daquilo que ele estava pesquisando, idéia que precisava realmente ser examinada refletida. Evidente que não ficava só neste texto do autor, porque ele nunca foi de fragmentar, ele sempre teve uma visão muito integrada de tudo o que lia, mas havia uma idéia núcleo, uma idéia que estruturava tudo o que estava fazendo.

Lia, dialogava com os autores, com muita independência de pensamento, coisa que não é fácil. Ele fazia sua busca, que, com certeza lhe ajudava a pensar e a fazer suas escolhas também.

Eu me recordo que assim como ele fazia as escolhas dos autores, fazia também as escolhas dos sujeitos que escreviam os livros, que ainda estavam vivos para dialogar com essas pessoas. Possuía uma vasta lista de endereços, quando foi

possível construiu a lista eletrônica, mas quando não havia essa possibilidade, ele contatava por telefone. Por exemplo, sobre professor Dr. Ernildo Stein, ele dizia:

- Este é meu irmão intelectual.

Conheceu o professor Ernildo desde que este era muito jovem. Mario gostava demais de conversar com Dr. Ernildo, filósofo, ousado e irreverente, também inquieto. Isso era importante, assim como gostava de conversar com Gaudêncio Frigotto (que foi nosso aluno e inclusive seminarista).

la construindo suas identificações ao conversar com as pessoas sobre vários temas. Pessoas aqui de nossa Universidade eram buscadas para o diálogo como Paulo Schneider, Dinarte Belato (Dino), e outros tantos, que entendia serem pessoas com quem poderia sentir-se à vontade para discutir e dizer o que tinha vontade de expressar e encontrar reciprocidade de interesses. Estava sempre disposto a conversar, precisava disso, Mario vivia aquilo que escrevia - a interlocução de saber, a interlocução com os sujeitos. Não só escreveu sobre isso, como viveu, testemunhou. Eu sempre digo para minhas alunas: o que Mario escreveu ele realmente acreditava, vivenciava, estava encarnado nele.

Mario era um estudioso, inquieto. Não se contentava com que sabia. Sabia, mas não bastava. Esses fundamentos lhe diziam que as verdades não são prontas, são provisórias, precisa-se buscar, ir ao encontro de outras idéias.

Por isso que definiu que quem trabalha com a educação, que vai para uma sala de aula precisa saber que está lidando com uma comunidade de idéias, que as pessoas têm saber, elas vão buscando vão construindo e, portanto, é preciso respeitar sua independência de pensamento, mas ter sua posição.

Afinal em que eu acredito?

Como é que eu oriento os meus estudos?

Oriento a minha vida?

Oriento a minha forma de ser e de agir?

Como sou através do que penso e que venho fundamentando e construindo entendimentos?

Recordo-me quando ele passou a estudar Habermas, que discute a questão da construção do melhor entendimento, da ação comunicativa, me contava, conversava comigo sobre o que ele estava lendo, muito entusiasmado, porque havia encontrado nos livros, desse autor a possibilidade de entender melhor o que pensava, esclarecer aquelas áreas escuras do entendimento do seu pensamento

sobre algo. Sempre havia algo mais para saber. Ao acabar de escrever um texto ou um livro, já estava com outro delineado:

- “Bem eu preciso agora pesquisar sobre tal tema”. Na verdade, Mario ficou até o final da vida assim, tinha sonhos de escrever muitos livros ainda, tinha muitos objetos de pesquisa que lhe inquietavam, que lhe incomodavam, que precisava buscar e que infelizmente ele não pode concretizar. Mas uma das últimas obras que escreveu foi a obra sobre Francisco de Assis e a Educação Popular.

Como ele dedicou um bom tempo às questões ligadas à educação, no sentido mais escolar, na sua maturidade intelectual, me parece que no final sentiu a necessidade de retomar a questão da educação popular e deixar de forma mais explícita, de forma mais esclarecida o que pensava sobre ela no contexto da filosofia franciscana, para que outros pudessem acessar. Esse é um dos últimos livros que escreveu e não conseguiu ver publicado. Mas nós o publicamos, após sua morte. Na Coleção do INEP ele consta no tomo que trata sobre “Os Caminhos na Formação do Educador”. Incluímos aí porque sabemos que ele jamais abandonou as suas raízes intelectuais, ia seguido, de novo beber nessa fonte. Mas quando voltava a ela, voltava com a visão ampliada e, por isso, encontrava outros entendimentos, ou construía novos entendimentos. Isto era admirável no Mario.

Pode-se dizer que se revolucionário significa um ser inconformado com o *status quo*, ou um ser que busca a transformação, que acredita que nada está pronto, que fica indignado com aquilo que não lhe satisfaz, Mario foi um revolucionário sim. Foi um revolucionário principalmente nas idéias, revolucionário da convivência entre as pessoas, um intelectual muito inquieto. Recorrentemente comentamos que Mario era um homem que estava à frente de seu tempo e entendia muito bem as relações de poder. Se isso era ser revolucionário, Mario o foi, pois não se conformou com a injustiça com a omissão e, principalmente, com a arrogância, com a prepotência, se indignou frente a isso.

Mas um revolucionário que trabalhava todas essas questões de uma maneira muito delicada, de uma maneira a não destruir o outro. Queria destruir era a situação, não os outros. Desejava trazer aos outros a compreensão que determinada situação era inadequada. Nesse sentido ele foi um revolucionário, um transformador, um homem que estava sempre pensando adiante. Não um revolucionário que achava poder conseguir as coisas pela força, pela sua autoridade. Essa é outra das concepções que ele afinava muito com Habermas e com vários outros filósofos:

precisa vencer não o argumento da autoridade, mas a autoridade do argumento, esclarecido, bem posto, examinado, sempre contextualizado. Revolucionário no sentido de entender o contexto, saber quais são as variáveis do mesmo que precisam ser “atacadas” no bom sentido, para um novo arranjo, uma nova forma de avanço e de estar no mundo.

Penso que Mario era a contestação personificada na sua forma de não se conformar com determinadas questões, mas nunca se colocou ou quis ser mártir. Não se colocou em lugar de herói, não era essa a sua proposição. Mas no momento da Ditadura foi muito visado, vigiado. Não só ele, mas aquilo que representava a sua presença o seu espírito. Mario sabia e entendia do contexto e dos rumos para onde vai a história, examinava as variáveis todas, sabia fazer uma leitura muito pertinente da conjuntura do momento, e tinha suas estratégias. Continuou seu trabalho com o Movimento Comunitário de Base, expondo suas idéias publicamente. Não foi, por exemplo, para o rádio contestar, brigar. Falavam contra ele, mas não revidou no “bate-boca”.

Continuou acreditando nas suas idéias nas conseqüências de um trabalho feito na organização com outros, no trabalho coletivo, trabalho das pessoas organizadas. A sociedade precisava ter grupos organizados e ele apostou na seriedade dos Movimentos Sociais e não deixou de trabalhar com eles. Evidente que nessa época a dinamicidade desse trabalho sofreu um pouco, mas as reuniões continuaram, realizadas de forma aberta, pública. E as pessoas continuaram os diálogos, porque na época desse regime de exceção, o que era proibido eram grandes concentrações. Tudo bem, mas não é só assim que se pode trabalhar, que se pode estar inserido na comunidade, nos grupos. Essa inserção ocorreu, com boas influências na vida das pessoas.

Outra questão importante é que quando Mario expressava uma idéia e encontrava outras pessoas que faziam adesão a essa idéia, que entendiam que era pertinente determinada ação, por exemplo, criar uma instituição, partir para uma nova atitude de vida, ele se colocava como alguém que ia trabalhar para que aquele grupo andasse com as suas próprias pernas, que aquele grupo depois tivesse as competências e as condições de andar sem a necessidade de alguém para dizer o que tinha que ser feito. Provavelmente, se você entrevistou Argemiro, ele deve ter falado com adequação sobre a metodologia de trabalho adotada no Movimento Comunitário de Base, que foi de discutir juntos, tomar decisões juntos,

implementarem as ações juntos, avaliar de forma coletiva. Havia líderes que estabeleciam os diálogos com quem necessitavam de um reforço, de um melhor entendimento, para não perder o entusiasmo, para descobrir com que estratégia poder-se-ia fazer isso ou aquilo. Não se estava fazendo nada de errado. Quem estava fazendo leituras equivocadas sobre o que estava acontecendo não eram as pessoas que atuavam nesse trabalho, mas exatamente os que pretendiam um governo de controle. O que se fazia era construir cidadania, e isso tem todo o respaldo da sociedade, respaldo dos sujeitos esclarecidos, conscientes. Esse foi o trabalho que o Movimento Comunitário de Base fez.

Mario era um homem que tinha a sua independência de pensamento, e foi sim um político extraordinário. Penso que tinha uma sensibilidade política fenomenal, falando agora no político homem, no ser político, educador, militante social, intelectual. Era uma pessoa com grande poder de articulação quando havia algo do universo de interesse coletivo, principalmente, Institucional (da universidade) e demonstrava habilidade nesse fazer. Mas nos últimos anos o seu maior interesse foi canalizar todas essas potencialidades para produção intelectual e para a educação na Universidade, integrada com a educação básica. Sempre dizia:

- Nós não teremos uma educação de ensino superior qualificada, comprometida e que realmente seja pertinente à época se nós nos descolarmos da escola de educação básica.

Teve essa visão desde sempre, e uma visão muito coerente com as apostas que fazia na educação. Não tenho conhecimento sobre política partidária do Mario.

Ele foi o nosso guru e acho que continua a ser. Para quem realmente o admirou e acreditou, hoje entende que a sua formação tem muito a ver com a presença e a obra dele. Ele foi um grande amigo. Ele sabia ser amigo de quem era amigo também e buscava essa reciprocidade. Costumo dizer que quando se assume uma função como a Reitoria, fica-se numa solidão intelectual, numa solidão de diálogo intelectual. No entanto enquanto Mario esteve vivo eu nunca senti o que era isso, porque diariamente (por isso eu digo que Mario foi um amigo) ele se preocupava com a Universidade (eu sei como era preocupado com essa Instituição) e com quem tinha ousado aceitar participar da condução da construção dessa Universidade Ele sempre se sentiu responsável. Eu acho que, nesse sentido se pode lembrar o pequeno príncipe, de Sant Exuperry: “Você será eternamente responsável por aqueles que cativas”.

O Mario se não pudesse conversar pessoalmente comigo, usava o telefone para saber como “estavam as coisas” da Universidade, da Reitoria, como eu estava, me contava novidades, contava sobre suas pesquisas. Muitas vezes vinha até a Reitoria com uma sacolinha de livros, ou na mão um artigo, uma revista:

- “Pra ti”, já deixei para teus colegas nas salas deles”.

Eu já sabia que ali tinha algum recado dado com muita delicadeza, de uma forma muito construtiva. Dizia:

- Eronita tu precisa ler isso agora.

E eu lia, embora o tempo fosse escasso, porque devia ser importante ler. Além disso, Mario se preocupava com as “gentes”, foi amigo de muitos e teve (tem) muitos amigos. Era uma pessoa que ao encontrar no outro uma reciprocidade ali estava uma pessoa amiga. Com ele se podia falar sobre qualquer assunto: da vida particular, da vida privada, da vida acadêmica, das questões que iam pela sociedade, que iam pelo mundo. Com os amigos ele sentia necessidade de compartilhar uma boa idéia. Penso que jamais ficou com as boas idéias só para si, não fez “reserva de mercado”, reserva de espaço ou reserva de idéias. Idéias são para compartilhar e se estava precisando de uma, saía a conversar.

Mario casou, teve filhos, e quando se têm filhos entendemos o quanto dialogar sobre eles é importante para nós, seja porque se está feliz, seja porque eles são a nossa alegria. A gente vê neles a realização de muitas questões que nós não realizamos, ou seja, quando nós sentimos que não é bem isso que se gostaria que fosse, quando se sente que eles estão complicados, quando estão tristes. Mario dialogava sobre essas questões, na tentativa de ser o melhor pai.

Quem ler o livro “Botar a Boca no Mundo”, encontrará muito da reflexão que ele faz sobre esse lugar da família, lugar da criança, como é que a cidadania se constrói desde aí. Soube ser amigo de todos os momentos, o amigo que socializava. Este foi o amigo que encontrei no Mario.

O Prof. Ernildo Stein era o seu grande amigo de intelectualidade, era com ele que fazia os diálogos mais profundos sobre determinadas questões, principalmente quando se tratava de filosofia, de categorias conceituais, de paradigmas de conhecimento, mas eu me sentia extremamente honrada e muito feliz, quando Mario sentava e dialogava comigo das coisas mais simples da vida. Acho que aí também tem uma filosofia que muitas vezes nem a filosofia mais profunda consegue resolver,

a não ser esta empatia entre amigos que pode ajudar a entender o que está acontecendo conosco.

Mario foi um grande amigo, um amigo que faz falta. Ainda tenho dificuldade de falar sobre ele, me emociono, mas é uma emoção boa, não é uma emoção de dor. Gostaria de ter tido a oportunidade de aprender muito mais com ele. Foi e é um amigo que sinto em muitos lugares a sua presença. Sabe, aqueles amigos que nunca somem da tua vida? Era um colega amigo que sabia se colocar nos lugares oportunos no momento certo, até quando tinha que contestar alguém com quem afinava. Penso que este é o amigo, não aquele que passa a mão na tua cabeça e diz está tudo bem seja publicamente, seja em qualquer lugar. Sabia fazer a crítica te deixando sempre muito à vontade.

Colocando algumas coisas agora sobre a presença do Mario no contexto nacional, eu penso que essa postura do Mario de trabalhar com as possibilidades humanas, para a cooperação, para a solidariedade marcou muitíssimas pessoas e outras tantas instituições. Por exemplo, a Cotrijuí, também foi uma obra que teve a participação do Mario e sabemos o quanto a Cotrijuí foi referência e está até hoje servindo de referência para outros empreendimentos dessa natureza.

Sabemos que a idéia de cooperativismo é uma idéia que data do século XVIII, XIX, no mundo inteiro. Ao ler a história descobre-se que cooperativismo é algo que foi buscado por sujeitos que se sentiam excluídos do modo de produção do trabalho e foram em busca de outra forma de vida. Mas acredito que, através dessas formas de instituir situações, de instituir entidades, Mario também deixou uma lição, que ultrapassou as fronteiras da região, e está por aí, por mais que as pessoas nem saibam, mas está aí. Ele nem tinha muita preocupação que soubessem que tinha sido ele o mentor, queria era servir. Aliás, um outro traço distintivo da filosofia franciscana. Ele viajou o mundo, esteve no exterior, recebeu muitos convites, inclusive para estar em Roma num lugar importante, mas abriu mão, escolheu Ijuí para viver e colaborar no seu desenvolvimento.

Às vezes ficamos muito tristes, porque parece que as pessoas não se dão conta disso e o professor Argemiro tem razão, as pessoas não se deram conta da importância do Mario não só para Ijuí, mas para a região e para o Estado do Rio Grande do Sul, talvez um dia as pessoas descubram.

A sua pesquisa, Fátima, já vai amostrar um pouco de quem foi o Mario, o que ele fez e como a presença dele aqui na região fez uma diferença imensa. Imagina na

década de 50, pensar em instituição de ensino superior neste lugar, que até hoje ainda é de difícil acesso pelas distâncias dos grandes centros. De difícil acesso porque ainda temos dificuldades de ir e vir com transportes mais rápidos.

Quando Mario tomou a decisão de deixar a vida religiosa, aquelas pessoas com quem ele tinha uma relação mais estreita, e os seus colegas de trabalho da época, considerou que precisavam saber. Então, chamou cada um, individualmente, e quem era casado (eu já estava casada) chamou o casal. Nunca vou esquecer, tenho na minha cabeça como um filme esse momento. O Mario tinha sua salinha de estudos, onde é hoje a EFA. Ao chegar a ela, pela janela, já se enxergava o, então, Frei Matias. Havia nesse local, no pátio, abacateiros muito grandes, imensos e lembro quando Mario nos chamou devia ser outono, a mim e ao Rubens, meu esposo, e nós o atendemos curiosos: o que será que Frei Matias quer falar com a gente? Não imaginávamos. Ele nos recebeu, eu e o Rubens sentamos de frente para ele e ele de costas para a janela que ficava de frente para nós. Vi aquela quantidade de folhas no pátio, caindo, era um dia que tinha vento e aquelas folhas ficaram na minha memória, porque se misturaram com a surpresa da notícia. Mario era uma pessoa muito discreta, embora fosse uma pessoa de mente muito aberta, sabia quando devia abrir sua vida pessoal.

Então conversou conosco, queria saber como é que nós estávamos, etc. Eu não imaginava que o Mario estava vivendo aquela situação de mudança de vida. O que eu tinha percebido é que ele andava mais introspectivo, um pouco mais quieto, mais sisudo. Contou com todo jeito, com toda calma, com muita delicadeza que ele havia se apaixonado por uma moça e que resolveu aderir a outra vida e queria nos ouvir sobre isso, de como nós víamos o fato dele deixar a vida religiosa, deixar no sentido de estar vinculado, de ser padre e vir para a vida civil e constituir uma família.

Bem, eu num primeiro momento levei um susto. O primeiro a falar foi o meu esposo que brincou:

- Olha, o que eu posso lhe dizer é que casar é muito bom (brincou com ele e assim quebrou o gelo).

O Mario, naquele dia, para nós, não abriu muito a crise existencial, mas falou que estava entendendo que a inclinação maior dele naquele momento, depois de pensar muito, refletir, de conversar com muitas pessoas era de fazer essa experiência, mas não falou sobre possível sofrimento que ele passou, isso não.

Falou da decisão e de como nós o aceitaríamos, como acharíamos que a sociedade ia ver essa sua atitude. Falei:

- Com certeza, de início a sociedade vai levar um susto como a gente está levando, mas as pessoas que te querem bem vão continuar a te querer bem, e esta é uma decisão tua nos cabe respeitar, te apoiar, vá em frente, tu serás sempre o nosso Matias. Sabemos que vais deixar tua batina, mas não vais deixar tua crença. Vamos continuar conversando contigo da mesma forma, não vamos ter o padre fazendo sermões, mas podemos ter o Mario com tempo de fazer visitas para a gente, tomar chimarrão.

E de fato foi o que ele fez, até um certo tempo.

Ele contou sim, de forma muito aberta, muito honesta as razões pelas quais ele estava querendo mudar a sua vida. Frei Matias era conhecido na região toda, e de repente deixar de ser o Frei Matias para ser o Mario.Casar. Foi uma decisão que não é para qualquer homem. Mas como sempre, firme, de personalidade, de saber o que quer da vida. Admiro mais o Mario depois disso. Ouviu as pessoas, tomou a decisão, casou-se, fez uma família e continuou tendo as mesmas atitudes humanas. E essa personalidade de continuar sendo o homem que ele sempre foi, não era pela batina que o fazia padre, tinha sua identidade de homem que continuou a ser.

Como síntese de tudo isso, podemos dizer que o Mario deu o testemunho do que é se fazer ser humano junto com outros seres humanos. Quando ele nos falava ou quando ele escreve que as pessoas aprendem umas com as outras, que os saberes que temos são sempre saberes que nos ajudam a conquistar uma certa confiança na vida, mas que eles podem e precisam ser transformados, recriados, mudados, que temos necessidade de também construir a possibilidade de nos colocar no lugar do outro, quando estivermos fazendo a interlocução, ou o convívio que ele chamava de comunidade da concidadania, ele está dizendo de si mesmo.

O Mario deixa para nós essa marca, essa presença que impulsiona, que energiza. Deixa também a lição de que a omissão é a pior atitude que pode existir, não há como se omitir por mais difícil que seja a situação. Precisamos dar nossa contribuição na construção de lugares e espaços, como ele fez. Construção de espaços psico-sociais, espaços físicos, inclusive, que não têm nenhum sentido se as pessoas, que nele vivem e que dele fazem uso para desenvolver sua tarefa, de educador principalmente, perdem o encanto, perdem a visão estética do olhar.

Mario discutiu bastante a questão do instituído e do instituinte, que mais do

que uma questão teórica é uma questão de vida, que precisamos assumir, “estar com”, naqueles lugares, naqueles momentos e de forma comprometida e ética. Não podemos passar pela vida de forma impune, precisamos ser testemunho para outros, sem pretender ser “o exemplo”.

Recordo-me que nos últimos tempos trabalhando com sua orientadora de doutorado, a Marisa Eiserik, se envolveu com os estudos do imaginário e a subjetividade. Também em Habermas buscou essa questão da subjetividade e insistia muito na importância da inter-subjetividade, quer dizer, das pessoas serem capazes de saírem de si, da sua subjetividade, sem negá-la, mas desconfiar que essa subjetividade só tem sentido ou significado se ela estiver inter-relacionada com outras. E dessa forma construir uma nova linguagem, capaz de ajudar a construir outras subjetividades, em momentos que, às vezes, são de pressão sobre as culturas, sobre a identidade das pessoas. Um testemunho que, para mim, foi muito marcante, foi o de lealdade, de honestidade, de enfrentar situações, se tiver que dizer algo diga no lugar certo, para quem deve ouvir, e não ficar criando outros fóruns. Não quero dizer com isso que não se possa constituir outros fóruns, desde que estes tenham legitimidade e seu âmbito seja ético, no qual as pessoas possam se colocar eticamente em relação a sua profissão e em relação a ser um sujeito humano que convive com outros e não, por essa via, construir mecanismos de destruir possibilidades de outros.

Ele nunca se deixou calar, pois se não havia espaço para a fala, criava o espaço para a escrita. Nunca se omitiu se não tinha o lugar da liderança, nem por isso deixou de liderar, pelos relacionamentos que estabeleceu e pela forma de publicizar suas idéias, de admirar o trabalho dos outros, de valorizar o que os outros faziam.

Mario foi uma lição de vida para nós até a última hora. Não sei quem foi a pessoa, enfermeira ou médico da CTI, que ouviu pela última vez o Mario, mas dentre nós a última pessoa com quem ele falou foi comigo. E o que me impressionou e que sempre admirei foi a lucidez dele que manteve até o final.

Quando fui visitá-lo, ao me chamarem no dia de sua morte, eu entrei no CTI, era um domingo (Mario internou-se em um domingo e faleceu num domingo, parece que dizendo):

- Olha, eu estou aproveitando esses dias para não perturbá-los nas suas atividades.

As pessoas que ali estavam pareciam preocupadas. Peguei na sua mão, ele estava de olhos fechados, e eu disse:

- Mario eu vim te ver. Ele abriu os olhos e os fechou de novo. Então perguntei:

- Mario tu estás me ouvindo? Eu vim te ver! Tu sabes quem eu sou, não é?

Eu sou a Eronita. Ele abriu os olhos me olhou bem e disse:

- Sim. Eronita Silva Barcelos.

- Sim sou eu Mario, eu vim te ver, como estás?

- Estou bem Eronita, estou bem.

- Tu vais ficar bem, estamos aqui contigo, rezando pela tua saúde.

Afastei-me para que ele fosse atendido. Em seguida o médico me chamou para informar do falecimento dele.

E mais, Mario só deixou de escrever e de ler quando foi para o hospital. Foi a diabete que o debilitou.

Mario Osorio foi um grande estimulador da produção intelectual na Universidade, e muito fomentou a Editora Unijuí. Ele foi também um dos mentores da editora universitária e estimulou a produção intelectual de tal maneira que ele não ficou só na possibilidade de ter escritos que viessem de pessoas que já se entendiam capazes de escrever um livro, por exemplo. Não, ele criou várias políticas, como essa política do caderno azul da universidade. Achei genial o dia em que ele levantou essa possibilidade em reunião do Conselho Editorial da Editora. Dizia:

- O professor escreve o seu texto e põe à crítica. Com isso ele vai adquirir mais confiança e na medida em que as pessoas lêem, vão questionar, vão dialogar sobre esse tema e vai ajudar ao professor na escrita final de seu texto. Outra política foi a coleção das dissertações e outras tantas, que tinham o objetivo de que a universidade fosse o lugar de uma comunidade argumentativa. Esse era um caminho para o debate. Quando ele fala que a Universidade precisa ser uma comunidade argumentativa, defende que a Universidade precisa ser lugar de debates, lugar da discussão pública, e todos precisam sentirem-se convidados a apresentar suas idéias e terem a possibilidade de argumentá-las. Assim como outros podem argumentar a favor ou contra essas idéias, quer dizer, a possibilidade de que as pessoas sejam capazes de construir possibilidade de autoria, respaldando-se também no pensamento de outros, mas de, organicamente, produzir seu pensamento e apresentá-lo.

A Universidade não pode ser um lugar onde as pessoas vêm para receber coisas prontas e vão embora. A própria sala de aula precisa ser um lugar no qual os alunos são colocados em situação de aprender a fazer esse exercício da argumentação, ali eles podem descobrir-se como seres que têm uma excelência para isso, e que a sua linguagem vai ser mediadora na construção de outros argumentos que até então podem não aparecer e se ele não expressar talvez nem surjam. É assim que a ciência se constitui, se constrói. E por isso Mario estimulava muito em suas aulas, eram aulas nas quais a gente precisava ler muito e depois precisava apresentar o que tinha entendido e porquê. Fui aluna dele, na década de 60, na disciplina de Sociologia e tive que ler o livro “Bandeirantes e Pioneiros: Paralelo entre Duas Culturas”, de Vianna Moog. “Quase morri” para ler aquele livro, na época, e ainda fazer uma produção escrita, que fosse a síntese, ou seja, a minha interpretação daquela obra e, além disso, ter que discutir essa questão com os demais colegas. Outros leram outros livros e assim nós fomos conhecendo vários autores.

Mario sempre acreditou que a Universidade é um lugar para onde as pessoas vêm e, com liberdade, podem expor as suas idéias sem medo e sem coação, sem a possibilidade de que sejam diminuídos ou excluídos pelas idéias que têm. Mas que as suas idéias contribuam para que as idéias dos outros também floresçam, se fundamentem, se ampliem, sejam questionadas, que a dúvida se instaure. Segundo ele, da Universidade tem que emanar a produção intelectual. Deu muita importância à extensão universitária também como fonte de idéias. Deveríamos praticá-la não para ensinar os outros a fazer as coisas, mas para dialogar com os outros sobre o que é preciso ser feito. A Universidade não é espaço fechado, mas aberto ao novo e diferente. Por isso é Universidade onde quer que esteja a discussão sobre conhecimentos, sobre a construção da forma humana. Assim eu entendi as falas e percepções do professor Mario.

Mario Osorio foi um militante social, pesquisador, Intelectual e um educador comprometido com o homem e com o desenvolvimento da região. Para mim esta é a síntese de toda a trajetória do Mario.

Quando ele era um religioso (frade) fazia um trabalho de ouvir muito as pessoas, de dialogar com elas e, com isso, ele estava fazendo um processo pedagógico. O Mário nunca foi de dizer: faça isso; faça aquilo; você está errado aqui, ou você está errado ali. Não, ele dialogava muito, e ao dialogar e fazer as

peças refletirem, ele ajudava a construir esse processo pedagógico. Para mim essa é uma síntese do homem militante social, do homem religioso, espiritual, um educador realmente convicto, comprometido e que tinha um profundo respeito e uma admiração muito grande pelo outro com quem dialogava, fossem eles seus alunos, ou fossem eles, na época em que ele era padre, pessoas que o procuravam, buscando um conselho ou um conforto. Ele nunca quis ser “aquele que sabia”. Ele sempre foi aquele que ouvia primeiro.

ANÁLISE DO TOM VITAL: *“Mario era um estudioso, inquieto. Não se contentava com que sabia. Sabia, mas não bastava. Esses fundamentos lhe diziam que as verdades não são prontas, são provisórias, precisa-se buscar ir ao encontro de outras idéias”.*

Afirma Marques (1990) que o conhecimento apóia-se na experiência, isto é, no trato prático e factual com os objetos que se conhecem. Por sua vez a experiência sempre se fundamenta num conhecimento anterior. Sem a experiência, sem a relação com o mundo social humano, sem uma prática social não existe conhecimento. “Mas nenhuma experiência é a primeira, para ela pressupondo-se, de maneira especial, a experiência antecedente do conhecimento”. Sem uma teoria, sem conhecimentos anteriores de certa forma organizados não existe o novo conhecer, “o qual por sua vez, só pode dar-se numa referencia a objetos precisamente demarcados pelas ações concretas em que o homem se defronta com seu mundo” (MARQUES, 1990, p. 39).

Para Marques (1990), ir ao encontro de outras idéias constantemente significava a reflexividade conduzida através das práticas e da comunicação intersubjetiva nos provisórios estágios e patamares os discursos e as práticas das ciências, pelos quais os homens se orientam no mundo e perseguem seus fins práticos.

Conhecer é estar em constante relação ativa com o mundo dos objetos que se conhecem aí incluídas as consciências intercomunicantes. Nesta mesma direção Habermas (1982) na obra *“Conhecimento e Interesse”* faz uma reflexão da dimensão comunicativa no processo de trabalho afirma ele: que os seres se concatenam e se reconstroem uns nos outros através da reflexão, adquirindo cada qual o próprio sentido de sua existência.

Na dupla dimensão da ação humana - a ação comunicativa da linguagem e ação produtiva do trabalho - a reflexão toma impulso, trazendo à consciência a possibilidade crítica de examinar o processo histórico de auto geração do sujeito e elevando-a ao saber crítico que torna possível o controle dos processos da vida social. Ao defrontar-se com a opacidade e resistência dos objetos e das consciências, o sujeito se obriga a redobrar buscas e esforços, por onde se assegure o desenvolvimento metodicamente controlado dos saberes e das práticas de transformação. E, quando os saberes e as práticas esbarram com problemas, dificuldades, paradoxos, que não podem transpor, os sujeitos se fazem aptos a tomar como objeto de exame, de verificação, de crítica o sistema pelo qual examinam verificam, e criticam, aptos a elaborar um metassistema de conhecimento que passe a constituir-se em novo quadro de referencia (MORIN, 1973). Essa inquietude de Mario Osorio nada mais era do que um processo realimentador da busca de novos conhecimentos tornando-se objetos de novas reflexões.

Para Marques (2000, p. 9),

a educação se cumpre num diálogo de interlocutores, cada qual com seus prévios saberes e não em simples troca de saberes já em si constituídos [...] mas na busca do entendimento compartilhado por todos os que participam da mesma comunidade de vida, de trabalho de aprendizagem.

Afirmava Mario Osorio que a educação se efetiva centrada na produção do conhecimento pelo diálogo entre os diferentes saberes sempre em reconstrução sem, contudo, renunciarem-se a si mesmos preservando os saberes anteriores de suas experiências de vida. O princípio orientador de sua prática pedagógica era o diálogo pelo reconhecimento do outro. Nessa direção a pedagogia é uma relação social da qual fluem várias visões de mundo.

Mario Osorio durante sua vida adotou a posição de eterno aprendiz e a disponibilidade para ir sempre em busca de novos conhecimentos, pois entendia que as verdades são provisórias, e a ciência já comprovou isto.

De acordo com a entrevista que realizamos com o professor José Pedro Boufleuer⁸⁴, o Mario Osorio por mais que tivesse tido elaborações teóricas, elas, na perspectiva dele, sempre eram provisórias. Provisórias até que um outro lhe fizesse algum tipo de questionamento ou dissesse alguma coisa que colocasse em questão

⁸⁴ Entrevista realizada pela autora em 02 de fevereiro de 2007.

a sua perspectiva. O sentido da “alteridade” certamente estava presente em todas essas teorias que Mario Osorio acabou incorporando em sua vida e em sua trajetória intelectual. Para ele o reaprender compartilhado do entendimento com os outros foi uma das grandes lições que como educador nos legou.

Nara Magalhães, Professora do Departamento de Ciências Sociais da UNIJUÍ, em mensagem de pesar enviada a Fidene/Unijuí, diz:

Lembro com ousadia, da curiosidade irrequieta que o levava a buscar sempre mais, lembro do incentivo e da luta incansável pela valorização da sabedoria popular e pela construção de uma universidade integrada à comunidade. Lembro também de uma das grandes lições que ainda hoje utilizo com meus alunos [...] ele dizia que devemos considerar a teoria útil como uma luz, que ilumina nosso caminhar, mas que se ficarmos no mesmo lugar ela não terá serventia. A caminhada é a prática, a experiência, a vivência, que nenhuma teoria sozinha poderá dar conta (In: BRUM, 2003b, p. 103).

Segundo o depoimento da professora Nara Magalhães baseado nos ensinamentos de Mario Osorio podemos afirmar que: para este educador teoria e prática deverão sempre andar juntas. Isso tudo nos incita a dizer que o caminho da educação se faz ao caminhar lado a lado educador e educando, escola e comunidade. É na tessitura do cotidiano no diálogo compartilhado da sala de aula, da escola, que construímos nossa prática de educadores iluminados pela teoria.

Nesse sentido Bouffleuer assinala que Mario Osorio não cansava de repetir:

Louco não é aquele que perdeu a razão, mas aquele que acha que tem razão sozinho”. Agora, quem se abre à crítica do outro, quem testa as suas percepções com os outros, este, sim, é capaz de incorporar um sentido de razoabilidade em seu pensar e agir. E Mario sabia que esse era o caminho da razoabilidade, de uma razão distintiva da espécie humana. A assunção dessa perspectiva fez com que ele não enlouquecesse em seus pensamentos, ficando lúcido e criativo até o final de sua vida⁸⁵.

Para Bouffleuer o Mario Osorio sabia que a jovialidade de seu pensamento implicava o contínuo testar de suas percepções com os outros, por mais convicção que tivesse acerca delas.

⁸⁵ Entrevista concedida a autora em 22 de julho de 2007.

4.2.4 Professor Suimar João Bressan

TOM VITAL: “A questão do desenvolvimento regional, a questão da região, isso para mim é algo que fazia parte da visão que o Mario tinha do mundo”.

Eu posso começar a falar do Mario dizendo que, desde que aqui cheguei na UNIJUÍ em junho de 1976, até o momento em que o Mario passa a se dedicar ao Mestrado Educação nas Ciências, ele teve uma intensa participação direta nas questões, nas discussões, nos debates sobre o desenvolvimento regional e de uma forma indireta, através da Universidade propondo alternativas e projetando programas, e propostas para o desenvolvimento regional. Essa é uma das características da trajetória do Mario aqui na região, especificamente na FIDENE – UNIJUÍ. Essa preocupação com o desenvolvimento local e regional que se manifesta em todo esse conjunto de Instituições que foram criadas aqui onde ele esteve presente. As duas maiores Instituições regionais a Cotrijuí e a Fidene, são expressões, de seu envolvimento. A Festa Nacional das Culturas Diversificadas e todo o movimento de etnias de certa maneira têm o dedo do Mario, porque foi ele que propôs, tentando resgatar um pouco da história daqui de Ijuí e da colonização da região. Nessa festa, quando essas culturas se apresentariam dariam visibilidade de quem nós somos, ou seja, no sentido de pensar certa identidade cultural aqui para a região.

O Mario tinha também a preocupação de pensar os cursos de graduação e pós-graduação sempre inseridos na região e objetivando responder certas demandas da região, seja através da pesquisa, da extensão, enfim, da formação de recursos humanos para a região. Esta foi uma fase da vida do Mario marcada por essa preocupação com o desenvolvimento regional.

Quando ele se envolve mais com a pesquisa, quando ele passa a ser pesquisador do CNPq e se envolve diretamente com Mestrado da Educação nas Ciências, e começa a ter outras demandas em função até das regras da CAPES, do Sistema Brasileiro de Pós-Graduação, da questão da titulação, da participação em eventos e das publicações, então o Mario que tem uma atividade e uma vida intensa, tem agora também esse outro compromisso, ou seja, ele tem que se qualificar porque ele é uma das pessoas “chave” do mestrado. Se não me engano,

quando foi o lançamento da obra do INEP, houve um depoimento do Ernildo Stein dizendo que o Mario tinha a preocupação e se questionava se de fato aquilo que ele estava fazendo no mestrado era relevante ou não. Porque a questão do desenvolvimento regional, a questão da região, isso para mim é algo que fazia parte da visão que o Mario tinha do mundo. Que o desenvolvimento faz o crescimento global do país, mas nas suas várias manifestações ele deixava claro, que o desenvolvimento se faz aqui no local, no lugar.

Suas preocupações eram no sentido de como é que a Universidade poderia se preocupar com seus ex-alunos, na formação de associações de ex-alunos nos municípios, que a Universidade pudesse ter uma intervenção permanente através dos seus ex-alunos e que eles pudessem manter o vínculo com a Universidade, exatamente porque ele entendia que a Universidade era um dos instrumentos fundamentais para pensar o desenvolvimento, para projetar, para ajudar as comunidades, as prefeituras, entidades e para formular projetos alternativos de desenvolvimento. Na realidade, essas associações acabaram nunca saindo do papel, mas era uma questão que foi inúmeras vezes levantada pelo Mario em reuniões: “nós precisamos ter um cuidado, nós temos que trabalhar com nossos ex-alunos para manter esse vínculo, é uma forma da Universidade manter o seu envolvimento”.

Outra questão que é importante, na própria concepção de universidade, é a extensão pesquisa e ensino. Quando nós criamos a UNIJUÍ, aqui sempre se colocava a extensão, a pesquisa e o ensino. Esse sentimento de que a extensão era exatamente o canal ou a prática que permitia a Universidade se inserir permanentemente e estar presente nas realidades locais, tentando identificar e compreender as demandas, trazendo-as para dentro da Universidade e transformar isso em pesquisa ou em políticas de ensino. Assim percebe-se como o Mario via a Universidade, não quer dizer que seja só isso, mas na visão dele, a Universidade não seria uma coisa viva, uma coisa razoável se não tivesse esse vínculo, esse enraizamento nas comunidades.

Penso que teve uma mudança, não sei se há consenso nisso que vou colocar, mas percebo que a grande questão hoje é que, as pessoas de um modo geral, que estão aqui na UNIJUÍ, e as pessoas que vem para cá, elas têm algum tipo de identificação com aquela idéia de Universidade, e que hoje está mais com um caráter simbólico, mas ainda atraente, como uma Universidade regional,

comunitária, inserida na região. Só que os requisitos, as regras, as normas que nós temos que cumprir para ser Universidade, cada vez mais nos afasta da região, dessa inserção regional, embora que, citando, por exemplo, o projeto de reforma universitária e os cursos técnicos do MEC, sempre colocam esse ponto: a Universidade para ter sentido tem que servir uma determinada sociedade, etc, mas as normas estabelecidas produzem esse afastamento. Hoje, os nossos projetos de pesquisas e de extensão, não necessariamente vão atender demandas regionais, por exemplo; um professor se insere num grupo de pesquisas que envolvem pessoas de vários lugares, não necessariamente as pessoas locais são privilegiadas. Tem outras questões relevantes, como da educação, quando a gente escreve artigos e textos, mais para atender uma necessidade de publicação, de produção intelectual e aí vai ter que levar em conta a linha editorial das revistas aonde vai se publicar, ao invés de se escrever um artigo, que esteja voltado para fazer-se uma discussão regional.

Então, progressivamente, as regras, os quesitos que o MEC coloca para avaliar uma Universidade geram esse distanciamento. Isso é em todas áreas, em todas as obras de dissertação da Universidade. Então, eu não sei como vai ser o futuro, como é que vai ser os próximos anos, que tipo de Instituição nós vamos ter, mas eu não tenho dúvidas, nós estamos perdendo essa identidade, aquilo que nos identificava, aquilo que foi a nossa marca, e nos tornou conhecidos nos país e até em parte do mundo, isso nós estamos perdendo, e de forma muito rápida.

A nova sociedade informacional que está nascendo em decorrência da globalização, o mundo mais globalizado. Nessa discussão de globalização nenhum autor desconsidera que o local possa estar desconectado. Penso que estamos vivendo num momento de crise profunda e de transição, enfim os mais ousados falam em re-fundação da Universidade, mas eu espero que ela não perca essa dimensão local, regional, que é isso que a caracteriza, que deu a sua marca. Se pensarmos nas grandes universidades brasileiras, como por exemplo, a USP, mais pelo lado da Sociologia, acho que toda a discussão, toda a criação do curso de Sociologia e a formação dos sociólogos que são referência no país, no fundo a USP conseguiu produzir uma grande reflexão sobre o País e São Paulo.

- Ah, mas é Estadual! Mas tinha essa função. Então eles fizeram essa discussão e continuam fazendo. Evidentemente hoje, ela tem uma inserção internacional também, mas ela não deixou esse caráter regional.

Não vejo como uma instituição possa ser uma instituição qualificada se ela não tiver essa capacidade de olhar para o seu lugar, onde ela está inserida, e entender que este lugar está conectado com outros lugares, dando-lhe a dimensão de universalidade, mas com o foco para a região, objetivo para a qual foi criada.

Vim aqui para a UNIJUÍ, FIDENE na época, para trabalhar no Instituto de Pesquisa e Planejamento. Existia um projeto de expansão das universidades, e já se pensava no curso de agronomia e também intensificar trabalhos nas cooperativas. Foi quando surgiram os cursos de tecnólogos, que não me envolvi diretamente. Por opção minha, fui para o departamento de Ciências Sociais. Como é que se deu essa opção? Exatamente porque o Mario estava largando as aulas de sociologia, e estava se projetando em outras atividades.

Estávamos na gestão do Bagio, o Mario era uma espécie de diretor do Centro de Ensino, e começou a se vincular ao (IEP) Instituto de Educação Permanente, que depois foi incorporado pelo Centro de Ciências Agrárias e aí o Mario começou a fazer esse trabalho, intensificando o trabalho nas cooperativas, surgindo então o famoso curso teórico prático de cooperativismo e os cursos de tecnólogos, que ele era o diretor. O Mario não queria mais aulas de sociologia. E aí surgiu essa possibilidade, e como eu queria ser professor, acabei assumindo as aulas, obviamente que vieram outros colegas também, porque a Universidade cresceu, aumentou o número de cursos, aumentou a área de sociologia, então a gente acabou formando o Núcleo de Sociologia dentro do DCS.

O Mario realmente disse: “chega de dar aulas, eu não quero mais dar aulas, agora vou fazer outras coisas”. Também foi organizar o arquivo, o museu da FIDENE, e começou juntar todos os documentos que se produzia, e ele produziu também o livro “Universidade Emergente”, penso que o Mario escreveu este livro a pedido da Universidade. A partir daí, nós começamos a pensar em um novo modelo de Universidade.

Eu me identificava mais com um grupo que de certa maneira, pensava um pouco diferente a Universidade com relação ao Mario. Por isso, em 1978, depois daquela primeira eleição que o Jaime Callai era candidato a presidente com uma idéia e o Mario, evidentemente não tinha relação com ele, mas havia uma certa distância, que não se manifestava na própria Universidade, na maneira de conduzir a Universidade, mas talvez tinha componentes biológicos. Naquele momento nós tínhamos uma posição mais radical, seja na luta contra a ditadura, seja em pensar

uma outra sociedade. Acho que tínhamos uma identidade socialista, digamos assim, mais clara, e isso era uma questão que a gente debatia com o Mario, mas ele sempre mantinha certa distância destas nossas posições.

O Mario nunca chegou a dizer, mas ele fazia crítica, aos soviéticos, por exemplo, então claro, que batia de frente com os grupos aqui dentro que eram ligados aos partidos comunistas, ou a esquerda comunista. O Mario sempre foi um cara muito hábil, e mesmo contra a ditadura, ele não batia de frente, ele sabia dizer as coisas, e isso era uma habilidade que eu considero uma das grandes capacidades dele. Hoje avaliando eu o identificaria como progressista político, não era um cara ligado a esquerda comunista, embora ele tivesse idéias socialistas, sim, com certeza ele estava nesse campo. Havia naquele momento uma disputa muito grande por grupos que atuavam no PMDB, na época MDB e grupos que resolveram criar o PT, e o Mario estava mais simpático a este grupo ligado em criar o PT.

O Mario tinha muita habilidade em colocar certas questões, ele não era agressivo em seus discursos, ele sabia dizer as coisas, sem uma postura radicalista. Mas internamente a gente tinha muitos enfrentamentos com ele. O grande debate naquele momento aqui que se deu com a eleição do Jaime e depois com a segunda eleição. Naquele segundo momento eu estava com o candidato Telmo. E qual era o debate? O grupo que era crítico ao modelo que o Mario era o mentor entendia que a gente estava fazendo aqui uma agência de desenvolvimento, que isso não era Universidade. Que a Universidade tinha que se preocupar em entrar num modelo semelhante ao da USP. O pessoal que tinha vindo da Unicamp, e de outras universidades, defendia o modelo de Universidade que faz pesquisas, e que deveria avançar nos cursos de mestrado, de pós-graduação. Nossa grande reivindicação era o espaço para a produção intelectual, isso eu também achava que precisava ter e a gente não tinha. Trabalhávamos muito na atividade docente e na extensão, então não sobrava tempo para a pesquisa. Isso era uma disputa, em relação a essa nova idéia de Universidade comunitária, de estatal, e nisso tinha grupos que se diferenciavam. Tinha um grupo que naquela época dizia que o modelo que nós devíamos pensar para a Universidade era a estatização. Muitas questões foram colocadas em relação a estatização da UNIJUÍ.

O outro grupo em que o Mario era uma das referências entendia que a Universidade tinha que ser pública, mas autônoma do Estado, e que a resposta é uma universidade que vai produzir conhecimentos, e esses conhecimentos tem que

estar colados, vinculados com as demandas das questões regionais, que isso também é universal, pois as críticas que se faziam as universidades públicas eram que os cursos estavam descolados da realidade.

Então esse era um embate, era uma diferença que se tinha com o Marques, isso existiu nos anos de 78 até 86. Em 87 houve a eleição do Telmo, mas seguiu esse divisor de áreas, um grupo que estava ligado à sindicatos pensava a Universidade como um centro de produção e conhecimento, e o outro que pensava a Universidade com a perspectiva regional .

No final de sua vida, de certa forma é paradoxal, porque ele se torna um pesquisador do CNPq de uma forma, alucinada.

Ele começou a sua grande produção em 87 quando conseguiu a bolsa do CNPq é aí que ele começa então a estabelecer o diálogo com Habermas o método de estudar e também de dialogar com Habermas, e a linguagem produzida por Habermas, digamos que são os interlocutores dele e todos os livros que ele faz tem esse viés. Isso vai resultar depois em Doutorado.

O Mario sempre teve uma relação com a Sociologia, no fundo a idéia que o professor Argemiro coloca muito bem de que aquele grupo inicial aqui da FIDENE, a visão dos capuchinhos, uma visão psicológica da pessoa, a pessoa sobre o ponto de vista da psicologia, essa idéia, é deixada de lado, passa a ter uma visão social e aí começa então todo este relacionamento da filosofia, da sociologia e da pedagogia.

É difícil identificar o pensamento de Mario, porque no fundo ele se apropria de vários, isso era uma das coisas que era muito criticado nele, sobretudo pelo pessoal que tinha uma visão marxista: “olha o Marques, o Marques está pegando uma coisinha de cada um, ele junta tudo isso”, mas isto era a maneira dele ver e construir, no fundo era isso. O Mario construía usando esses autores para formular as suas idéias, para levar adiante os seus projetos, aquilo que ele acreditava, dá para dizer que o Mario não tinha uma filiação teórica, mas acredito que o Habermas tenha sido o teórico que talvez mais o tenha influenciado, mas não que ele tenha esse nome, tipo assim, o habermaziano, acredito que o Mario pensava: “tenho o direito de fazer eu, e de trazer o Habermas para o meu universo”.

Mas aí tem uma coisa que eu acho que é importante: quando o Mario saiu da Editora e preferiu ir para a Pedagogia, ao invés de retornar ao Departamento de Ciências Sociais, foi porque no departamento havia um grupo que lhe fazia oposição, o que não ocorria na Pedagogia onde ele tinha mais aceitação.

Na Pedagogia, todo o seu esforço, eu diria que não foi por acaso, se ele fosse para Ciências Sociais pensaria a mesma coisa, de qual é o lugar da Pedagogia no mundo? Deve-se pensar a Pedagogia como uma ciência, a ciência do educador, então esse era o esforço que o Mario fazia. Eu acho que aí ele quer realmente criar uma teoria ou um saber próprio.

A escrita do Mario não é fácil de sorver, porque ele tem uma maneira muito peculiar de escrever, no caso tem que começar a ler de traz para frente, muito difícil. É esse o momento em que ele vai se dedicar a criar, saindo um pouco da sua vida de militância social.

Nos anos 90 se intensifica esse processo. Eu fiquei fora nos anos de 87 a 93, e foi um período importante, onde muitas coisas mudaram na Universidade, na questão do conhecimento. Em 93 quando retornei o Mario estava na editora e já tinha vindo da Pedagogia, e começa então a produzir uma obra por ano, pois ele tinha disciplina e uma facilidade enorme.

Tem por exemplo um livro dele, penso que é o primeiro, “Pedagogia da Educação” que temos que colocá-lo em contextos, mas onde ele faz uma retrospectiva, em partes de todo pensamento ocidental, e pega alguma coisa importante e coloca em parágrafos. Creio que isto se deve por ele estar organizando suas idéias e produzindo ao mesmo tempo. Claro, também publicou isso e nos dá uma visão muito, mas muito panorâmica, que talvez não tenha sido uma grande contribuição, mas faz parte do processo de como ele organizava e trazia essa reflexão para aquilo que eu acho que está desde o começo, de acreditar nessa crença do papel, uma espécie de salvacionismo, que o homem vai se salvar pela educação. Na época discutíamos muito esse ponto de vista do Mario;

- “Não Mario, não é a educação que vai salvar o mundo, o que vai salvar o mundo é a luta política é a transformação social e tal”.

- “Não, é a educação e tal”. Era uma discussão saudável e acalorada, onde ninguém ficou inimigo de ninguém e que hoje não tem mais na Universidade.

Coisa interessante, que se passa, é que eu não consigo ver o Mario como religioso, eu sei que ele tem uma história dentro da religião, mas nunca o vi usando um argumento, baseado na religião, ao contrário até o vi fazendo críticas a religião.

No fundo Mario tem uma trajetória de religioso capuchinho a qual abandona, tanto é que sai da ordem religiosa.

O Mario para mim era uma pessoa que sabia como bom príncipe dissimular bem as coisas, ele devia ter as suas crises, evidentemente, mas eu nunca vi em hipótese nenhuma, aparentemente para ele eram processos normais, ele era sempre a mesma pessoa, nem menos falante, nem mais falante. O Mario pelo seu discurso não tem nada a ver com igreja, não tem nada a ver com religião. Assim como os outros também saíram, não se perde, tem-se uma referência religiosa, mas no teu mundo, no teu cotidiano a religião não interfere muito. Por exemplo, nesse momento habermaziano do Mario, onde ele vai buscar autores, que não precisam estar vinculados a igreja para sustentar uma tese ou construir uma trajetória. Creio que o Dino tem mais condições de fazer uma avaliação, mas estou dizendo aquilo que eu percebia evidentemente que era uma pessoa que teve um passado religioso, mas a partir de um determinado momento isto não interfere mais.

O Mario era muito incisivo, ele queria fazer valer as suas condições, mas não dá para dizer que o Mario, mesmo nós que discutíamos muito com ele, (eu, o Garcia e o Jaime), tinha o costume de perseguir ou demitir, não, ele não tinha isso. Acho que ele aceitava, hoje reavaliando, ele tinha esse caráter e certa tolerância com as pessoas que o contestavam mais diretamente. Teve uma época que o Mario participou de um grupo de ação popular e teve novos cursos teóricos práticos de cooperativismo, onde ele mesmo patrocinava alguns textos de Mão - Tsé -Tung, sobre a prática, sobre a luta de classe, isto no final dos anos 70 e início dos anos 80. Lembro-me que circulava este material até tive acesso a estes textos através do Mario, sabia-se que ele tinha esses materiais, que obtivera ao estudar o texto da contradição sobre a prática que fez a luta de classe.

Mario não apostava nas questões mais radicais do marxismo, como a revolução: nunca assumiu posições marxistas, mas creio que, se apropriava de algumas. Ele possuía muitos textos, muitas coisas fazem menção a algumas teses marxistas, sem dúvida, porque ele se apropria daquilo que achava que era razoável, que era adequado, ele não tinha nenhum problema em fazer isso.

Os textos que circulavam, não só dentro da Universidade, as pessoas, os alunos, todo mundo tinha que ler, e outros autores da sociologia da educação, sei que ele também trabalhou sociologia da educação, que era o Bourdieu e também Gramsci, que o marcou e foi muito usado, como os anos 80 tem contexto do socialismo, tem a crise do próprio marxismo, e o Mario, migrou para Habermas. Quando ele começa ter esse diálogo com o marxismo, Monier, Lebret e outros ele

tem esse corte: o bom marxismo acabou. Isso poderia ser diferente, se a história fosse diferente e o Mario também poderia ter sido diferente.

Mas uma coisa para mim marcante foi os debates, famosos debates na sala do departamento e na sala do auditório. O Mario era uma pessoa que tinha convicção das suas posições e também tinha uma grande capacidade política. Quando ele estava criando a universidade, quando o MEC controlava, o controle era muito mais direto, o Mario dizia:

- Pessoal, vamos fazer o seguinte: vamos colocar uma coisa bem geral no papel, depois a gente faz como a gente quer.

Ele era uma pessoa obstinada, se tinha uma coisa que ele queria, ele argumentava e se precisasse subia em cima da mesa. Ele tinha autoridade, uma autoridade natural, algumas pessoas aqui dentro da Universidade diziam que o que ele falava estava falado. Era uma hegemonia. Em algumas questões ele discordava do Lazarotto, do Darci Ribeiro, do Dinarte Belato e de nós do departamento, mas acabava se produzindo um consenso, no fundo a gente acatava: a Universidade era mais importante, o projeto era mais importante.

Em relação ao Movimento Comunitário de Base, foi uma grande mobilização da região, partiu para enfrentar a crise na chamada policultura, a entrada da modernização no campo. Vivenciei com profundidade todas as mudanças que a região e, sobretudo Ijuí passou. Quando aqui cheguei Ijuí era uma colônia, aquilo que na sociologia a gente chamaria de comunidade, hoje não é mais, hoje é uma comunidade - sociedade, e naquele momento não foi muito difícil porque havia certa identidade pela natureza das relações, em que as pessoas estavam envolvidas, de juntar as pessoas para resolver seus problemas comuns.

Ele é uma espécie de mentor dos sindicatos na região. Tinha também o frei Otávio Batista que era uma pessoa que trabalhou num município aqui por perto, e atuava como padre e era vinculado a FAG - Frente Agrária Gaúcha - e eles começaram a organizar os sindicatos aqui na região, mas era para combater o comunismo só que o Otávio foi mudando de posição, foi se tornando comunista e foi trabalhar aqui no IEP. Trabalhava no IEP e dava aulas também e foi assumindo uma posição marxista radical, mas continuou trabalhando aqui e fazendo a sua militância política através do IEP que depois ficou incorporado no programa do CEPE, era Cotricepe, ou Cotrijuí ciências agrárias e a Fecotrigo. Também, tinha uma assessoria dos Sindicatos Rurais aqui e o frei Matias era o mentor do negócio, ele trabalhava

nos Sindicatos dos Pequenos Produtores. Aqui o pessoal ligado a Universidade sempre teve uma certa resistência com o Sindicato Patronal. Então o Otavio trabalhava lá em Jaboticaba e tiveram outros que trabalharam aqui em Augusto Pestana, aqui na região, não sei até onde isso atingia. Em Portela tinha o cara que era presidente do sindicato o Walter Irber. Esse envolvimento dava assessorias diretamente aos sindicatos. Todo aquele movimento contra o Delfin Neto, do confisco da soja, que envolveu a Cotrijuí era daqui que partiu, pois era aqui que o pessoal se reunia. Os assessores eram o pessoal que trabalhavam aqui, o Mario estava junto, isso foi em 70, mas isso na verdade vem desde os anos 60 desde que começaram a criar os sindicatos, eram muitos os sindicatos aqui na região. Tem umas figuras aqui que são crias do Mario, alguns já morreram tem até um velhinho aqui o Sr. João Castavara, que é meio uma espécie de referência do Mario.

Em relação às questões dos partidos, quando alguns assumiram, alguma militância partidária, outros não, houve uma discussão muito forte no grupo de assessoria, uns achavam que o partido prejudicava, dava uma visão negativa. Os trabalhadores, a partir de uma perspectiva e uma certa pureza de intenções de projetos e tal, entendia que o partido ajudava. Aqui se destacou uma liderança que foi o Carlinhos, ele era presidente do sindicato, o Carlos nessa época do confisco da soja estourou em liderança e seu nome ficou conhecido a nível nacional; virou manchete; foi até para São Paulo dar entrevistas.

Hoje se analisa mais o Mario Osorio como Pedagogo o que é muito importante. Mas eu analiso mais o Mario Osorio Pedagogo - político. Fazendo uma analogia com Maquiavel. Ele foi um príncipe vitorioso soube usar as armas de o príncipe para atingir seus objetivos. Se precisasse bater na mesa para alcançar aquilo que queria construir ou realizar o fazia sem constrangimento algum e diante de suas posições e fortes argumentações, acabava se realizando tudo conforme o Mario queria. O Mario era a hegemonia da FAFI, FIODENE, UNIJUÍ.

O Mario tinha um poder de determinação muito grande e isso se analisa pela obra que construiu. O Mario através da Universidade conseguiu criar alternativas para o progresso da região. Iniciou com o cooperativismo, depois saúde, enfermagem, nutrição ele criou experiências inovadoras na região, e a Universidade é reconhecida até mesmo na América Latina pelos Movimentos Sociais que coordenou.

A experiência do Movimento Comunitário de Base (MCB) e a experiência do Seminário Permanente de Educação Popular.

Esta Instituição faz parte de um processo político construído pela percepção política do personagem que a criou, Mario Osorio foi o grande articulador. Tinha clareza dos projetos que buscava e também os meios e os caminhos que deveria percorrer para se atingir os fins desejados, o Mario conhecia muito bem as relações de poder e tinha uma capacidade muito grande de construir. Ele tinha a compreensão sobre a situação concreta da realidade para concretizar sua intervenção e de seu grupo através de ações práticas.

A filosofia e a pedagogia foram capital acumulado através de sua intelectualidade.

Através da Universidade ele tem uma obra. Ele cria uma obra para ele mesmo beneficiar a sua intelectualidade. Foi um grande articulador e ativista com um poder de persuasão muito grande. Tudo isso o torna um príncipe vitorioso.

No momento em que se tornou pesquisador do CNPq assumiu a presidência da (direção) da Editora Unijuí. A editora publicou praticamente todas as suas obras. Mario Osorio tinha a percepção e a ousadia de estar no lugar certo no momento certo, mas isso também somente acontecia pela hegemonia que ele representava. Na conjuntura institucional Mario e a instituição são uma síntese. Não se consegue desvincular a Universidade do Mario e o Mario da Universidade. Por isso tudo podemos considerar o Mario um príncipe vitorioso, pois o príncipe tem ousadia sabe para onde quer ir, sabe onde está o futuro e caminha nesta direção. Movimento Comunitário de Base, Movimento Agrário, Saúde, Pólos Tecnológicos de Regionalização, Fecotrigo, Cotrijuí, Mestrados e Cotrijornal, foram conquistas alcançadas em determinadas épocas tendo sempre o Mario à frente.

Mario privilegiava a argumentação no embate político. Ninguém batia com ele. O campo de sua intervenção e referencia era FIDENE – UNIJUÍ. Fazia outras intervenções, mas a referencia maior era a FIDENE. Mario era a síntese disso tudo. Dialogava com outros intelectuais, mas ele possuía luz própria e uma capacidade muito grande de ver na frente. Por tudo isso ele foi um príncipe vitorioso.

Análise do TOM VITAL: “A questão do desenvolvimento regional, a questão da região, isso para mim é algo que fazia parte da visão que o Mario tinha do mundo”.

Tratando-se da questão de desenvolvimento regional seguramente este é um tema que interessa a sociedade como um todo. Mobiliza governos, lideranças, cidadãos, entidades e instituições municipais e regionais, articulando iniciativas que visem à melhoria das condições de vida e o bem - estar da comunidade regional.

Mario Osorio desde que aportou em Ijuí tinha o olhar voltado para essa questão do desenvolvimento local e regional.

A Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (FIDENE) articulada por Mario Osorio e seu grupo é uma dessas instituições que tem a preocupação com o desenvolvimento regional do noroeste gaúcho:

Na década de 60, por meio do Movimento Comunitário de Base (MCB); nos anos 70, sua atuação se expandiu com a estruturação do Instituto de Educação Permanente (IEP) e do Instituto de Pesquisa e Planejamento (IPP). Durante os anos 80 sua inserção se deu por intermédio do MDR – Movimento para o Desenvolvimento Regional; na década de 90 estruturou a Coordenadoria de Serviços à Região, que por sua vez deu suporte para a criação e constituição do IPD – Instituto de Políticas e Desenvolvimento Regional em 1996 (GODOY; HOFLEER, 2007, p. 103-104).

O IPD no âmbito regional presta assessoria consultoria e serviços técnicos viabilizando através de programas de pesquisa e extensão e de qualificação de agentes sociais oportunidades para o desenvolvimento de experiências inovadoras que venham beneficiar a região. Além disso, promove, organiza e apóia eventos que suscite novas alternativas com propostas viáveis para o desenvolvimento, objetivo maior de Frei Matias /Mario Osorio Marques.

Por sua importância no desenvolvimento da região, o IPD exerce impactos positivos por meio de projetos e programas desenvolvidos em parceria com diferentes segmentos da sociedade, agregando qualidade e inovação para a melhoria das condições regionais (GODOY; HOFLEER, 2007, p.107).

Todas essas criações e iniciativas tiveram o trabalho, a coordenação e a inspiração de Mario Osorio Marques. Por tudo isso é que se explica aquilo que o professor Suimar Bressan reforça na entrevista e que selecionamos como tom vital:

“A questão do desenvolvimento regional, a questão da região, isso para mim é algo que fazia parte da visão que o Mario tinha do mundo”.

Concordo com o Professor Suimar Bressan, pois comprovamos durante a pesquisa essa preocupação do Mario Osorio. Para ele: *A UNIVERSIDADE ATRAVÉS DA PESQUISA E DA EXTENSÃO DEVERIA ESTAR A SERVIÇO DA REGIÃO FOMENTANDO O DESENVOLVIMENTO REGIONAL* (grifo nosso).

4.2.5 Professor José Pedro Boufleuer

Tom Vital: *“E o Mario tinha consciência disso ao dizer, por exemplo, que as palavras são sempre as mesmas, mas o que elas significam depende sempre de quem as diz ou de quem as escuta”.*

Meu primeiro contato com o Mario Osorio foi enquanto estudante de teologia no Instituto Missionário de Teologia de Santo Ângelo, em 1983, ocasião em que ele veio ministrar um seminário de dois dias, cuja temática era “A Igreja e os Movimentos Sociais”. Lembro-me, ainda, mesmo que por alto, das considerações críticas que àquela altura ele ensaiava a respeito dos rumos do Movimento Popular no Brasil, ao qual se vinculava a ação do Partido dos Trabalhadores nos seus primeiros anos de existência. Em todo caso, havia em suas considerações uma percepção crítica desse movimento. Essa foi a experiência inicial que eu tive com ele, ocasião em que o conheci.

A maior convivência que tive com Mario Osorio foi a partir de 1990. Àquela altura já era docente da UNIJUÍ e estava fazendo Mestrado em Educação em Santa Maria. Nesse ano o Mario havia publicado o livro “Pedagogia: a Ciência do Educador”. Interessou-me muito esse livro porque no âmbito do mestrado eu fazia uma disciplina chamada Teoria da Educação, na qual nós discutíamos a possibilidade da construção de uma concepção geral de educação. Assim, esse livro veio a calhar. Nós o líamos e o relíamos. Convidamos, então, o Mario Osorio para fazer uma conferência na Faculdade de Educação de Santa Maria, no Mestrado em Educação, para falar desse que era o seu novo livro. Na verdade, o livro tinha uma complexidade bastante grande em função dos referenciais que ali eram trabalhados. De modo bastante evidente havia aí um esquema teórico proveniente dos “interesses cognitivos” de Jürgen Habermas, presente em seu livro “Conhecimento e

Interesse”. A partir da apropriação dessa noção de interesses cognitivos, o livro do Mario Osorio propunha uma concepção de pedagogia que articulava ao mesmo tempo um sentido cognitivo instrumental, um sentido histórico hermenêutico e um sentido crítico reflexivo. A novidade desse esquema teórico para a educação estava no fato de esses diferentes sentidos, representados também pelos diferentes interesses cognitivos, apareciam articulados e como mutuamente complementares no âmbito da proposição de uma teoria da pedagogia. Até aí as teorizações provenientes do referencial habermasiano optavam sempre por um ou outro sentido, por uma ou outra dimensão, resultando em entendimentos que se contrapunham ou se excluíam mutuamente. Em outros termos, buscava-se pensar a educação a partir de um ou outro enfoque, resultando sempre em algum tipo de reducionismo teórico. Em síntese, a novidade trazida por Mario Osorio estava nessa percepção da Pedagogia a partir dessas três vertentes representadas pela teoria dos interesses cognitivos de Habermas, compreendendo-os como estruturantes do próprio pensar e fazer da educação. Assim, a teoria da pedagogia passaria a incorporar as contribuições da vertente hermenêutica, da vertente crítico-reflexiva e da vertente cognitivo-instrumental, correspondentes aos três interesses do conhecimento identificados por Habermas. Essa novidade na percepção da pedagogia permite ao Mario Osorio entendê-la como a ciência da compreensão, da organização e da condução dos processos educativos.

É bom lembrar que o livro “Pedagogia: a Ciência do Educador” incorpora também reflexões de outros autores, dentre os quais podemos citar Schmied-Kowarzik, filósofo educador alemão, autor do livro “Pedagogia Dialética: de Platão a Paulo Freire”, de quem Mario Osorio incorpora a noção de pedagogia como “teoria da prática para a prática”. Outro autor bastante presente na elaboração teórica de Mario Osorio é Antônio Gramsci, de quem assume a perspectiva de uma educação que se percebe com funções que avançam para os espaços públicos ampliados.

Mas eu diria que para a construção da noção de Pedagogia como a ciência do educador foi fundamental um pequeno texto do Manfredo Araújo de Oliveira, professor no Ceará, intitulado “A Educação no Conflito das Racionalidades”. Nesse texto o Manfredo, inspirado também nos interesses cognitivos de Habermas, esboça a idéia de uma educação como estando num espaço conflitivo entre, por assim dizer, três formas de razão: a técnico-instrumental, a hermenêutica e a crítica. Esse texto, numa versão mimeografada, era possível de se ver entre os papéis que estavam na

mesa do Mario naquela época. Penso que esse breve ensaio do Manfredo de Oliveira ajudou o Mario Osorio a fazer a articulação de um conceito de Pedagogia mais abrangente, englobando também essas três dimensões num único conceito de racionalidade.

É bom lembrar que àquela altura a percepção que era feita do pensamento de Habermas não indicava para uma noção de unidade das três dimensões de racionalidade. De fato, “Conhecimento e Interesse”, obra de 1967/1968 de Habermas, dava possibilidade de se entender a questão da racionalidade como realmente sendo uma questão conflitiva. E os teóricos da educação que pensavam o currículo nas décadas de 70 e 80 a partir do esquema habermasiano também o expressavam como um campo atravessado por interesses. Um teórico americano chamado Mac Donald (curriculista) também identificava nas diferentes concepções de currículo estas três tendências numa perspectiva conflitiva, configurando o que seriam três distintos paradigmas. Na leitura deste ensaio, com vistas a uma análise do campo do currículo no Brasil, José Luis Domingues, professor da Universidade de Goiás, identificou também no Brasil essas tendências como concorrentes e conflitivas no campo do currículo. Domingues identificava uma tendência mais tecnicista-tradicional oriunda dos curriculistas americanos; outra mais voltada à Escola Nova, de caráter hermenêutico; e, por fim, uma concepção mais crítica vinculada ao pensamento de Paulo Freire. Tratava-se, em todos os casos, de leituras do referencial habermasiano que não primavam pela visão de unidade do pensar e fazer pedagógico, mas de esforços de identificação de dimensões e aspectos em conflito em seu âmbito. Mario Osorio é quem assume em sua reflexão teórica o conceito de uma razão ampliada, tal como propõe Habermas em sua nova fase inaugurada com a publicação de sua Teoria do Agir Comunicativo, e que marca definitivamente a sua entrada no paradigma da linguagem. Embora Habermas já tivesse sugerido esse conceito ampliado de racionalidade, suas implicações para o campo da educação ainda não haviam sido estabelecidos no âmbito da reflexão pedagógica aqui no Brasil.

Detive-me um pouco mais nesse momento marcado pelo lançamento de “Pedagogia, a Ciência do Educador” porque ele vai marcar bastante toda a obra do Mario Osorio. Antes disso, ele havia publicado o livro “Conhecimento e Educação”, em 1988, que foi um primeiro estudo seu da questão fundamental do conhecimento em sua articulação com a educação. Nessa obra, Mario Osorio reconstrói o tema do

conhecimento desde as origens do pensamento ocidental, orientando-se pela noção de que conhecimento e realidade se geram mutuamente. Ou seja, nessa percepção o conhecimento se articula com a realidade, num processo de intergênese que ocorre na unidade do sujeito e do objeto. Embora esse estudo apresentasse um “insight” interessante sobre conhecimento e educação, há aí ainda um comprometimento do pensamento com o esquema sujeito-objeto, que em “Pedagogia, a Ciência do Educador” Mario Osorio busca superar, aproximando-se ao conceito de ação comunicativa e assumindo o que ele mesmo chamará de um novo paradigma, o da linguagem, que permite pensar uma “razão de muitas vozes” e perceber a realidade na complexidade de suas dimensões complementares. De resto, toda a obra do Mario Osorio vai se caracterizar por essa capacidade de articulação, de compatibilização, no âmbito da vida humana e das diversas formas de manifestação cultural, desses sentidos ou dimensões que se complementam. E isso ocorre, de modo especial, com a educação, que é um fazer bastante complexo, diante do que importa sempre perceber as muitas dimensões, bem como a necessidade de articulá-las no âmbito de uma mesma concepção.

O que temos, então, é um conceito de Pedagogia, que é um conceito ampliado, baseado numa noção ampliada de razão, razão que dialoga, razão comunicativa que abrange a hermenêutica da leitura de sentidos sedimentados no passado e que se encontram no presente; razão que se coloca também como um parâmetro para criticar, para indicar um sentido de “dever ser”, bem como a identificação de patologias no âmbito da formação cultural; e, por fim, uma razão capaz de orientar as ações mais instrumentais, mais técnicas, fundamentais para a eficácia do seu fazer. A partir disso, Mario Osorio vai analisar a questão da “formação dos professores”, depois a questão “da aprendizagem”, depois a “questão do computador e das novas tecnologias”, as ciências, a “educação nas ciências”, fazendo uma seqüência de estudos que se coloca numa linha coerente com esse arcabouço teórico produzido a partir dos anos 90 e reforçado depois com a leitura que ele faz da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, sempre obviamente com a percepção da linguagem como a questão fundamental a ser entendida.

O que se deve destacar é que Mario Osorio faz essa guinada lingüística, essa mudança de paradigma no entendimento do fenômeno humano, da educação e de toda a dinâmica social e cultural, percebendo-os como produzidos simbolicamente. Isso significa que nós conseguimos nos entender, nos orientar, sabermos algo sobre

nosso mundo e estabelecer alguma forma de crítica de suas patologias porque desenvolvemos a capacidade lingüística. Afinal, é a linguagem que está na base operativa da construção da vida humana.

Agora, uma questão desafiante em relação ao pensamento de Mario Osorio é a de como entender a coerência de sua obra, de modo que não se encontre uma linha que venha a contradizer a outra, uma idéia que não combine com o conjunto de seu pensamento, ou que seja negada num momento seguinte. Enfim, qual seria a razão ou a diretriz básica do pensamento de Mario Osorio que permitiu que ele fizesse a incorporação dessas diferentes vertentes teóricas sem em nenhum momento incorrer em contradições? Por ocasião do lançamento de sua obra pelo INEP, em agosto de 2006, o professor Ernildo Stein, da PUCRS, desafiou os pesquisadores a encontrarem alguma resposta para a explicação dessa linha de coerência do pensamento do Mario Osorio. E eu logo assumi esse desafio, tentando imaginar uma possível resposta. Afinal o que teve o Mario Osorio como diretriz fundamental das suas buscas, das suas incorporações para que a sua obra tivesse essa coerência de ponta a ponta? Daí eu tenho uma hipótese. Mesmo sem conhecer profundamente toda a produção anterior aos anos 90 de Mario Osorio, aquela parte inicial de seus escritos e de formação do seu pensamento, em que ele dialoga com a escolástica, com Lebrecht, Mounier, etc., mas conhecendo um pouco o *ethos* judaico-cristão, a antropologia hebraica da qual provém boa parte da nossa tradição religiosa, conhecendo um pouco a perspectiva da hermenêutica que ele vai incorporar profundamente em seu pensamento, conhecendo um pouco mais a noção da Ação Comunicativa de Habermas, a perspectiva da filosofia da linguagem, a questão da vida humana como uma construção simbólica, tudo isso me faz levantar a hipótese de um eixo ou de uma linha articuladora de toda a construção do pensamento dele - Mario Osorio. Esse eixo penso eu, não se encontra num ou noutro autor, nessa ou naquela teoria, mas na noção de alteridade. Essa é, no meu entender, uma noção que combina com todas as incorporações que o Mario Osorio vai fazendo ao longo de sua vida. Alteridade como o sentido do outro, a percepção do outro. Trata-se da capacidade de se colocar na escuta do outro, de repensar-se a partir do outro, pela incorporação do seu ponto de vista. E isso me fez chegar a uma elaboração, com a qual fico brincando, de entender o Mario Osorio como um "exímio ladrão". Ladrão no sentido de sempre ter sido capaz de pegar do outro aquilo que ele considerava importante, com o que ele se enriquecia. A partir da escuta do outro

ele fazia uma nova elaboração, o que evitava o solipsismo, prevenindo-o contra ele, ou seja, contra o que seria o empobrecimento em sua própria perspectiva. Então, “ladrão” tem um sentido absolutamente positivo que vai fazer com que o Mario Osorio continue a ser um sujeito criativo e inovador até o fim de seus dias. Afinal, ele tinha essa capacidade de dialogar com o outro, de escutá-lo, para que, ao voltar para o seu escritório, pudesse incrementar a sua reflexão e o seu escrito com essa percepção que alguém outro lhe proporcionava.

Por mais que tivesse tido elaborações teóricas, elas, na perspectiva dele, sempre eram provisórias. Provisórias até que um outro lhe fizesse algum tipo de questionamento ou dissesse alguma coisa que colocasse em questão a sua perspectiva. O sentido da “alteridade” certamente estava presente em todas essas teorias que Mario Osorio acabou incorporando em sua vida e em sua trajetória intelectual. Senão, vejamos. Para a perspectiva da fé judaico-cristã é fundamental a noção de alteridade, do sentido do outro. Temos aí um Deus como o “Outro”, que propõe a acolhida do oprimido como o “outro”. Então, o colocar-se na perspectiva do outro, como também mostram os relatos da vida de Jesus, indica para o crente, o seu seguidor, uma atitude de escuta e de abertura ao “outro”, tomando-o como sujeito. Para isso a linguagem assume uma dimensão fundamental, pois é através dela que este “outro” se manifesta e se revela. Esse sentido de alteridade foi tematizado por filósofos com os quais Mario Osorio teve contato durante a sua vida e durante a formação do seu pensamento, como Levinás, Dussel, Lebrét, Maritain, dentre outros. Houve um momento em sua trajetória que ele incorporou em seu pensamento, pelas leituras de Enrique Dussel, as noções de “alteridade” e de “totalidade”. A noção de “totalidade” provém, conforme Dussel, do *ethos* grego, fechado em sua própria perspectiva e que inclina o ser humano ao domínio e à instrumentalização do outro. Já o sentido de “alteridade”, proveniente do *ethos* judaico-cristão, disporia o ser humano à escuta do “outro”, a um abrir-se à novidade que este sempre representa.

Essa influência de Dussel nós podemos observar de forma mais acentuada na produção do primeiro livro sobre educação de Mario Osorio, que foi “Conhecimento e Educação”. Esse trabalho apresenta, em seu término, algo como um indicativo do sentido de alteridade para pensar a educação e que Mario Osorio incorpora a partir das leituras de desse filósofo latino-americano. Por que incorporaria Dussel em sua reflexão? Certamente porque estava bastante de acordo

com toda a sua trajetória anterior, com sua opção religiosa, com sua opção política pelos pobres, com o seu espírito franciscano. Da mesma forma ele vai incorporando depois a “Ação Comunicativa”, que também tem a sua base no diálogo, no reconhecimento da perspectiva do outro, na noção de que sozinho eu nada sei a não ser que o outro me avalize, diga se o que eu sei ou o que eu estou pensando faz algum sentido. Então é o reconhecimento absoluto de que o sujeito humano só se entende, só sabe algo sobre si, sobre os outros e sobre o mundo, se ele se entender com os outros, o que lhe coloca a necessidade de certificação social. Não dá para ter razão sozinho. E nesse sentido o Mario Osorio não cansava de repetir: “Louco não é aquele que perdeu a razão, mas aquele que acha que tem razão sozinho”. Agora, quem se abre à crítica do outro, quem testa as suas percepções com os outros, este, sim, é capaz de incorporar um sentido de razoabilidade em seu pensar e agir. E Mario sabia que esse era o caminho da razoabilidade, de uma razão distintiva da espécie humana. A assunção dessa perspectiva fez com que ele não enlouquecesse em seus pensamentos, ficando lúcido e criativo até o final de sua vida. Ele sabia que a jovialidade de seu pensamento implicava o contínuo testar de suas percepções com os outros, por mais convicção que tivesse acerca delas. Sou testemunha de inúmeras situações em que o Mario iniciava uma reunião defendendo ardorosamente determinada idéia, determinada proposta. Depois deixava que os demais falassem, criticassem suas percepções, suas propostas. Aos poucos ficava mais calmo e, visivelmente, passava a refletir sobre a opinião dos outros, sobre o ponto de vista dos outros. E, não raras vezes, além de concordar plenamente com as opiniões dos outros, assumia as conseqüências práticas dessas opiniões, incorporando também tais perspectivas em sua produção teórica. Assim, podia acontecer que num dia se fazia algum debate, uma discussão com colegas e, no outro, antes das 8 horas da manhã, a perspectiva dos outros se incorporava no trabalho de pesquisa dele. Daí a brincadeira que hoje fazemos de chamar o Mario como “exímio ladrão de idéias”. Ele tinha muito claro que a cultura humana tem essa dimensão coletiva. Todo e qualquer pensamento, por mais inovador que a gente possa entendê-lo, é fruto das circunstâncias e das idéias que estão circulando no momento. Então, toda a produção teórica tem esse sentido de “roubo” quando alguém assume a tarefa de sistematizar o que está sendo dito, o que de alguma forma está “no ar”.

Acredito que foi a leitura de Habermas que colocou Mario Osorio na linha de frente do debate pedagógico a partir dos anos 90. Suas posições vão se pautar em torno da discussão do tema da racionalidade. A noção de uma racionalidade ampliada, baseada na condição lingüística da espécie humana, certamente foi a idéia fundamental e o condutor do pensamento dele. A partir dessa mudança paradigmática a educação se coloca em novas perspectivas, modificando-se as percepções do caráter do conhecimento, das formas de sua produção e aprendizagem. Destaco, nesse sentido, a importante obra publicada em 1995, intitulada “A Aprendizagem na Mediação do Aprendido e da Docência”. Nesse livro são discutidos os processos de “aprender a aprender” na mediação do outro, em especial, do docente. Tais reflexões precisariam ser retomadas nos dias de hoje quando as percepções do ensinar/aprender parecem estar num horizonte muito nebuloso, pelo menos a contar do que se vem propondo como formas de aprendizagem ou formas de mediação, geralmente pautadas em critérios técnicos ou de racionalidade econômica. Há atualmente muita confusão entre o que seria a oportunização de um qualificado processo de aprendizagem e a simples disponibilização de informações. As formas institucionalizadas de educação, e que contam com formas pedagógicas de mediação, surgiram exatamente em função da insuficiência da mera acessibilidade a dados e informações.

O próprio título “Aprendizagem na Mediação do Aprendido e da Docência” pressupõe uma docência com tarefas específicas e que vão muito para além da mera disponibilização da informação. Esse “além” se coloca na ótica do que Paulo Freire reflete sobre a relação pedagógica, indicando para um educador que também aprende, que também se modifica enquanto ensina, o que em nada sugere algo como um suporte estático de informações, ao modo como opera, por exemplo, uma tecnologia que apresenta dados e informações. Esse “além” também incorpora reflexões como as de Vygotsky, que mostra que aprendemos sozinhos ou com os pares até um determinado estágio, seja pela experiência do cotidiano, seja pelas informações que nos são disponibilizadas. Um estágio mais elevado, no entanto, só conseguimos alcançar com a mediação de um outro, de uma anterioridade pedagógica. É nessa perspectiva que se coloca a docência, como mediação de um outro que está mais bem inserido na dinâmica do conhecimento, conhecendo os seus meandros, as suas razões e justificativas de validade, mas que, ao mesmo

tempo em que representa essa tradição cultural também a reconstrói, refazendo a sua própria aprendizagem.

Essas coisas são possíveis de serem ditas a partir da incorporação desses sentidos fundamentais da alteridade, do aprender a partir ou por causa do outro e com o outro. E ninguém vai chamar o computador de outro, porque este, ao contrário do que se espera do docente, não se modifica enquanto é acessado. Mas há, obviamente, percepções da docência como um trabalho de informação ou de transmissão de dados e informações. Por isso precisaríamos fazer honestamente a seguinte pergunta: Afinal, o que imagino fazer quando vou dar uma aula? Certamente muitos acreditam que dar aula é realmente isso: “dar”, fazer uma doação, esgotar-se diante dos alunos. A consequência disso é, de fato, o esvaziamento do professor. Penso que muitas das situações patológicas que envolvem o magistério têm a ver com isso. Importa, portanto, sinalizar para uma pedagogia que compreende a docência na forma proposta por Mario Osorio e que recupera o sentido positivo e construtivo da alteridade. Trata-se de uma perspectiva, em meu entender, ainda não suficientemente entendida e explorada no âmbito da educação. Talvez boa parte do mal-estar docente e das dificuldades que circundam o seu fazer possam vir a ser diagnosticados a partir dessa mudança de perspectiva sinalizada nos escritos do Mario Osorio.

Mas eu quero ainda falar alguma coisa sobre a forma como opera a educação na mediação de processos de aprendizagem. É uma linha de reflexão que certamente a obra do Mario Osorio instiga ou permite aprofundar, que é a noção do que efetivamente poderíamos entender por comunicação, tendo como parâmetro a noção de alteridade, hermenêutica, diálogo, comunicação e constituição simbólica da vida humana. E certamente essa obra de 1995, “Aprendizagem na Mediação do Aprendido e da Docência”, permitiria explorar esse sentido ou essa percepção do que ocorre efetivamente quando os sujeitos dialogam. Diria que o conceito de comunicação precisaria se contrapor à noção de transmissão, tal como é aprendida nas aulas de comunicação e expressão no ensino fundamental (que pelo menos eu aprendi): “comunicação ocorre quando um emissor emite uma mensagem e que, por sua vez, é recebida por um receptor”. É a noção de comunicação como “transfusão” de consciências, de sentidos, de percepções, ou seja, a imaginação de que comunicar é abrir um “vaso comunicante” entre consciências. E enquanto se

trabalha na perspectiva que existem vasos comunicantes entre consciências, certamente não se estará entendendo nada sobre comunicação.

Como operaria, então, a comunicação humana? Como ela permite esse sentido profundo de reconhecimento de uns diante dos outros? Na verdade, na comunicação nós só podemos nos defrontar. Não podemos “passar” nada. A constituição da subjetividade humana, a partir do que se sedimenta toda e qualquer forma de conhecimento, não ocorre sob a forma de uma recepção, como um processo de “fora para dentro”, mas como ação construtiva do sujeito diante das resistências ou reforços que os outros apresentam. Trata-se, por isso, de uma construção que ocorre na perspectiva e sob a avaliação contínua do sujeito aprendente e em constituição. A comunicação como transmissão, como ato de passagem, por sua vez, está na base do que poderíamos interpretar como boa parte das patologias pedagógicas, como aquela imaginação de que o professor tem um pacote de coisas a ensinar, ou que “tem uma comida para dar aos alunos”. Hoje os alunos estão sem fome, fazem de conta que comem e o professor fica frustrado porque sua comida está sendo rejeitada pelos alunos. Por mais que Paulo Freire já tenha dito há 30 ou 40 anos que educação não é doação, ainda estamos com dificuldades para abarcar a dimensão disso. Penso que com as referências teóricas que hoje dispomos como a hermenêutica, a teoria da ação comunicativa, dentre outras, é possível dar um passo a mais na direção de uma reflexão mais radical, de uma reflexão que obrigue a cada ser humano-educador-militante a reconhecer a necessidade absoluta do engajamento e da cumplicidade em todo e qualquer processo de aprendizagem. Não existe aprendizagem sem cumplicidade, sem envolvimento. É preciso superar a cultura escolar que acredita que o aluno aprende do professor, ao mesmo tempo em que este imagina que da forma como ele aprendeu o aluno vai aprender. Isso não passa de uma ilusão, de um engano.

Proponho, em contraposição, que a gente pense de outra forma, assumindo o que efetivamente ocorre na comunicação humana, ou seja, uma mera defrontação. Embora ao falarmos diante de outro cremos e agimos como se este nos entendesse, não podemos cair nesse engano. Essa é uma ilusão, mas necessária. De fato, temos que nos convencer de que o outro, a rigor, não nos entende, não capta os nossos pensamentos, nem os sentidos que imaginamos expressar. Diante da nossa fala o outro apenas tem uma oportunidade de repensar-se. É esse o aspecto fundamental do que chamamos de diálogo: a oportunidade de uns se refazerem

diante de outros, aprenderem *por causa* dos outros, embora nunca *dos* outros. Essa percepção do caráter da comunicação é fundamental para a percepção da vida humana, das formas de construção das identidades e dos modos de produção de aprendizagens. Vemos, assim, a noção de um diálogo como um processo de defrontação, que funciona como se fosse uma encenação, um fazer de conta, de que uns falam e que os outros os entendem. Para todos os efeitos, nós não podemos cair na ilusão de que efetivamente nos entendemos mutuamente. Esse é o paradoxo da comunicação. E por causa desse paradoxo a comunicação é produtiva, operativa, criativa. E o resultado da comunicação não é a passagem de algo de uma consciência para outra, mas consciências recriadas e renovadas diante desse jogo de uns dizerem algo aos outros, sabendo que no fundo se trata de um se dizer a si mesmo, embora diante do outro, sendo que a reação do outro é sempre motivo para um repensar-se. Só porque somos assim criativos nesse jogo de dizer-nos uns diante dos outros que nós humanos conseguimos realizar esse feito fantástico que é a cultura humana, diferenciada em cada época porque não simplesmente transmitida de geração em geração, mas sempre recriada.

Por que nós aprendemos? Aprendemos não porque dizemos umas coisas aos outros. Aprendemos porque nos defrontamos em nosso esforço de nos comunicarmos. Obviamente que este desdobramento que eu estou sugerindo se coloca numa perspectiva que acolhe todas essas incorporações que o Mario Osorio vai fazendo em sua trajetória, referidas mais acima, como a do existencialismo cristão, do franciscanismo, da alteridade dusseliana, da ação comunicativa, da hermenêutica, e, em decorrência, de toda a centralidade da linguagem como abertura ao outro, sem a ilusão de que nessa abertura algo se passe de um ao outro. Assim, podemos dizer em relação ao Mario, que ao falar com seus colegas, ao discutir um assunto, no fundo ele sempre sabia que apenas estava discutindo e testando a sua diferença, a fim de se repensar, coisa que ele sabia só poder fazer à luz de seus próprios pensamentos e referenciais, a partir do que vinha pensando ou experimentando. E, obviamente, o que ele incorporava não era exatamente aquilo que o outro dizia, ou imaginava estar dizendo. *“E o Mario tinha consciência disso ao dizer, por exemplo, que as palavras são sempre as mesmas, mas o que elas significam depende sempre de quem as diz ou de quem as escuta”* (grifos nossos). Nesse sentido, em vários momentos de sua obra, temos indicativos que apontam para uma compreensão da linguagem não como operação de transferência ou de

transmissão, mas como possibilitadora do processo de autoconstrução de cada sujeito. Estamos sugerindo que é exatamente o fato da comunicação humana ser intransparente que a torna produtiva, operativa e criativa. Por outro lado, arriscaríamos dizer, que se a nossa comunicação fosse transparente nós possivelmente não seríamos uma espécie diferenciada. Comunicação “perfeita” se dá no nível dos instintos, no nível dos gens, mas não no nível da cultura. A cultura é exatamente o resultado de uma comunicação não transparente, não transferidora. Trata-se, como estamos sinalizando, de um conjunto de possibilidades que se colocam a partir das obras de Mario Osorio e que poderiam ser mais exploradas.

No curso de pedagogia, a obra de Mario Osorio de uma forma ou de outra, ela está presente, mesmo não trabalhada de forma sistemática. O corpo docente se apropria de suas obras, mas claro que cada um se apropria dela com suas possibilidades de apropriação ou cada um reconstrói suas bases de pensamento a partir do que suas referências permitem.

Mario Osorio e Paulo Freire acredito que ambos têm vertentes comuns, como as oriundas da tradição religiosa cristã, da filosofia da primeira metade do século XX, do existencialismo cristão, além da assunção do desafio do engajamento político nos anos 60 do século XX. Paulo Freire se dá conta da questão fundamental do diálogo, do diálogo como forma de o sujeito aprender sempre se construindo. Mas o diálogo em Paulo Freire emerge como uma opção existencial, como uma virtude desejável e não propriamente a partir de fontes teóricas. Como ele ainda não reflete a partir da guinada lingüística, o diálogo não aparece como uma questão de “conduta de racionalidade” humana. Nesse sentido pode-se observar uma novidade em Mario Osorio que, ao incorporar a noção de uma razão ampliada, de uma razão que dialoga, aponta para o diálogo como a condição de racionalidade da educação. Em outros termos, em Paulo Freire o diálogo aparece como uma virtude que se espera do educador. Mas se o educador não tem essa virtude, o que é que eu vou fazer? Já em Mario Osorio a assunção do diálogo aparece como um apelo à razão. Negá-lo resultaria numa negação da condição de racionalidade que produz o mundo humano. De fato, a partir da virada lingüística o mundo humano aparece como uma construção criativa e inventiva produzido na lógica da mediação da linguagem. Por isso, o próprio processo de inserção nesse mundo, seja da parte de quem educa ou de quem é educado, necessita assumir na prática essa lógica constitutiva da vida humana. Essa perspectiva que põe o diálogo como exigência de racionalidade indica

que em não o assumindo todo o trabalho de educação resulta sem sentido, como uma irracionalidade. Enfim, é como dizer ao professor: se você não for dialógico você pode ir para casa por que aqui só funciona diálogo, só funciona comunicação. Em decorrência, se você não está a fim de aprender quando vai para a sala de aula, você não presta mais para ensinar, como sugere Paulo Freire, embora mais por intuição do que por argumentação lógica.

Então o ponto de chegada, sem dúvida, é o mesmo. Mas a argumentação, a forma do discurso tem sido diferente. Paulo Freire nunca refez as suas noções básicas da filosofia da consciência, do sujeito e de suas relações com os outros, do sujeito que intenciona a realidade e busca nela a verdade num esforço de esclarecimento de sua consciência. Freire não parte do coletivo, da intersubjetividade como fundante, da defrontação de uns com os outros como o ponto de partida para a discussão da questão da educação. O Paulo Freire diz assim: Eu sou sujeito, eu sou e posso pôr-me a fazer. Então vem a educação. Então eu busco a educação. Como eu sou incompleto eu tenho que buscar os outros. Na perspectiva da racionalidade comunicativa, assumida por Mario Osorio, eu não sou ninguém, tento me comunicar. Eu não tenho consciência de absolutamente nada. Então a comunicação não é nem um instrumento, nem uma metodologia, é a condição para eu ter um diferencial como sujeito humano.

Eu diria hoje que a obra de Mario Osorio que deveria ser indicada e estudada, porque de uma forma ela incorpora as reflexões anteriores, é "Aprendizagem na Mediação do Aprendido e da Docência". Por ali mais ou menos ele chega ao término de um ciclo que começou em 1986, quando ele se propôs estudar os temas do conhecimento, os temas da Pedagogia, da formação do professor. A obra citada é como se fosse o ponto de chegada de toda essa caminhada, articulada, agora, em torno da questão fundamental da aprendizagem humana, razão de ser de toda e qualquer forma de educação. Uma síntese, mas orientada para a discussão fundamental da docência. Da docência e do aprender. Então como quem lida com a Pedagogia, com a educação, eu acho que é essa obra que deveríamos recuperar e, se não a entendermos, aí, sim, buscarmos as suas obras anteriores.

Ele tinha interlocutores no âmbito da Pedagogia, a cujo departamento passou a pertencer a partir dos anos 80. Nessa fase, em que ele efetivamente foi mostrar ser um intelectual pesquisador, ele se deixava instigar em seu pensamento. Suas

obras recolhem, em boa medida, as discussões em torno do Curso de Pedagogia nos anos 80 e inícios de 90. Se não foi diretamente na conversa com os professores, foi nesse contexto, nesse envolvimento dele com a construção e elaboração desse projeto de um curso de Pedagogia que suscitou essas buscas todas. Mas se tivesse ficado apenas nesse âmbito da conversa cotidiana obviamente que não teriam saído todas essas produções. O que foi fundamental foi o fato de ele sempre estar de olho naquilo que aparecia como novidade no campo da educação, na teoria do conhecimento, na discussão filosófica sobre a questão da racionalidade. O fato de ter estado na Editora Unijuí nesse período o deixava em contato com todas as novidades que apareciam. Ele não deixava despercebido qualquer livro que passasse pela Editora ou pela livraria. Ficava sempre de olho para ver se alguma coisa nova aparecia. E caso fosse, fazia imediatamente a reserva de um exemplar para a sua biblioteca. Então essa oportunidade de constante atualização ele teve, mesmo não viajando muito, por causa dessa proximidade com a editora, dessa possibilidade de estar de olho em tudo o que aparecia de novidade.

Certamente muitas coisas da instituição tiveram a marca dele, principalmente no começo. Pelo que eu tenho ouvido, a instituição carregou muito forte a marca dele. Talvez a partir dos anos que nós nos tornamos Universidade, a partir de 1985, a marca dele tenha ficado mais fortemente presente no âmbito do Departamento da Pedagogia, no âmbito das licenciaturas. Então, certamente se você olhar um curso de engenharia você não vai ver nada do Mario Osorio. Mas a imagem da UNIJUÍ enquanto instituição formadora de professores certamente está vinculada à trajetória do Mario Osorio. Isso com toda a certeza seja pelos cursos de licenciatura, seja pela presença dele nos cursos básicos, seja pelo Mestrado, no esboço do projeto de Mestrado em Educação nas Ciências, ao incorporar boa parte de sua perspectiva teórica. Esse Mestrado certamente não teria assim se constituído sem engenhosidade do pensamento do Mario Osório.

Análise do Tom Vital: “E o Mario tinha consciência disso ao dizer, por exemplo, que as palavras são sempre as mesmas, mas o que elas significam depende sempre de quem as diz ou de quem as escuta”.

Afirma Marques (2006c, p.124) que:

O uso da palavra adequada no momento oportuno é postulado pedagógico fundamental, embora não se possa incorrer na ilusão de que, pelo fato de usarem as mesmas palavras, estejam todos operando com os mesmos conceitos, quer dizer, com a explicitação do mesmo sistema de referências. No contexto global das relações em sala de aula situa-se a docência pela mediação tanto da palavra pronunciada como na acolhida pelo aluno.

Vigotski (1996) na obra *Pensamento e Linguagem* faz referência a esse respeito quando diz que o meio é recoberto de significados culturais, apreendidos com a participação de mediadores. Para o autor (1996, p. 44): “o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, Isto é, pela experiência sociocultural da criança. O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais de pensamento, Isto é, da linguagem”.

Neste sentido, a linguagem é o meio pelo qual o ser humano constitui-se sujeito, dando significados aos eventos, aos objetos, “aos seres tornando-se, portanto, ser histórico e cultural” (VIGOTSKI, 1996, p. 44).

De acordo com Vigotski (1996, p. 104), a passagem do pensamento para a linguagem passa necessariamente pelo significado. “A natureza do significado como tal não é clara. No entanto, é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal”. Não é algo definitivo,

mas evolui histórica e culturalmente. Pertence à ordem do pensamento somente quando viabilizado pela fala, pois só existe pensamento a partir da viabilização pela palavra.

O significado das palavras é um fenômeno do pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa-união da palavra e do pensamento (VIGOTSKI, 1996, p. 104).

Segundo Ferreira (2001, p. 170) “para Vigotski, o significado da palavra é a chave da compreensão da unidade dialética entre pensamento e linguagem e, como consequência, da constituição da consciência e da subjetividade”. A que se ressaltar

que não existe uma relação estável entre palavras e significados, essa relação está condicionada ao contexto sociocultural.

Para Mario Osorio as palavras são sempre as mesmas, mas “em diferentes contextos, o sentido da palavra se modifica. O significado não se modifica”. Reafirmando aquilo que já dissemos, de acordo com Vigotski (1996, p. 104), “uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes altera o seu sentido”.

Para Vigotski (1996, p. 125), “o significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas de fala”.

“E o Mario tinha consciência disso ao dizer, por exemplo, que as palavras são sempre as mesmas, mas o que elas significam depende sempre de quem as diz ou de quem as escuta”⁸⁶.

4.2.6 Professor Telmo Rudi Frantz

TOM VITAL: “*Ele foi sempre um ativista da educação em primeiro lugar, como condição primeira e básica de qualquer processo de desenvolvimento*”.

Eu vou tentar ser mais sintético possível por que é uma questão que envolve muitas dimensões e que se fosse querer esgotá-las exigiria longas conversas o que não é o caso aqui.

Como eu o vejo nessa trajetória. Em primeiro lugar vou colocar uns dois ou três dados sobre a nossa convivência. Fui aluno dele na graduação e foi ele quem me convidou para vir trabalhar na FAFI em 1967. Aceitei o convite e recebi uma bolsa da Fundação Ford. Então a partir daí vim a Ijuí e tive uma convivência bem grande com ele nesses anos todos, seja como professor, seja como amigo, e como uma referência quase paternal no aspecto das questões ligadas ao desenvolvimento e a solidariedade social e suas preocupações com a comunidade regional etc. Mas o que caberia agora dizer, já quase elaborando um pouco o que pode ter significado a ação dele é preciso contextualizá-los historicamente.

⁸⁶ Conforme Boufleuer em entrevista concedida a autora em 02 de fevereiro de 2007.

Mario Osorio veio para em Ijuí sendo integrante de uma ordem de Frades Capuchinhos que tem como característica o serviço baseado em São Francisco e em certo desapego aos bens materiais. Ao mesmo tempo pensando na necessidade da partilha com as pessoas mais necessitadas de sua localidade ou de uma região com os quais se compromete. Por outro lado os frades capuchinhos são na sua grande maioria descendentes de colonos principalmente italianos. Mario Osorio não era descendente de italianos, portanto era uma exceção nesses quadros por que ele vinha dos Campos de Cima da Serra, sendo do meio rural, mas na criação de gado. Era de uma família de fazendeiros de descendência portuguesa, não era um grande fazendeiro, mas enfim era uma pessoa que já tinha outra perspectiva da dinâmica socioeconômica de um estado e de um país.

Em outros termos poderíamos dizer que ele vem de uma família onde as questões das relações de poder que se estabelecem na sociedade são mais claras do que na percepção do descendente de imigrante. Então esse é um dos aspectos que caracteriza o Mario Osorio, mais sensível aos rumos da história, essa capacidade de perceber e de elaborar o seu discurso e a sua ação no sentido mais de favorecer a mudança em curso do que para se opor a ela. Eu nunca senti nele uma posição de se contrapor as tendências históricas, mas muito mais de entendê-las e agir dentro de sua corrente para contribuir para uma maior humanização de um processo histórico irreversível. O que ele encontra aqui em Ijuí é uma grande transformação da economia e da sociedade dessa região. Há uma percepção muito clara por parte dos Capuchinhos da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras que esta sociedade regional estava saindo de alguma forma de uma quase Idade Média do ponto de vista cultural e do ponto de vista econômico, passando da tração animal e da policultura primitiva do ponto de vista tecnológico, do trabalho exigindo muita mão-de-obra, as grandes famílias etc. para a idade moderna. Passava-se de uma comunidade/sociedade muito referida a igreja de estruturas não laicas, para uma sociedade laica, para uma sociedade modernizada no sentido tecnológico e no sentido sócio-cultural. Trata-se da passagem de um mundo quase medieval para um mundo moderno. Creio que os capuchinhos e o Mario Osorio foram líderes, na elaboração desse pensamento, dessa compreensão, de que a maior parte das pessoas dessa região eram pequenos agricultores e em sendo pequenos agricultores tinham um vínculo muito forte com a Igreja e neste vínculo deveria haver uma nova explicação sobre o entendimento do universo, do mundo e da realidade e

é este o trabalho que vai realizar-se com a proposta do Movimento Comunitário de Base.

Nesse sentido se pode dizer que quando os Capuchinhos lá na origem do Movimento Comunitário de Base se preocupam com essas camadas populacionais, não é talvez tanto pela sua eventual pobreza material, mas é muito mais no sentido de uma população carente de uma explicação. Esta população precisava entender uma realidade de mudanças profundas, de uma realidade de mudanças paradigmáticas. As suas necessidades não eram, tanto de pão, mas de entender em que mundo estavam e a passarem para o mundo moderno sem maiores conseqüências culturais, espirituais e materiais negativas. Essa dimensão complexa exigia uma ação mais do que caritativa e paternalista. A questão vai muito mais da organização de agricultores, da organização de bairros. Começavam assim os cursos denominados de Introdução ao Mundo Moderno. Tem uma razão muito forte para isso e conseqüentemente a preocupação maior era: “Entender e Organizar”. Organizar diferentemente num outro patamar os agricultores. Aí vêm as propostas então que são movimentos já típicos da modernidade que é o sindicalismo que é o cooperativismo que são formas de organização para que essas pessoas não se perderem individualmente.

Creio que o resto da vida dele, depois na faculdade que virá mais tarde na base da constituição da Fidene como Fundação são sempre focados nessa questão. Quando se cria a Fundação em 1968 e passa a fazer com que esse olhar, essa leitura e esse trabalho que tinha um caráter meio que local no município de Ijuí, pudesse ser regionalizado na sua concepção numa clara percepção também de que se tratava de organizações em níveis cada vez mais amplos e mais complexos. Então sem perder a dimensão do humanismo que lhe é característico, se cria uma Fundação. Está lá o logotipo com aquelas engrenagens que mostram que a tendência do novo mundo era uma maior tecnificação, era o desenvolvimento industrial. Mas com uma frase no meio como que para amenizar aquelas garras dos mecanismos dizendo: *Cor ad Cor Loquitur*. “O coração fala ao coração”. Associando a dimensão do humanismo com a dimensão do mundo em transformação na linha da modernidade agrícola etc. e com todas as suas conseqüências. E isso está presente em sua ação, seja como presidente, seja como diretor, seja como professor ou como pesquisador sempre procurando entender e propor ações, propor cursos, propor cursos de graduação, de pós-graduação sempre tentando acompanhar o

grau de complexificação deste mundo em decorrência das mudanças paradigmáticas. Isso ele teve claro até o fim de sua vida. Quando ele percebe que, se tinha saído da Idade Média lá na década de 50 e entrado na modernidade e depois rapidamente na pós-modernidade, ele escreve o livro: “O computador na Escola”.

No final de sua vida o Mario tem uma preocupação com estas novas tecnologias, que para ele estava claro elas eram provocadoras de uma mudança. Essa é a trajetória do Mario Osorio no meu ponto de vista. A caminhada dele. Então ele propõe ações de desenvolvimento não na perspectiva ativista, mas sim numa perspectiva de compreender e organizar em graus de complexividade e aí entram os grupos sociais.

Muitos tentam aí talvez ver uma opção dele pela esquerda ou pela direita. Eu acho que o Mario Osorio foi sempre meio avesso a esta forma de organizar e ver a sociedade. Como bom capuchinho ele via a todos como irmãos de certa forma. Mas ao mesmo tempo como descendente lá das regiões dos Campos de Cima da Serra ele também tinha um entendimento das dinâmicas do poder. Ele não era ingênuo até na forma do discurso dele. Mas ele também tinha muita consciência o quanto dava pra querer se contrapor a um movimento econômico-social, político e cultural ou não. Então eu acho que, nesse ponto ele sempre foi bastante independente. Eu como estudante entrava naquelas discussões sobre Marxismo, sobre revolução e coisa e tal e ele ficava ouvindo assim, e com um olhar como quem diz:

- Bom, é uma fase... vai passar. Mas a questão não está bem ali. Isso nem todo mundo compreendeu, mas percebo que isto é o grande legado que ele nos deixa. Esta capacidade de entender os processos históricos e de agir dentro dos processos históricos. Não imagina que se vai a partir de uma Universidade contrapor e provocar uma revolução. Acho que para ele a revolução socialista nunca esteve em pauta nesse período todo.

A FAFI tinha uma extensão em Santo Ângelo e uma extensão em Cruz Alta. Ali já tinha um pouco essa idéia de regionalidade, mas depois houve uma mudança na Legislação Federal dizem que, foi induzida pelo então reitor da Universidade de Santa Maria. Essa legislação dizia que só as Universidades podiam manter extensões ou Campus e com isso a UNIJUÍ teve que retornar a Ijuí. Tanto em Cruz Alta quanto em Santo Ângelo á partir da caminhada já feita pela FAFI criaram-se localmente as suas associações de professores: a APROCruz em Cruz Alta com o

objetivo de criarem uma instituição superior própria. Em Santo Ângelo se criou uma entidade pró Universidade das Missões denominada FUNDAMES. Essa idéia foi uma idéia dele, dos capuchinhos.

Na origem da criação da Cotrijuí sua influência foi menor. Foi uma iniciativa de um grupo de granjeiros na época. Pelos livros que eu tenho analisado e no que escrevi sobre os 25 anos da Cotrijuí não consta a presença dos capuchinhos. Mas eles entram numa 2ª fase. Acho que é em 1962 (se não me engano/ver livro Cooperativismo e Desenvolvimento Rural/o caso da Cotrijuí – 1982) Lá tem um capítulo específico que trata do Movimento Comunitário de Base e da Cotrijuí. Ali houve uma crise na década de 60. Eu não lembro exatamente o ano agora, mas teve uma série de problemas e houve mudanças na direção da Cotrijuí, com a troca um pouco traumática de dirigentes da Cotrijuí e ali o Movimento Comunitário foi decisivo. E aí o Mario Osorio esteve junto liderando este movimento e influenciando dali pra frente na direção da Cotrijuí. A partir daquele momento a Cotrijuí deixa de ser uma cooperativa focada só para os produtores de trigo, e eram grandes os produtores de trigo, para focar os agricultores de uma maneira geral, tanto que ela passa a incorporar uma série de cooperativas mistas nesse período e cresce muito, mas cresce com um olhar para uma agricultura um pouco mais diversificada. Muda de perspectiva e começa a se preocupar muito mais com uma educação cooperativa e para isso ela se utiliza dos núcleos de base do MCB e começa a haver uma aproximação muito grande da Cotrijuí com o MCB com a FAFI e a FIDENE depois, que se manteve por muitos anos. O MCB é o grande mote, pois ele incorpora uma série de ações. Do ponto de vista metodológico o essencial do MCB é a organização de agricultores em primeiro lugar, e dos bairros em segundo lugar, com reuniões constantes organizadas com atas, com definição de quais objetivos de atuação. Isso fez conseqüentemente, que o Mario Osorio fosse presença em tudo quanto é iniciativa que surgia neste mundo. Mas, além disso, havia programa com crianças, programa de rádio. É difícil imaginar, pois a década de 60-70 o Mario Osorio estava presente praticamente em tudo o que acontecia. Ele nesta época era um líder ativo e não escreve quase nada, mas a gente sentia que ele tinha um pensamento. Ele tinha uma direção, esse modo de conceber a realidade, e eu acho que a base desta compreensão é: o mundo está mudando, para que haja um desenvolvimento regional é preciso que não se perca a dimensão humanista, que as pessoas consigam viver bem e consigam ser agentes desse desenvolvimento, sem se deixar

instrumentalizar por nenhuma tendência ideológica dominante nos embates ideológicos nacionais. Claro que ele tinha uma formação ideológica que era sua formação religiosa etc. Com isso ele é coerente, mas no mais ele tenta manter uma visão, digamos assim, mais abrangente dos sectarismos que vão se manifestando principalmente na década de 60 e 70 que foram anos terríveis. Em 1982 foi um marco, quando ele produziu o livro *Universidade Emergente*. A partir de então ele começa a sistematizar seu pensamento por escrito.

O Instituto de Educação Permanente na FIDENE funcionou até no início da década de 80. E era uma instância independente da FAFI e onde havia ainda uma atuação bastante significativa junto aos movimentos. O que ocorre é que a base organizacional do MCB é incorporada pouco a pouco pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O sindicato até hoje funciona em cima desta lógica, desta estrutura e absorve essa função; e a Cotrijuí cria numa determinada época, uma unidade de educação de agricultores, com um grupo grande de pessoas que continuam fazendo trabalho dentro do cooperativismo tanto da doutrina cooperativa, quanto das questões operacionais da cooperativa em toda a região apoiando-se na estrutura e na metodologia de organização do MCB. Através da Cotrijuí, de alguma maneira, a metodologia de organização dos agricultores se espalha por toda região, até Portela.

Eu participei desse processo através de um convênio entre a FIDENE e a Cotrijuí. A FIDENE coordenava, através do Instituto de Educação Permanente, o trabalho de organização de núcleos de base em toda a região da Cotrijuí e nas áreas onde ela pretendia ir colocando as suas unidades, gradativamente. Então nesse sentido eu diria que houve como uma absorção por parte de duas entidades, uma cooperativista e outra sindical, da dinâmica do Movimento Comunitário. Ele não tem mais aquela função original porque de certa forma depois que o processo original se completa o movimento com aquelas concepções regionais se esgotou. O que se estava exigindo a partir dali eram níveis de qualificação superior, surgem então os cursos de Tecnólogos em Cooperativismo e Administração Rural. Os programas de contabilidade agrícola trabalham mais a questão do mercado, diferentemente do que era na fase de quando nasce o Movimento Comunitário e assim sucessivamente, até nós chegarmos aos Mestrados que representam novos níveis de exigência na formação de recursos humanos para um mundo que mudou. E é nessa linha que Mario Osorio começa o trabalho criando o Instituto de

Planejamento que depois foi fechado, pois a FIDENE quando foi criada, tinha o IEP – Instituto de Educação Permanente e o IPP – Instituto de Pesquisa e Planejamento que era mais técnica de acordo com o momento que tinha nascido, e o curso de Enfermagem, o curso de Administração, e o de Ciências Contábeis, cursos que foram criados para esse novo momento.

Já era o mundo moderno aí, e o Mario Osorio sempre teve uma participação muito ativa em todos esses cursos. Extremamente ativo na criação e na concepção de todos os cursos, ele era o líder desse processo todo, até o início da década de 80, quando o Baggio assume a reitoria e começa a haver um deslocamento gradual da liderança do Mario Osorio. Um leve deslocamento em que o Baggio começa a assumir mais essa função já numa nova perspectiva. Depois, eu acho que os reitores começam a ter certa luz própria. E nesse meio tempo então o Mario, inteligentemente, se desloca para a pesquisa e ele estava na idade agora de começar escrever sobre a caminhada e como ele via este mundo novo que estava surgindo. Vai para editora e publica toda a sua obra. Ele incentiva enormemente a pesquisa, a pesquisa acadêmica a pesquisa sistemática. A criação do primeiro Mestrado foi uma grande luta dele. Percebe-se que ele sai de um certo ativismo amplo e desenvolvimentalista geral, para uma linha um pouco mais acadêmica, mas também indispensável para qualificar a região. Mas ele sempre era muito parceiro. Eu me lembro quando eu fui reitor 87 a 93, eu diria hoje que o trabalho básico que a gente fez nesse período da reitoria foi entrar nas áreas tecnológicas conscientemente através de um Programa Regional de Ciência e Tecnologia, ele sempre foi um grande apoiador dessas iniciativas novas. Que nos fez criar os Campi na Região com áreas temáticas. Ele foi uma pessoa que nunca se opôs ou criou problemas. Contrariamente a outros segmentos da Universidade que se posicionavam contrários a isso porque já tinham leituras que não iam propriamente no eixo do Mario Osorio, mas que iam muito mais com um olhar preconceituoso. Tudo que é tecnologia era visto como sendo ruim, num posicionamento que o mercado é um horror, essas coisas assim. Ele Mario Osorio foi sempre muito cauteloso de não fazer esse tipo de afirmação categórica. Mas ao mesmo tempo sem perder jamais a sua visão crítica também. Era um crítico, mas mais construtivo, de apostar nas idéias novas que correspondiam ao mundo emergente.

Mario sentia para onde a tendência ia. Numa discussão ele tinha uma capacidade muito grande de captar as idéias e sistematizá-las e jogá-las como

novas. Dali a pouco ele aproveitava a idéia do adversário da discussão e transformava de tal maneira que o cara se sentia contemplado quando provavelmente já não era exatamente o que o mesmo sujeito pensava anteriormente. Ele era muito “ladino” no bom sentido, pode-se dizer, por que ele sabia para onde ele queria ir. Essa noção das macro tendências ele assimilava muito bem.

Podemos colocá-lo de certa forma como um príncipe virtuoso, vitorioso. Ocupou os lugares certos nas horas certas, sabia se retirar quando tinha que se retirar como foi o caso em 1982. Houve um certo confronto, quando o Baggio assume a Reitoria. Era uma tendência um pouco nova que assumia a gestão, não uma contestação ao Mario, mas era um discurso talvez mais enfático assumindo mais decisivamente a modernidade e o Mario então se retira do poder formal e vai para o outro lado do poder, talvez até mais real da universidade, que é o poder do conhecimento.

Ele sentiu que era chegada a hora dele se retirar das chefias formais do comando institucional para ir para o controle do conhecimento: Esse é um lance de sabedoria. E com isso ele se manteve até o fim e crescendo nesse novo cenário que, aliás, lhe dão hoje muito mais perenidade, que são as suas obras escritas. Você pode ter criado uma Instituição, mas com o passar do tempo isso não significa nada se você não deixa nada escrito que te imortaliza e ele, o Mario, tem uma obra suficientemente consistente para não morrer.

Quando ele vai pra editora publica praticamente tudo o que escreve. Dentro da editora ele produz muito. E de alguma forma os dirigentes, os próprios reitores, uma geração nova que foi o Baggio, eu, o Walter, todos mantêm o Mario na editora e fazem questão que ele fique lá, seja por uma razão que ele está de fato produzindo algo extremamente importante para Universidade, mas enquanto ele está lá ocupado, ele está interferindo menos nas outras questões.

Eu acho que o Mario sempre esteve muito mais interessado no resultado do processo do que no processo em si. De dizer:

- Bom isso é uma idéia do outro e tal... Ele tentava trabalhar para que a coisa desembocasse em algo efetivo. Nem que para isso tivesse que passar uma noite em casa dormindo e no outro dia pegar a idéia de seu adversário e rerepresentá-la como se fosse dele. E como ele tinha uma posição de força e de poder institucional muito

grande, muito forte, a pessoa que tinha dado a idéia original, normalmente se sentia extremamente valorizada.

Eu sempre dizia para ele, em relação as suas obras:

- Mario você escreve em português, mas na realidade você está escrevendo em latim.

Ele escrevia com a estrutura do latim.

Acho que a tua tese é uma primeira tentativa de sistematizar ele como um ativista social. E eu diria que, enquanto ele escrevia, ele continuava sendo um ativista social, mas noutra dimensão porque a realidade também não era mais a mesma e estava exigindo um outro nível de intervenção.

E claro ele tinha o tema dele que era a Pedagogia, era a paixão dele. Talvez se poderia dizer: “Ele foi sempre um ativista da educação em primeiro lugar, como condição primeira e básica de qualquer processo de desenvolvimento”. Neste último a definição que se fizer sempre vai aparecer a educação como elemento básico. Só que no final ele escreve. No início imediatamente ele levava a prática. Claro que tem vários teóricos como Mounier, Lebreton, Derida que foram pensadores católicos que também estavam pensando a transição para o Mundo Moderno. Também a Igreja como um todo, e ele, Mario Osorio é produto desse processo de mudança.

Análise do TOM VITAL: “Ele foi sempre um ativista da educação em primeiro lugar, como condição primeira e básica de qualquer processo de desenvolvimento”.

Essa característica de *ativista da educação como condição primeira de qualquer processo de desenvolvimento* (grifo nosso) justifica-se pelo seu envolvimento em praticamente tudo o que requeria atuação, organização e participação. Sem ser fiel aos detalhes destaco algumas construções que considero de grande relevância e que foram edificadas pelo professor Mario Osorio e seu grupo. Além da criação da FAFI/FIDENE/UNIJUÍ merecem destaque outras entidades criadas, refundadas, presididas ou dirigidas por Mario Osorio Marques que passo a citar:

* A refundação do Grêmio Ijuicense de Letras, embrião FAFI e a posterior criação do curso de Letras.

* O Museu Antropológico Diretor Augusto Pestana, com o objetivo de resgatar o patrimônio histórico.

* O Movimento Comunitário de Base, através dele se realizou em 64 a primeira experiência de orçamento participativo em Ijuí.

* A criação de um Instituto de Educação de Base, depois chamado Instituto de Educação Permanente.

* A criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

* A criação das Associações e do Conselho de Bairros de Ijuí.

* Na Secção local da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, hoje da comunidade, e do Ginásio Soares de Barros.

* Na re-fundação da Sociedade Ijuicense de Amparo aos Necessitados nos anos 60.

* No Movimento de Assistência Social ao Presídio de Ijuí.

* No Centro Popular de Cultura (CPC) da FAFI.

* Na criação da Escola Francisco de Assis, no início com o nome de Instituto Psico - Pedagógico Infantil.

* Na criação do Instituto de Educação Popular do Rio Grande do Sul junto com o educador Antonio Maria Fiori e com outros intelectuais do RS.

* Criador e dirigente do Centro Regional de Educação Cooperativa. Bem mais tarde do Mestrado de Educação nas Ciências - Unijuí.

* Criador da Editora UNIJUÍ. Foi o inspirador do Movimento das Etnias, escrevendo o primeiro livro: "Ijuí Terra das Culturas Diversificadas". E de Ijuí, partiu essa idéia que hoje é aplicada em muitos municípios do Rio Grande do Sul.

O Mario sempre esteve à frente destas entidades junto com outros, desenvolvendo o trabalho em equipe. Com o olhar voltado para o desenvolvimento regional.

De acordo com o professor Argemiro Jacob Brum: Mario sempre foi um trabalhador incansável, lá nos meados dos anos 60, numa das reuniões de repente ele se deu conta, que ele naquela circunstância presidia nove entidades distintas em Ijuí.

Era o que primeiro tinha as idéias, que tinha as melhores idéias, e acabava então ficando ele, quem tem idéia que "leva", aí ele falou: "Mas não é esta a direção do meu trabalho, eu estou substituindo os leigos! São as pessoas da comunidade e não eu quem tem que assumir! Aí então ele foi descartando na medida do possível e dentro de um ou dois anos se liberou

dessa” carga “um tanto burocrática, embora não houvesse muita burocracia na época⁸⁷.

O Mario também prestou assessoria qualificada no trabalho de comunicação e educação cooperativas. Primeiro na área da Cotrijuí, depois para o Sistema Cooperativista Gaúcho e também nacional, e prestou ainda assessoria especial a Fecotrijo, principalmente naquela época áurea das cooperativas.

Prestou também assessoria a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB.

Exerceu a função de Assistente Religioso da Juventude Universitária Católica (JUC) e essa atividade e as múltiplas reuniões tanto de nível local no Estado quanto no País, permitiram ao Mario Osorio uma aproximação bastante estreita com o Movimento Estudantil Gaúcho e Brasileiro e isto foi muito importante, porque os intensos debates em torno das reformas de base muito contribuíram para a abertura social da FAFI, que a partir de 61, vai ser fruto desses contatos com a juventude, ávida de participação e até então impedida praticamente de fazer⁸⁸.

O Mario Osorio também foi o mentor da maioria dos cursos criados na instituição especialmente os cursos de licenciaturas, tecnólogos, ciências contábeis e os da área da saúde especialmente o curso de Enfermagem e Nutrição. Para confirmar a idealização do curso de Enfermagem recorremos a homenagem prestada pela Professora Eloíza Cavalheiro Kopf⁸⁹(2003, p. 41) por ocasião do falecimento do Professor Mario.

Um exemplo dessa trajetória de vida foi a idealização do curso de Enfermagem da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, na década de 70, fomentada a partir de suas idéias, geradas de seus contatos com os agricultores e levando em consideração as demandas e as necessidades deste grupo social, o qual se mostrava ávido por ser assistido por profissionais comprometidos com o ser e com o seu meio. Por fazer parte desta criação e por sua aposta nesse modelo, foi o professor Mario Osorio Marques um dos homenageados na comemoração dos 20 anos do curso de Enfermagem, no ano de 2000.

Para a Professora Kopf (2003, p, 42) o legado deixado por Mario Osorio com certeza marcará para sempre o perfil do profissional “Enfermeiro da Unijuí”, que além de seu comprometimento técnico assume também o compromisso como

⁸⁷ Palestra proferida por Argemiro Jacob Brum em 15/12/2006 no lançamento das obras da coleção do INEP- Ijuí- RS.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Professora do Departamento de Ciências da Saúde da Unijuí.

“cidadão, participante na comunidade, e sujeito que contribui para a construção de uma sociedade mais justa, mais humana, mais fraterna e esperançosa”

A mesma professora, durante a homenagem agradeceu a oportunidade de ter convivido com o professor Mario Osorio e de com ele ter aprendido o ideal de por em prática a idéia de que o homem constrói, aprimora e impulsiona a sociedade em busca de uma convivência harmoniosa em benefício do coletivo.

Pelas iniciativas de Mario Osorio aqui relatadas e pelos depoimentos registrados concordamos com as afirmações do Professor Telmo Rudi Frantz quando diz: *“Ele foi sempre um ativista da educação em primeiro lugar, como condição primeira e básica de qualquer processo de desenvolvimento”*.⁹⁰ (grifo nosso).

Esse ativista da educação significava que para o Mario todos eram o “outro” necessariamente perto de si, e para explicar recorro ao colega de Universidade o Filósofo Dr. Paulo Scheneider: O Mario Osorio franciscano, algumas vezes, dispunha o seu entendimento de um conceito chave dos franciscanos, a simpatia, esse conceito provém da palavra grega *simpatium*⁹¹. O outro é sempre a direção para o alvo daquilo que se quer, pois a sabedoria lá está para ser garimpada num diálogo sempre possível e inesgotável. Assim Mario Osorio tinha muito espaço para caminhar, nos livros da filosofia e da teologia milenares, e ele aperfeiçoa cada vez mais o seu andar pelo “método da simpatia”. A palavra método significa: através de um caminho. Mario Osorio entendia que a sabedoria procurada, muitas vezes não esta só nos livros, mas no outro por mais simples que seja. O Mario Osorio tentava sempre harmonizar pesquisas e teorias filosóficas contrárias entre si, no intuito de cumprir o papel simpatizante e defensor de todas as vozes. Ao lermos os livros que ele produziu, é impressionante o que ele cita de autores, de todo o pensamento humano, o que em certas ocasiões lhe rendeu algumas críticas.

⁹⁰ Telmo Rudi Frantz, em entrevista concedida a autora em 02 de julho de 2007.

⁹¹ Que resumidamente significa: ter a mesma sensação, sofrer junto, estar em situação de reciprocidade com alguém, tomar as dores de alguém. Nós temos nesse conceito de simpatia uma indicação de como se pode compreender a relação com o outro ser humano, em tudo o que esse outro pode representar, o outro é uma voz que deve ser ouvida, uma vida da qual se pode aprender, uma sabedoria instalada mesmo que seja em forma de dor o filho da humanidade do mundo, resultado de toda tradição do qual se pode auscultar as dores, as alegrias, a miséria e a felicidade dos séculos (Palestra proferida pelo Professor Paulo Scheneider por ocasião do Lançamento da Coleção Mario Osorio Marques pelo INEP no dia 15/09/2006 no Salão de Atos da Unijuí-Campus Ijuí).

De acordo com o Professor Schneider o próprio Mario,

conseguiu transformar o seu caminho de busca em sabedoria, e fez-se um mestre do acordo, a palavra acordo provém de Cor, ou seja, coração, tanto que então significa: em direção do coração um do outro. A FIDENE como a sua Universidade sob a sua inspiração tenta guiar-se por esse lema principal que juntamente com outros escolheu: “*Cor ad cor loquitur*”. O coração fala ao coração⁹²

Para Frantz (2006) quem conheceu e conviveu com Mario Osorio Marques, certamente não consegue dissociá-lo das questões sociais e comunitárias. A sua sensibilidade e responsabilidade social estavam voltadas às pessoas e aos espaços públicos da comunidade. Mario caracterizou-se por uma visão otimista de mundo, por um olhar atento à comunidade, por uma enorme capacidade de trabalho em favor do coletivo, tinha o sentido do comunitário, nunca se apossando do que fora construído em grupo. Esse foi certamente um dos princípios básicos de seu comportamento, deixava se apropriar pelo grupo, dedicando-se as causas que o fundavam. Nessa inserção soube agregar pessoas, valorizando-as em favor do trabalho, voltado ao social não tinha perspectiva instrumental de uma carreira acadêmica individual, mas a do fazer universitário a serviço de sua comunidade de inserção⁹³.

Para Frantz (2003), o Mario Osorio Marques minimizou as questões pessoais ou individuais, pois se identificava no coletivo, nas necessidades e aspirações das camadas populares. Procurava *incentivar a construção de poder, pela organização, pela participação, pela cooperação, com objetivo de dar espaço às forças sociais vinculadas às necessidades e desejos da maioria da comunidade* (grifo nosso).

Em palestra proferida no lançamento da coleção Mario Osorio Marques pelo INEP, o Professor Walter Frantz assim se pronunciou em relação ao Professor Mario Osorio:

A sua militância social fundava-se em bases democráticas, permitindo e valorizando as diferenças, a solidariedade, instrumentalizadas pela cooperação. A capacidade de doação foi uma de suas características na convivência social, seus conceitos eram claros, suas posições firmes, mas sabia dialogar, reconhecendo-se no outro, era transparente em suas posições e compromissos, tinha disposição para construir novos caminhos, buscar soluções, colocava muito valor na criação de novas oportunidades.

⁹² Palestra proferida pelo Professor Paulo Schneider por ocasião do Lançamento da Coleção Mario Osorio Marques pelo INEP no dia 15/09/2006 no Salão de Atos da Unijuí-Campus Ijuí.

⁹³ Palestra proferida pelo Professor Walter Frantz por ocasião do Lançamento da Coleção Mario Osorio Marques pelo INEP no dia 15/09/2006 no Salão de Atos da Unijuí - Campus Ijuí.

Fez-se sujeito de seu tempo em um lugar social de profundas contradições, apegando-se às causas sociais, dentre as quais destacou a educação⁹⁴.

Mario Osorio do espaço da educação fez seu principal campo de trabalho e de lutas, no espaço da educação partia e a ele retornava. Suas atuações pelos espaços do *associativismo*, do *cooperativismo*, especialmente junto a *moradores de periferia*, e junto às famílias e aos trabalhadores da agricultura familiar (FRANTZ, 2003, grifo nosso) fizeram dele um ativista da educação em primeiro lugar na construção do desenvolvimento regional.

Por todos os envolvimento e ações praticadas por Mario Osorio podemos caracterizá-lo como um militante social. Sua personalidade criadora muitas vezes se manifestava pela competência revolucionária e inovadora de que dispunha. Quebrar estruturas que dificultassem a liberdade dos indivíduos como construtores de seu próprio destino foi uma de suas bandeiras de lutas e realizações. Sua militância não era por uma ideologia, mas pela construção de um mundo com maior justiça social para todos. Isso tudo por muitas vezes lhe rendeu incompreensão, mesmo assim nunca desistiu de suas convicções e motivações sociais.

Enfim, podemos dizer que os sonhos e as esperanças é que davam mobilidade social ao professor Mario Osorio Marques. Admirado por uns, rejeitado por outros, trilhou o caminho da educação fundamentado pela crença de que o respeito à diferença, a solidariedade com o outro e a cooperação entre os seres humanos podem constituir-se em valores e motivações para dar sustentação a um processo social de desenvolvimento⁹⁵.

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Idem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta longa caminhada, reconstituindo os passos de Mario Osorio Marques, necessário se faz um fechamento, apesar de difícil por exigir uma nova síntese de algo já resumido, que proporcione um balanço dos objetivos propostos e de até onde conseguimos chegar. Para tanto, retomo a hipótese principal que inquiria “será que, ou até onde as palavras, práticas e ações – participativas, associativas e de confiança - escritas, desenvolvidas e utilizadas por Frei Matias/Mario Osorio contribuíram para o desenvolvimento regional”.

Na busca da demonstração desta hipótese outras pertinentes indagações se fizeram presentes e mereceram argumentos compatíveis com sua importância e relevância neste trabalho, como: Quem foi Mario Osorio Marques e como se procedeu seu engajamento no processo de desenvolvimento da região do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul?

Num segundo momento também se fazia necessário dimensionar até onde o pensador Mario Osorio Marques completou o homem de ação que ele foi.

Estas questões persistiram durante toda trajetória de produção da pesquisa e algumas foram respondidas ao menos parcialmente, mas agora analisando o teor do trabalho posso dar um enfoque mais minucioso em cada uma delas.

Saliento que ao realizar esta pesquisa não tive a preocupação em revelar fatos novos na trajetória do Mario Osorio. Minha proposta foi, através de uma narrativa histórica⁹⁶, conhecer a vida do intelectual escolástico, do sociólogo (inspirado nas idéias de Le Bret) e do pesquisador comprometido com construção do desenvolvimento regional.

A pesquisa centrou-se na trajetória intelectual de Mario Osorio Marques e na sua inserção, na estruturação institucional da FAFI/FIDENE/UNIJUÍ e no Movimento Comunitário de Base (MCB) que geraram novos desdobramentos podendo ser entendidos também como contribuições para a construção do desenvolvimento local e regional.

Primeiramente percebe-se que Frei Matias ao aportar na cidade de Ijuí, encontrou algumas condições propícias a sua emergência como liderança e personalidade local, pois a comunidade enfrentava uma nova realidade a qual tinha

⁹⁶ Narrativa na perspectiva de Burke (1992).

dificuldades de entender e de se adaptar, como bem colocou Telmo Frantz em entrevista concedida a autora:

Esta população precisava entender uma realidade de mudanças profundas, de uma realidade de mudanças paradigmáticas. As suas necessidades não eram, tanto de pão, mas de entender em que mundo estavam e a passarem para o mundo moderno sem maiores conseqüências culturais, espirituais e materiais negativas.

Dentro deste contexto, carente de liderança e de uma senda norteadora, gradativamente, Frei Matias com a sua sensibilidade, capacidade de trabalho e instrução capuchinha, vai empreendendo ações e ocupando espaços que lhe permitem despontar naturalmente como uma liderança na comunidade.

Assim inicia o engajamento de Frei Matias/Mario Osorio no processo de desenvolvimento regional, pois graças ao seu empenho pessoal, surge já em 1957 a instituição denominada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI) que através de sua ação extensionista articulou o Movimento Comunitário de Base em Ijuí (MCB) no início da década de 60 como uma tentativa de dar uma resposta à crise por que passava o município provocado pelo processo de modernização da agricultura. Pode ser definido como um modelo de trabalho comunitário alicerçado e construído com base na experiência religiosa dos frades capuchinhos e centrado na idéia da dignidade e valor da pessoa humana, na pedagogia do pequeno grupo e da participação (BRUM, 1994). Um dos objetivos principais do movimento era criar grupos sociais conscientes e participantes para diagnosticar e conjuntamente buscar soluções para os problemas locais e regionais.

O movimento “Economia e Humanismo” ou “Civilização Solidária” criado e liderado pelo padre francês Lebret, que inspirou a criação do Movimento Comunitário de Base de Ijuí, fascinou os professores Frei Matias e Argemiro Brum que juntos formularam, de várias formas, tanto a prática do olhar, do pesquisar, do agir, quanto da mobilização social como forma de participação individual e coletiva na dinâmica do desenvolvimento. Ambos a partir daí trabalharam pela organização local, e sua conexão nacional e internacional, dos trabalhadores rurais, dos trabalhadores urbanos, dos jovens: estudantes secundaristas, universitários, agricultores e operários. Pela metodologia de trabalho propunha-se simplesmente a busca e a

construção de um caminho próprio e autônomo, feito com as próprias forças, pelos sujeitos, em suas comunidades e a partir de seus problemas⁹⁷.

Hoje este pequeno distanciamento histórico nos permite afirmar que, o Movimento Comunitário de Base de Ijuí, nascido da realidade da população local, a partir da ação extensionista da FAFI aliado ao espírito do associativismo e da participação comunitária, através da promoção de cursos e palestras, criação e organização de sindicatos, de associações de bairros e conselhos (CBI), de grêmios estudantis, de círculos de pais e mestres, conquistaram significativas melhorias através de reivindicações e trabalhos comunitários, despertaram uma consciência coletiva, elevaram a auto estima das comunidades e proporcionaram um ganho na qualidade de vida nestas comunidades. Essas ações incentivadas e levadas a cabo por Mario Osorio e Argemiro Brum constituíram-se em ferramentas importantes que contribuíram para alavancar o desenvolvimento local e regional.

Muitos consideram a obra maior de Mario Osorio Marques na ação a construção da FAFI/FIDENE/UNIJUÍ, que foi e continua sendo um pólo de atração de investimentos para a cidade de Ijuí e nas cidades onde a Universidade esta presente, concomitante a isso, também é um pulsar que emite conhecimentos, projetos, programas, proporcionando um desenvolvimento qualitativo na região.

Houve outras importantes realizações entre as quais destacamos a participação na construção e organização dos sindicatos, na reestruturação da cotrijuí, na criação do Museu Antropológico Diretor Pestana, na Festa Nacional das Culturas Diversificadas – Ijuí (FENADI) na criação da Editora Unijuí, da Escola Francisco de Assis (EFA) e mais tarde na criação do Instituto de Políticas de Desenvolvimento (IPD) para assessorar os municípios da região. Essas instituições e muitas outras que já citei no desenvolvimento da pesquisa foram todas criadas sob a inspiração e pela ação de Mario Osorio Marques.

Ao longo de sua trajetória Mario Osorio, recebeu elogios, apoio e reconhecimento de colegas, professores, autoridades, enfim da grande maioria que conhecia suas realizações. Mas também foi contestado.

“A medida que o movimento ultrapassava as fronteiras locais, ganhava inimigos ferrenhos em toda a parte, que viam, na mobilização popular, comunitária, estudantil, o dedo do comunismo internacional” (BELATO, 2003, p. 76).

⁹⁷ Conferir MARQUES; BRUM (2002).

Por essas razões Mario Osorio sofreu incompreensões, e perseguições por parte dos setores mais conservadores da Igreja, das organizações empresariais e de partidos políticos tradicionais “que o enxergavam como um agitador comunista, disfarçado de frade capuchinho - um cripto comunista, como se dizia - capaz, com um estalar de dedos levantar multidões” (BELATO, 2003, p. 76).

O arquivo de História oral construído pela autora compreende as entrevistas realizadas entre os anos de 2005 a 2007 e constituem-se nos materiais mais importantes para a construção desse trabalho biográfico. As entrevistas foram analisadas a luz de referenciais teóricos que permitiram conhecer além do educador Mario Osorio Marques comprometido com a educação, conhecer o educador comprometido com o desenvolvimento regional promovendo e desenvolvendo ações que contribuíram para a melhoria da qualidade de vida do homem da região. Neste sentido podemos afirmar que o Mario Osorio envolveu-se em obras desafiadoras no processo de afirmação do desenvolvimento regional. Muitas dessas obras carregam os traços marcantes de sua personalidade, de sua visão de mundo com compromisso social, são elas a FAFI/FIDENE/UNIJUÍ, a mobilização social pela organização sindical e cooperativa, por meio do Movimento Comunitário de Base e o incentivo a cultura, através da valorização da história da colonização de Ijuí (FRANTZ, 2003). De acordo com o autor a sua luta não era por uma ideologia, mas sim, por melhores oportunidades para todos. Dotado de uma capacidade criadora por suas obras e ações configurou-se como um militante social na luta pela construção do desenvolvimento regional. Com essa visão pode-se dizer que: O Mario Osorio Marques identificava-se no coletivo e na busca de soluções das necessidades das camadas populares. “Buscava incentivar a construção do poder, pela organização, pela participação, pela cooperação, com o objetivo de dar espaço às forças sociais” (FRANTZ, 2003, p. 85) atendendo os anseios da comunidade.

Seu pensamento está expresso através de suas obras voltadas para a autonomia dos sujeitos como construtores de seus espaços de vida. A questão da alteridade, o diálogo fraterno, o reconhecimento do outro pautaram seu modo de escrever, viver e conviver. Transitou e dialogou com importantes teóricos, mas podemos inferir que ele o Mario Osorio construiu um pensamento próprio construído por pensamentos outros.

Pela sua militância junto à comunidade local e regional comprovadas no desenvolver da pesquisa podemos inferir que o Mario Osorio era um homem de

ação, um homem tolerante, capaz de conviver com outros que divergissem de suas idéias, mas que fossem capazes mesmo por diferentes caminhos, buscar o desenvolvimento humano e social.

Ainda em relação à sua formação intelectual, podemos inferir que ele era um bom leitor buscava sem ser fiel aos detalhes dialogar inicialmente com Maritain, Monier, Lebreton, Paulo Freire, Habermas, Derrida, Levinas, Passeron, Bourdieu, Morin, Vigotsky, Schmiegelow-Kowarzik, com o filósofo Ernildo Stein e tantos outros. Pode-se dizer, portanto que o Mario Osorio filiava-se nas idéias a um grupo de intelectuais que lhe permitia desenvolver uma certa visão da educação e de mundo. Mas ele possuía luz própria. Esta forma de ver o mundo e a educação não torna o Mario Osorio único. Ao contrário, procura mostrá-lo como um intelectual atento às questões do seu tempo e ansioso por modificá-las mesmo que para isso fosse preciso subverter a ordem através de uma revolução. Mas uma revolução pacífica humanística cristã. Uma revolução de idéias imediatamente colocadas em prática. Por suas ações configurou-se como um militante social da educação, pois entendia a Pedagogia como uma prática social.

A par das leituras teóricas também lia revistas, jornais os mais diversos por interesse, pois gostava de estar sempre bem informado.

Na década de 80 o país viu florescer o renascimento da sociedade civil pondo fim ao regime militar. As instituições democráticas protagonizaram um forte movimento social no país. Em relação ao Mario Osorio nesta época ele concentrou sua força e atenção à criação da Unijuí (1985), da Editora Unijuí, do Mestrado de Educação nas Ciências (1992) e uma quase obsessiva atividade de pesquisa proporcionada também pela condição de pesquisador do CNPq. Essa pesquisa foi profundamente marcada pela leitura de Habermas. De acordo com Belato em entrevista a autora “este é o terceiro momento de sua trajetória e nela ele permanecerá até sua morte”. É nesse momento que ele se retira do poder formal da instituição para se dirigir para um outro lado do poder que é o conhecimento. De acordo com Telmo Frantz em entrevista a autora esse é um lance de sabedoria. Isso lhe deu perenidade. Durante os anos em que esteve na condução da Editora Unijuí ele publica praticamente tudo o que produz intelectualmente. No ano de sua morte (2002) “o Mario já tinha uma obra suficientemente grande para morrer”.

Mario Osorio, na condução de sua vida conseguiu a coerência em seu discurso, mas a linearidade almejada foi surpreendida pela infiltração da imprevisível

paixão que ocasionou sua saída da ordem religiosa, mas não o abandono de sua fé.

Para finalizar, acredita-se que a hipótese principal deste estudo foi confirmada, na medida em que evidenciaram que as ações desenvolvidas por Mario Osorio Marques recorrentes de práticas cooperativas, associativas, participativas comunitárias e educacionais contribuíram para o desenvolvimento da região. Para Mario Osorio Marques pesquisador / educador “A EDUCAÇÃO SE CUMPRE NUM DIÁLOGO DE SABERES, NÃO EM SIMPLES TROCAS DE INFORMAÇÃO”. O diálogo, pelo reconhecimento do outro, traduzia uma diretriz basilar de sua prática educativa.

O trabalho que por ora se encerra significa o fim de uma etapa. No entanto, muitas outras variáveis podem e devem ser aprimoradas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 1989.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- AZAMBUZA, Bernadete Maria de. **O desenvolvimento urbano e a promoção fundiária e imobiliária de Ijuí/RS**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997 (Séries Dissertações de Mestrado).
- BARBOSA, R. **A questão social e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998.
- BARCELOS, Eronita da Silva. "Mario Osório Marques, o pedagogo". In: BRUM, Argemiro J. (Org.). **Depoimentos**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.
- BELATO, Dinarte. "Mario Osório Marques: O Intelectual". In: BRUM, Argemiro J. **Trajetórias de uma vida: depoimentos**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**. Tradução de Raimundo Vier. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BORDIEU, P. **La ilusion biográfica. História y fuente oral**. Memoria y biografia. Barcelona: Universitat, n. 2, p. 29-35, 1989.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2.ed. São Paulo: T.A Queiroz, 1987.
- _____. **Desenvolvimento econômico brasileiro**. 17.ed. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.
- _____. **Unijuí: uma experiência de universidade comunitária, sua história, suas idéias**. 2.ed.rev. e atual. V.1.Ijuí: UNIJUÍ, 1998.
- _____. **Desenvolvimento econômico brasileiro**. 20. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.
- _____. **Desenvolvimento econômico brasileiro**. 22. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.
- _____. "Mario Osorio Marques Vida e Obra". In: BRUM, Argemiro J. (Org.). **Trajetórias de uma vida: depoimentos**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003a.
- _____. (Org.). **Trajetória de uma vida: depoimentos**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003b.
- _____. **Desenvolvimento econômico brasileiro**. 22. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.
- _____; MARQUES, Mario Osorio. **Nossas coisas e nossa gente**. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

_____; TRENNEPOHL, Vera Lúcia. **Agricultura brasileira**: formação, desenvolvimento e perspectivas. 3.ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2004. (Coleção Trabalhos Acadêmico-científicos. Série textos didáticos).

BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. Rio de Janeiro: IBRADES, Edições Loyola, 1974.

BURKE, P. **Cultura popular na idade moderna**. 2.ed. São Paulo: Schwvarcz, 1989.

_____. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **Construindo biografias**. Rio de Janeiro: CNPq, 1997.

_____. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 83-95, 1997.

CANABARRO, Ivo dos Santos. **Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos 30**: o caso do integralismo em Ijuí. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

CARLI, Renzo; CRESPI, Franco; PAVAN, Giovanni. **Os capuchinhos**: análise de uma ordem religiosa. Tradução de José Carlos Corrêa Pedroso. São Paulo: Ave Maria, 1972.

CARONE, E. **A primeira república (1989-1930)**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

_____. **A república velha I**: instituições e classes sociais (1889-1930). 4.ed. São Paulo: DIFEL, 1978.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, p. 26-37, jan./abr. 1991.

CHÂTELET, François. **História da filosofia** – a filosofia medieval. Tradução de Carlos Arthur Nascimento e Raimundo Vier. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. (Coleção Os Pensadores, v. VIII).

CHRISTENSEN, Teresa Neumann. **As concepções da história no tempo da história**. Ijuí: UNIJUÍ, 1998. (Coleção Trabalhos Acadêmico-Científicos. Relatório de Pesquisa).

CHUVEAU, A. **Questões para a história do presente**. Baurú: EDUSC, 1999.

CORADINI, Odacir; FREDERICQ, Antoniette. **Agricultura, cooperativas e multinacionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**: completo estudo sobre o estado. 2. ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis A. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST Edições Correio Riograndense, 1996.

COSTA, Rovílio. **Frades menores capuchinhos no Brasil e no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.capuchinhosrs.org.br/historia.php>>. Acesso em: 14 out. 2006.

CREMONESE, Dejalma. **Capital social e padrões de participação político-social em Ijuí – RS**. 2006, 265f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Centro de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2006.

DALLABRIDA, Valdir Roque. **O desenvolvimento regional**: a necessidade de novos paradigmas. Ijuí: UNIJUÍ, 2000. 251p.

DAVID, Carlos. “Impressões sobre o curso de relações familiares”. In: **Diário Serrano**, Cruz Alta, 30 set. 1959, p. 6.

DE BONI, Luis A. O catolicismo de imigração: o triunfo à crise. In: **RS**. Imigração e colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. “A árvore e seus Frutos”. In: BRUM, Argemiro J. **Trajatórias de uma vida**: depoimentos. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DREIFUS, René Armand. **1964**: a conquista do Estado. Ação política poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

DOSSE, François. **Michel de Certeau**: el caminante herido. Traducción de Cláudia Mascarua. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 2003.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. 10.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FLEURI, Reinaldo Matias. **A questão do conhecimento na educação popular**: uma avaliação do seminário permanente de educação popular e suas implicações epistemológicas. Ijuí: UNIJUÍ, 2002 (Coleção Educação).

FERREIRA, Liliana S. **Educação & história** 2.ed.rev. e amp. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. 216p. (Coleção Educação).

FRANÇOIS, Marlene; PINTO Rui Polidoro. **História de uma escola**. Ijuí, 1971. (Mimeo - Pasta: Escola Municipal de I e II Grau Assis Brasil - Museu Antropológico Diretor Pestana).

FRANTZ, Telmo Rudi. **Cooperativismo empresarial e desenvolvimento agrícola: o caso da Cotrijuí**. Petrópolis: Vozes, 1982.

FRANTZ, Walter. **Educação para o cooperativismo: a experiência do Movimento Comunitário de Base de Ijuí**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000. (Coleção Cadernos Unijuí. Série Cooperativismo, 01).

_____. **Universidade comunitária e desenvolvimento regional a experiência da Fidene/Unijuí**. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. (Cadernos Unijuí. Série Educação, n. 67).

_____. "Mario Osorio Marques, Educação e Militância Social". In: BRUM, Argemiro J. (Org.). **Trajatória de uma vida: depoimentos**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

FRIZZO, Mariza Nunes. "Mario, professor, poeta, idealizador da educação". In: BRUM, Argemiro J. (Org.). **Trajatória de uma vida: depoimentos**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

GATTAZ, A. C. Braços da resistência: anti-franquistas em São Paulo - história oral da imigração espanhola. Dissertação (História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1995.

GEOPROCESSAMENTO e Análise Territorial. Unijuí - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí/RS. Disponível em: <<http://www.unijui.edu.br>>. Acesso em: 12 out. 2006.

GILLONNAY, Frei Bruno de. **Vers le coeur de Jesus**. Thonom (Savoie): Savoyarde, 1938. 224p.

GINZBURG, C. Provas e possibilidades à imagem de "Il ritorno de Martin Guerre", de Natalie Zemon Davis. In: **A microhistória e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

GODOY, Rafael Tiago; HOFLE, Claudio Ediberto. "A trajetória do instituto de políticas públicas e desenvolvimento regional - IPD". In: BUTTENBENDER, Pedro Luís (Org.). **Educação, gestão e desenvolvimento: a experiência da Unijuí na Região Noroeste-RS**. Ijuí: UNIJUÍ, 2007. p. 103-124.

GÓES, Moacyr de. **De pé no chão também se aprende a ler (1961-1964): uma escola democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. (Coleção Educação e Transformação, 3).

GRZYBOWSKI, Candido. Estudo da participação em grupos da experiência de educação comunitária de Ijuí-RS. Brasil. 1973, 269f. Tese - Curso de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1973.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HOBBSAWN, E. J. **Sobre história**. São Paulo: Schwarcz, 1998.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympo, 1971.

IANNI, Octávio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

JOLIVET, Jean. Tradução de Lourdes Ortiz. **História de la filosofia: la filosofia medieval en occidente**. México: Siglo Veintiuno Editores, 1990. v. IV.

JOUTARD, Ph. Orale (histoire). In: BURGUIERE, A. (Org.). **Dictionnaire des sciences historiques**. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.

_____. **Esas voces que nos llegan del pasado**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

KOSER, Frei Constantino. **O pensamento franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1960.

KOPF, Eloiza Cavalheiro. "Mario Osorio Marques, um semeador a serviço da comunidade. In: BRUM, Argemiro J. (Org). **Trajetória de uma vida: depoimentos**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

LAZZAROTTO, Danilo. **Os capuchinhos na história e no desenvolvimento de Ijuí**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

_____. **História do Rio Grande do Sul**. 6.ed. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

_____. **História de Ijuí**. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

LE GOFF, J. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? **Le Debat**, n. 54, mars-avril, 1989.

_____. **História e memória**. 3.ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

LEVI, G. Les usages de la biographie. **Annales**, ESC, Paris, Armand Colin, 44 année, n. 6, nov./dec. 1989.

LUCERNE, H. de. **Histoire dès études dans 1º orde de Saint François**. Paris, 1908 p. 105-131.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUZIRIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 18.ed. São Paulo: Nacional, 1990.

MALUFE, Annita Costa. **Tristão de Ataíde: uma idéia e um ideal de poesia**. Disponível em: <http://

/www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicações/textos/toooo5.htm>. Acessado em: 12 set. 2006.

MARQUES, Mario Osório. **Universidade emergente: o ensino superior brasileiro em Ijuí (RS), de 1957 a 1983.** Ijuí: FIDENE, 1984.

_____. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa.** Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

_____. **A formação do profissional da educação.** 3.ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

_____. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência.** 2.ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

_____. **Educação, saberes distintos, entendimento compartilhado.** Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

_____; BRUM, Argemiro Luiz. **Uma comunidade em busca de seu caminho.** 2.ed. rev. e ampl. Ijuí: UNIJUÍ, 2002. (Coleção Museu Antropológico Diretor Pestana).

_____. **IJUÍ (RS) Uma cultura diversificada.** Ijuí: UNIJUÍ, 2002 (Coleção Museu Antropológico Augusto Pestana).

_____. **Imaginário e memória.** Ijuí: UNIJUÍ, 2003a.

_____. **Nossas forças.** Ijuí: UNIJUÍ; Caxias do Sul: São Miguel, 2003b.

_____. **Francisco de Assis e a educação popular na Unijuí.** Ijuí: UNIJUÍ, 2003c.

_____. **Nossas coisas nossa gente.** Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

_____. **Saberes e valores em interlocução na educação.** 2. ed. rev. Ijuí: UNIJUÍ, 2006a. (Coleção Mario Osório Marques, v. 6).

_____. **A formação profissional da educação.** 5.ed. rev. Ijuí: UNIJUÍ, 2006b. (Coleção Mario Osório Marques, v. 3).

_____. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência.** 3.ed. rev. Ijuí: UNIJUÍ, 2006c. (Coleção Mario Osório Marques, v. 4).

_____. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa.** 5.ed. rev. Ijuí: UNIJUÍ, 2006d. (Coleção Mario Osório Marques, v. 1).

_____. **A escola no computador: linguagens rearticuladas, educação outra.** 2.ed. rev. Ijuí: UNIJUÍ, 2006e. (Coleção Mario Osório Marques, v. 2).

_____. **Pedagogia: a ciência do educador.** 3.ed. rev. Ijuí: UNIJUÍ, 2006. (Coleção Mario Osório Marques, v. 5).

_____. **Caminhos da formação de um educador.** Ijuí: UNIJUÍ, 2006. (Coleção Mario Osório Marques, v. 7).

_____. **Pedagogia: a ciência do educador.** Ijuí: UNIJUÍ, 1990. (Coleção Educação, 10).

MARTINAZZO, Celso José (Org.). **Histórias de vida de professores: formação, experiências e práticas.** Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaiowá: história oral de vida.** São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **Manual de história oral.** 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MONARCHA, Carlos (Org.). **História da educação brasileira: formação de campo.** 2.ed. ampl. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido.** Portugal: Publicações Europa América, 1973.

MUSEU ANTROPOLÓGICO DIRETOR PESTANA: 40 ANOS DE HISTÓRIA. Ijuí: UNIJUÍ, 2002. (Coleção Museu Antropológico Diretor Pestana).

NORMAS DE TRABALHOS CIENTÍFICOS. São Leopoldo: UNISINOS, 2008.

OCKHAM, Guilherme de. **Obras políticas.** Tradução e apresentação notas de José Antonio de Camargo Rodrigues de Souza. Porto Alegre: EDIPUCRS/USF, 1999. (Coleção Pensamento Franciscano, v. 2).

OLIVEIRA, L. L. Modernidade e questão nacional. **Lua nova**, Revista de Cultura e Política: Cultura e Modernidade, São Paulo, Marco Zero, n. 20, p. 41-68, 1990.

PADRE Lebret. Disponível em: <<http://padrelebret.zip.net>>. Acesso em: 18 out. 2008.

POERNER, Arthur José. **O poder jovem.** História da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

PAIVA, Vanilda. **Educação popular e educação de adultos.** 3.ed. São Paulo: Loyola, 1985. (Temas Brasileiros, 2).

_____. (Org.). **Perspectivas e dilemas da educação popular.** Rio de Janeiro: Graal, 1984. (Biblioteca de Educação, 4).

RIBEIRO, P. Ilídio de Sousa. **Escola franciscana (história e filosofia).** Lisboa MCMXLIV: Gama.

SEARS, J. T. Researching the other/searching for self: qualitative research on [homo] sexuality in education. **South Carolina: theory into practice**, v. 31, n. 2, p. 150, 1992.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil.** Brasília: UnB, 1990.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. **Entre o amor ao Brasil e o modo de ser alemão**. São Leopoldo: Oikos, 2006.

SCHMIDT, B. B. **Uma Reflexão sobre o gênero biográfico**: a trajetória do militante socialista Antonio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

_____. Construindo biografias, historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p.3-20, 1997.

_____. **Um socialista no Rio Grande do Sul**: Antônio Guedes Coutinho. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. O deus do progresso – a difusão do cientificismo no Movimento Operário Riograndense da I República. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANPUH/ Humanitas Publicações, v. 21, n. 41, 2001.

SCHIMIED-KOVARZIK, Wolfrieditric. **Pedagogia dialética**: de Aristóteles a Paulo Freire. São Paulo: Brasilense, 1988.

SEVCENKO, N. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Schwarcz, 1998. v. 3.

SOCRATES. Disponível em: <<http://www.socrates58.blogspot.com>> Acesso em: 09 jul. 2008.

STAWINSKI, Aberto Vitor. “Capuchinhos da primeira hora da província do Rio Grande do Sul”. In: PERSICI, Aloísio. **I capítulo das esteiras**. Caxias do Sul: São Miguel, 1977.

TRINDADE, Hélgio Henrique. Participação político social ao nível local. In: **Rev. Dados**, Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas, n. 9, 1971.

TRINDADE, Hélgio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano riograndense. In: CESAR, G. **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979a.

_____. **Integralismo**. O facismo brasileiro na década de 30. 2. ed. São Paulo: Difel, 1979b.

UNICAMP. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicações/textos/toooo5.htm>>. Acesso em: 20 set. 2006.

UNIVERSIDADE de Ijuí. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.

VALDÉS, Eduardo Deves. **El pensamiento latinoamericano em el siglo XX**. Entre la modernización y la identidad, tomo I, Del Ariel de Rodo a la Cepal (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. 5.ed. Rio de Janeiro: J.Z.E., 1999.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZAGONEL, Frei Carlos Albino. **Igreja e imigração italiana**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes-Sulina, 1975.

_____. Uma Província Capuchinha em “capítulo das Esteiras”. In: PERSÍCI, Frei Aloísio (Org.). **1º Capítulo das esteiras da província dos frades menores capuchinhos do Rio Grande do Sul**. axias do Sul: São Miguel, 1977.

_____. Capuchinhos de sabóia no Rio Grande do Sul. In: COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis A. **Capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST Edições Correio Riograndense, 1996.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educar para transformar**. Educação Popular. Igreja Católica e política no Movimento de educação de Base. Petrópolis, Vozes, 1984.

WEBER, Regina. **Os inícios da industrialização de Ijuí**. Ijuí: UNIJUÍ, 1987.

_____. **Os operários e a colméia**: trabalho e etnicidade no sul do Brasil. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

WIKIPEDIA. A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Padre_Lebret>. Acesso em 18 out. 2008.

ARQUIVOS - MUSEU ANTROPOLÓGICO DIRETOR PESTANA

Apostilas de Sociologia 1957 e 1977, no total trinta e uma.

Coleção Manuscritos Mario Osorio Marques - MADP, UNIJUÍ.

Estatutos da FIDENE.

Estatutos do Grêmio Ijuicense de Letras- GIL.

Frente Agrária Gaúcha - Normas e Passos para a Fundação.

Livro de Crônicas- Centro de Estudos e Pesquisas Sociais..

.Pasta: Centro de Estudos Pedagógicos Antonio Balbino de Ijuí.

Pasta: Correspondência do Seminário São Geraldo (arquivo de Martin Fischer). (Depoimentos de FREIMATIAS/MARIO OSORIO MARQUES).

Pasta: Instituto de Menores de Ijuí.

Pasta: Recortes jornais sobre a FAFI de 1956/1959.

Relato Professor Mario Osorio no Seminário de Educação Superior em Maringá PR/ Agosto de 1978.

Relatórios do Movimento Comunitário de Base de Ijuí.

Relatório dos Seminários preparatórios In: "Correio Serrano, edição dos dias 21, 25, 28 de novembro e 02/12/1970.

Relatórios de curso para líderes.

DECRETOS

DECRETO nº. 130, de 06 de outubro de 1967.

DECRETO nº. 563, de 23 de setembro de 1902.

ENTREVISTAS

BARCELLOS, Eronita Silva: depoimento [14 dez. 2006]. Entrevistadora: Fátima Marlise Marroni Rosa Lopes. Ijuí, 2006. Entrevista concedida à Tese A trajetória de Mario Osorio Marques na construção do desenvolvimento regional: Ijuí - RS segunda metade do século XX.

BELATO, Dinarte: depoimento [10 jul. 2006]. Entrevistadora: Fátima Marlise Marroni Rosa Lopes. Ijuí, 2006. Entrevista concedida à Tese A trajetória de Mario Osorio Marques na construção do desenvolvimento regional: Ijuí - RS segunda metade do século XX.

BOUFLEUER, José Pedro: depoimento [2 fev. 2007]. Entrevistadora: Fátima Marlise Marroni Rosa Lopes. Ijuí, 2007. Entrevista concedida à Tese A trajetória de Mario Osorio Marques na construção do desenvolvimento regional: Ijuí - RS segunda metade do século XX.

BRESSAN, João Suimar: depoimento [24 jan. 2007]. Entrevistadora: Fátima Marlise Marroni Rosa Lopes. Ijuí, 2007. Entrevista concedida à Tese A trajetória de Mario Osorio Marques na construção do desenvolvimento regional: Ijuí - RS segunda metade do século XX.

BRUM, Argemiro J. Argemiro Jacob Brum: depoimento [3 out. 2005]. Entrevistadora: Fátima Marlise Marroni Rosa Lopes. Ijuí, 2005. Entrevista concedida à Tese A trajetória de Mario Osorio Marques na construção do desenvolvimento regional: Ijuí - RS segunda metade do século XX.

FRANTZ, Telmo Rudi: depoimento [2 jul. 2007]. Entrevistadora: Fátima Marlise Marroni Rosa Lopes. Ijuí, 2007. Entrevista concedida à Tese A trajetória de mario osorio marques na construção do desenvolvimento regional: Ijuí - RS segunda metade do século XX.

FONTES ICONOGRÁFICAS

Acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana de Ijuí.

Sala Mario Osorio Marques – UNIJUÍ - Campus Ijuí.

JORNAIS

DIÁRIO OFICIAL (seção I), fevereiro de 1957.

JORNAL CORREIO SERRANO, edição de 04 de janeiro 1921.

JORNAL CORREIO SERRANO edição de 06 de setembro de 1933.

JORNAL SERRA-POST, março de 1957.

JORNAL CORREIO SERRANO, 16 de fevereiro de 1957.

JORNAL CORREIO SERRANO, 09 de março de 1957.

JORNAL CORREIO SERRANO, 23 de março de 1957.

JORNAL CORREIO SERRANO, 30 de setembro de 1957.

JORNAL DIÁRIO SERRANO, 30 de agosto de 1959.

JORNAL CORREIO SERRANO, 15 de setembro de 1962.

JORNAL O COMUNITÁRIO - Suplemento do Correio Serrano, 15 de agosto de 1962.

JORNAL O COMUNITÁRIO - Suplemento do Correio Serrano 9, c.1,1 último exemplar do ano de 1962.

JORNAL O COMUNITÁRIO - Suplemento do Correio Serrano, c.3,1, 1962.

JORNAL O COMUNITÁRIO - Suplemento do Correio Serrano, 26 e 27 de fevereiro de 1962.

JORNAL O COMUNITÁRIO - Suplemento do Correio Serrano, 01 de agosto de 1962.

JORNAL O COMUNITÁRIO - Suplemento do Correio Serrano, 18 de dezembro de 1962.

JORNAL O COMUNITÁRIO - Suplemento do Correio Serrano, 19 de dezembro de 1962.

JORNAL O COMUNITÁRIO - Suplemento do Correio Serrano, 1962.

JORNAL CORREIO SERRANO, 27 de abril de 1963.

JORNAL O COMUNITÁRIO - Suplemento do Correio Serrano, 25 de maio de 1963.

JORNAL O COMUNITÁRIO - Suplemento do Correio Serrano, 1963.

JORNAL O COMUNITÁRIO - Suplemento do Correio Serrano, 25 de maio de 1963.

JORNAL CORREIO SERRANO, 29 de abril de 1964.

JORNAL CORREIO SERRANO, 23 de junho de 1965.

JORNAL CORREIO SERRANO, 16 de abril de 1966.

JORNAL CORREIO SERRANO, 25 de maio de 1966.

JORNAL CORREIO SERRANO, 21 de agosto de 1966.

JORNAL CORREIO SERRANO, 07 de outubro de 1967.

JORNAL CORREIO SERRANO, 18 de outubro de 1967.

JORNAL CORREIO SERRANO, 25 de outubro de 1967.

JORNAL CORREIO SERRANO, 05 de novembro de 1967.

JORNAL CORREIO SERRANO, 09 de julho de 1968.

JORNAL O ARAUTO, Ijuí, ano XVII, n. 1, abril de 1969.

JORNAL O ARAUTO, Ijuí, 19 de abril de 1969.

JORNAL CORREIO SERRANO, 11 de junho de 1969.

JORNAL CORREIO SERRANO, 02 de dezembro de 1970.

JORNAL CORREIO SERRANO, 19 de agosto de 1978..

JORNAL O BARATA, 18 de junho de 2008.

PALESTRAS

BARCELLOS, Eronita Silva. Palestra proferida por ocasião do lançamento da coleção da obra do Mário Osório Marques pelo INEP, UNESCO E UNIJUÍ (fitas em DVD transcritas e transcriadas pela autora).

BOUFLEUER, José Pedro. Palestra proferida por ocasião do lançamento da coleção da obra do Mário Osório Marques pelo INEP, UNESCO E UNIJUÍ (fitas em DVD transcritas e transcriadas pela autora).

BRUM, Argemiro J. Palestra proferida por ocasião do lançamento da coleção da obra do Mário Osório Marques pelo INEP, UNESCO E UNIJUÍ (fitas em DVD transcritas e transcriadas pela autora).

SCHENEIDER, Paulo Rudi. Palestra proferida por ocasião do lançamento da coleção da obra do Mario Osorio Marques pelo INEP, UNESCO E UNIJUÍ (fitas em DVD transcritas e transcriadas pela autora).

STEIN, Ernildo. Palestra proferida por ocasião do lançamento da coleção da obra do Mário Osório Marques pelo INEP, UNESCO E UNIJUÍ (fitas em DVD transcritas e transcriadas pela autora).

REVISTAS

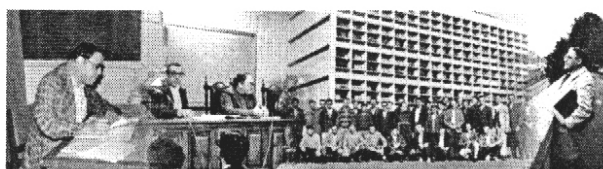
REVISTA LAMPEJOS SERÁFICOS, publicada em Garibaldi, depois em Porto Alegre, pelo Teólogo dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Biografia, biografias. São Paulo: ANPUH/UNIJUÍ, v. 17, n. 33, 1997. Semestral.

REVISTA SINERGIA, Ijuí: UNIJUÍ, n. 1 nov./dez. 2007.

REVISTA SEM FRONTEIRAS, N. S Taboão da Serra/SP, n. 252, julho.

ANEXOS



**Curriculum Vitae e a Produção Intelectual
do Professor Mario Osorio Marques**

CURRICULUM VITAE

Mario Osorio Marques

Nome em citações bibliográficas: MARQUES, M. O.

Sexo: masculino

Endereço profissional: Fidene – Fundação de Integração Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado, Editora Unijuí. Rua do Comércio, nº 1364, São Geraldo, Ijuí, 98700-000, RS, Brasil,

Telefone: 55 3332-0217

E-mail: editora@main.unijui.tche.br

URL da home page: www.unijui.tche.br/editora

Formação Acadêmica/Titulação

1996 – 1996 / Doutorado em Educação.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil

Título: Educação, Interlocução de Saberes que se Reconstroem na Aprendizagem, Ano de obtenção: 1996

Orientadora: Dra. Marisa Faermann Eizirick

1949 – 1952 / Especialização em Filosofia.

Convento de São Francisco, São Francisco, Brasil

1945 – 1948 / Graduação em Filosofia.

Convento São Boaventura, Boaventura, Brasil, Ano de obtenção: 1948

Áreas do conhecimento: Filosofia

Atuação Profissional

Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado – Fidene

Vínculo institucional

1957 – Vínculo: Outro, Enquadramento funcional: Professor Universitário, Regime: Dedicção Exclusiva

Atividades

/1971 – Atual – Pesquisa e Desenvolvimento

Linhas de Pesquisa:

– Pesquisa Básica na Área de Educação.

3/1985 – Atual – Direção e Administração, Editora Unijuí

Cargos Ocupados

Diretor da Editora Unijuí

3/1985 – Atual – Extensão Universitária

Especificação

Professor Titular – Pesquisa Básica

/1995 – Atual – Pós-graduação

1. Sociologia da Educação

CURRICULUM VITAE

Áreas de atuação

- 1 Fundamentos da Sociologia
- 2 Outras Sociologias Específicas
- 3 Fundamentos da Educação
- 4 Tópicos Específicos de Educação

Idiomas

Entende: Grego (Bem), Inglês (Pouco), Espanhol (Bem), Francês (Bem), Italiano (Bem), Latim (Bem)

Fala: Grego (Razoavelmente), Inglês (Pouco), Espanhol (Pouco), Francês (Pouco), Italiano (Bem), Latim (Bem)

Lê: Grego (Razoavelmente), Inglês (Pouco), Espanhol (Razoavelmente), Francês (Razoavelmente), Italiano (Bem), Latim (Bem)

Escreve: Grego (Razoavelmente), Inglês (Pouco), Espanhol (Razoavelmente), Francês (Razoavelmente), Italiano (Bem), Latim (Bem)

Prêmios e Títulos

- 1999 Prêmio Educação RS, Sinpro/RS
- 1992 Professor Emérito, Unijuí
- 1984 Menção Cooperativista, OCERGS
- 1967 Cidadão Benemérito de Ijuí, Prefeitura Municipal e Câmara de Vereadores

Produção científica, tecnológica e artística/cultural

Artigos publicados em periódicos

MARQUES, M. O. *A Universidade Frente à Realidade Social – Especificidade da Prática nos Cursos de Graduação*. Brasília: 1986. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Formas e Graus do Conhecimento*. Petrópolis: 1986. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *O Discurso do Método*. Ijuí: 1986. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Cidadania e Escola*. Brasília: 1985. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *A Realidade Social e a Questão do Trabalho*. Ijuí: 1984. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Unijuí – a Emergência da Universidade Integrada em Si e ao Meio*. Brasília: 1983. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Capacitação de Recursos Humanos para o Setor Rural do II Seminário de Modernização da Empresa Rural*. Brasília: 1979. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *A Organização Comunitária e o Cooperativismo*. I Seminário Latino-Americano de Comunicação Cooperativa. Recife: 1978. Referências adicionais: Brasil/Português.

Artigos completos publicados em periódicos

MARQUES, M. O. A Educação no Limiar do Terceiro Milênio, Exigente de Outro Paradigma. *Contexto e Educação*. Ijuí, RS, v.59, p. 113-128, 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

CURRICULUM VITAE

MARQUES, M. O. O Docente em Tempos Mudados. *Contexto e Educação*. Ijuí, RS, v. 60, 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso.

MARQUES, M. O. Professores Falantes de Si na Sala de Aula e na Constituição da Pedagogia. *Espaços da Escola*. Ijuí, RS, p. 15-24, 2000. Palavras-chave: Professores, Sala de Aula, Escola, Pedagogia Áreas do conhecimento: Métodos e Técnicas de Ensino-Setores de atividade: Educação média de formação técnica ou profissional referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Professores Falantes de Si na Sala de Aula, na Escola e na Constituição. *Revista Espaços da Escola*. Ijuí, 1999. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Subjetividade e Educação nas Distintas Articulações de Linguagens. *Educação, Subjetividade & Poder*. Ijuí: Ed. Unijuí, n. 5, p. 31-39, 1998. Palavras-chave: Educação, Linguagens, Subjetividade. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. 10 Anos de Reinventar Caminhos. *Contexto & Educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, v.10, n.41, p. 7-16, 1996. Palavras-chave: Cidadania, Educação na América Latina, Revista Contexto & Educação Áreas do conhecimento: Educação de Adultos. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *A Eticidade da Ciência. Ciência e Ambiente*. UFSM, v.6, n.12, p. 7-17, 1996. Palavras-chave: Ciência, Eticidade Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Educação e Novos Modos de Vida. *Humanidades em Revista*. Ijuí: Ed. Unijuí, n. 3, p. 23-27, 1996. Palavras-chave: Educação. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. La Pedagogía de la Neomodernidad o la Pedagogía de la Interlocución de los Saberes en la Educación Popular. *La Piragua*. Santiago: CEAAL, v.12, 1996. Palavras-chave: Educação Popular, Neo-Modernismo, Pedagogia. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Inglês.

MARQUES, M. O. Os Professores e a Dinâmica Curricular da Escola. *Revista Espaços da Escola*. Ijuí, RS: Unijuí, v.4, n. 20, p. 27-33, 1996. Palavras-chave: Parâmetros Curriculares, Professores, Salas de Aula. Áreas do conhecimento: Currículos Específicos para Níveis e Tipos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Um Outro Paradigma da Educação. *Contexto & Educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, v. 10, n. 42, p. 19-29, 1996. Palavras-chave: Interlocução dos Saberes, Paradigmas da Educação, Políticas Públicas. Áreas do conhecimento: Currículos Específicos para Níveis e Tipos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Modernidade, um Recomeço em Bases Outras. *Humanidades em Revista*. Ijuí: Ed. Unijuí, v.1, n.1, p.51 - 64, 1995. Palavras-chave: Argumentação, Hermenêutica, Modernidade. Áreas do conhecimento: Filosofia da Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Por uma Pedagogía da Educação Popular. *Revista Latino Americana de Educación y Política*. Ijuí, RS: 1995. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso.

MARQUES, M. O. Por uma Pedagogia da Educação Popular. *La Piragua*. Chile: Consejo de Educación de Adultos de América Latina, n. 11, p. 19-24, 1995. Palavras-chave: Educação Popular, Paradigma da Interlocução dos Saberes, Pedagogia. Áreas do conhecimento: Educação de Adultos. Referências adicionais: Brasil/Inglês.

MARQUES, M. O. A Constituição do Indivíduo que Aprende. *Revista Espaços da Escola*. Ijuí, RS, 1994. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

CURRICULUM VITAE

MARQUES, M. O. A Questão dos Conteúdos do Ensino. *Revista do Ensino*. Secretaria Estadual da Educação do Rio Grande do Sul, v. 28, n. 181, p. 4-7, 1994. Palavras-chave: Conteúdos, Ensino, Proposta Pedagógica. Áreas do conhecimento: Métodos e Técnicas de Ensino. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Changer les Rapports Entre les Inteleuels et les Praticiens*. Cooperation Internationale Pour la Democratie. Solagral Collection, n. 2, p. 101-114, 1994. Palavras-chave: Ação Comunicativa, Língua Pragmática, Neo-Modernismo. Áreas do conhecimento: Educação de Adultos. Referências adicionais: Brasil/Inglês.

MARQUES, M. O. Interdisciplinaridade: Pano de Fundo ou Colcha de Retalhos. *Revista do Ensino. Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul*, v.28, n.191, p.19-23, 1994. Palavras-chave: 2º e 3º Graus, Currículos por Áreas, Interdisciplinaridade. Áreas do conhecimento: Currículos Específicos para Níveis e Tipos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Linguagem e Aprendizagem. *Contexto & Educação*. Unijuí, v.9, n.35, p. 24-50, 1994. Palavras-chave: Aprendizagem, Forma Escolar, Linguagem. Áreas do conhecimento: Ensino-Aprendizagem. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Murio la Pedagogía, Viva la Pedagogía! Aportes*. Santafé de Bogotá: Dimensión Educativa, n.41, p.29 - 38, 1994. Palavras-chave: Ciências da Educação, Pedagogia, Teoria e Prática. Áreas do conhecimento: Educação de Adultos. Referências adicionais: Brasil/Inglês.

MARQUES, M. O. Por uma Educação de Qualidade. *Contexto & Educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, v. 9, n. 34, p. 81-90, 1994. Palavras-chave: Compromisso Profissional, Políticas de Educação, Qualidade. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Proposta Político-Pedagógica da Escola: Uma Construção Solidária. *Cadernos de Educação Básica*. MEC, p.9-19, 1994. Palavras-chave: Escola, Proposta Político-Pedagógica. Áreas do conhecimento: Ensino-Aprendizagem. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Espaço-Tempo do Ensino-Aprendizagem: a Sala de Aula. *La Piragua*. Ceaal, n. 17, p. 84-87, 1993. Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem, Sala de Aula, Trama de Relações. Áreas do conhecimento: Ensino-Aprendizagem. Referências adicionais: Brasil/Inglês.

MARQUES, M. O. Interdisciplinaridade: Pano de Fundo ou Colcha de Retalhos. *Espaços da Escola*. Ijuí, RS: Ed. Unjuí, 1993. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Reconstrução dos Cursos de Formação do Profissional da Educação. *Em Aberto*. Inep, v. 12, n. 54, p. 43-50, 1992. Palavras-chave: Formação Profissional, Licenciaturas, Pedagogia. Áreas do conhecimento: Planejamento Educacional. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. A Sala de Aula – Espaço – Tempo de Ensino – Aprendizagem. *Espaços da Escola*. Ijuí, RS: Ed. Unjuí, 1992. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Universidade e a Reconstrução da Modernidade. *Contexto e Educação*. Ijuí, RS: Ed. Unjuí, 1992. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Os Paradigmas da Educação. *Estudos Pedagógicos*. Inep, v. 73, n. 175, p. 547-565, 1992. Palavras-chave: Aprendizagem, Modernidade, Paradigmas. Áreas do conhecimento: Filosofia da Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Universidade e Educação Popular. *La Piragua*. n. 4, p. 26-28, 1992. Palavras-chave: Educação Popular, Interlocução Universitária, Universidade. Áreas do conhecimento: Educação de Adultos. Referências adicionais: Brasil/Inglês.

CURRICULUM VITAE

MARQUES, M. O. A Construção do Projeto Político-Pedagógico da Escola e a Identidade do Educador. *Contexto e Educação*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1991. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Construção do Projeto Político-Pedagógico da Escola e a Identidade do Educador. *Espaços da Escola*. Ijuí: Ed. Unijuí, v. 1, n. 1, p. 45-50, 1991. Palavras-chave: Compromisso Profissional, Dimensão Ético-Política, Escola. Áreas do conhecimento: Planejamento Educacional. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. A Mundialização da Educação. *Contexto & Educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, v.6, n. 24, p. 22-33, 1991. Palavras-chave: Aprendizagem, Desenvolvimento Humano, Educação Básica. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Esboço de Uma Pedagogia da Educação Popular. *Contexto & Educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, v. 6, n. 23, p. 37-46, 1991. Palavras-chave: Educação Popular. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. O Mundo da Vida Cotidiana e a Educação. *Contexto & Educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, v.6, n.22, p. 30 - 37, 1991. Palavras-chave: Aparência e Efetividade, Real e Imaginário, Vida Cotidiana e Educação. Áreas do conhecimento: Ensino-Aprendizagem. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. O Educador Pedagogo na Relação Educativa Direta. *Contexto & Educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, v. 5, n. 17, p. 17-30, 1990. Palavras-chave: Educação, Pedagogia, Sala de Aula. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Setores de atividade: Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Projeto Pedagógico: a Marca da Escola. *Contexto & Educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, v. 5, n. 18, p. 16-28, 1990. Palavras-chave: Epistemologia, Hermenêutica, Projeto Pedagógico. Áreas do conhecimento: Avaliação de Sistemas, Instituições, Planos e Programas Educacionais. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. A Biblioteca Ferramenteira. *Contexto e Educação*. Livraria Unijuí Editora, v. 4, n. 13, p. 27-30, 1989. Palavras-chave: Biblioteca, Instrumento. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. A Questão dos Conteúdos do Ensino. *Contexto e Educação*, Ijuí: Livraria Unijuí Editora, v. 4, n. 15, p. 18-26, 1989. Palavras-chave: Conteúdo, Currículo Escolar, Ensino, Forma, Proposta Pedagógica. Áreas do conhecimento: Ensino-Aprendizagem. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Educação e Conhecimento. *Contexto e Educação*. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, v. 4, n. 14, p. 17-33, 1989. Palavras-chave: Conhecimento, Cultura, Educação Popular, Linguagem, Trabalho, Vida Cotidiana. Áreas do conhecimento: Ensino-Aprendizagem. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso.

MARQUES, M. O. Universidade e Cidadania. *Contexto e Educação*. Livraria Unijuí Editora, v. 3, n. 10, p. 35-46, 1988. Palavras-chave: Auto-Realização, Cidadania, Escola, Trabalho. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Das Práticas Educativas à Elaboração Técnica. *Contexto e Educação*, Ijuí: Livraria Unijuí Editora, v. 2, n. 7, p. 9-18, 1987. Palavras-chave: Documentação, Prática, Relatórios, Teoria. Áreas do conhecimento: Ensino-Aprendizagem. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Educação e Contexto Cultural. *Contexto e Educação*. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, v. 2, n. 5, p. 19-26, 1987. Palavras-chave: Cultura, Diferença, Educação. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. O Papel da Educação no Desenvolvimento. *Revista de Cultura Vozes*. Ijuí, RS, 1987. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

CURRICULUM VITAE

MARQUES, M. O. Educação Popular e Instituições. *Contexto e Educação*. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, v.1, n.3, p.33 - 36, 1986. Palavras-chave: Educação Popular, Instituição. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Formas e Graus do Conhecimento. *Contexto e Educação*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1986. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. O Discurso do Método. *Contexto e Educação*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1986. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Universidade e Contexto. *Contexto e Educação*. Ijuí, RS: Livraria Unijuí Editora, v. 1, n. 1, p. 14-20, 1986. Palavras-chave: Meio Social, Universidade. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Do Associativismo à Consciência de Classe. *Educação & Sociedade*. São Paulo, Cortez, ano II, Setembro, v. 7, p. 111-121, 1980. Palavras-chave: Associativismo, Classe Social, Grupo Social, Movimento Social. Áreas do conhecimento: Sociologia do Desenvolvimento. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. Participar das Decisões é um Direito do Associado. *Revista Nacional do Cooperativismo*. Brasília-DF: 1978. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. In: *Camino Verso il Futuro*. Incontri. Ijuí, RS, 1971. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *O Ensino de Línguas em Nossos Seminários*. Pax Et Bonum Periódico Oficial da Província de Caxias do Sul. Ijuí, RS, 1954. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Livros publicados

MARQUES, M. O. *A Escola no Computador: Linguagens Rearticuladas*, Educação Outra. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1999, p. 216. Palavras-chave: Computador, Educação, Informação, Linguagem, Significado. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Botar a Boca no Mundo: Cidadania, Política e Ética*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999, v.1. p. 84. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *Escrever é Preciso: O Princípio da Pesquisa*. Ijuí: Unijuí, 1997. Palavras-chave: Escrita, Pesquisa. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *Filosofia e Pedagogia na Universidade*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997. Palavras-chave: Filosofia, Pedagogia, Universidade. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Educação/Interlocução, Aprendizagem/Reconstrução de Saberes*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1996. Palavras-chave: Aprendizagem, Educação. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *A Aprendizagem na Mediação Social do Aprendido e da Decência*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1995, p. 139. Palavras-chave: Aprendizagem. Áreas do conhecimento: Ensino-Aprendizagem. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *A Formação do Profissional da Educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1993 p. 222. Palavras-chave: Formação Profissional, Profissional da Educação. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

CURRICULUM VITAE

MARQUES, M. O. *Conhecimento e Modernidade em Reconstrução*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1993, p. 126. Palavras-chave: Conhecimento, Modernidade. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *História Visual da Formação de Ijuí*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1990 p. 134. Palavras-chave: Formação de Ijuí, Ijuí. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Pedagogia, a Ciência do Educador*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1990, p. 181. Palavras-chave: Educador, Pedagogia. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Conhecimento e Educação*. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 1988. p. 190. Palavras-chave: Escola, História, Lugares Sociais, Modalidades, Movimentos Sociais, Relação Educativa. Áreas do conhecimento: Fundamentos da Educação. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *Sociologia Geral*. Ijuí: Fidene, 1984 p. 00082. Palavras-chave: Ação Social, Controle Social, Instituição, Interação, Teoria. Áreas do conhecimento: Fundamentos da Sociologia. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Universidade Emergente: o Ensino Superior Brasileiro em Ijuí*. Ijuí, RS: Fidene, 1984 p. 309. Palavras-chave: Ensino Superior, Fidene, História. Áreas do conhecimentos: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Comunicação e Educação Cooperativistas*. No Brasil. FNS e Assocep – O Cooperativismo no Brasil; Enfoques, Análises e Contribuições. Curitiba: Assocep, 1979 p. 124. Palavras-chave: Comunicação, Cooperativa, Educação. Áreas do conhecimento: Extensão Rural. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O.; BRUM, A. J. *Uma Comunidade em Busca de Seu Caminho*. Porto Alegre: Livraria Unijuí Editora, 1972 p. 87. Palavras-chave: Comunidade, Desenvolvimento, Movimento Social. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Trigo e Região – Um Estudo de Caso*. Ijuí: Fidene, 1971. p. 105. Palavras-chave: Cooperativas, Insumos, Produção de Trigo, Rendimento. Áreas do conhecimento: Economias Agrária e dos Recursos Naturais. Referências adicionais: Brasil/Português.

Capítulos de livros publicados

MARQUES, M. O. Professores Falantes de si na Sala de Aula, na Escola e na Constituição da Pedagogia. In: *Imagens de Professor*. 1.ed. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Dinâmica de um Currículo Integrado. In: *Currículo Escolar: Propósitos e Práticas*. Santa Cruz: Unisc, 1999. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Dicionário de Educadores Brasileiros. In: *Dicionário de Educadores Brasileiros – da Colônia aos Dias Atuais*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ – MEC – Inep, 1999. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Escola no Computador, Uma Outra Articulação de Linguagens. In: *Semeando Outras Terras*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1998. Palavras-chave: Computador, Escola, Linguagens. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Memória Institucional: Memória de Papel. In: *Trama & Texto: Leitura Crítica e Escrita Criativa*. São Paulo: Plexus, 1997. Palavras-chave: Educação. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

CURRICULUM VITAE

MARQUES, M. O. O Educador Recorre ao Filósofo: um Depoimento. In: *Finitude e Transcendência*. Petrópolis: Vozes, 1996. Palavras-chave: Educador, Filosofia. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Uma Hermenêutica de Minhas Aprendizagens. In: *4 Vidas, 4 Estilos, a Mesma Paixão*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1996. Palavras-chave: Aprendizagem. Áreas do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Escola, Lugar Social de Aprendizagens In: *Projeto Político-Pedagógico: da Intenção a Decisão*. Bagé: Ediurcamp, 1995, p. 98. Palavras-chave: Aprendizagem, Escola, Relação Educativa. Áreas do conhecimento: Ensino-Aprendizagem. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Escola, Aprendizagem e Decência; Imaginário Social e Intencionalidade Política. In: *Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma Construção Possível*. Campinas: Papyrus, 1995. Palavras-chave: Aprendizagem, Decência, Escola. Áreas do conhecimento: Ensino-Aprendizagem. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Livros organizados

MARQUES, M. O. *Coleção Trabalhos Acadêmico-Científicos, Série Educação nas Ciências 2*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2000, p. 256. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Trabalhos completos publicados em anais de evento

MARQUES, M. O. A Construção de um Novo Tempo: Possibilidades e Limites na Qualidade de Vida. In: *Fórum Regional sobre Qualidade de Vida*. 2000, Passo Fundo. 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Orientação da Pesquisa nos Programas de Pós-Graduação. In: *III Seminário de Pesquisa em Educação – Fórum Sul de Coordenadores de Pós-Graduação*. 2000, Porto Alegre. 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. As Relações da Fidene com suas Mantidas e Delas Entre Si. In: *Reunião Ampliada do Conselho Diretor*. 2000, Ijuí. 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Conhecimento, Sociologia e Pesquisa – aula inaugural curso Sociologia. In: *Aula Inaugural do Curso de Sociologia – Unijuí – Departamento de Ciências Sociais*, 2000, Ijuí, RS. Cadernos Unijuí – Série Ciências Sociais 14. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Historicidade da Educação. In: *Seminário do Departamento de Pedagogia*. 2000, Ijuí, RS. 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Livro, Biblioteca e Propriedade Autoral e a Imagem da Pessoa Humana. In: *Seminário Biblioteca*. 2000, Ijuí-RS. 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Livro, Biblioteca e Propriedade Autoral e Industrial. In: *Direito Autoral e a Imagem da Pessoa Humana*. 2000, Ijuí. 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Novos Desafios à Educação na Sociedade Informatizada. In: *VII Seminário Internacional de Alfabetização e Educação Científica*. 2000, Ijuí. Anais do VII Seminário Internacional de

CURRICULUM VITAE

Alfabetização e Educação Científica. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2000. v. 1. p. 15-20. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. O Perfil do Docente no Século XXI. In: *Seminário Internacional Instituto Cultural Espanhol*. 2000, Ijuí, RS. 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Uma Leitura de Pierre Lévy. In: *Seminário Interno Para Professores e Estudantes*. 2000, Ijuí. 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Ética, Cidadania e Conhecimento. In: *X Seminário dos Cursos de Graduação do Regime Especial*. 2000, Ijuí, RS. Trabalhos Acadêmico-Científicos. Série Eventos Acadêmicos. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2000. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Educação e as Novas Tecnologias. In: *Projeto: Ensino Fundamental*. 1999. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Anais 1998 – II Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão e VI Seminário de Iniciação Científica. In: *IV Jornada de Pesquisa na Unijuí*. 1999, Ijuí. 1999. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Tecnologia/Educação na Unijuí – Perspectivas e Encaminhamentos. In: *Showroom – Novas Tecnologias da Educação*. 1999. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. O Professor à Busca de Entender o que Faz. In: *Seminário Internacional de Alfabetização e Educação Científica*. 1998. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Teorias e Conceitos Orientadores da Educação no Brasil. In: *Seminário Brasileiro em Pedagogia do Esporte*. 1998. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Atuação Pedagógica do Educador. In: *Seminário Internacional de Alfabetização*. 1990. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Educação no Contexto Social. In: *II Seminário Regional de Estudos Sobre o Currículo por Atividades*. 1990. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Questão da Autonomia Universitária. In: *Encontro – Debates Sobre a LDB*. 1990. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. O Papel da Escola Frente às Exigências da Educação Informal – a Escola Inserida no Contexto Cultural. In: *Seminário Estadual de Avaliação, Complementação e Divulgação da Experiência Educativa em Séries Iniciais do Ensino de Primeiro Grau*. 1990. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Pedagogia, a Ciência do Educador. In: *42ª Reunião Anual da SBPC*. 1990. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Reconstrução Curricular. In: *Palestra Educadores da 20ª Delegacia de Educação*. 1989. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Educação no Contexto Social In: *Anais do II Seminário Regional de Estudos Sobre Currículo por Atividades*. Santa Maria: 1988. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Educação, Espaço de Luta na Mudança Social In: *Semana da Educação da Universidade de Caxias do Sul*. 1988. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *O Papel da Universidade no Ensino de 1º Grau – Na Experiência da Universidade de Ijuí* In: *Seminário Estadual do Ensino de 1º Grau*. 1988. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

CURRICULUM VITAE

MARQUES, M. O. Política Estatal de Cultura In: *Colóquio Internacional Terceiro Mundo, Literatura, Cultura e Modernidade* (América Latina e África). 1988. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Escola e os Desafios do Pluralismo – Valores e Valoração. In: *Encontro Sobre a Educação de Face as Exigências do Convívio numa Sociedade Pluralista*. 1987. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. O Processo de Reconhecimento: Como o Vivenciou a Universidade de Ijuí. In: *III Seminário das Novas Universidades Brasileiras*. 1987. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Escola e o Desenvolvimento Mental da Criança. In: *Encontro Regional de Educação Pré-Escolar*. 1986. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Escola Inserida no Contexto Social. In: *Seminário Estadual de Avaliação, Complementação e Divulgação de Experiências*. 1986. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Formação Pedagógica – Conceituação da Pedagogia Como Ciência Autônoma. In: *Encontro de Reflexão Sobre o Curso de Pedagogia*. 1986. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Universidade Frente à Realidade Social – a Especificidade da Prática nos Cursos de Graduação In: *Seminário Regional Sul Sobre Estágio Curricular*. 1986. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Política Social e Desenvolvimento Comunitário. In: *Seminário Sobre Política e Bem-Estar Social*. 1986. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

- MARQUES, M. O. Universidade E Comunidade – Contribuição ao Exercício Pleno da Cidadania In: *XVIII Seminário Brasileiro de Tecnologia Educacional*. 1986. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
- MARQUES, M. O. A Realidade Social e a Questão do Trabalho. In: *Seminário Estadual Sobre Preparação Para o Trabalho*. 1984. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
- MARQUES, M. O. O Rio Grande do Sul: Ocupação do Espaço e Intervenção das Organizações Econômicas e Socioculturais. In: *Seminário Latino-Americano de Administração Rural e Contabilidade*. 1984. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
- MARQUES, M. O. Educação no Meio Rural: a Experiência da Fidene In: *Anais do Semanário de Educação no Meio Rural*. Brasília: 1982. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
- MARQUES, M. O. Integração das Instituições de Ensino Superior e Comunidade. In: *Seminário Sobre o Ensino Superior*. 1982. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
- MARQUES, M. O. Parâmetros da Qualidade do Ensino. In: *XIV Seminário de Assuntos Universitários*. 1982. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
- MARQUES, M. O. O Ciclo Básico na Experiência da Fidene. In: *Encontro Nacional Sobre o Ciclo Básico*. 1981. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
- MARQUES, M. O. Problemas Sentidos pelas Comunidades Rurais. In: *V Congresso Nacional de Ciências Domésticas*. 1979. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
- MARQUES, M. O. A Organização Comunitária e Cooperativa. In: *1º Seminário Interno da Capitalização da Cotrijuí*. 1978. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Capitalização Cooperativa: um Enfoque Teórico. In: *IIº Seminário Interno de Capitalização da Cotrijuí*. 1978. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Capacitação de Recursos Humanos para o Setor Rural. In: *I Seminário de Modernização da Empresa Rural*. 1977. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. A Realidade Socioeconômica do Brasil. In: *CNBB – Encontro em Itaici*. 1969. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Qual a Comunidade Eclesial Exigida Para Alimentar a Vocação do Desenvolvimento? In: *Semana de Teologia do Desenvolvimento, Viamão*. 1968. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. O Jornal é Campo de Luta, de Reflexo da Vida. In: *VI Congresso da Adjori*. 1967. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Trabalhos resumidos publicados em anais de evento

MARQUES, M. O. Livro de Resumos da IV Jornada de Pesquisa 1999 In: *IV Jornada de Pesquisa*. 1999. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. Livro de Resumos do VII Seminário de Iniciação Científica. In: *IV Jornada de Pesquisa da Unijuí*. 1999. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Orientações concluídas

NANCI SCHNEIDER. *Aprendizagem e Subjetividade: a Aventura do Sujeito Infantil no Processo de Estruturação e Aprendizagem*. 2000. Dissertação (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

JANE MARI PAIM. *Da Sedução do Professor Pela Literatura à Sedução do Aluno*. 2000. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

SANDRA ELISABET BAZZANA NONENMACKER. *O Livro Didático, os PCNs de Ciências Naturais e a Prática Pedagógica*. 2000. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

JOSÉ PIZETTA. *O Não Dito no Direito de Família*. 2000. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARIA IVONE LAZZAROTTO. *O Texto Oral na Sala de Aula e na Constituição do Sujeito Leitor*. 2000. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARIA DA GRAÇA PREDIGER DA PIEVE. *Por Uma Alfabetização Pluriforme*. 2000. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

ADELINA OKIYAMA. *Os Processos Discursivos Numa Sala Pré-Escolar*. 1999. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

CURRICULUM VITAE

ALVORI AHLERT. *A Ética da Educação*. 1998. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

HEDI MARIA LUFT. *O Desafio de Trabalhar e Estudar: a Escola Noturna Municipal de Santa Rosa*. 1998. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

JOSETE MORI. *O Ensino Médio no Contexto da Educação Básica: um Espaço em Discussão*. 1998. (Educação nas Ciências) - Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

ANGELA MARIA SCHNEIDER DRÜGG. *O Lugar da Psicanálise na Educação Escolar*. 1998. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

ULRIKA ARNS. *O Que Fazemos com Nossas Crianças? Um Estudo do Atendimento de Crianças de 0 a 3 Anos nas Creches Públicas de Cruz Alta*. 1998. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

ILTON BENONI DA SILVA. *A Ciência Enquanto Instauradora de uma Postura Pedagógica Inter-Relacional – uma Abordagem Teórica À Luz do Discurso Bachelardiano Sobre a Racionalidade Científica*. 1997. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

INGRIDE MUNDSTOCK BOZZETTO. *A Formação de Professores Para as Séries Iniciais: Uma Visão Unitária*. 1997. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

ARMGARD LUTZ. *Erro e Correção Escolar*; Produzindo Subjetividade. 1997. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

TANIA MARIA HETKOWSKI. *O Computador na Escola: Entre o Medo e o Encantamento*. 1997. (Educação nas Ciências) – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado. Referências adicionais: Brasil/Português.

Demais Trabalhos

MARQUES, M. O. *O Processo Produtivo e a Educação*. 1985. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Cooperação e Comunicação*. 1977. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Operacionalização da Comunicação e Educação*. 1977. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Organização de Comunidade e Planejamento*. 1973. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Estruturalismo*. 1971. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Lógica*. 1971. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Sociologia da Educação*: Quadros de Referência, 1971. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *As Ciências Sociais e a Educação*. 1970. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Natureza, Cultura, Pessoa*. 1968. Referências adicionais: Brasil/Português.

CURRICULUM VITAE

MARQUES, M. O. *Sociologia I: Sociologia Geral*. 1967. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Sociologia II: Os Processos Fundamentais do Mundo de Hoje*. 1967. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Filosofia da Cultura*. 1966. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Sociologia – Curso Básico*. 1964. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Psicologia Social*. 1963. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Questões de Psicologia Social*. 1961. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Fundamentos Sociológicos da Educação*. 1958. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Sociologia da Educação*. 1958. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Sociologia Geral*. 1958. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *Sociologia Geral e Sociologia Especial*. 1957. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *A Arte de Falar Bem: Preenchimentos Atinentes à Eloquência, à Retórica e à Oratória*, 1945. Referências adicionais: Brasil/Português.

Artigos em revistas (Magazine)

MARQUES, M. O. A Universidade é o Elemento Fundamental de Qualquer Comunidade. *Revista Vida Regional*. Cruz Alta-RS, 1995. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Outras produções bibliográficas

MARQUES, M. O. *Singularização de Sujeitos Numa Mesma Tradição Cultural: Uma Leitura da Obra de Tereza Verzeri*. Opúsculos. 1998.

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *Escrever é Preciso – Cadernos 1, 2, 3*. Opúsculos.

1996. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *Sete Proposições Sobre a Aprendizagem nas Séries Iniciais do Primeiro Grau*. Opúsculos. 1995. Referências adicionais:

Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *A Reconstrução da Educação da Unijuí e Região*.

Opúsculos. 1992. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *Universidade: a Questão da Unijuí e Região*. Opúsculos.

1989. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *A Educação Popular de Adultos na Experiência da Fidene/Unijuí*.

Opúsculos. 1985. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *A Intervenção Pedagógica da Fidene na Dinâmica Cultural da Região*.

Opúsculos. 1983. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

MARQUES, M. O. *Fidene – Uma Presença Ativa na Região Noroeste do Rio Grande do Sul*.

Opúsculos. 1970. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Outras produções técnicas

MARQUES, M. O. *1º Fórum de Alfabetização do RS*. 1988. Referências adicionais: Brasil/Português.

CURRICULUM VITAE

- MARQUES, M. O. *II Seminário Regional de Estudos sobre Currículo por Atividades*. 1988. Referências adicionais: Brasil/Português.
- MARQUES, M. O. *Seminário Regional de Pesquisa em Educação*. 1982. Referências adicionais: Brasil/Português.
- MARQUES, M. O. *II Semana de Educação*. 1981. Referências adicionais: Brasil/Português.
- MARQUES, M. O. *1º Seminário Regional do Produtor sem Renda*. 1979. Referências adicionais: Brasil/Português.
- MARQUES, M. O. *Curso de Extensão Universitária em Desenvolvimento Rural*. 1979. Referências adicionais: Brasil/Português.
- MARQUES, M. O. *I Simpósio Ijuicense de Estudos Socioeconômicos Regionais*. 1979. Referências adicionais: Brasil/Português.
- MARQUES, M. O. *V Congresso Nacional de Ciências Domésticas*. 1979. Referências adicionais: Brasil/Português.
- MARQUES, M. O. *2º Encontro Cooperativo de Assistência Técnica e Extensão Rural*. 1978. Referências adicionais: Brasil/Português.
- MARQUES, M. O. *I Seminário Latino-americano de Comunicação Cooperativa*. 1978. Referências adicionais: Brasil/Português.
- MARQUES, M. O. *I Congresso de Cooperativismo do Estado do Rio de Janeiro*. 1977. Referências adicionais: Brasil/Português.
- MARQUES, M. O. *Projeto Especial Multinacional de Educação Brasil, Paraguai, Uruguai*. 1977. Referências adicionais: Brasil/Português.
- MARQUES, M. O. *I Congresso Estadual de Cooperativismo de Minas Gerais*. 1976. Referências adicionais: Brasil/Português.
- MARQUES, M. O. *Workshop on Evolution of Development Programs*. 1974. Referências adicionais: Brasil/Português.

TRAJETÓRIA DE UMA VIDA: DEPOIMENTOS

MARQUES, M. O. *V Reunião do Grupo de Trabalho Regional Interamericano Sobre Desenvolvimento de Comunidade dos Países do Cone Sul*. 1969. Referências adicionais: Brasil/Português.

MARQUES, M. O. *I Encontro Regional Sobre Planejamento de Educação – Erpled*, 1968. Referências adicionais: Brasil/Português.

**PRODUÇÃO INTELECTUAL
DO PROFESSOR
MARIO OSORIO MARQUES**

Mario Osorio Marques foi professor desde 1952. Sociólogo, doutor em educação e pesquisador, integrou, desde o início, o quadro docente da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, de cuja construção foi o artífice maior. Nasceu em 22 de janeiro de 1925 e faleceu em 14 de dezembro de 2002. Deixou extensa e profunda produção intelectual. Além de inúmeras conferências e discursos, mais de uma centena de artigos em revistas, anais e jornais e de uma dezena de capítulos de livros, publicou as seguintes obras, todas editadas pela Editora Unijuí:

- Trigo e Região, Um Estudo de Caso, 1972;
- Sociologia Geral, 1974;
- Universidade Emergente, o Ensino Superior Brasileiro em Ijuí (RS), 1984;
- Conhecimento e Educação, 1988;
- Pedagogia, a Ciência do Educador, 1990;

TRAJETÓRIA DE UMA VIDA: DEPOIMENTOS

- História Visual da Formação de Ijuí, Rio Grande do Sul, 1990 (em co-autoria com Lourdes Carvalho Grzybowski);
- A formação do Profissional da Educação, 1992;
- Conhecimento e Modernidade em Reconstrução, 1993;
- A Aprendizagem na Mediação Social do Aprendido e da Docência, 1995;
- Educação/Interlocução, Aprendizagem/Reconstrução de Saberes, 1996;
- Uma Hermenêutica de Minhas Aprendizagens, 1997;
- Escrever é Preciso: o Princípio da Pesquisa, 1997;
- Filosofia e Pedagogia na Universidade, 1997;
- Educação: Singularização de Sujeitos numa mesma Tradição Cultural – Uma Leitura da Obra de Tereza Verzeri, 1998;
- A Escola do Computador: Linguagens Rearticuladas, Educação Outra, 1999;
- Botar a Boca no Mundo: Cidadania, Política e Ética, 1999;
- 4 Vidas, 4 Estilos, a Mesma Paixão, 1999 (em co-autoria com Sandra Mara Corazza, Daizy Barella da Silva e Volmir de Oliveira);
- Ijuí (RS), Uma Cultura Diversificada, 2000;
- Educação nas Ciências, Interlocução e Complementaridade, 2002;
- A Educação na Família e na Escola, Temas para Reflexão e Debate, 2002 (em co-autoria com Julieta Ida Dallepiane);
- Uma Comunidade em Busca de seu Caminho, 2.ed. (em co-autoria com Argemiro Jacob Brum) (a 1.ed., já esgotada, foi publicada em 1972, pela Editora Sulina);

- Imaginário e Memória, 2003
- Francisco de Assis e a Educação Popular na Unijuí, 2003;
- Nossas Coisas e Nossa Gente (em co-autoria com Argemiro Jacob Brum), 2003;
- Nossas Forças, 2003.

Notas

- 1) “Nossas Forças” é um estudo elaborado nos anos 1948 a 1950, quando o autor tinha entre 23 e 25 anos de idade e realizava seus estudos de Teologia no Seminário de Garibaldi/RS – só agora publicado.
- 2) Entre os 20 e 25 anos, quando realizava os estudos filosóficos e teológicos, Mario Osorio Marques (Frei Matias de São Francisco de Paula) organizou, também, um dicionário de Filosofia – *Lexicon Philosophicum* – em latim, em três volumes manuscritos, o qual permanece inédito, podendo os originais ser encontrados na biblioteca da família.